

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS  
ESTUDOS CAMONIANOS

I

O CANCIONEIRO  
FERNANDES TOMÁS

II

O CANCIONEIRO  
DO  
P.<sup>E</sup> PEDRO RIBEIRO



IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA  
LISBOA — 1980

pärlonden  
25







*For books*  
20

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS  
ESTUDOS CAMONIANOS

I

O CANCIONEIRO  
FERNANDES TOMÁS

II

O CANCIONEIRO  
DO  
P.<sup>E</sup> PEDRO RIBEIRO



IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA  
LISBOA — 1980

OFERTA

329766

I  
O CANCIONEIRO  
FERNANDES TOMÁS

II  
O CANCIONEIRO  
DO  
P.<sup>o</sup> PEDRO RIBEIRO



IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA - 1930

H.6786



## NOTA PRÉVIA

*Coincidindo com o início das celebrações do 4.º centenário da morte de Luís de Camões, a Imprensa Nacional-Casa da Moeda reedita, reunidos num só volume, dois dos principais estudos de investigação camoniana de Carolina Michaëlis de Vasconcelos: o estudo sobre o Cancioneiro Fernandes Tomás (assim nomeado em homenagem ao bibliógrafo Aníbal Fernandes Tomás, que em 1887 adquiriu o manuscrito do Cancioneiro, então intitulado Flores Várias de Autores Lusitanos), com os índices, nótulas e textos que foram revelados em 1922, e o estudo, pela primeira vez publicado em 1924, sobre o perdido Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro, cujo importantíssimo índice foi adquirido por Martinho da Fonseca.*

*Peças fundamentais para a compreensão do lirismo português nos séculos XVI e XVII, há muito exausta a sua edição, ou só acessível a preços que nem sempre estão ao alcance dos que desejam familiarizar-se com investigações ainda hoje não ultrapassadas, apesar dos frutíferos estudos que in-*

*termitentemente têm prosseguido sobre o tema, fácil é aceitar as razões por que doravante passam os dois textos a figurar num mesmo volume. Complementares que são, o primeiro esclarece numerosos problemas relacionados com a poesia lírica portuguesa entre 1550 e 1650; o que Carolina Michaëlis de Vasconcelos consagrou no segundo faz justiça, em termos que se crêem definitivos e claros, à honradez de Diogo Bernardes, o mais bem e mais camonianamente dotado de todos os bucolistas e sonetistas do seu tempo, durante mais de dois séculos acusado de plagiário de Luís de Camões, a quem teria ainda roubado algumas poesias.*

*Mas a presente reedição cumpre ainda um outro dever: o de homenagear, em ano em que se celebra Camões, a memória da notabilíssima erudita e mestra de cultura que foi Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Não fora o seu paciente labor, o seu extremado carinho pela Pátria de adopção, a sua impoluta honestidade intelectual, a solidez dos seus conhecimentos, e não contaríamos hoje com algumas das melhores páginas que até agora se escreveram sobre a literatura portuguesa em geral e o camonismo em particular.*

João Palma-Ferreira

CAROLINA MICHAÉLIS DE VASCONCELOS

ESTUDOS CANONIANOS

I

O CANCIONEIRO  
FERNANDES TOMÁS

I

O CANCIONEIRO  
FERNANDES TOMÁS



COIMBRA

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE

1923

simultaneamente, não pôde ser a terra,  
nem é a terra a qual não se consegue parcer  
de dois países a ligar com o mesmo  
Complementar que isto, a primeira edição nu  
merosa publicação realizada em a revista lírica  
portuguesa de 1976 e 1977, e que Carolina  
Michalich de Vasconcelos escreveu no segundo  
fora talvez, em termos que se podem definir  
e claro, a honrar de Diogo Bernardo, o mais  
bem e mais comumente desde de todos os  
bucolistas e românticos de Portugal, durante mais  
de dois séculos, a saber de plágio de Luís de  
Camões, ERNANDES JONES, alguns  
poetas.

Mas a primeira edição sempre ainda nos mostra  
dever, e de homenagem, em um em que se celebra  
Camões, a memória da nobilíssima erudite e me  
do de cultura que foi Carolina Michalich de Vas  
concelos. Não fora o seu paciente labor, o seu  
cuidado e a sua paixão pela Pátria de adopção, a sua  
impulsão literária e intelectual, a solidos dos  
seus conhecimentos, e não estaríamos hoje com  
depois das melhores páginas que até agora se  
escreveram sobre a literatura portuguesa em geral  
e o romance em particular.

José Palma-Ferreira



CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS

---

ESTUDOS CAMONIANOS

I

O CANCIONEIRO  
FERNANDES TOMÁS

ÍNDICES, NÓTULAS E TEXTOS INÉDITOS



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1922

CAROLINA MICHÉLE DE VASCONCELOS

ESTUDOS CANOÍANOS

I

O CANCIONEIRO  
FERNANDES TOMÁS

ÍNDICE NOTULAS E TEXTOS INÉDITOS



COIMBRA

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE

1933

## PREFÁCIO

Como preito de gratidão que eu devia a *Anibal Fernandes Tomás*, tracei há um par de anos, as páginas que só hoje se publicam. Gratidão a êsse fervoroso cultor da bibliografia portuguesa — autor de *Cartas bibliográficas*, um *Boletim de bibliografia portuguesa*, e numerosos artigos em jornais da Lousã, Figueira e Aveiro, assinados as vezes com o criptónimo transparente de *Amilcar* — porque conservou, aproveitou e deixou que pela minha vez utilizasse o melhor dos *Cancioneiros*, com numerosos e valiosos textos inéditos dos séculos XVI e XVII (1550 a 1650), que subsiste, e figurará na história da literatura nacional como *Cancioneiro Fernandes Tomás*. Reconduzira-o da Holanda, onde parece esteve desde que fôra

trasladado de uma miscelânea original, começada por ventura por Fernão Rodrigues Lobo — o *Soropita* —, geralmente conhecido como publicador primeiro das *Rimas* do cantor dos *Lusiadas*, e, conforme conto no texto, o mais amplamente representado poeta e prosador da colecção. Depois de haver extraído dêle as composições *camonianas* que naturalmente mais o interessavam, cedeu-me o precioso volume de *Flores Várias de diversos autores lusitanos*, sabedor de como eu me ocupava, com insistente estudo e reflectida averiguação, de questões de autoria.

Infelizmente, o generoso possuidor do *Cancioneiro* faleceu antes de eu haver realizado integralmente os meus planos, reunindo pouco a pouco os materiais indispensáveis para a justa avaliação do *Florilégio*. Aprontando a redacção do meu Estudo em 1919, destinei-o à homenagem que outro notável bibliófilo entendia dever prestar a Aníbal Fernandes Tomás: seu íntimo amigo M. Cardoso Marta, que me convidou a colaborar no volume *In Memoriam*. Persuadida de que esta publicação havia de ser *monumental*, colaborada



por todos aqueles estudiosos a que Aníbal Fernandes Tomás prestara serviços, facultando cópias e esclarecimentos a respeito de livros, fôlhas volantes, manuscritos e estampas raras que arquivava nas suas colecções, remeti ao editor as minhas cento e tantas páginas—insatisfeita ainda por não serem mais numerosas e substanciais.

Calcule-se quão penalizada fiquei quando me informaram de que não se tratava de um edificio vasto e suntuoso, mas apenas de um pavilhão, para o qual a amizade de cada devoto acarretaria uma pedra de pêsco diminuto. Uma a seis páginas. Penalizada; mas resolvida a dar vida independente ao meu trabalho. — Êsse projecto tomou a forma actual de *Estudo Camoniano I*, quando, por gentil intervenção do próprio sr. Cardoso Marta, outro benemérito bibliógrafo, — o sr. Martinho da Fonseca, autor do *Dicionário de pseudónimos* — pôs à minha disposição o *Índice* dos versos de Luís de Camões e Diogo Bernardes, colleccionados em 1577 (em vida portanto de ambos os insignes poetas líricos) pelo *Padre Pedro Ribeiro*, Índice, cujo estudo minu-

cioso ministrou resultados complementares, sôbre questões de supostos plágios, e direitos de autoria. O curioso poderá verificá-lo no N.º II dos *Estudos Camonianos*, e no N.º III, em que conto tornar públicas as cinqüenta e duas obras de Soropita que constituem o núcleo principal das *Flores Várias*.

À memória de *Anibal Fernandes Tomás* sejam dedicados todos os três, pelos serviços que desinteressadamente prestou às letras, e pelas provas de estima que particularmente lhe devo. De uma, pouco conhecida em Portugal, tratarei, *brevi-manu* no volume *In Memoriam* que, conforme informações recentes, sempre sairá.

\*

Singular e quási inexplicável falta de memória foi a que me fez dizer (a p. 11) que eu *ignorava* o actual paradeiro do *Cancioneiro* — visto que foi, baseando-se num meu Relatório, expressamente escrito, para que o volume não mais saísse de novo do país — que o erudito director do Museu

Etnológico de Belém, meu ilustre amigo José Leite de Vasconcelos, se resolveu a adquiri-lo, e a guardá-lo como uma das melhores jóias das colecções que patrioticamente juntou. Felizmente pude rectificar o êrro no fim do volume.

Outubro de 1922.

C. M. de V.

O CANCIONEIRO  
FERNANDES TOMÁS





## O CANCIONEIRO FERNANDES TOMÁS

Em Dezembro de 1897 I  
O CANCIONEIRO  
FERNANDES TOMÁS

Mais se diz o feliz possuidor, jubiloso — que realmente encontrou no manuscrito numerosas inéditas, e que, em 1897, publicou a primeira edição de *O Cancioneiro de Fernandes Tomás*, que iria publicar.

A edição, mais sobretudo a parca, relativa a estas canções, já já se espalhou verdadeiramente, e sobreveio naturalmente os interessados. Mas o que imediatamente pôde ser que os leitores vissem a luz de publicação.

Impellido por estes, com particular impetiva por Lourenço de Araújo, o diligente poeta dos *Inéditos*, que se viu inclinar a publicação de uma Revista Canção, e decidiu naturalmente ter os primeiros da publicação, Fernandes Tomás lhe enviou como resposta



## O CANCIONEIRO FERNANDES TOMÁS

Em Dezembro de 1887. fiquei sabendo, por gentil carta particular, que no ano quasi decorrido, o afamado bibliófilo e bibliógrafo Aníbal Fernandes Tomás vira, num Catálogo da importante Livraria de Frederick Müller de *Amsterdam*, anunciado e oferecido à venda, um volumoso Cancioneiro. manuscrito, intitulado — *Flores Várias de Autores Luçitanos*, e que, entusiasmado e cheio de esperanças de lá encontrar novidades, o adquirira e estava a estudá-lo.

Mais me dizia o feliz possuidor, jubiloso, que realmente encontrara no manuscrito numerosos inéditos, e entre êles bastantes de Luís de Camões, que iria publicar.

A noticia toda, mas sobretudo a parcela, relativa a textos camonianos, já fôra espalhada verbalmente, e sobressaltou naturalmente os interessados. Mas o ano immediato passou sem que os *Inéditos* viessem à luz da publicidade.

Incitado por muitos, com particular empenho por Joaquim de Araujo, o malgrado poeta das *Íntimas*, que então iniciara a publicação de uma Revista Camoniana, e desejava naturalmente ter os *primores* da publicação, Fernandes Tomás lhe enviou como amostra

dois dos *Inéditos*: o Soneto *Olhos de cristal puro que vertendo* e a Canção horaciana *Não de côres fingidas*.

Acompanhou-os todavia apenas de um pequenino artigo, no qual há referência a outro da mesma Revista, um pouco anterior (1), em que já aludira ao seu *Cancioneiro de Holanda*, e à edição que preparava.

O assunto dessa primeira contribuição ao *Circulo Camoniano* é uma *Fabula de Narciso*, que fôra publicada em 1880 como «Pérola do Centenário» por T. Braga, mas, conforme Fernandes Tomás provava, nem era inédita, nem de Camões, mas sim do castelhano Cristoval de Mesa, em cujo *Valle de lagrimas y diversas Rimas* saíra impressa em 1607 (2). E a êsse respeito informava de que no seu *Cancioneiro* havia outra *Fábula de Narciso* em Oitava-rima que, conquanto anónima, parecia ser realmente obra de Luís de Camões...

Ilusão absoluta, a meu ver, como mostrarei neste ensaio.

\*

Eis agora o teor do segundo artigo, epigrafado — *Poesias Inéditas de Camões* (3):

«As duas peças inéditas de Camões que o *Circulo*

(1) No *Circulo Camoniano* (1889), I, p. 109, dizia: «numa edição, que preparamos, de varios ineditos de Camões, encontrados num manuscrito do xvii seculo que adquirimos na Hollanda, tencionamos incluir uma composição com egual titulo [sc. de FABULA DE NARCISO] em oitava-rima, a qual, posto venha anonima, nos parece poder attribuir-se com muito maior fundamento a Camões...».

(2) Em outro volume do mesmo Cristoval de Mesa, de 1611, há uma homenagem a Camões, conforme mostrou Fernandes Tomás.

(3) *Ib.*, p. 133-139.



*Camoniano* insere no presente fascículo e que precedem esta rápida notícia (1), são destacadas da edição de poesias líricas, a que me referi a pág. 109 desta Revista, na qual as publico, satisfazendo os desejos do seu ilustrado Director. Cumpre-me, pois, dar uma ideia embora sucinta do manuscrito que então citei, e que serve de base à edição de algumas composições inéditas do grande Génio nacional do século xvi (2).

«Compõe-se o códice, escrito em papel de Holanda, com boa caligrafia, de 174 fol., ou 348 pag., em fol. pequeno; e no alto da lombada, se bem que semi- apagado, pode ainda ler-se o título: *Flores varias de diversos autores Luçitanos*. Não só pelo exame das poesias que contém, mas ainda pelo carácter da letra, e por outras razões que em ocasião oportuna desinvolverei, estou convencido de que a sua formação não vai além dos últimos anos do século xvii.

«Encerra composições, em verso e prosa, dos escritores que em seguida vão mencionados pela ordem alfabética, segundo o Índice que elaborei».

Suprimo essa lista dos poetas, para a dar mais abaixo, com a data da morte e indicação das composições de cada um. De resto, a lista de A. Fernandes Tomás era incompleta. Continha trinta e nove nomes, em vez de quarenta e cinco. Faltavam nela, além dos

(1) «O *Soneto* acha-se a fl. 150 v., e a *Canção* a fl. 32 do ms. a que no texto me refiro».

(2) «Adquirido em 1886 em Amsterdam na antiga e conhecida livraria de Frederik Müller, esse manuscrito era designado sob o n.º 1429 a pag. 96 da *Littérature Française, Anglaise, Allemande, Italienne, Espagnole & suivie de quelques ouvrages sur les beaux-arts. Catalogue de livres à prix marqués en magasin chez Frederick Muller & C.<sup>ie</sup>*».

Anónimos: *Antonio Alvarez Soares, Antonio Lopes de Ulhoa, Estevam Ribeiro, Fernão Lopes, Frei [Agostinho da Cruz]* e *Juan de Bobadilha*.

Continuando dizia:

«Grande parte das espécies que compõem este manuscrito são inéditas, havendo só com relação a *Fernão Rodrigues Lobo Soropita*, cincoenta e duas composições que não foram incluídas na edição do Sr. Camilo Castelo Branco, e apresentando parte das já impressas, comparadas com as do códice, notáveis e importantes variantes.

«Sob a rúbrica de *Camões* aparecem 21 sonetos (dos quais 14 inéditos) (1), 2 elegias (uma inédita, e outra muito mais completa do que a impressa com numerosas e capitais variantes), uma canção, dois epigramas, e um capítulo, perfazendo o total de vinte e sete composições.

«Dezanove sonetos, já impressos como de *Camões*, em antigas edições do Poeta, acham-se neste manuscrito sob a rubrica de outros poetas, como se verá na publicação que temos entre mãos (2).

«Outras observações se podiam acrescentar; ficam porém, de remissa para no lugar devido serem enunciadas.»

\*

A promessa dada não foi cumprida, principalmente

(1) Mais abaixo mostro que dois desses catorze (*Claros olhos azuis — Feroso moço*) não eram inéditos, e não são de *Camões*. E tomo provável que a Elegia também seja de outro autor.

(2) Êsses outros poetas são: *Bernandes*, o *Soropita*; *Estevam Rodriguez de Castro*, *D. Manuel de Portugal*; o *Infante D. Luís*, o *Duque de Aveiro*, *Baltasar Estaço*, *Francisco d'Andrade*, *Martim de Crasto* e certo *João Pinheiro*.



por falta de saúde e desgostos da vida, mas também porque na mente de A. Fernandes Tomás surgiram dúvidas a respeito da autenticidade de algumas atribuições — (dúvidas alimentadas por mim, é preciso confessá-lo). —

E só muito parcialmente realizaram-na outros letrados, aos quais generosamente foi franqueado o volume. Sobretudo Teófilo Braga; a autora destas linhas; Delfim Guimarães; e Ricardo Jorge.

Por três vezes o venerando investigador da literatura portuguesa fez arremetidas ao Cancioneiro. A primeira vez em 1891. No volume *Camões e o Sentimento Nacional* (1) há a lista dos versos camonianos, isto é, dos que no manuscrito são atribuídos ao Poeta (27) e dos que, anteriormente publicados em edições do Poeta, aparecem aí com atribuição diversa (20). Mas também essa lista nem é completa, nem está isenta de erros (2).

No texto repetem-se as lendas relativas a furtos e plágios literários, assim como as acusações contra Diogo Bernardes, levantadas por Faria e Sousa, e repetidas por Tomás J. de Aquino, sem criteriosa discussão.

A segunda arremetida é de 1897. No volume *Bernardim Ribeiro e o Bucolismo*, T. Braga ocupa-se naturalmente da Canção em estilo e metro italiano *Esconde, Diana bela, os raios belos*, que aparece no manuscrito com a epígrafe *De Bernardim Ribeiro* (3).

(1) Vid. p. 160, 134-179 e 183, com traslado do artigo do *Círculo Camoneano*.

(2) Faltam da segunda espécie, p. ex., o Soneto *Co tempo o prado seco reverdece* e *O que te fiz amor que mal me trata?*

(3) P. 146 e seg. e 324. Em nota são reproduzidos novamente os dizeres de Fernandes Tomás.

Afim de tornar acreditável que o poeta da *Menina e Moça* e das cinco *Églogas*, em estilo e metro antigo, tentasse também o *dolce stil nuovo*, lembra como base um dito de Sá de Miranda contido no seu *Aleixo* e relativo a *Cantares de estranha parte*, trazidos a Portugal por Ribeiro, reforçando-a por meio de afirmações de Faria e Sousa (1).

Em terceiro lugar, T. Braga tornou a tratar do Cancioneiro e da parte que o autor dos *Lusíadas* tem nele, no volume sobre *A obra lirica e épica de Camões* (1911). Desta vez mais explicitamente.

A questão dos plágios tinha no entretanto mudado de figura, no espírito de T. Braga. Resolve-a agora a favor do suave poeta do Lima, não por causa das demonstrações de Storck e desta tradutora e amiga do ilustre alemão, mas sim porque no *Índice* de outro Cancioneiro (perdido, segundo parece), o do Padre Pedro Ribeiro, colleccionado em 1577, — em vida portanto de Luís de Camões e de Diogo Bernardes — muitos Sonetos aparecem, numa página com a autoria de Camões, e em outra página com a de Bernardes (2). São essas incertezas ou hesitações e o facto de Bernardes figurar ao lado de Camões num Cancioneiro, colleccionado em vida dos dois, que actuaram na mente de T. Braga.

(1) Trato do problema na *Anotação* 317.

(2) Esse *Índice*, está hoje na posse do distinto bibliófilo Martinho Augusto Ferreira da Fonseca, ao qual devemos o *Diccionario de Pseudonimos e Obras anonimas de Escriutores Portugueses* (1896). P. S. — Consegui vê-lo. E dêle me ocupei em outro estudo, que o nosso generoso amigo Anselmo Braamcamp Freire, queria publicar com a possível brevidade, no *Arquivo Historico*, mas que finalmente vai sair independentemente, depois dêste Estudo Camoniano.

Do Cancioneiro Fernandes Tomás traslada desta vez os Sonetos inéditos (1), meramente registados em 1897 (com exclusão da *Canção* e da *Elegia*).

\*

No longo espaço de tempo decorrido desde a primeira notícia epistolar de F. Tomás relativa ao Cancioneiro, eu continuava a trocar correspondência (a que já aludi) com o possuidor, sobretudo acêrca de alguns dos problemas de autoria que se ligavam aos textos nele contidos, e em geral a respeito dos ominosos plágios e furtos de que foram acusados Diogo Bernardes, Francisco Rodrigues Lobo, Fernão Álvares do Oriente, e outros.

Tentando explicar o fenómeno, procurei as suas origens, apontando como causadora a prodigalidade dos artistas portugueses, — louvada por uns como bizarra fidalguia, e censurada por outros como desleixo e indiferença, falta de brio e de patriotismo. Quinhentistas e Seiscentistas faziam circular entre Mecenas, amigos, e Damas da côrte as suas criações, sem primeiro lhes apôr, de modo inconfundível, a sua marca: p. ex. numa epígrafe explicativa. Pouquíssimos chegaram a

(1) Conto quinze. Entre êsses há *Olhos de cristal puro*, impresso no *Circulo Camoneano*; *Já foi tempo*, editado por mim em 1900; mas não *Que gritos são os que ouço?* que estão no mesmo caso, porque já o próprio T. Braga repetira no volume I (*Epoca e Vida*). Nem tão pouco o *Descalço sem chapeu* pelo mesmo motivo.

Quinze com os dois omitidos e mais quatro em versão muito diversa do texto comum. Ao Soneto *Contentamentos meus* falta por descuido, o terceto final.



publicar pessoalmente as suas *Rimas*. Cada um dos obsequiados, claro que como coleccionador guardava os originaes recebidos numa pasta, ou num cofre especial. Vários teriam a lembrança de, além disso, lhes dar entrada no seu *Album* ou *Cancioneiro de mão*. E poetas e amadores que indirectamente chegaram a conhecer tais inéditos, os copiariam igualmente para seu gôzo espiritual, ora fiel e cuidadosamente, ora retocando-os com estranhável mas indubitável liberdade, e muita vez sem nome de autor. Herdeiros e editores então, ao encontrarem, vamos dizer *autógrafa* de Frei Agostinho da Cruz a *Canção da Imortalidade*, de Estevam Rodrigues de Castro, a existência do qual e da qual ignoravam, as *Lgrimas de S. João Evangelista* de Diogo Bernardes, seu irmão, ou mesmo *Sonetos de amor profano de Martim de Crasto* (Castro do Rio), *Fernão Rodrigues Lobo Soropita*, *Fernão Correa de Lacerda*, etc., atribuiram-nas afoitos ao piedoso frade da Arrábida! (1)

Ao próprio Camões foram atribuídas poesias alheias logo pelo primeiro, leal e benemérito publicador das suas *Rimas*; e sucessivamente por todos quantos se empenharam em avolumar essa collecção: depois de Soropita, Estevam Lopes, Domingos Fernandes, António Álvares da Cunha, Faria e Sousa, e nos nossos dias o Visconde de Juromenha e Teófilo Braga (2).

(1) São elucidativas do caso as *Obras de Fr. Agostinho da Cruz*, recentemente publicadas nos *Subsídios para o estudo da História da Literatura Portuguesa*, por Mendes dos Remedios (Coimbra, 1918). — Veja-se sobretudo p. 46 e 47 e 436-451.

(2) Há dúvidas sobretudo acêrca da autoria de *Sonetos*, essa forma predilecta dos cultos da nação, o seu *Lied* peninsular, mas também a respeito de *Elegias*, *Églogas*, *Canções*, *Odes*, *Epístolas* e mesmo de *Redondilhas*.

De aí, dessa nobre isenção ou dêsse feio desmazêlo, e em todo o caso da falta de amor dos Portuguezes por datas, ou pela exactidão em minúcias (1), resultaram as numerosas incertezas em que estamos com relação aos verdadeiros autores de joias líricas como: *Horas breves do meu contentamento* e *Fermoso Tejo meu, quam diferente* (2).

De aí também nasceu em espíritos scépticos ou pessimistas a idea que cada poeta, em cujas *Rimas* se encontram versos, *provadamente, ou provàvelmente alheios*, metera de propósito a sua foice na seara de outros! E infelizmente podia-se alegar a favor dessa idea o roubo «notório» do *Parnaso*, que Luís de Camões tirara a limpo, limando-o, nos ócios forçados de Moçambique, conforme conta Diogo do Couto na *Década VIII* (3).

O laborioso empreendimento de juntar os casos e de os esclarecer obrigou-me a leituras reflectidas, das obras impressas dos principais poetas quinhentistas e seiscentistas, e ao estudo dos Cancioneiros manuscritos, conservados em bibliotecas públicas e particulares do Pôrto, de Lisboa, Évora (4) e Coimbra. Cedo (1880)

(1) Aludo aos Motes *Senhora pois minha vida, e Pois é mais vosso que meu, Esperei já não espero*, os três de Garcia de Resende (*Cancioneiro de Resende*, f. 218 d e 220 a).

(2) Ora falta o nome do autor, ora é indicado apenas por iniciais como *B. R.*; *F. C.* — ou por abreviaturas como *Cam.*

(3) Cap. xxviii (p. 233 da ed. de 1786. — *P. S.* De outra redacção dessa *Década* (provavelmente a primitiva), descoberta no Pôrto, e anunciada no Vol. XI do *Boletim da Segunda Classe* da Academia das Sciências de Lisboa, falo num estudo a que aludo mais abaixo.

(4) *Cancioneiro Juromenha*; *Cancioneiro Luis Franco*; *Cancioneiro de Évora*; *Miscelânea do Pôrto*, etc.



princípiei a dar conta das pequenas descobertas que ia fazendo; claro, sem logo ter atingido o ponto de vista, a que pouco a pouco subi. Nem sempre cheguei naturalmente a resultados decisivos. Onde faltam argumentos *extrínsecos* de pêsso, é impossível apurar a autoria *por indícios intrínsecos*. Os assuntos (1), os conceitos, o estilo (especialmente dos Sonetos de amor, petrarquesco na essência) tanto de Luís de Camões e Diogo Bernardes como de imitadores distintos (v. g. Martim de Castro, o Conde de Vimioso, o Duque de Aveiro, o Infante D. Luís, Francisco de Andrade, e mesmo o Soropita — joco-sério nas prosas) é tão parecido que seria árdua tarefa para o crítico mais bem preparado destrinçar poesias de cada um, se os baralhassemos primeiro, sem lhes apôr o nome do autor.

Exactamente por ser assim, é que o mais erudito e aplicado, mas também o mais fanático dos editores de Camões, o já mencionado Faria e Sousa, iludido, e iludindo, tirou sem escrúpulo de impressos e de manuscritos raros, quantas poesias lhe pareciam dignas do Mestre, embora estivessem atribuídas nas colecções exploradas a outros vates, ou fôsem anónimas (2).

E depois de Faria e Sousa haver explorado os prin-

(1) É sabido que os nossos clássicos (e os de Espanha) escolheram para assunto de Sonetos e Oitavas frequentemente assuntos já tratados por outros Renascentes, atraídos pela sua beleza primorosa; p. ex., as fábulas antigas de Amor e Psique, Hero e Leaandro, Aquiles e Policena, Ecosa e Narciso, Piramo e Tisbe, Raquel e Lia. E também que os Sonetos à morte de uma donzela cortada em flor, ou de moço de *bel moris* etc. são numerosos. Imitando, traduzindo, parafraseando produziram obras às vezes tão parecidas que parece haver plágio.

(2) Entre elas, claro haveria algumas sobscritadas: De Camões.

cipais impressos e manuscritos anteriores a 1645, ainda ficou campo por respigar aos editores da segunda metade do século passado (1).

\*

Para completar o meu inquérito, A. Fernandes Tomás ofereceu-me o seu *Cancioneiro*. Aceitei gratíssima. Submeti-o a um exame tão minucioso, trasladando todos os textos não-impressos (quási o volume inteiro), elaborando catálogos de autores e poesias, colecionando as já publicadas, que fiquei capacitada a escrever hoje êste estudo, ao cabo de quási dois decênios, sem ter tidó a felicidade de o rever, porque do espólio do falecido o volume passou, ignoro para as mãos de quem.

Não publiquei todavia nem os Inéditos em globo, nem os resultados colhidos, por não estar plenamente satisfeita com êsses. Faltavam-me alguns auxílios preciosos, e ainda hoje me faltam. P. ex.: as *Obras poéticas* de Gregório Silvestre (2), as de Paulo Gonçalves de Andrade (3), as de Antonio Lopez de Veiga (4) e as

(1) Entre o procedimento de Faria e Sousa e o dos nossos contemporâneos há a diferença de o primeiro ter retocado libèrrimamente, mas com arte e engenho, os textos alheios, nos passos defeituosos (ou acusadores da proveniência), ao passo que o Visconde de Juromenha e T. Braga os reproduzem *diplomáticamente*, com todos os erros rítmicos, gramaticais e de rima, que os deturpam no manuscrito-fonte, e às vezes mais os deturpam ainda na transcrição descuidada a que os dois procederam.

(2) Granada, 1599.

(3) *Várias Poesias*, Lisboa, 1629 e Coimbra, 1658.

(4) *Lirica Poesia*, Madrid, 1620.

de Duarte Dias (1). Esperei por isso — infelizmente de balde — pelo feliz acaso que, por indicações de *Catálogos de livros raros e curiosos* me proporcionasse o ensejo, quer de as adquirir, quer de pelo menos saber quem as comprou.

Apenas de alguns factos estabelecidos dei conta em diversos opúsculos meus.

Pela primeira vez (2) falei do Cancioneiro num tratado relativo a Pero de Andrade Caminha (3), depois de na edição das *Poesias Ineditas* do mesmo, publicadas por Dr. J. Pribsch, haver publicado um Soneto (4). Nele explico que o único Florilégio manuscrito que contém versos de Caminha é o Cancioneiro de Fernandes Tomás. Além do *Soneto* que acabo de mencionar *A D. Leonis, Pereira*, apenas as duas Elegias do *Verão e do Inverno*, embora erradamente aí sejam dadas por obras de Diogo Bernardes. A êsse respeito lá comunico que bastantes atribuições do Cancioneiro são erróneas; e também que entre os versos ditos *De Camões*, talvez alguns sejam de *Caminha*. Resolução errónea da abreviatura *De Cam*.

Lembro que mesmo um Camonista moderno, adestrado como o Visconde de Juromenha, resolveu mal a abreviatura *Cam.*, — lendo uma vez *Caminha* por *Camões* (5). Dou dois exemplos quasi certos, onde *Cam.*,

(1) *Varias Obras*, Madrid, 1592.

(2) *P. S.* — É erro. Ao reler as Provas verifiquei que já falara em 1897 do Cancioneiro numa *Anotação* (p. 688) da minha tradução do *Camões* de Wilhelm Storck.

(3) *Revue Hispanique*, VIII (1901), p. 16 e 47 da *Separata*.

(4) Halle, 1898, N.º 545: *As maritimas ninfas*.

(5) Vid. *Poesias de Sá de Miranda*, p. LVII — *Zeitschrift*, v, 127 e VIII, 431.



interpretado *Camões*, deve ser a meu ver, *Caminha*: um Epigrama relativo ao *Senhor D. Duarte*, e outro de factura igual, a *D. Sebastião*. Hesito quanto a dois Sonetos: o peditório *Descalço*... (1) e o lamento sôbre a morte de D. Joana, Princesa de Portugal, que principia *Que gritos ouço?* (2). E pergunto se não seriam também do camareiro do Senhor D. Duarte, antes do que do autor dos *Lusiadas*, os mediocres Sonetos a D. Teodósio de Bragança *Os reinos e os imperios poderosos* e *Levantai minhas Tagides a frente* (3).

Dos textos agora citados publiquei então os que eram inéditos do Cancioneiro F. Tomás.

Posteriormente referi-me em diversas ocasiões a Sonetos que, contidos no Cancioneiro, mas com attribuição a outros quinhentistas, tinham sido publicados como obras de Luís de Camões por qualquer dos editores a que mais acima aludi.

Em *Notas aos Sonetos Anónimos* (4) falei de três espécies: *Com o tempo o prado séco reverdesce*, de Baltasar d'Estação (p. 16); *Como poderá dar do tempo conta* (p. 20), anónimo de Camões; e *Já tempo foi que meus olhos folgavam* (p. 22). Em *Sonetos e Sonetistas* (5) ocupei-me do Cancioneiro, com relação a uns catorze exemplos que estão nas condições indicadas (6).

(1) Veia-se a Anotação relativa ao N.º 184

(2) N.º 106.

(3) Os Sonetos *Descalço* e *Que gritos ouço?*, e os Epigramas *Não voa* (N.º 89) e *Não corre* (N.º 105).

(4) Paris, 1909.

(5) New-York, Paris, 1910.

(6) *Amor que em sombras vem*, 113; *Claros olhos*, 111; *Claros olhos azaues*, 112; *Contentamentos meus*, 114; *Fermoso Tejo*, 115; *Hambrenk*, 89; *Horas breves*, 48; *La peregrinacion*, 46; *Lembranças*, 103; *Posto que soffro*, 108; *Quando me quis salvar*, 105; *Que debo al prado*, 96; *Que lugar*, 107.

\*

A uma das festas, anualmente celebradas no Pôrto a 10 de Junho, em homenagem a Luís de Camões, contribuí com diversas *Notas Camonianas*. A quarta e última é dedicada à Elegia, então inédita, que constitue o N.º 302 do Cancioneiro

*Correntes aguas frias do Mondego.*

Editando-a, classifiquei-a como provávelmente uma das primeiras do Poeta, dos saúdosos tempos de Coimbra, cheia ainda de versos frouxos, mas apresentando já evidentemente um cunho muito individual. Chamei a atenção sobretudo para os que dizem

*que por força de estrela, ou de costume,  
fujo do melhor sempre e o peor sigo.*

pois lembram a terceira estrofe da incomparável Canção autobiográfica que diz

Quando vim da materna sepultura  
de novo ao mundo, logo me fizeram  
estrellas infelizes obrigado.  
Com ter livre alvedrio não mo deram,  
qu'eu conheci mil vezes na ventura  
*o melhor, e o peor segui forçado.*

Reminiscências de Ovídio — *video meliora proboque;  
deteriora sequor*, ou de Petrarca *e veggio'l meglio ed  
al peggio mappiglio* — bem o sei. Mas o modo de dizer  
é tão especificamente o do cantor dos *Lusiadas* que,



se não fôr sua essa *Elegia ao Mondego*, deve ser obra de um dos imitadores mais felizes (1).

\*

Delfim Guimarães teve de tratar, nas suas investigações sôbre Cristóvam Falcão e Bernardim Ribeiro (2), da mesma questão que já ocupara T. Braga: do problema, se o autor da *Menina e Moça* escreveu à maneira italiana, isto é se cultivou a medida nova, o hendecassílabo que a caracteriza. Êle responde negativamente e trata as ideas e afirmações, em que T. Braga se apoia, de miragens que não resistem ao mais leve embate.

A Canção problemática *Esconde, Diana bela, os raios belos*, sobrescritada *De Bernardim Ribeiro*, coloca-a no século XVIII. Entendo que é lapso por XVII, visto que a adjudica a outro poeta, e êsse de 1600 e tantos, por causa do monograma *B. R.: Bernardo Rombo [de Carvalho]* do qual há composições insignificantes no manuscrito.

Segundo êle, o último *escrevente* do Cancioneiro, ao trasladar uma poesia assinada apenas *D. B. R.*, interpretou, e assentou afoitamente *De Bernardim Ribeiro* —; como se não houvesse outros individuos com as mesmas iniciais!

(1) Vid. *Homénagem a Luiç de Camões no primeiro anno do seculo xx.* — Porto, 1902. — Tiragem de 56 exemplares, igual ao número de anos que Camões viveu!

(2) Bernardim Ribeiro (*O Poeta Crisfal*), (1908); Capitulo x, Bernardim Ribeiro e a Escola Italiana.

\*

Deixando a controvérsia para a Anotação respectiva (1), acrescentarei que o último letrado, e êsse de tino crítico finíssimo, que chegou a manusear o Cancioneiro em vida de Fernandes Tomás, foi o Dr. Ricardo Jorge. No seu excelente estudo sôbre Francisco Rodrigues Lobo, infelizmente ainda não impresso integralmente (2), teve de ocupar-se de vários autores representados no Florilégio, além do próprio *Lobo*, p. ex. de *Eloio de Sá*, *Antonio Lopes de* (ou *da*) *Veiga*, *Soropita*, *D. Tomás de Noronha* e o Anónimo que redigiu a carta salpimentada à actriz castelhana Josefa Vaca. E assim fez, em Notas suculentas (3).

\*

À descrição, dada pelo próprio A. Fernandes Tomás, que acima transcrevi, vou acrescentar agora alguns pormenores.

O Cancioneiro encerra 329 composições, segundo a minha maneira de contar, em 174 fôlhas, ou 318 páginas (*in-folio* pequeno).

(1) N.º 317.

(2) *P. S.* — Já saiu. E todos quantos o lerem, hão de bem-dizer seguramente a sorte do excelente bucolista que tal biógrafo teve!

(3) *Revista da Universidade de Coimbra*, Vol. II, p. 571, 576, 578, 588. Conf. *Contra um plágio do Prof. Theophilo Braga* (1918), p. 34 e 48.

Se contasse como composições independentes as poesias que estão intercaladas em prosas (algumas de vulto) — o que não seria injusto — teríamos 334.

E haveria mais seis (340) (1) se separássemos as *Respostas* das *Propostas* (ou seja as *Respostas* das *Perguntas*), o que todavia me parece pouco acertado, visto que a *Pergunta* consta em geral de um só verso, sendo mero tema ou *Mote* para *Volts* e *Glosas* (2).

As trezentas e vinte e nove composições são obra de quarenta e cinco Portugueses (3) de nome, e em grande parte de renome, e de alguns Anónimos. Èles floresceram parte no século XVI, parte no XVII, entre 1550 e 1650, quando muito. Vários nasceram no último quartel de quinhentos, e poetaram no primeiro de seiscentos. Quero dizer: durante os reinados dos Filipes. De *Luis de Camões* até *D. Tomás de Noronha*, e os extravagantes da *Fenix Renascida* (4). Se portanto o *B(ernardim) R(ibeiro)* da *Diana bela*, que aparece nas últimas páginas do volume, fôsse realmente o iniciador do estilo pastoral entre Portugueses — aquele que contribuiu com *Cantigas*, *Vilancetes* e *Esparsas* ao *Cancioneiro Geral* — (1450-1516) —, êle estaria absolutamente isolado entre os Camonistas!

Notável é que, embora colleccionado provavelmente durante o período da dominação castelhana, predominem quasi com exclusivismo textos em portuguez (5).

(1) Rubriquei-as como 200ª, 201ª, 202ª, 230ª, 236ª.

(2) Vid. N.ºs 158, 175-178 e 274ª.

(3) Juan de Bobadilla talvez fôsse espanhol.

(4) Não faltam no Cancioneiro versos *retrógrados*, *Labirintos*, e outras brincadeiras, dignas de *Singulares* e *Ocultos*.

(5) Mesmo de *Antonio Lopez de Vega* que viveu e poetou no reino vizinho, não há textos castelhanos.



Entre os *Inéditos* que copiei, não há excepção alguma (1).

Na ordem das poesias e prosas não há intuito cronológico, nem estético. Foi ao acaso, conforme vinham às mãos do coleccionador, que êle as trasladou. Impossível dizer, se para deleite meramente espiritual seu, ou com fins comerciais.

Pela igualdade da caligrafia e tinta, parece cópia de uma colecção já feita. Pelo conteúdo, não se parece com nenhum dos manuscritos que examinei, conquanto tenha de comum com todos os que conheço, uma ou outra poesia.

Em parte, essas são belas, em parte fúteis e jocosas; raras vezes indecorosas, excepção feita da *Carta vil*, a que já aludí, a uma das melhores, talvez a melhor actriz da idade áurea do drama castelhano — para a qual Lope de Vega e Velez de Guevara escreveram comédias.(2).

Começando com Sonetos de dois dos melhores imitadores do grande lírico, Fernão Correa de Lacerda e Martim de Crasto, o Cancioneiro termina com versos do Doutor António Ferreira, falecido em 1569, e um Soneto do próprio Luís de Camões.

Êste maior dos Líricos peninsulares está representado, parcamente, com o pecúlio que a minha lista geral inclue, e em seguida destaquei para outra lista especial: vinte e sete peças, entre as quais algumas não me parecem dêle, conforme explico nas Anota-

(1) Apenas intercalados numa das Prosas há alguns versos em castelhano.

(2) Comédias em que Josefa Vaca havia de vestir — com garbo inexcédível — trajas varonis (a Sára Bernhardt de então).

ções. Há entre elas todavia inéditas: lindíssimos *Sonetos* petrarquescos (1) e a *Ode* horaciana.

\*

A parte mais volumosa pertence a Fernão Rodrigues Lobo Soropita, a cuja admiração pelo autor dos *Lusiadas* devemos a primeira edição das *Rimas*, como de propósito repito. As prosas satíricas e os versos dêle, tão esmerados que vários entraram nas edições posteriores das *Rimas*, hão de constituir um grosso volume, se eu chegar a publicar o meu traslado. Mesmo os já publicados por Camilo Castelo Branco tem, na redacção do *Cancioneiro*, variantes importantíssimas. Conto 70 *Inéditos* que talvez encham duzentas páginas (2).

(1) Há verdade e justeza no que Fidelino de Figueiredo afirma sôbre a transformação do *Soneto petrarquesco* em *Soneto camoniano*. Acho todavia que a *unidade* de inspiração de Petrarca e a admirável bipartição do seu *Canzoniere* em *Vida e Morte de Madona Laura* não pôde ser superada. Nem tem igual a arguta intuspecção dêsse primeiro homem moderno. O Livro dos Sonetos de Camões, tal como o possuímos, é *bigarré*. E muito! E depois... Petrarca fôra o primeiro configurador, ao passo que Luís de Camões imita! Mesmo os exemplos alegados na *Historia da Litteratura Classica*, o atestam. Vid. p. 297-302.

*Tanto de meu estado me acho incerto e Que douto pensamento é o que sigo e Amor é um fogo que arde sem se ver* (que pela sua impetuosidade eu coloco acima dos outros), que são senão transposições, bellissimas isso sim, do *Soneto* dos contrastes: *Pace non trovo e non ha da far guerra!* E o retrato tão fino *Um mover de olhos*, lembra ou não lembra o *Soneto* de Dante *Tanto gentile e tanto honesta pare?*

(2) Dos vinte números publicados por Camilo, só as mais insignificantes faltam no *Cancioneiro F. Th.*: 3 sátiras, escritas na medida velha, e 3 Sonetos; entre êles um castelhano, que talvez seja de outro autor.



Em volta de Camões agrupam-se *Bernardes*, *D. Manuel de Portugal*, o *Infante D. Luís*, o *Duque de Aveiro*, o *Conde de Vimioso*, *Francisco d'Andrade*, *Frei Paulo da Cruz*, *Jorge Fernandes* (o chamado *Fradinho da Rainha D. Catarina*), o *Dr. António Ferreira*, e *Andrade Caminha*: cada um com poucas amostras do seu génio.

O já mencionado *Martim de Crasto*, *Baltasar Estaço*, *Vasco Mousinho*, *Bernardo Rodrigues* e *Paulo Gonçalves* formam a transição para o segundo grupo.

Nele destacam-se *Francisco Rodrigues Lobo* (com 18 poesias), *Fernão Álvares do Oriente* (com 26), *Eloyo de Sá*, *Sotomaior*, (só com 5): os três bucolistas maiores de 1600.

Distanciados dêles, não pelo tempo, mas pelo espaço, e pela inspiração, distinguem-se *Estevam Rodrigues de Castro* (na Itália, 1623), *Fernam Correa de Lacerda* (1631), e *António Lopes da Veiga* (em Espanha), cada um com vinte e tantas contribuições.

Vários entre êles receberam elogios de *Jacinto Cordeiro* (em 1631), por não os haverem grangêado de *Lope*, o *Fenix dos Ingénios* no *Laurel de Apolo* (1).

Dos autores da *Fenix Renascida* entraram *Diogo de Sousa* e *D. Tomás de Noronha*.

Além dêsses vinte e oito poetas de nomeada, há ainda no Cancioneiro uns dezassete de terceira e quarta ordem, com duas, três ou quatro composições, e alguns com uma só (2).

(1) Vid. Garcia Peres, *Catálogo*, p. 124.

(2) Quem olhar de perto para os meus *Índices* verá que são dezassete os autores que contribuíram com uma única poesia para o Cancioneiro. Com duas figuram nele uns oito; com três aparecem *Baltasar Estaço*, o *Conde de Vimioso*, o *Duque de Aveiro*. Quatro há de *Francisco de Andrade*, *Paulo Gonçalves*, *D. Manuel*

\*

Para facilitar ao estudioso as verificações e a afeição dos factos registados, ofereço-lhe três listas:

1.º O catálogo alfabético dos poetas, com indicação das obras de cada, contidas no Cancioneiro, e a data quer do seu nascimento quer da sua morte, ou ambas, sendo elas conhecidas, ou então a da publicação de obras dêle (1).

2.º A lista das poesias attribuídas a Luís de Camões, e a de versos publicados como obra dêle, mas que apparecem no Cancioneiro em nome de outros poetas.

3.º O índice geral completo.

A êsse índice farei em seguida Anotações explicativas.

O género que predomina é o das Prosas picarescas que annunciam o advento da *Fenix Renascida*. Depois, vem o Soneto. Há no Cancioneiro perto de duzentos (2), e, posto que nenhum seja diamantino, alguns formam o tema de parafrases: glosas em catorze oitavas (19).

de Portugal. Cinco são ministradas por João Pinheiro e Eloy de Sá. Sequeira deu seis; Martim de Crasto, António Soares e João Ribeiro apresentaram sete. Os verdadeiros contribuintes são portanto depois de Soropita: Luís de Camões (27), Fernando Alvares (26), Estevam Rodrigues de Castro (24), António Lopes (23), Fernam Correa de Lacerda (22), Francisco Rodrigues Lobo (18).

(1) Recorri, como é dever de todos os investigadores, aos monumentais trabalhos de Barbosa Machado e Inocência da Silva. Mas também a Garcia Peres, Sousa Viterbo e T. Braga.

(2) Soropita assina 35 Sonetos; Estevam Rodrigues 21; Fernão Alvares 18; António Lopes 27; Lacerda 16.

Agrupando com os Sonetos as 26 *Elegias* da collecção, 4 *Églogas*, 18 *Canções*, 10 *Oitavas*, 1 *Ode*, 3 *Liras*, 1 *Hino* e 1 *Madrigal*, e juntando em outro ramilhete 1 *Sextina*, 9 *Décimas*, e algumas *Quintilhas*, *Volts*, *Glosas*, *Endechas*, *Esparsas*, *Labirintos* e os 5 *Romances* de Rodrigues Lobo, veremos que a par de 283 composições em estilo italiano, há apenas 52 de medida velha.

## A

### LISTA ALFABÉTICA DE AUTORES COM INDICAÇÃO DAS OBRAS ATRIBUÍDAS A CADA UM

#### ANÓNIMOS:

- Sonetos 220, 225, 324.  
Elegias-323, 327.  
Oitavas 322.  
Canção 326.  
Quintilhas 325.  
Volts 316.  
Glosa 315.  
Entremês em prosa 238.  
Cartas em prosa 233, 235, 236, 237, 238.  
Proposta em verso com Reposta em prosa 274  
e 274<sup>a</sup> . . . . . 17
- ANTÓNIO ÁLVARES SOARES (1628): Sonetos 256, 257,  
258; Redondilhas 227, 228, 262, 263, 269, 256 9
- ANTÓNIO FERREIRA DR. († 1569): Elegia 88, Égloga  
328. . . . . 2
- ANTÓNIO LOPES DE ULHOA: Sonetos 221, 222. . . 2



ANTÓNIO LOPES DA VEIGA († 1669): Sonetos 67, 94, 95, 125, 126, 173, 174, 179, 180, 249, 250, 267, 270, 271, 273; Canção 171; Sextina 172; Egloga 247; Madrigal 60; Decimas 248, 272; Glosas 251, 268. . . . .	23
ANTÓNIO SIQUEIRA: Sonetos 102, 154, 244; Canção 188; Redondilhas 77, 145 . . . . .	6
BALTASAR ESTAÇO (1604): Sonetos 70, 93, 246 . . . . .	3
BENTO ROMBO [DE CARVALHO]: Redondilhas 204, 243 . . . . .	2
BERNARDIM RIBEIRO: Canção 317 . . . . .	1
CONDE DE VIMIOSO († 1632): Sonetos 277, 288; Oitavas 281 . . . . .	3
DIOGO BERNARDES († 1605): Sonetos, 47, 63, 68, 92, 123, 124, 299; Elegia 291, 295; Egloga 199 . . . . .	10
DIOGO DUARTE: Soneto 242 . . . . .	1
DIOGO LOPES DE ULHOA: Soneto 223 . . . . .	1
DIOGO DE SOUSA (1623): Canção 41; Prosa 205, 206 . . . . .	3
DUQUE DE AVEIRO (1571): Sonetos 292, 293 . . . . .	2
DUARTE DIAZ (1590): Soneto 54 . . . . .	1
ELOYO DE SÁ [SOTOMAIOR] (1623): Sonetos 15, 30, 111, 118; Canção 84 . . . . .	5



- ESTEVAM RIBEIRO (1630): Redondilha 209. . . . . 1
- ESTEVAM ROIZ [DE CASTRO] (1623, 1637): Sonetos  
12, 17, 39, 57, 75, 302-314, 318-321; Canção 37;  
Oitava 182 . . . . . 24
- FERNAM CORREIA DE LACERDA (1631): Sonetos 1, 3,  
5, 13, 16, 20, 21-24, 26, 28, 44, 80, 86; Liras 104;  
Elegia 59, 69; Canções 71, 72, 82, 156 . . . . . 22
- FERNÃO LOPES (1639): Redondilhas 208 . . . . .
- FERNAM RODRIGUES LOBO SOROPITA (1605): Sonetos  
9, 10, 19, 25, 27, 31, 33, 35, 38, 43, 48, 76, 79,  
91, 112, 116, 119, 130, 131, 135, 136, 137, 138,  
139, 150, 151, 155, 157, 190-194, [202<sup>a</sup>], 217,  
241, 247; Redondilhas 62, 78, 140, 146, 196,  
197, 198; Labirinto 134; Oitavas 64, 117; Ele-  
gia 127, 129, 159, 187, [200<sup>a</sup>], 203; Capítulos  
128, 132, 133 [201<sup>a</sup>]; Sátira 211; Canção 195;  
Hino 161; Ode 162; Prosas 200, 201, 202, 210,  
212, 213, 214, 215, 216, 229, 230-232 . . . . . 70
- FERNANDO ÁLVARES [DO ORIENTE] († 1595): Sonetos  
45, 46, 55, 65, 66, 96, 97, 108, 109, 120, 166,  
169, 252, 253, 254, 255; Canção 81; Egloga 110;  
Redondilhas 121, 141, 163-165; Capítulo 269. . . . . 26
- FRADINHO DA RAINHA (O): Vid. (Frei Paulo da  
Cruz).
- FRANCISCO DE ANDRADA (1614): Sonetos 11, 18, 34,  
52 . . . . . 4

FRANCISCO MENDES: Soneto 51. . . . .	1
FRANCISCO RODRIGUES LOBO († 1622): Sonetos 103, 245; Romances 83, 98, 142; Endechas 143; Voltas e Glosas 114, 115, 122, 141, 149; Capítulo 269; Propostas e Repostas 158, 175-178. . .	18
FREI AGOSTINHO DA CRUZ († 1619): Elegia 181. . .	1
FREI PAULO DA CRUZ († 1631): Soneto 186. . . .	1
INFANTE D. LUÍS († 1555): Soneto 294. . . . .	1
JERÓNIMO DA SILVA (1618): Carta em prosa 234. .	
JOÃO PINHEIRO: Redondilhas 99, 100, 147, 160; Liras 189. . . . .	5
JOÃO RIBEIRO: Sonetos 7, 29, 32, 36, 42, 87; Elegia 40 . . . . .	7
JUAN DE BOBADILLA: Canção 207. . . . .	1
JORGE MENDES D'ANDRADE: Soneto 90; Liras 101	2
LUÍS DE CAMÓES († 1580): Sonetos 49, 50, 53, 73, 74, 166, 183, 184, 239, 275, 278-280, 282, 283, 289, 290, 296-298, 302, 329; Elegia 61; Capítulo 276; Canção 85; Epigramas 89, 105 . . .	27
LUÍS DA COSTA SERRÃO: Redondilhas 148; Liras 152. . . . .	2
LUÍS DE MELO (1631): Canção 153; Liras 170 . .	2

MANUEL DE PORTUGAL D. (1606): Sonetos 284-287	4
MANUEL SOARES DE ALBERGARIA (1631): Sonetos 185, 210 . . . . .	2
MARTIM AFONSO COELHO: Soneto 224. . . . .	1
MARTIM DE CRASTO (CASTRO DO RIO) (1631): Sone- tos 2, 4, 6, 8, 14, 219, 240 . . . . .	7
PAULO GONÇALVES DE ANDRADA (1629): Sonetos 259, 260, 261; Canção 266. . . . .	4
[PEDRO DE ANDRADE] CAMINHA (1589): Soneto 58; Elegia 300 e 301 . . . . .	3
PERO GOMEZ ROIZ: Soneto 56 . . . . .	1
TOMÁS DE NORONHA D. (c. de 1651): Décimas 226	1
VASCO MOUSINHO [DE QUEVEDO] (1611): Soneto 107 (1) . . . . .	1
Summa Summarum . . . . .	329

## B

### POESIAS ATRIBUÍDAS A LUÍS DE CAMÕES

#### I. SONETOS (21)

- \* Amor mil vezes já me tem mostrado, 73
- \* Apartamentos tristes sem ventura, 282

(1) O nome João Pereira, registado por T. Braga, *Camões, Poesia lyrica e epica*, p. 197 é êrro por Pinheiro ou Ribeiro.

- \* Claros olhos azuis, olhos fermosos, 53
- \* Com que voz chorarei meu triste fado, 296
- \* Com voz desordenada, sem sentido, 183
- \* Contentamentos meus que já passastes, 49
- Contente vivi já, vendo-me isento, 280
- De amor escrevo, de amor trato e vivo, 239
- \* Descalço e sem chapeu, Apolo louro, 187
- \* Dias há já, que eu soube da ventura, 289
- \* Eu não canto mas choro, e vai chorando, 275
- \* Feroso moço que no Ceo descanças, 74
- \* Já tempo foi que meus olhos folgavam, 297
- Memória de meu bem, cortado em flores, 50
- O dia em que nasci moura e pereça, 329
- \* Oh quem dizer pudesse quanto sente, 298
- \* Olhos de cristal puro que vertendo, 279
- \* Prometi já mil vezes de emendar-me, 290
- \* Que gritos são os que ouço? De tristeza, 106
- \* Se cuidasse que nesse peito isento, 283
- \* Vai-me gastando Amor e um pensamento, 278.

#### ELEGIAS (2)

- Belisa, uma só alma desta vida, 61
- Correntes águas frias do Mondego, 302.

#### CANÇÃO (1)

- \* Não de cores fingidas, 85.

#### CAPÍTULO (1)

- Não pode quem quer muito ser culpado, 276.

#### EPIGRAMAS (2)

- \* Não corre o ceo o astro tão feroso, 105
- \* Não voa pelo ceo com tanta graça, 89.



Os textos que estavam inéditos em 1889 marquei-os de asterisco. Nas Anotações trato da exactidão ou inexactidão da attribuição.

II. Em nome de outros quinhentistas figuram no Cancioneiro F. Tomás as seguintes poesias que antes de 1889, tinham entrado nas *Rimas* de Camões:

- A perfeição, a graça o doce geito, 306  
Amor que em sonhos vãos do pensamento, 19 (Soropita)  
Brandas águas do Tejo que passando, 92  
Co tempo o prado seco reverdece, 70  
Contentamentos meus que já passastes, 18  
Conversação doméstica afeiçoa, 76  
De cá donde no mais que imaginais, 9  
Doce despojo do meu bem passado, 97 (Estevam Rodriguez de Castro)  
Fermoso Tejo meu, quam diferente, 51 (Francisco Mendes)  
Foi-se gastando a esperança, 160  
Horas breves do meu contentamento, 63  
Já do Mondego as águas aparecem, 124  
Já tempo foi que meus olhos faziam, 286  
Lembranças de meu bem, doces lembranças, 12  
Mal que de tempo em tempo vais crescendo, 294  
O que te fiz amor? que mal me trata, 293  
Os olhos onde o casto amor ardia, 305  
Queimado sejas tu e teus enganos, 284  
Sem ventura é por demais, 147  
Um brando mover de olhos e piedoso, 319.

Quanto aos supostos autores, vejam-se as minhas Anotações.

C

INDICE DO CANCIONEIRO FERNANDES TOMÁS

- 1 \* *Parto amoroso, versos concebidos*, fl. 1  
Soneto — De FERNÃO CORREA DE LACERDA.
- 2 \* *Entre flamas de amor fostes criados*, fl. 1  
Soneto — De MARTIM DE CRASTO.
- 3 *Está tudo sujeito à gentileza*, fl. 1 v.  
Soneto — De FERNÃO CORREA DE LACERDA.
- 4 \* *A peregrinação de um pensamento*, fl. 1 v.  
Soneto — De MARTIM DE CRASTO.
- 5 \* *Perdi-me dentro em mi como em deserto*, fl. 2.  
Soneto — De FERNÃO CORREA DE LACERDA.
- 6 *Perdidos tantos anos na esperança*, fl. 2.  
Soneto — De MARTIM DE CRASTO.
- 7 *Em vãos discursos vou passando a vida*, fl. 2 v.  
Soneto — De JOÃO RIBEIRO.
- 8 *Quando me quis salvar de um perigo*, fl. 2 v.  
Soneto — De MARTIM DE CRASTO.
- 9 \* *De ca donde no-mais que imaginarvos*, fl. 3.  
Soneto — De [FERNÃO RODRIGUES  
LOBO] SOROPITA.

- 10 *Nesta alma vossa de cuidado rica*, fl. 3.  
Soneto — De SOROPITA.
- 11 *Lembranças que quereis a um desterrado*, fl. 3 v.  
Soneto — De FRANCISCO D'ANDRADE.
- 12 \* *Lembranças de meu bem, doces lembranças*, fl. 3 v.  
Soneto — De ESTEVAM ROIZ [DE CASTRO].
- 13 *Fermosa Lises, se eu cuidei algum dia*, fl. 4.  
Soneto — De FERNÃO CORREA DE LACERDA.
- 14 \* *Que lugar, tempo, estado, ou esperança*, fl. 4.  
Soneto — De MARTIM DE CRASO.
- 15 *Rio tu que me deste estas montanhas*, fl. 4 v.  
Soneto — De LOYO DE SÁ.
- 16 *Entre estes montes e áspero deserto*, fl. 4 v.  
Soneto — De F. C. DE LACERDA.
- 17 *Doce despojo de meu bem passado*, fl. 5.  
Soneto — De ESTEVAM ROIZ.
- 18 \* *Contentamentos meus que já passastes*, fl. 5.  
Soneto — De FRANCISCO D'ANDRADE.
- 19 \* *Amor que em sombras vans do pensamento*, fl. 5 v.  
Soneto — De SOROPITA.
- 20 \* *Que devo ao campo e ao monte que florece*, fl. 5 v.  
Soneto — De LACERDA.
- 21 *Sou um vivo sepulcro de esperanças*, fl. 6.  
Soneto — De LACERDA.

- 22 *Divina Lises, nessa fermosura*, fl. 6.  
Soneto — De LACERDA.
- 23 *Foi, Lises, minha ausência em ti mudança*, fl. 6 v.  
Soneto — De LACERDA.
- 24 *Vi na fama de vós, senhora, tanto*, fl. 6 v.  
Soneto — De LACERDA.
- 25 *Doces cuidados meus, que já algum dia*, fl. 7.  
Soneto — De SOROPITA.
- 26 *Aqui onde o que foi já doce, amarga*, fl. 7.  
Soneto — De LACERDA.
- 27 *Fermosos olhos, onde amor descansa*, fl. 7 v.  
Soneto — De SOROPITA.
- 28 *Quanto tempo há que choro só comigo*, fl. 7 v.  
Soneto — De LACERDA.
- 29 *Se Demócrito ria, então chorava*, fl. 8.  
Soneto — De JOÃO RIREIRO.
- 30 *Amado rio que a pedaços quebras*, fl. 8.  
Soneto — De LOYO DE SÁ.
- 31 *Quando o sol torna donde nos deixou*, fl. 8 v.  
Soneto — De SOROPITA.
- 32 *Segue o meu sol da lua a natureza*, fl. 8 v.  
Soneto — De JOÃO RIBEIRO.
- 33 *De amor, d'enveja, de ira sai armado*, fl. 9.  
Soneto — De SOROPITA.



- 34 *Um bem me deu amor com tanto mal*, fl. 9.  
Soneto — De FRANCISCO DE ANDRADE.
- 35 *Do grande mar do meu tormento antigo*, fl. 9 v.  
Soneto — De SOROPITA.
- 36 *Pare já hoje tudo quanto quero*, fl. 9 v.  
Soneto — De JOÃO RIBEIRO.
- 37 *Já de uma fé mais alta*, fl. 10.  
Canção — De ESTEVAM ROIZ.
- 38 \* *Posto que sofre amor apartamento*, fl. 11 v.  
Soneto — De SOROPITA.
- 39 *Pus em tamanha altura o pensamento*, fl. 11 v.  
Soneto — De ESTEVAM ROIZ.
- 40 *Ao som que na corrente dura e forte*, fl. 12.  
Elegia — De JOÃO RIBEIRO.
- 41 *Quem com subido intento*, fl. 13.  
Canção — De DIOGO DE SOUSA.
- 42 *Lembranças que minha alma atormentais*, fl. 14.  
Soneto — De JOÃO RIBEIRO.
- 43 *Há no parque de amor uma fonte estranha*,  
fl. 14 v.  
Soneto — De SOROPITA.
- 44 *É mui digna de um ilustre peito*, fl. 14 v.  
Soneto — De F. C. DE LACERDA.
- 45 *Armada de aspereza minha estrela*, fl. 15.  
Soneto — De FERNANDO ALVAREZ.

- 46 *No bem dando-me o tempo assalto fero*, fl. 15.  
Soneto — De FERNANDO ALVAREZ.
- 47 *Num bosque de loureiros rodeado*, fl. 15 v.  
Soneto — De DIOGO BERNARDEZ.
- 48 *Cabelo em ricos laços ordenado*, fl. 15 v.  
Soneto — De SOROPITA.
- 49 \* *Contentamentos meus que já passastes*, fl. 16.  
Soneto — De LUÍS DE CAMÕES.
- 50 \* *Memória de meu bem, cortado em flores*, fl. 16.  
Soneto — De LUÍS DE CAMÕES.
- 51 \* *Fermoso Tejo meu quam diferente*, fl. 16 v.  
Soneto — De FRANCISCO MENDES.
- 52 *Emquanto aquela glória me faltava*, fl. 16 v.  
Soneto — De FRANCISCO D'ANDRADA.
- 53 \* *Claros olhos azuis, olhos fermosos*, fl. 17.  
Soneto — De LUÍS DE CAMÕES.
- 54 \* *Serenos olhos, doce movimento*, fl. 17.  
Soneto — De DUARTE DIAS.
- 55 *Tam alto me alevanta a fantasia*, fl. 17 v.  
Soneto — De FERNANDO ALVAREZ.
- 56 *Caros despojos meus, que me ficastes*, fl. 17 v.  
Soneto — De PERO GOMES ROIZ.
- 57 *Em mi me busco a mi, e não me alcanço*, fl. 18.  
Soneto — De ESTEVAM ROIZ.

- 58 \* *As marítimas ninfas do Oceano*, fl. 18.  
Na Morte do Conde da Feira, Visorey da  
Índia.  
Soneto — De [PERO D'ANDRADE] CAMINHA.
- 59 *Lises, amada Lises, a temida*, fl. 18 v.  
Elegia — De F. C. DE LACERDA.
- 60 *Fugiram já dos montes*, fl. 18 v.  
Madrigal — De ANTÓNIO LOPEZ DE VEIGA.
- 61 \* *Belisa, uma so alma desta vida*, fl. 19.  
Elegia — De CAMÕES.
- 62 *Lágrimas tristes cansadas*, fl. 22.  
Mote com Glosa que principia: *Se  
pelos olhos brotais* — De SOROPITA.
- 63 \* *Horas breves de meu contentamento*, fl. 22 v.  
Soneto — De DIOGO BERNARDEZ.
- 64 *Esperei e esperança é morte amarga*, fl. 22 v.  
Oitavas, que são Glosa do So-  
neto de arriba — De SOROPITA.
- 65 \* *A bela mão que em seda de ouro e prata*, fl. 24 v.  
Soneto — De FERNANDO ALVAREZ.
- 66 \* *Se uma alma noutra por amor liada*, fl. 24 v.  
Soneto — De FERNANDO ALVAREZ.
- 67 *Se amor não é o que sinto no meu peito*, fl. 25.  
Soneto — De ANTÓNIO LOPEZ DA VEIGA.

- 68 \* *Eu me parto de vós, campos do Tejo*, fl. 25.  
Soneto — De DIOGO BERNARDEZ.
- 69 *Soberbo humilde sou pois que me atrevo*, fl. 25 v.  
Elegia — De F. C. DE LACERDA.
- 70 \* *Co tempo o prado seco reverdece*, fl. 25 v.  
Soneto — De BALTASAR ESTAÇO.
- 71 *Estima esta pobreza*, fl. 26.  
Canção — De F. C. LACERDA.
- 72 *Inda que andais, sentidos, desvelados*, 26 v.  
Canção — De F. C. DE LACERDA.
- 73 \* *Amor mil vezes já me tem mostrado*, fl. 27.  
Soneto — De CAMÓES.
- 74 \* *Fermoso moço que nos ceos descanças*, fl. 27.  
Soneto — De CAMÓES.  
À morte do Bisconde de Lima. D. B.
- 75 *Com perigoso mar e vento imigo*, fl. 27 v.  
Soneto — De ESTEVAM ROIZ.
- 76 \* *Conversação doméstica afeiçoa*, fl. 27 v.  
Soneto — De F. R. SOROPITA.
- 77 \* *Tenho um bem que mal me trata*, fl. 28.  
Mote de uma Glosa que principia: *Pode uma imaginação* —  
De ANTÓNIO DE SIQUEIRA.



- 78 *Só o mais triste me alegre*, fl. 28.  
Mote de umas Voltas e duas Décimas  
que principiam: *O que ontem foi  
já não é* — De SOROPITA.
- 79 *Quanto mais pode amor num peito humano*,  
fl. 28 v.  
Soneto — De SOROPITA.
- 80 *Querida Lises, temerária empresa*, 28 v.  
Soneto — De F. C. DE LACERDA.
- 81 \* *Daquela vista honesta*, fl. 29,  
Canção — De FERNANDO ALVAREZ.
- 82 *Agora que anoitece*, fl. 30.  
Canção — De F. C. DE LACERDA.
- 83 \* *Atrevido pensamento*, fl. 31.  
Romance — De FRANCISCO ROIZ LOBO.
- 84 *Querido pensamento*, fl. 31 v.  
Canção — De LOYO DE SÁ.
- 85 \* *Não de côres fingidas*, fl. 32.  
Canção — De CAMÕES.
- 86 *Um mundo e uma coroa é vossa empresa*, fl. 33.  
Soneto — De F. C. DE LACERDA.
- 87 \* *Como poderá dar do tempo conta*, fl. 33.  
Soneto — De JOÃO RIBEIRO.
- 88 \* *Sobre o verde esmalte a bela aurora*, fl. 33 v.  
Elegia — De ANTÓNIO FERREIRA.

- 89 \* *Não voa pelo céu com tanta graça*, fl. 35.  
Epigrama — De LUIS DE CAMÕES.  
*Ao Senhor D. Duarte, saindo em um  
jogo de canas.*
- 90 *Por mais que contra mi se mostre irado*, fl. 35 v.  
Soneto — De JORGE MENDES D'ANDRADE.
- 91 *Duro mal, dura paga, duro estado*, fl. 35 v.  
Soneto — De F. R. SOROPITA.
- 92 \* *Brandas águas do Tejo que passando*, fl. 36.  
Soneto — De DIOGO BERNARDEZ.
- 93 \* *Contam de Policrates venturoso*, fl. 36.  
Soneto — De BALTAZAR D'ESTAÇO.
- 94 *Onde quereis subir, vão pensamento*, fl. 36 v.  
Soneto — De ANTÓNIO LOPES DA VEIGA.
- 95 *Doce chama de amor que n'alma acesa*, 36 v.  
Soneto — De ANTÓNIO LOPEZ DA VEIGA.
- 96 \* *Ceo inclinado sobre a terra dura*, fl. 37.  
Soneto — De FERNANDO ALVAREZ.
- 97 \* *Agua com justa causa derramada*, fl. 37.  
Soneto — De FERNANDO ALVAREZ.
- 98 \* *De cima deste penedo*, fl. 37 v.  
Romance — De FR. R. LOBO.
- 99 *Um bem a que só queria*, fl. 38.  
Mote com Glosa que principia: *De  
aquella gloria excessiva.*  
De JOÃO PINHEIRO.

- 100 *Vivo só de um pensamento*, fl. 38.  
Mote com glosa que principia: *Contente do estado meu.*  
De JOÃO PINHEIRO.
- 101 *Em esta ausencia larga*, fl. 38 v.  
Liras — De JORGE MENDES D'ANDRADE.
- 102 *Doces, queixosas e suaves aves*, fl. 39.  
Soneto — De ANTÓNIO DE SIQUEIRA.
- 103 \* *Mil anos ha que busco a minha estrela*, fl. 39.  
Soneto — De FRANCISCO RODRIGUES LOBO.
- 104 *Lises, em vosso nome*, fl. 39 v.  
Liras — De F. C. DE LACERDA.
- 105 \* *Não corre ó ceo o astro tão fermoso*, fl. 39 v.  
Epigrama — De LUÍS DE CAMÕES.  
*A ElRey D. Sebastião sayndo aos touros:*
- 106 \* *Que gritos são os que ouço? De tristeza*, fl. 40.  
Soneto — De LUÍS DE CAMÕES.  
*Á morte da Princesa de Portugal.*
- 107 *Dizei os que ganhastes e perdestes*, fl. 40.  
Soneto — De VASCO MOUSINHO.
- 108 \* *Com sua claridade o sol feria*, fl. 40 v.  
Soneto — De FERNANDO ALVAREZ.
- 109 \* *Vosso valor o coração me acende*, fl. 40 v.  
Soneto — De FERNANDO ALVAREZ.

- 110 \* *Buscando o largo mar Nabão formoso*, fl. 41.  
Égloga Nabância cujos interlocutores  
se chamam Jasminio, Urbano, Ro-  
geiro.  
De FERNANDO ALVAREZ.
- 111 \* *Oh ceos de cujo movimento vario*, fl. 47 v.  
Soneto — De ELOYO DE SAA.
- 112 *I pensamento(s) meu(s) e se a ventura*, fl. 47 v.  
Soneto — De SOROPITA.
- 113 \* *Tesouro por mãos de amor*, fl. 48.  
Romance (?) — De FRANCISCO ROIZ LOBO.
- 114 \* *Pois que trazeis pendurado*, fl. 48 v.  
Mote, com *Voltas* que principiam:  
*Deve ser que vos mudastes.*  
*A uma dama que trazia pendurados*  
*uns Cupidos nas orelhas.*  
De FRCO. ROIZ LOBO.
- 115 \* *Por passos sem esperança*, fl. 48 v.  
Mote com *Glosa* que principia: *Le-*  
*vanta o meu pensamento.*  
De FRCO. ROIZ LOBO.
- 116 *Por onde um manso rio caminhava*, fl. 49.  
Soneto — De SOROPITA.
- 117 *Ao pé de uma fragosa penedia*, fl. 49.  
Glosa do *mesmo*, ao Soneto de arriba  
— em Oitavas.
- 118 \* *Se lá no reino antarctico subido*, fl. 50.  
Soneto — De LOYO DE SAA.



- 119 *Após um não sei que foge e passa*, fl. 50.  
Soneto — De SOROPITA.
- 120 \* *A mais pesada e grave dor que sente*, fl. 51.  
Soneto — De FERNANDO ALVAREZ.
- 121 \* *Por ti sem ti comigo estou passando*, fl. 51 v.  
Glosa aos dois versos de arriba que principia: *A pena mais cruel que por ti sento*.  
De FERNANDO ALVAREZ.
- 122 \* *Vivas memorias, mortas esperanças*, fl. 51 v.  
Glosa que principia: *O tempo que já tive de alegria*.  
De FRCO. ROIZ LOBO.
- 123 \* *Desaparecem já, por mais que estendo*, fl. 52.  
Soneto — De DIOGO BERNARDEZ.
- 124 \* *Já do Mondego as aguas aparecem*, fl. 52.  
Soneto — De DIOGO BERNARDEZ.
- 125 *Soberbo se levanta o pensamento*, fl. 52 v.  
Soneto — De ANTÓNIO LOPEZ DA VEIGA.
- 126 *Sol que dentro em minha alma tens a esfera*,  
fl. 52 v.  
Soneto — De ANTÓNIO LOPEZ DA VEIGA.
- 127 *Ay amador coitado, ay sin ventura*, fl. 53.  
Elegia — De SOROPITA.
- 128 \* *Despojos tristes de um contentamento*, fl. 53 v.  
Capítulo — De SOROPITA.

- 129 *Cansado já de longas esperanças*, fl. 54 v.  
Elegia — De SOROPITA.
- 130 *A redea solta corre o pensamento*, fl. 56.  
Soneto — De SOROPITA.
- 131 *Que leite foi cruel o que mamaste*, fl. 56.  
Soneto — De SOROPITA.
- 132 *Ao pé deste pinheiro aspero e duro*, fl. 56.  
Capítulo — De SOROPITA.
- 133 *Fermosos olhos que na côr formosa*, fl. 57.  
Capítulo — De SOROPITA.
- 134 *No cego labarinto de hum cuidado*, fl. 58.  
Labarinto — De SOROPITA.
- 135 *Dizei, olhos crueis, olhos fermosos*, fl. 58 v.  
Soneto — De SOROPITA.
- 136 \* *Esses cabelos louros escolhidos*, fl. 58 v.  
Soneto — De SOROPITA.
- 137 *Pouco do seu poder o tempo fia*, fl. 59.  
Soneto — De SOROPITA.
- 138 *Tanta força, senhora, me fazia*, fl. 59.  
Soneto — De SOROPITA.
- 139 *Por mais belas boninas que buscastes*, fl. 59 v.  
Soneto — De SOROPITA.  
Mandado a uma dama com a glosa  
de abaixo.

- 140 *Uns dizem que sois bonina*, fl. 59 v.  
Do mesmo à mesma dama.  
A glosa (ou antes a *Volta*) principia: *Ha mui grande differença.*
- 141 \* *Pastora só no vestido*, fl. 60 v.  
Décimas — De FRCO. ROIZ LOBO.  
A uma dama enferma que saiu ao campo.
- 142 \* *Ferindo o sol sobre as ondas*, fl. 60 v.  
Romance — De FRCO. ROIZ LOBO.
- 143 \* *Noites liberaes*, fl. 61.  
Endechas — De FRCO. ROIZ LOBO.
- 144 \* *Quanto mais, menos ventura*, fl. 61 v.  
[Mote, com] Glosa que principia:  
*Sempre amor mais livre peito.*  
De FERNANDO ALVAREZ.
- 145 *Se meu mal sentistes*, fl. 61 v.  
Cantiga com *Voltas* que principiam: *Tudo ja atentei.*  
De ANTÓNIO DE SIQUEIRA.
- 146 *É meu mal tão duro e forte*, fl. 62.  
Mote com *Voltas* que principiam: *Empregou-se o pensamento.*  
De FERNÃO ROIZ SOROPITA.
- 147 \* *Sem ventura é por demais*, fl. 62.  
Mote com Glosa que principia: *Quem duvida da esperança.*  
De JOÃO PINHEIRO.

- 148 \* *Vejo que tudo tem fim*, fl. 62 v.  
Mote com Glosa que principia: *Todo  
o bem que hũa alma presa.*  
De LUÍS DA COSTA SERRÃO.
- 149 \* *Tristezas, pois me buscais*, fl. 62 v.  
Cantiga com Voltas que pricipiam: *Se  
em meu livre sentimento.*  
De FRCO. ROIZ LOBO.
- 150 *Por variar até nas cousas belas*, fl. 63.  
Soneto — *A uma freira.*  
De FERNÃO ROIZ SOROPITA.
- 151 *No mar em que de novo Amor me guia*, fl. 63.  
Soneto — *A uma dama chamada da  
Costa.*  
De FERNÃO ROIZ SOROPITA.
- 152 *Em um monte deserto*, fl. 63 v.  
Liras — De LUÍS COSTA SERRÃO.
- 153 *Divina fermosura*, fl. 64.  
Canção — De LUÍS DE MELO.
- 154 *Qual diamante em ouro se veria*, fl. 64 v.  
Soneto — De ANTÓNIO DE SIQUEIRA.
- 155 *Importunos amantes de convento*, fl. 64 v.  
Soneto — De SOROPITA.
- 156 *Amor, porque em ti tudo renoves*, fl. 65.  
*Aos amantes de freiras.*  
Canção — De F. C. DE LACERDA.



- 157 *Oh cegos que mostrais na morte vida*, fl. 65 v.  
SONETO — De SOROPITA.
- 158 \* *Quem ama sem esperança, Se ama mais perfeitamente*, fl. 66  
Proposta<sup>(a)</sup>; com a Reposta<sup>(b)</sup>: *Ninguém ama sem querer* e Outra Proposta<sup>(c)</sup> sôbre o mesmo sujeito: *Amor que a proprio respeito*.  
De FRANCISCO RODRIGUEZ LOBO.
- 159 \* *Aqui neste deserto, seco e pobre*, fl. 66 v.  
Elegia Penitencial — De SOROPITA.
- 160 \* *Foi-se gastando a esperança*, fl. 67 v.  
Mote com Voltas: *Esta me fica da vida*.  
De JOÃO PINHEIRO.
- 161 *Misericordia imensa*, fl. 68.  
Hymno, o fundamento do qual é aquele verso do cantico: *et misericordia ejus*, etc.  
De SOROPITA.
- 162 \* *Ainda que do ceo vos seja dada*, fl. 69.  
Ode traduzida do livro terceiro de Horácio.  
De FERNÃO ROIZ SOROPITA.
- 163 \* *Mais obriga a razão do que o costume*, fl. 70 v.  
Glosa (numa Oitava) que principia: *Faz no tempo o costume fundamento*.  
De FERNANDO ALVAREZ.

- 164 \* *Uso no mal ou bem continuado*, fl. 71.  
Glosa (em Soneto do mesmo verso).  
Do MESMO.
- 165 \* *O tempo tudo faz, tudo consume*, fl. 71.  
Glosa (em forma de estrofe de Canção)  
do mesmo verso.  
Do MESMO.
- 166 \* *Aquele humano esfinge que tormento*, fl. 71 v.  
Soneto — Do MESMO.
- 167 \* *Na Ilha Cypro, a Venus dedicada*, fl. 71 v.  
Soneto — Do MESMO.
- 168 \* *Um monstro horrendo foi na Caledonia*, fl. 72.  
Soneto — Do MESMO.
- 169 \* *O brando amor, mas em meu dano forte*, fl. 72.  
Soneto — De FERNANDO ALVAREZ.
- 170 *Aqui entre estes montes*, fl. 72 v.  
Liras — De LUÍS DE MELO.
- 171 *Esperei e no esforço da esperança*, fl. 73.  
Canção — De ANTÓNIO LOPEZ DA VEIGA.
- 172 *Entre os enganos com que traço a vida*, fl. 74.  
Sextina — De ANTÓNIO LOPEZ DA VEIGA.
- 173 *Crespo cabelo de ouro que a aura leva*, fl. 75.  
Soneto — De ANTÓNIO LOPEZ DA VEIGA.
- 174 *Ter nos olhos o sol, no gesto as flores*, fl. 75.  
Soneto — De ANTÓNIO LOPEZ DA VEIGA.

- 175 \* *Se pode aver puro amor Aonde falta a razão,*  
fl. 75.

Proposta<sup>(a)</sup> com a Reposta<sup>(b)</sup> *Porque Cupido é senhor* e outra Reposta<sup>(c)</sup> sôbre o mesmo sujeito *Afrontese o pensamento.*

De FRCO. ROIZ LOBO.

- 176 \* *Que parentesco chegado Tem o amor co ciume?*  
fl. 75 v.

Proposta<sup>(a)</sup> com a Reposta<sup>(b)</sup> *Amor como se presume* e Outra Reposta<sup>(c)</sup> sôbre o mesmo sujeito: fl. 76.

*Estes irmãos desiguaes;* e mais outra

Reposta: *Nestes dous não ha aliança*

De FRCO. ROIZ LOBO.

- 177 \* *Se dará perfeita gloria Bem gozado com re-  
ceo?* fl. 76.

Proposta<sup>(a)</sup> com a Reposta<sup>(b)</sup> *Em des- canço alcançado* e Outra Reposta<sup>(c)</sup> sôbre o mesmo sujeito: *Não podem chamar ventura.*

De FRCO. ROIZ LOBO.

- 178 \* *Se se pode achar beleza — Aonde falta entendi-  
mento,* fl. 76 v.

Proposta<sup>(a)</sup> com a Reposta<sup>(b)</sup> *O que á vista se presenta* e Outra Reposta<sup>(c)</sup> sôbre o mesmo sujeito: *Não é muda a Natureza.*

De FRCO. ROIZ LOBO.

- 179 *Por trasladar na terra a fermosura,* fl. 77.  
SONETO — De ANTÓNIO LOPEZ DA VEIGA.

- 180 *Olhos, honra de amor, do sol inveja*, fl. 77.  
Soneto — De ANTÓNIO LOPEZ DA VEIGA.
- 181 \* *Alta serra deserta, donde vejo*, fl. 77 v.  
Elegia — Á Serra da Arrábida.  
De FREI T...
- 182 \* *Segura fé com esperança incerta*, fl. 78 v.  
Outavas — De ESTEVAM ROIZ.
- 183 \* *Com voz desordenada, sem sentido*, fl. 79.  
Soneto — De LUÍS DE CAMÓES.
- 184 \* *Descalço e sem chapeo Apolo louro*, fl. 80.  
Soneto — De LUÍS DE CAMÓES.  
Acaba de pedir hum vestido ao Senhor D. Duarte.
- 185 *Abre os olhos do pranto antes que ao dia*, fl. 80.  
Soneto — Á miseria do homem desde nace.  
De MANUEL SOARES DA ALBERGARIA.
- 186 \* *Pois nesse paraiso terreal*, fl. 80 v.  
Soneto Ao Cano dos Amores.  
DO FRADINHO DA RAINHA.
- 187 *D'entre estes montes, d'entre esta aspereza*,  
fl. 80 v.  
Elegia — De SOROPITA.
- 188 *Que pena tão ditosa*, fl. 81.  
Canção — De ANTÓNIO DE SIQUEIRA.
- 189 *Amor, Julia, em que espero*, fl. 82.  
Liras — De JOÃO PINHEIRO.



- 190 *Esmeraldas de amor cuja luz pura*, fl. 83.  
Soneto — De SOROPITA.
- 191 \* *Fermosos olhos que ao ceo que se mostrou*,  
fl. 83 v.  
Soneto — De SOROPITA.
- 192 *Sobre hum e outro sol onde a beleza*, fl. 83 v.  
Soneto — De SOROPITA.
- 193 \* *Quando de ambos os ceos caindo estava*, fl. 84.  
Soneto — De SOROPITA.
- 194 *Quando do largo esforço que mostravas*, fl. 84.  
Soneto — De SOROPITA.
- 195 *A desigual balança*, fl. 84 v.  
Canção — De SOROPITA.
- 196 *Acho por conta melhor*, fl. 85.  
Mote — Cantiga, com Glosa que prin-  
cipia: *Fiç conta coas esperanças*.  
De SOROPITA.
- 197 \* *Pois tudo tão pouco dura*, fl. 85 v.  
Mote com Voltas que principiam: *Aca-  
basse com a vida*.  
Do MESMO.
- 198 *Dizei, Silvana, a que monta*, fl. 85.  
Mote — Cantiga com Voltas que prin-  
cipiam: *Se fizereis mais estreita*.  
De SOROPITA.
- 199 \* *Num solitario vale fresco e verde*, fl. 86.  
Égloga — De DIOGO BERNARDEZ.

- 200 \* *Depois que o mundo começou*, fl. 89.  
Prosa — Descobrimto das ilhas da  
poesia — Primeira Parte.  
De SOROPITA.
- 200 a \* *Quando o passado bem me representa*, fl. 90.  
Elegia intercalada na Prosa.  
Do MESMO.
- 201 \* *Tanto andaram os bons dos picadeiros*, fl. 91 v.  
Prosa — Descobrimto das ilhas da  
poesia. — Segunda Parte.  
Do MESMO.
- 201 a \* *Naquela parte da alma onde se encerra*, fl. 94.  
*Capitulo* intercalado na Prosa.
- 202 \* *Des que jaço nesta terra*, fl. 95 v.  
Carta que [o SOROPITA] escreveu a  
instância do negro do abadinho Ma-  
nuel Soares à filha do Marquês de  
Vilareal, de quem o negro se na-  
morou e estava ausente.
- 202 a *Amor por vosso amor me açouta e pinga*.  
Soneto intercalado nessa Prosa.  
Do MESMO.
- 203 \* *Ao som de um berimbau Luis cantava*, fl. 96.  
*Elegia* de hum negro namorado para  
sua negra dama.  
De SOROPITA.

- 204 *Ei de morrer, Isabel*, fl. 96 v.  
Décima — De BENTO ROMBO DE CARVALHO.
- 205 \* *Apolo, Deus da rabeca, amigo Lereno*, fl. 97.  
Cortes de Apolo.— De DIOGO DE SOUSA.  
A Lereno: Pastor Peregrino, Dedicatória (*Prosa satírica*).
- 206 *Depois de aquele caso desestrado*, fl. 103.  
Segunda Parte das Cortes de Apolo.  
DO MESMO.
- 207 *Poeta hermano, pues subiste tanto*, fl. 108 v.  
Al autor (i. é a DIOGO DE SOUSA).  
De JUAN DE BOBADILHA, Poeta laureado.
- 208 *Quando este grande poeta*, fl. 109.  
Coplas ao Autor (Diogo de Sousa).  
De FERNÃO LOPES, Poeta laureado.
- 209 *Poeta bravo e barbado*, fl. 109.  
Coplas Ao Autor.  
De ESTEVAM RIBEIRO, Poeta laureado.
- 210 \* *Nunca desegei cousa como ter...*, fl. 109.  
Parrafo notável sôbre as barbas dêste mundo.  
De SOROPITA.
- 211 \* *Afuera! afuera! pensamientos mios*, fl. 111 v.  
Sátira contra o Amor.  
De SOROPITA.

- 212 \* *Primeiramente todos os primogenitos*, fl. 113.  
Regimento escolástico para os Estudantes.  
De SOROPITA.
- 213 \* *Refere-se na vida do Cid Rui Dias*, fl. 114.  
Comentários saragoçanos sôbre os desposorios da saudade com o descontentamento.  
De SOROPITA.
- 214 *Por não ouvir tantas vezes*, fl. 115.  
*Pronostico* do ano de 1595, ho qual se achou no bucho de hũ elefante.  
De SOROPITA.
- 215 *Quando eu ouvia falar na Arruda*, fl. 116 v.  
Carta (em prosa) — De SOROPITA.
- 216 *Já sei que sou devedor das novas*, fl. 117 v.  
Carta (em prosa) — Do SOROPITA.
- 217 *Partistes-vos e a alma juntamente*, fl. 118.  
Soneto A huma partida. — Do SOROPITA.
- 218 *Crescei, meu doce amor, minha pereira*, fl. 118 v.  
Soneto A huma freira chamada D. Beatriz Pereira.  
De MANUEL SOARES DA ALBERGARIA.
- 219 *Que enemigo lhe falta a meu cuidado*, fl. 119.  
Soneto — De MARTIM DE CRASTO.



- 220 *Claras e frescas aguas saudosas*, fl. 119.  
Soneto — De ...?
- 221 *Nem com triste queixume amor consente*,  
fl. 119 v.  
Soneto — De ANTÓNIO LOPEZ DE ULHOA.
- 222 *Travessos olhos cuja travessia*, fl. 119. v.  
Soneto A huma mulher vesga.  
Do MESMO.
- 223 *Natural penhor meu, que em tenra idade*, fl. 120.  
Soneto Á morte de huma sua filha,  
estando êle ausente no Brazil.  
De DIOGO LOPEZ DE ULHOA.
- 224 *Quando dos breves annos que contavas*, fl. 120.  
Soneto Ao mesmo sugeito.  
De MARTIM AFONSO COELHO.
- 225 *Da mão amada para a mão amante*, fl. 120 v.  
Soneto A huma dama dando uma es-  
pada de vidro a um amante à vista  
de outro que lh'a avia dado.  
De ...?
- 226 \* *Se acaso o que tenho ouvido*, fl. 120 v.  
Décimas A um Fernando do Poo, mo-  
leiro de Alenquer, que andando de  
amores com a filha de um barqueiro-  
pescador, o achou uma noite em sua  
casa e lhe deu muita pancada com  
um remo.  
De TOMÁS DE NORONHA.

- 227 *Meu pai por mais que me pesa*, fl. 121.  
Rol da roupa de uma dama.  
De ANTÓNIO ALVAREZ SOARES.
- 228 *Já que o rol da vossa roupa*, fl. 121 v.  
Romance. Em reposta do rol da dama.  
DO MESMO.
- 229 \* *La mar en medio y tierras he dexado*, fl. 122 v.  
Carta (em *prosa* portuguesa). — De  
SOROPITA.
- 229 a Intercalada a Octavilha *Nuves aonde o fogo poderoso*.
- 230 *Para a perda de bens possuidos*, fl. 123 v.  
Carta (em *prosa*) — De SOROPITA.
- 230 a *Ventagem tendes de mi*.  
Cantiga com Voltas, que principiam: *Buscais vosso natural*.
- 231 *É tão natural a morte*, fl. 124 v.  
Carta (em *prosa*) A hum amigo a quem fizeram morto, sem o ser.  
E depois lhe escreveo esta Carta.  
De SOROPITA.
- 232 *Depois que soube de vosso casamento*, fl. 125 v.  
Carta (em *prosa*) A hum amigo avendosse casado.  
De SOROPITA.
- 233 \* *Mais afeiçoado às boas partes de V. M.*, fl. 127.  
Carta (em *prosa*). Escrita a huma Comedianta chamada Josefa Vaca.  
De ...?

- 234 *No correio passado mandei a V. M.*, fl. 127 v.  
Carta (em *prosa*) — De JERÓNIMO DA  
SILVA.
- 235 *Este ofício de escrever a V. M.*, fl. 130.  
Carta (em *prosa*) — De ...?
- 236 *Não creio que por estardes*, fl. 130 v.  
Carta (em *prosa*) em que se dá conta  
de huns amores aldeãos, gabando  
a graça deles.  
De ...?
- 237 *Para vos dar os parabens*, fl. 131.  
Carta (em *prosa*) — A um amigo a  
quem deixou uma dama a que que-  
ria muito.  
De ...?
- 238 *Galante termo é o destes vossos amores*, fl. 132.  
Entremês (em *prosa*) dos Galantes de  
Freiras sobre seus amores. — Inter-  
locutores: Abreu, Cunha, Cardoso,  
Machado.  
De ...?
- 239 \* *De amor escrevo, de amor trato e vivo*, fl. 133.  
Soneto — De LUÍS DE CAMÕES.
- 240 \* *Entre as nuves se esconde o pensamento*, fl. 133.  
Soneto — De MARTIM DE CRASTO.
- 241 *Vender qualquer favor a peso de ouro*, fl. 133 v.  
Soneto — Às Freiras.  
De SOROPITA.

- 242 *Qual soe o pescador que tem por cargo*, fl. 133 v.  
Soneto — De DIOGO DUARTE.
- 243 *Entregou-me Amor, senhora*, fl. 134.  
Décimas — De BENTO ROMBO DE CARVALHO.
- 244 *Dos mais fermosos olhos mais fermoso*, fl. 134.  
Soneto — De ANTÓNIO DE SIQUEIRA.
- 245 \* *Quam caro custa um mal dissimulado*, fl. 134 v.  
Soneto — De FRANCISCO ROIZ LOBO.
- 246 \* *Dividiu o amor e a sorte esquiva*, fl. 135.  
Soneto — De BALTAZAR ESTAÇO.
- 247 *Aqui Salicio ao pé destes outeiros*, fl. 135.  
Egloga: Do Amor desprezado.  
De ANTÓNIO LOPEZ DA VEGA.  
Interlocutores: Melibeus, Salicio, Dameto.
- 248 *Nos teus olhos, bela Alcina*, fl. 137 v.  
Décimas: A certa dama que, dando favor a muitos, fingia dá-lo a cada um.  
De ANTÓNIO LOPEZ DA VEGA.
249. *Fermosos olhos que de luz vestidos*, fl. 137 v.  
Soneto: Em louvor de olhos verdes, e em desprezo dos negros e azues.  
De ANTÓNIO LOPEZ DA VEGA.
- 250 *Qual do oceano abrindo passo ao dia*, fl. 137 v.  
Soneto: Vista amorosa ao amanhecer.  
De ANTÓNIO LOPEZ DA VEGA.



- 251 *Vivas cristalinas aguas*, fl. 137 v.  
Mote com Glosa que principia: *Um dia amor, liberal.*  
De ANTÓNIO LOPEZ DA VEGA.
- 252 \* *À pena o medo Amor tira, não mata*, fl. 138 v.  
Soneto: Em louvor do Amor. Estes versos são retrógrados, os quais, lidos ao contrário são em vitupério do Amor.  
De FERNANDO ALVAREZ.
- 253 \* *Mata, não tira o medo a pena*, fl. 138 v.  
Soneto: Em vitupério do Amor. E estes versos são retrógrados, os quais lidos ao contrário, são em louvor de Amor. E se assim se lerem os de arriba, fazem êste Soneto.  
Do MESMO.
- 254 \* *A vida ao tempo rende o fraco e o forte*, fl. 139.  
Soneto em versos retrógrados.  
Do MESMO.
- 255 \* *O forte e o fraco rende ao tempo a vida*, fl. 139.  
Soneto em versos retrogrados, e os de arriba, lidos ao contrário, fazem êste Soneto.  
Do MESMO.
- 256 *Amor alma é do mundo, Amor é mente*, fl. 139 v.  
Soneto—De ANTÓNIO ALVAREZ SOARES.

- 257 *Neſſes ſuſpiros tristes, neſſas puras*, fl. 139 v.  
Soneto: A uma dama chorosa por  
seu amante que se embarcava.  
Do MESMO.
- 258 *Se de meus males, se de teus rigores*, fl. 140.  
Soneto: A uma dama que desejava  
extinguir em seu amante a fama  
que tinha nos versos.  
Do MESMO.
- 259 *Ditasas flores que na altiva esfera*, fl. 140.  
Soneto: A flores amarelas em cabelos  
negros.  
De PAULO GONÇALVES DE ANDRADA.
- 260 *Por ter a monarquia mais segura*, fl. 140 v.  
Soneto: A uma dama em trajos de  
homem com espada.  
Do MESMO.
- 261 *Pintada voz, habitador do vento*, fl. 140 v.  
Soneto: A um passaro que estava com  
o bico na boca de uma dama.  
De PAULO GONÇALVES DE ANDRADA.
- 262 *Dêſſes olhos ao sol puro*, fl. 141.  
Décimas: A uma dama que dilatava  
deixar-se ver.  
De ANTÓNIO ALVAREZ SOARES.
- 263 *Senhora, vossa beleza*, fl. 141.  
Décimas: A uma dama fermosa e dis-  
creta.  
Do MESMO.

- 264 *Saiu Clarinda como aurora um dia*, fl. 141 v.  
Soneto: Saída de uma dama ao campo.  
Do MESMO.
- 265 *Sombras da morte que de um vão receio*,  
fl. 141 v.  
Soneto: Fantasmas de amor.  
Do MESMO.
- 266 \* *Louro metal que lá do centro escuro*, fl. 141 v.  
Canção — De PAULO GONÇALVES DE  
ANDRADA.
- 267 *Morreu logo em nascendo um bem que tinha*,  
fl. 142 v.  
Soneto: Sentimento de um bem per-  
dido ainda em flor.  
De ANTÓNIO LOPEZ DA VEGA.
- 268 *Vede como amor me trata*, fl. 143.  
Mote com Glosa que principia: *Amor  
que em meu dano ordena.*  
Do MESMO.
- 269 \* *Ilustre dama em cuja fermosura*, fl. 143.  
Capítulo — De FERNANDO ALVAREZ.
- 270 *Fermosa fera de piedade isenta*, fl. 145 v.  
Soneto: A uma dama que dando cré-  
dito a um engano deixou o que quis  
pelo que aborrecia.  
De ANTÓNIO LOPEZ DA VEGA.

- 271 *Suspendei, claros olhos, a corrente*, fl. 145 v.  
Soneto: Às lágrimas de uma dama  
em sentimento de um morto.  
Do MESMO.
- 272 *Em medonha noite escura*, fl. 146.  
Décimas: Em sentimento de estado  
penoso.  
Do MESMO.
- 273 *Se da tormenta que minha alma sente*, fl. 146.  
Soneto: Em desculpa de tristeza ex-  
terior.  
De ANTÓNIO LOPEZ DA VEGA.
- 274 *Arden Tirse igualmente y Galatea*, fl. 147.  
*Proposta* em verso com *Reposta* em  
prosa portuguesa.  
De ...?
- 274 a *Siendo la causa unívoca a un efecto*.  
Poesia em verso branco com que ter-  
mina a *Reposta*.
- 275 \* *Eu não canto mas choro, e vai chorando*, fl. 149.  
Soneto — De LUÍS DE CAMÕES.
- 276 \* *Não pode quem quer muito, ser culpado*, fl. 149.  
Capítulo: As propriedades do amor.  
De LUÍS DE CAMÕES.
- 277 *De um enganoso bem que tam ufano*, fl. 150.  
Soneto — Do CONDE DO VIMIOSO.



- 278 \* *Vai-me gastando amor e um pensamento*, fl. 150.  
Soneto — De LUÍS DE CAMÕES.
- 279 \* *Olhos de cristal puro que vertendo*, fl. 150 v.  
Soneto — De LUÍS DE CAMÕES.
- 280 \* *Contente vivi já, vendo-me isento*, fl. 150 v.  
Soneto — De LUÍS DE CAMÕES.
- 281 *Fermosa ninfa minha, mais que as flores*,  
fl. 150 v.  
Outavas — DO CONDE DO VIMIOSO.
- 282 \* *Apartamentos tristes sem ventura*, fl. 151.  
Soneto — De LUÍS DE CAMÕES.
- 283 \* *Se cuidasse que nesse peito isento*, fl. 151.  
Soneto — DO MESMO.
- 284 \* *Queimado sejas tu, e teus enganos*, fl. 151 v.  
Soneto — De D. MANUEL DE PORTUGAL.
- 285 *Que desconcerto amor foi ordenar*, fl. 152.  
Soneto — DO MESMO.
- 286 \* *Já tempo foi que meus olhos traziam*, fl. 152.  
Soneto — DO MESMO.
- 287 *Se os que após amor vão suspirando*, fl. 152.  
Soneto — De D. MANUEL DE PORTUGAL.
- 288 *Mil dias ha que espero um soo dia*, 152 v.  
Soneto — DO CONDE DO VIMIOSO.
- 289 \* *Dias ha já que eu soube da ventura*, fl. 152 v.  
Soneto — De CAMÕES.

- 290 \* *Prometi já mil vezes de emendar-me*, fl. 153.  
Soneto — De LUÍS DE CAMÓES.
- 291 \* *Eu que livre cantei ao som as águas*, fl. 153.  
Elegia: Estando cativo em Berberia.  
De DIOGO BERNARDES.
- 292 *Tenho já tanto uso e exercício*, fl. 154 v.  
Soneto — Do DUQUE D'AVEIRO.
- 293 \* *O que te fiz, amor, que mal me tratas*, fl. 154 v.  
Soneto — Do DUQUE D'AVEIRO.
- 294 \* *Mal que de tempo em tempo voi crescendo*,  
fl. 154 v.  
Soneto — Do INFANTE D. LUÍS.
- 295 \* *Sóbre um alto rochedo em Berberia*, fl. 155.  
Elegia: Estando cativo em Berberia.  
De DIOGO BERNARDES.
- 296 \* *Com que voz chorarei meu triste fado*, fl. 156.  
Soneto — De LUÍS DE CAMÓES.
- 297 \* *Já tempo foi que meus olhos folgavam*, fl. 156.  
Soneto — Do MESMO.
- 298 \* *Oh quem dizer pudesse quanto sente*, fl. 156.  
Soneto — DO MESMO.
- 299 \* *Claro e fresco ribeiro, doce e brando*, fl. 156 v.  
Soneto — De DIOGO BERNARDES.
- 300 \* *Após o inverno frio e verão brando*, fl. 156 v.  
Elegia — De DIOGO BERNARDES.

- 301 \* *Após o verão brando e inverno duro*, fl. 158.  
Elegia — De DIOGO BERNARDES.
- 302 \* *Correntes águas frias do Mondego*, fl. 159.  
Elegia — De LUÍS DE CAMÕES.
- 303 *Que cousa seja amor não se comprehende*, fl. 160.  
Soneto — De ESTEVAM ROIZ.
- 304 \* *Quam caro vende amor um gosto seu*, fl. 160.  
Soneto — Do MESMO.
- 305 \* *Os olhos onde o mesmo amor ardia*, fl. 160.  
Soneto — Do MESMO.
- 306 \* *A perfeição, a graça, o suave geito*, fl. 160 v.  
Soneto — Do MESMO.
- 307 *Bem sei que para terem comprimento*, fl. 160 v.  
Soneto — De ESTEVAM ROIZ.
- 308 *Real alma gentil, rara beleza*, fl. 160 v.  
Soneto — Do MESMO.
- 309 *Se suspiros bastassem a mover-vos*, fl. 161.  
Soneto — Do MESMO.
- 310 *Quem não se estará a vida encendendo*, fl. 161.  
Soneto — Do MESMO.
- 311 *Não pode por mais alto a ventura*, fl. 161.  
Soneto — Do MESMO.
- 312 *Estranha perfeição, pura beleza*, fl. 161 v.  
Soneto — Do MESMO.

- 313 *Já tempo foi algum que descuidado*, fl. 161 v.  
Soneto — Do MESMO.
- 314 *Se quisesse fortuna que esperasse*, fl. 161 v.  
Soneto — Do MESMO.
- 315 *Tenho posto o pensamento*, fl. 162.  
Mote com Glosa que principia: *É o mal que amor me deu.*  
De ...?
- 316 *Não sei quem goze mor gloria*, fl. 162.  
Mote com Voltas que principiam: *Ha uma dura questão.*  
De ...?
- 317 \* *Esconde Diana bela, os raios belos*, fl. 162 v.  
Canção — De BERNARDIM RIBEIRO.
- 318 *Aquela rara e nova fermosura.*  
Soneto — De ESTEVAM ROIZ.
- 319 \* *Um brando mover de olhos e piedoso*, fl. 163 v.  
Soneto — De ESTEVAM ROIZ.
- 320 *Amor a quem procuro...*, fl. 163 v.  
Soneto — De ESTEVAM ROIZ.
- 321 *Não é caso horrendo e espantoso*, fl. 163 v.  
Soneto — Do MESMO.
- 322 \* *Duro caso de amor, nunca cuidado*, fl. 164.  
Outavas: Fábula de Narciso.  
De ...?



- 323 *Quando os humidos olhòs feitos fontes*, fl. 171.  
Elegia — De ...?
- 324 \* *Quando descansareis, olhos cansados.*  
Soneto — De ...?
- 325 *Venturosa pedra dura*, fl. 172.  
Quintilhas: A uma senhora que indo  
caminhando se apeou sôbre uma  
pedra.  
De ...?
- 326 *Descontente o prazer se me afigura*, fl. 173.  
Canção — De ...?
- 327 *Qual quem visto o sol tem, em casa escura*,  
fl. 173.  
Elegia — De ...?
- 328 \* *Por Lilia em vivo fogo Aonio ardia*, fl. 173 v.  
Égloga — DO DR. ANTÓNIO FERREIRA.
- 329 \* *O dia em que nasci, moura e pereça*, fl. 174 v.  
Soneto — DE LUÍS DE CAMÓES.

NOTAS RELATIVAS AOS TEXTOS (1)

1 — *Parto amoroso, versos concebidos.* — Este Soneto de *Fernão Correa de Lacerda* (do Tojal, a par de Viseu), afamado como poeta *docto e grave*, pai do

(1) Registo sempre o número de ordem do meu *Índice*, assim como o verso inicial da composição.

Bispo D. Fernando (1), parece era destinado a servir de Prelúdio a uma colecção de Sonetos de amor, por êle dedicados a certa Lises (2). Dêsses Sonetos (quinze no *Canc. F. Th.*) creio que um só se imprimiu até agora: o lindíssimo que principia *Que devo ao monte e ao campo que floresce?* (N.º 20). Com indicação do nome Lacerda nos meus *Sonetos e Sonetistas* (p. 78 seg.); sem êle, no *Cancioneiro Geral* de Barata (miscelânea de textos, bastante deturpados, e mal explorados, impressa em 1902 em Évora), e em vida do próprio autor por entre as *Rimas* do Dr. Estevam Rodrigues de Castro (Florença, 1632)—outra miscelânea, publicada pelo filho do jurisconsulto, em que, apar de versos dêle, há muitos alheios (de Sá de Miranda, Jorge Fernandes, Rodrigues Lobo, Bernardo Rodrigues, Lacerda, Martim de Castro), coleccionados e copiados por ventura *manu propria*, segundo a praxe enganadora de que falei na Introdução.

Um romance (em castelhano) entrara na *Fenix Renascida* (Vol. V, 261), e de lá passou ao *Catálogo* de Garcia Peres (p. 139). Outros, julgo que subsistem num *Florilegio* recopilado por Faria e Sousa para o Conde de Haro, segundo informação de Gallardo no *Ensayo II*, c. 997 (3). Uns vinte, aparentemente di-

(1) O Bispo figura no *Dicc. Bibl.* de Inocência como autor da *Vida de Santa Isabel*. O filho, cujas obras (três volumes na Biblioteca de D. Rodrigo da Cunha, outros na do Cardial de Sousa), ficaram por imprimir, tem biografia na *Bibl. Lus.* — Barbosa Machado especializa, além das obras que conheço, um Poema lírico, intitulado *Pastor de Guadalupe e doze Cartas jocosas*. — Cf. Jacinto Cordeiro, e Garcia Peres (p. 131 e 139).

(2) Êsse nome era familiar a Faria e Sousa (*Rimas* de Camões, I, 140). Cf. *Cod. Ebur.*, CXIV-1-39; assim como os Sonetos 13, 22, 23, 80 do *Cancioneiro F. Th.*, uma *Elegia* (59) e *Liras* (104).

(3) N.º 2168. — A data 1666 não pode ser a da coleccionação,

versos, são mencionados por Barbosa Machado. O poema heróico intitulado *Imperio Lusitano*, existe na Biblioteca de Évora. Quem quiser ocupar-se do poeta e da sua obra, deverá procurar as matrículas dêle no Arquivo da Universidade de Coimbra.

2— *Entre flamas de amor fostes criados.*— De *Martim de Crasto* [Castro do Rio (1)], um dos melhores imitadores do Poeta. — Impresso sem nome de autor na já citada miscelânea de Estevam Rodrigues de Castro(2) (p. 154 da reimpressão de Lourenço Caminha). Há Sonetos dêle em quasi todas as *Silvas Poeticas* do século XVII, tão elegantes e expressivos que vários foram metidos por Faria e Sousa entre as *Rimas* de Camões. P. ex. as quatro que principiam

*Acho-me da fortuna salteado —*

*A peregrinação de um pensamento (N.º 4) —*

*Lembranças de meu bem, doces lembranças (N.º 12) —*

*Quando da vossa vista me apartava.*

4— *A peregrinação de um pensamento.*— De *Martim de Crasto*. — Ocupei-me dêle nas *Obras* de Frei Agostinho da Cruz (3), entre cujos versos anda no Códice Portuense, trasladado provavelmente de um autógrafo do simpático Frade Capucho. — Encorporado nas *Rimas* de Camões pelo polígrafo, embora no manuscrito, em que êle o colhera, estivesse com autoria de Martim de Crasto, exactamente como no de F. Tomás, foi tradu-

visto que Faria e Sousa faleceu em 1649. — Êsse Cancioneiro merece estudo.

(1) Outrora chamei-o *Fluminense*, por engano!

(2) *Ensayo* IV, N.º 3670.

(3) Vol. XXI dos *Subsidios* de Mendes dos Remédios, p. 437,

Nota 42. Cito sempre a edição moderna.



zido para alemão por Storck, e para italiano por Tommaso Cannizzaro. Em redacção castelhana, que me parece ser versão (e não original), figura num Cancioneiro privativo (?) do Conde de Villamediana (*Paris*, N.º 605 do *Fond Espagnol*).

5 — *Perdi-me dentro em mi como em deserto.* — De *Fernão Correia de Lacerda*. — Por ter sido dos Sonetos predilectos de Frei Agostinho da Cruz entrou nas obras dêle (Vid. p. 171 e 437) e também no *Canc. Geral*, publicado por Barata p. 147.

9 — *De cá donde no-mais que imaginar-vos.* — De *Soropita*. — Atribuído a Luis de Camões pelo fabulista-mor que, segundo o seu costume, informa o leitor manhosamente de que «num Ms.» está em nome de Soropita, acrescentando mesmo «e poderá ser, porque foi bom official de Sonetos» (*Rimas* 210). O que subentendo é que êsse manuscrito foi o único em que o viu e colheu.

12 — *Lembranças de meu bem, doces lembranças.* — De *Estevam Roiç* (Rodrigues) *de Crasto*. — Provavelmente de *Martim de Crasto* (1), mas à cautela digamos *de autor incerto*. Conforme deixei exposto em *Sonetos e Sonetistas* (p. 85), nas *Obras* de Frei Agostinho da Cruz (p. 231 e 440), e na versão italiana dos *Sonetti* de Luis de Camões, que devemos a Tommaso Cannizzaro (Bari, 1913, N.º ccxc1), êsse Soneto também foi atribuído ao poeta dos *Lusiadas* pelo fanático polihistor, com quanto no manuscrito-fonte se leia o nome *Martim de Crasto*. «Y no será impossible, porque el escrebió muchos versos dignos de que los estimasse mi Poeta,

(1) Um mero *Crasto* pode ter duas interpretações da parte dos copistas.



de quien presumo será esse!»!—A meu ver, Frei Agostinho não seria senão admirador e trasladador.

14— *Que lugar, tempo, estado ou esperança.* — De *Martim de Crasto.* — Esse também figura nas *Obras* de Frei Agostinho, tanto no códice conimbricense como no portuense (p. 138 e 436).

18— *Contentamentos meus que já passastes.* — De *Francisco de Andrade.* — Repetido mais abaixo (49) como de Luís de Camões. Daquêl poeta, pertencente à família em que o Poeta provavelmente viveu na sua mocidade, çomo educador de D. António de Noronha, e da sua paixão por Caterina de Ataíde, conto ocupar-me ao falar da Elegia: *Belisa, unico bem desta alma* ou *Belisa uma só alma desta vida* (N.º 61). O Soneto ainda não entrou nas *Obras* de Luís de Camões. Foi publicado todavia por T. Braga no seu *Camões, Obra epica e lyrica* (1911 p. 221), e traduzida para italiano por Cannizzaro. É outra joia das que figuram nas *Rimas* de Frei Agostinho da Cruz. Desta vez como «Mote alheio» ou tema, visto que em duas Oitavas êle glosou o verso inicial e final do Soneto (Vid. *Subsidios*, p. 232 e seg. e 440, assim como *Sonetos e Sonetistas*, p. 89).

Revedo agora os materiais, que há muito recolhi e aproveitei, descobri erros, meus e alheios. Em primeiro lugar vi que na impressão de T. Braga falta o terceto final, lacuna que preencho reproduzindo integralmente o Soneto, que de resto me parece um tanto escuro ou complicado:

¡ *Contentamentos meus, que já passastes*  
*e só de vós ficou o sentimento,*  
não sei em que trazeis o fundamento,  
se haviéis de tornar quando chegastes !

Se foi comigo só o que usastes  
(no-mais que com a vista um cumprimento),  
de vós me vingo, que em fim sois vento:  
em vento edifiquei, vento ficastes.

Quem se fia em amor, quem tam mal sente  
que em êle se confia ou põe firmeza,  
desastres da fortuna não vigia.

Em fim, já agora sei que é ser contente:  
nunca já mais de si deu mor certeza  
que dele se não ter perfeito dia!

Em segundo lugar reconheci que o Soneto, reproduzido nas Obras de Frei Agostinho, tem de comum com o camoniano apenas — o verso inicial e o do fim. Eis o seu teor:

*Contentamentos meus que já passastes*  
trocando a vida alegre que vivia  
por êste mal que passo, que um só dia  
me não deixou (1) depois que me deixastes,

Acabar me convém, pois acabastes  
de dar-me o desengano que encobria  
uma esperança vã, que me trazia  
contente, a qual também me já tirastes.

Os olhos que Amor sempre guiava,  
aonde eu tinha firme o pensamento,  
quando vossa presença me alegrava,

Agora choram vosso apartamento  
que lhe[s] tirou um bem que os sustentava!  
*e só de vós ficou o sentimento!*

Num, temos as rimas *astes ento ento astes etc. ente eza ia*; no outro *astes ia ia astes etc. e ava ento etc.* O tema da Glosa de Frei Agostinho é constituído pelo dístico:

*Contentamentos meus que já passastes...*  
*... e só de vós ficou o sentimento.*

(1) No original há a forma verbal *deixam* que não está em concordância com *mal*.

Em terceiro lugar eu deveria ter verificado, se o texto atribuído a *Francisco de Andrade* no *Cancioneiro F. Tomás* (N.º 18) é o *camoniano*, ou o *augustiniano*. Infelizmente, já não posso fazê-lo, porque me não é dado tornar a consultar o manuscrito. Só o actual possuidor dêle pode responder. Entre os *Inéditos* de Andrade que copiei, nenhum dos dois figura, de onde concluo, hesitando todavia, que se tratava realmente de uma *doublette*.

19 — *Amor que em sombras vans do pensamento.* — De *Soropita*. — Com essa mesma alcunha de Fernão Rodrigues Lobo, o Soneto entrou nas *Rimas* do Dr. Estevam (p. 169 da reimpressão de 1792). — Terceira documentação existe no facto de Faria e Sousa, ao metê-lo entre os Sonetos de Camões, ter confessado que «num» manuscrito andava como obra do notável jurista. Retocando-o hàbilmente deu-lhe a lição: *Amor que em sonhos vãos...*

20 — *Que devo ao monte e ao campo que florece.* — De *Fernão Correa de Lacerda*. — Já disse na Anotação ao N.º 1 que o lindo Soneto anda desde 1623 nas *Rimas* do Dr. Estevam, sobrescritado com as iniciais *D. F. C.* [=De Fernão Correa] (p. 160 da reimpressão); e que êle se acha igualmente como *De Fernão Correa*, e com o acrescento *A. D. J.* (que não sei explicar) no *Cancioneiro Geral* de Barata, para onde passou do códice Eborense CXIV-2-2. Criticamente depurado, reimprimi-o nos *Sonetos*, acompanhando-o de uma bela redacção castelhana (p. 78-80). São três testemunhos, não contraditados por qualquer outro coleccionador. — Pelo contrário, ainda posso juntar o testemunho do *Cod. Ebor.* CXII-12-2, f. 151. — Todos falam, a meu ver, com bastante clareza, a favor da autoria do poeta por-



tuguês. E a invocação da *Ingrata Lises* (ou *Divina Lises*) no verso 9, indício insufficiente por si só, completa os outros três. A sua substituição em castelhano pela *Lalage* de Horácio, claro que nada prova.

38 — *Posto que sofra amor apartamento*. — De *Soropita*. — Embora de amor profano, anda nas *Obras* de Frei Agostinho, uma vez no códice conimbricense, e duas vezes no conimbricense (Vid. p. 164 e 437 da edição do Dr. Mendes dos Remédios).

50 — *Memoria de meu bem colhido em flores*. — De *Luis de Camões*. — Colhido no *Cancioneiro de Luis Franco* pelo Visconde de Juromenha (f. 119) e impresso por êle (ed. de 1861, Vol. II, N.º 337) e posteriormente por T. Braga (N.º 319); traduzido por Storck e Cannizzaro, fica agora autenticado pela atribuição do *Cancioneiro F. Tomás*.

51 — *Fermoso Tejo meu, quam diferente*. — De *Francisco Mendes*. — Uma das melhores joias líricas, atribuída a diversos, conforme expliquei nos *Sonetos*, p. 89 e nas *Notas* à tradução de Cannizzaro (N.º 349, p. 270), e foi posteriormente com amplitude exposto por Ricardo Jorge no seu movimentado estudo sobre o autor da *Primavera e Côte na Aldeia* (*Revista da Universidade de Coimbrã*; e *Separata* p. 361).

53 — *Claros olhos azuis, olhos fermosos*. — De *Luis de Camões*. — Êste Soneto, não admitido por ora no *Parnaso* do Poeta, trasladado apenas por T. Braga (p. 222) (1) e por Antonio Padula no opúsculo *Camoens petrarchista* (p. 71, em tradução italiana de Cannizzaro) fôra metido em 1623 nas *Rimas* do Dr. Estevam (p. 168 da reimpressão). E a êle pertence provável-

(1) Além de pontuação irracional há no verso 11 o êrro *justamente*, por *justamente*.



mente. Que eu saiba, Camões nunca prestou homenagem directamente a olhos azues. Apenas diz uma vez que *ouro e azul* é a melhor côr por que a gente se perde. Em regra enaltece olhos verdes, ao passo que Soropita dedicou várias poesias a *Claros olhos azues* e à *cor do ceu* (Vid. N.º 191 e 192).

54 — *Serenos olhos, doce movimento.* — De *Duarte Dias*. — Desconhecendo a edição das *Varias Obras* dêsse autor (1592, Madrid) ignoro se nela se encontra êsse Soneto.

58 — *As maritimas ninfas do Oceano.* — De *Caminha*. — Essa composição foi por mim junta às 544 inéditas que o Dr. J. Priebsch colheu em 1898 nos Códices de Lisboa e Londres (1). Posteriormente encontrei-o no *Codice Eborensis* XIV-2-2, f. 216, de onde também o foi tirar A. F. Barata, afim de o incorporar no seu *Cancioneiro Geral* (p. 18). No último verso lê-se aí, e deve ler-se, *séculos* e não *siglos lá*, como no do *Canc. F. Tomás*. No estudo que a edição Priebsch me recebeu, (*Revue Hispanique VIII*), explico (p. 47 da Separata) que o Soneto não foi feito à morte do Conde da Feira, mas sim à de um filho dêsse Conde, D. Leonis Pereira, o vencedor de Malaca.

61 — *Belisa, uma só alma desta alma triste.* — Esta Elegia sôbre uma formosíssima e amadíssima mas cruelíssima dama, conquanto epigrafada *De Luís de Camões*, tem provavelmente outro autor: *Francisco de Andrade*. No *Cancioneiro Luís Franco*, que foi colleccionado por um poeta relacionado com os melhores quinhentistas, de 1557 a 1589, em geral correcto nas atribuições (2) e riquíssimo sobretudo em originaes de

(1) *Poesias Ineditas de P. de Andrade Caminha*, N.º 545.

(2) Não é culpa de Luís Franco, se os modernos exploradores

Luis de Camões, muito mais do que qualquer outro Florilégio subsistente, ela figura (af. 221), como obra dêsse poeta, mais conhecido como épico e cronista de D. João III, em redacção algo mais completa e perfeita (1) do que a do *Cancioneiro Fernandes Thomás*; sendo seguida imediatamente dos *Tercetos de Filomena*, que saíram em 1561 anónimos, mas são atribuídos em regra a *Andrade*. P. ex. por Barbosa Machado (2), e pelo Conde de Ericeira (3). O polígrafo Faria e Sousa, que foi o primeiro a imprimir a *Elegia* (4), confessa igualmente que no último dos manuscritos que aproveitara, a obra estava como de Francisco de Andrade, e dizia *Felicia* em vez de *Belisa* (5). O mesmo benemérito mas fanático camonólogo, caluniador e rouba-honras de todos os mais poetas quinhentistas, como não me farto de registrar, adjudicou ainda assim a *Elegia* ao seu idolo «porque há nela coisas indubitavelmente camonianas», como se um coevo, amigo, admirador e sobretudo imitador do Mestre, não pudesse ter

(o Visconde de Juromenha e T. Braga) atribuem a Camões textos que (imperfeitos) andam no Florilégio sem nome de autor.

(1) Principia p. ex., segundo a minha leitura: *Belisa, um só amor desta alma triste*.

(2) *Biblioteca Lusitana*, II, p. 104

(3) Inocência, II, p. 334. — Cf. Mendes dos Remédios: *Philomena de S. Boaventura reimpressa em harmonia com a edição de 1661* (Coimbra, 1907).

(4) *Rimas Varias de Camões*, Vol. IV, p. 59.

(5) *Felicia* é nome que não ocorre nas obras de Camões. — *Belisa* sim, anagrama de *Isabel*, com a variante *Sibela*, p. ex. nas Eglogas III, IV, VII. Por isso temos hoje *Belisa* em todas as três redacções subsistentes da *Elegia*, mesmo na dos Cancioneiros Luis Franco e Fernandes Tomás. Faria e Sousa, sempre inventivo, finge que em um manuscrito havia o nome de *Felicia* e que em outro o de Francisco de Andrade, *entrando também com Felicia*.

tais «coisas camonianas». Quero e posso todavia crer, à vista do *Cancioneiro Fernandes Tomás*, que também procedeu assim porque realmente a encontrara com o nome *De Luís de Camões*, em qualquer dos numerosos manuscritos que explorara. O facto de êle ter alterado o texto *ad libitum*, como era seu costume, êsse é inegável; e também a tendência dos coleccionadores de versos, de atribuírem a Luís de Camões tudo quanto lhes agradasse.

Não me parece inútil acrescentar dois pormenores. 1.º) *Felicio* era criptónimo de Andrade. Barbosa Machado, pelo menos, regista entre os manuscritos dêle, que viu, uma *Historia pastoril de Felicio e Delia*; e sobretudo outra *Elegia à morte de Caterina de Ataide, em que são interlocutores Felicio e Silvano* (1). 2.º) O tal último manuscrito a que Faria e Sousa se refere numerosas vezes nos seus Comentários, foi provavelmente uma *Silva poetica*, coleccionada por Francisco de Andrade, cheia, como todas as mais, de composições do próprio autor e de poesias alheias, sobretudo do Príncipe dos poetas do seu tempo(2), com o qual convivera na casa dos condes de Linhares.

Já me ocupei da *Elegia* problemática(3), diversas

(1) E a *Égloga elegiaca* que desde 1779 anda nas obras de Camões, pelo quero-mando-e posso de Faria e Sousa, sendo interlocutores *Soliso e Silvano*! Dela me ocuparei em outra parte.

(2) Nos *Comentarios* ao Soneto *Fermosura do ceo a nós des-cida*, attribuído a Camões desde 1595, Faria e Sousa informa p. ex o leitor de que nesse último manuscrito tinha a epígrafe *A Dona Guiomar Enriques quando entrou no paço da Infante D. Maria em 1566* e estava em nome de ...*Francisco de Andrade*!

(3) Francisco de Andrade era um dos distintíssimos e cultíssimos irmãos da Condeessa D. Violante, visto que seu pai era o



vezes (1), sobretudo quando ia acompanhando com investigações auxiliares a admirável tradução comentada das Obras completas (*Sämmtliche Werke*), de Luís de Camões, com que Wilhelm Storck enriqueceu as minhas duas pátrias (2); e novamente quando verti para português a biografia com que o ilustre lusófilo coroou a sua magna empresa camoniana (3).

Conservo inédito o ensaio que então dediquei a Francisco de Andrade e Caterina de Ataíde, e em especial à Elegia em questão, assim como à *Egloga elegiaca à morte de D. Caterina de Ataíde, Dama da Rainha* (4). Nêle acentuo propositadamente o facto, aliás conhecido, de o título dessa *Égloga* nos haver revelado o nome *Caterina de Ataíde*, desconhecido antes que Faria e Sousa o tornasse notório como uma das figuras femininas cantadas por Luís de Camões, e igualmente por Francisco de Andrade, e Pedro de Andrade Caminha (5).

opulento dono da Casa da Anunciada, o Tesoureiro Fernão Álvares de Andrade, herdada posteriormente pelo Conde de Ericeira.

(1) Concisamente, no 1.º artigo que dediquei aos Apócrifos Camoneanos em 1882, na *Revista da Sociedade de Instrução*, p. 119.

(2) Publiquei-as em alemão na *Zeitschrift*, 1883 (Vol. VII, p. 130-157 e 494-530); *ib.*, 1884 (Vol. VIII, p. 1-23).

(3) *Vida e Obras de Luís de Camões* (1897). Veja-se o Capítulo X, *Os amores de Camões*, sobretudo os parágrafos 150 e 156.

(4) As minhas investigações estavam destinadas a formar o Vol. II da edição académica, mas não saíram por motivos económicos.

(5) Claro que uma *Égloga* quinhentista a uma dama da Rainha, chamada Caterina de Ataíde, estava predestinada a entrar nas *Rimas* do Poeta desde o dia em que Faria e Sousa, guiado por uma observação de J. Pinto Ribeiro, tinha reparado nos *Sonetos*



Do meu já amarelecido manuscrito vou extrair agora os tópicos principais, relativos à Elegia.

No texto conservado por Luís Franco, a Elegia, em que o próprio Andrade parece ter substituído o nome *Felicia* por *Belisa*, a Elegia consta de 81 Tercetos. Outros tantos tinha ela no original copiado pelo colecionador do Cancioneiro de que estou a tratar. Nesse traslado falta apenas um terceto (o 83.º) por descuido, conforme se nota na falta de três versos com as rimas *ea e ona*.

Faria e Sousa conheceu também a redacção com 81 tercetos (1). Visto que não subsiste a de 40 tercetos, devemos crer, conhecendo os processos do amoral letrado, que êle as reduziu a metade porque a maior parte era mediocre — *de mala desistion* (sic) (2). Deixou subsistir apenas os que tinham sabor camoniano: *feições airosas e um encarecimento affectuoso*. Assim, a redacção abreviada, tocada e retocada pela varinha de condão do hábil Comentador, saiu naturalmente mais apurada do que a primitiva, tão apurada mesmo que a

*Todo animal de calma repousava*, em que figura o pastor *Liso*, e *Na metade do ceo subido ardia*, em que figuram *Liso e Natercia*; forjando depois o banal Acróstico dos dois nomes (*Lume desta vida*), e falsificando outra meia-dúzia de textôs em que substituiu nomes como *Delio e Marilia* ou *Damon e Marfisa* por *Liso e Natercia* (ou *Soliso e Natercia*). — A Égloga significativa é a XV entre as de Camões, e foi impressa pela primeira vez pelo Padre J. Tomás de Aquino, sucessor de Faria e Sousa no pôsto de roubahonras, sobretudo quanto ao suave *cantor do Lima*, Diogo Bernardes. Os dois pastores *Soliso* (ou *Felício*) e *Silvano* representam provavelmente Camões e Andrade, ou talvez Andrade e Caminha.

(1) *Rimas Varias*, Vol. IV, p. 59.

(2) Ignoro a significação que F. S. dava a êsse termo. ¿Seria *desinência*? ou *redacção*?

espécie comum do «pio leitor» gostou e não reclamou contra a fraude. Ainda assim é muito pouco perfeita, como deve reconhecer quem ler com critério, autênticas poesias camonianas.

Pronta em 1645 (no refazimento souseano), a *Elegia* não foi impressa senão quarenta anos mais tarde, no último dos cinco tomos das *Rimas Varias comentadas*— dos oito que o filho do autor, o Capitão Pedro de Faria, entregara ao impressor António Craësbeeck de Melo.

Não entrara na edição muito importante de Inéditos camonianos que no meio-tempo com data de 1668 fôra publicada como *Terceira Parte (sc. das Rimas) tiradas de vários manuscritos, muitas da letra do mesmo autor* por um afamado e intelectual patriota, o fundador da *Academia dos Generosos*(1), D. António Alvares da Cunha. Esse sobrinho dilecto do grande Arcebispo-bibliófilo D. Rodrigo da Cunha, comquanto não fôsse tão activo e curioso vasculhador de papéis como Faria e Sousa, tivera ensejo de em casa do tio manusear preciosos manuscritos, e entre êles provavelmente autógrafos de Camões(2) e também de Francisco de Andrade.

(1) A respeito dessa Academia e dos seus sócios veja-se: Prestage, *D. Francisco Manuel de Mello*, p. 300-327.

(2) D. Rodrigo era aparentemente venerador e conhecedor da obra de Camões. O livreiro Domingos Fernandes ofereceu-lhe em 1609 uma edição dos *Lusiadas*, e em 1616 a *Segunda parte das Rimas de Camões* que contêm valiosos inéditos, agradecendo-lhe a mercê de haver certificado serem do Autor a maior parte dos inéditos (e de ter dado ajuda de custo para a impressão). — Li (infelizmente não apontei onde) que em poder do Arcebispo havia um manuscrito com versos de Camões, datado de 1568. — O *Catálogo* da livraria do Arcebispo, frequentemente citado por Barbosa Machado, é, também por desgraça, *introuvable*. — Cfr. Inocência, II, p. 51.

Creio que viu e consultou também os volumes de Faria e Sousa, porque estiveram depositados, de 1666 em diante, em casa do Craësbeeck (1), o qual ia publicando trabalhos do próprio D. António (2). A não ser assim, utilizou em parte os mesmos originaes que o incansável polyglota explorara (3). Quanto a Sonetos, a *Terceira Parte* tem de comum com as *Rimas Varias* uns sessenta; tem de privativo uns trinta e tantos, e não aproveitou setenta, colleccionados por Faria e Sousa. As lições dos sessenta, comuns a ambos, divergem em regra, e às vezes profundissimamente. Não posso por isso suspeitar, como faz Storck, da lealdade de Álvares da Cunha. Quanto ao seu critério, errou muita vez na escolha dos versos.

Basta dizer que foi êle quem meteu entre as *Rimas de Camões* a *Carta do Dr. Antonio Ferreira a El-Rei D. Sebastião: Rei bemaventurado em quem parece!* (4)

(1) Temos a prova de que D. António Álvares viu os oito volumes das *Rimas Varias*, na censura que êle fez da *Europa* do polygrafo (1678). Vid. Juromenha, I, p. 336 e Inocência, V, p. 415.

(2) P. ex., em 1669 o *Obelisco* e a *Escola de Verdades*; e a *Carta* a João Nunes da Cunha.

(3) Na Dedicatória ao Príncipe Regente, o futuro D. Pedro II, seu protector, D. António diz alguma coisa das suas fontes: mas vagamente e retòricamente, como era uso do tempo e da nação. Conta que a edição se compõe de «Rimas que a Alta Providencia deixou para satisfazer o merecido a êste tão insigne autor, encobrindo-as com as trevas do esquecimento mais de cem anos, para que saíssem à luz, entregues à protecção de S. A.!! etc., etc.... e posteriormente «os trabalhos dos estudos lhe trouxeram à mão em vários dos manuscritos, muitos da letra própria do Autor, versos ainda não vistos do grande Poeta».

(4) *Habent sua fata libelli*. — A *Égloga* ou antes *Carta I a D. Sebastião*, impressa desde 1598 nos *Poemas Lusitanos* (e posteriormente em todas as reedições), foi propagada em vida do Dr. Ferreira em manuscrito, como todos os versos de Clássicos



Entre as Elegias que êle acrescentou às anteriormente publicadas, todas elas colhidas na colecção souzeana, falta exactamente e exclusivamente a de *Belisa*. É fácil supôr que a excluiria por ter reconhecido a autoria de Francisco de Andrade.

Fácil, mas muito incerto; e impossível é prová-lo. Só posso constatar o facto.

Dos indícios exteriores que falam a favor de Andrade, passemos às exteriores. Já conhecemos parte da crítica de Faria relativa aos 81 tercetos: *lo más de mala desistion, el resto, indubitavelmente do Poeta*. Continuando assenta que, se Luís de Camões assim a fez, cerceou-a depois com a lima(1). E se foi Andrade, estendeu-a.

Entendo que mais justo seria dizer: se Andrade fez longa a Elegia, foi Camões quem a abreviou. E se o Camões a fez curta, alargou-a Francisco de Andrade. É interessante ouvir agora a opinião de T. Braga.

portugueses. De aí a possibilidade de ter sido intercalada, com attribuição errónea, em Florilégios e Poéticas Silvas. — Em nome de Camões appareceu em 1668 na *Terceira Parte das Rimas*, publicada por Álvares da Cunha. Assim mesmo a imprimiram os editores da *Biblioteca Portuguesa* em 1852; e o próprio Visconde de Juromenha, embora conhecesse o verdadeiro autor, não a excluiu da sua opulenta edição (vol. III, 237; cf. p. 512). Como novidade (!) deu-a o Sr. Barata no seu variegado *Cancioneiro Geral* (de Évora) p. 183. E seu apresentador, Teófilo Braga, fez suposições gratuitas sôbre o autor *desconhecido* (!), afirmando que aquella linguagem máscula, sentenciosa, e, vibrantemente poética, só a possuía Camões! (ib., p. xxiii). Leia-se o que a êste respeito escreveu o General Brito Rebêlo no *Archivo Historico Portuguez*, I, 140. E também o que o próprio T. Braga dissera na *Biblioteca da Actualidade*, Vol. III, p. v-vi.

(1) Os textos camonianos que possuímos apresentam muitas variantes. Não me lembro todavia de nenhum autêntico, que exista, em redacções tão alteradas como as de *Belisa*.



Na sua *Historia de Camões*(1), estão tresladados os primeiros quatro tercetos. Dêles e dos restantes, em que por bons motivos não reconheceu a garra do leão, diz que revelam o carácter mediocre e a incapacidade de um imitador! Acha que são martelados na mesma corda (*sic*), com um esforço mais próximo da negação poética do que as próprias composições de Andrade Caminha. Encontra-lhes uma cansada e consciente monotonia, certo prosaísmo, e mesmo os vícios maus do *humanismo jesuítico*!!

Essa crítica refere-se à 81 tercetos de Andrade. A mediocricidade dêles, transformou-se imediatamente em *ouro puro* camoniano, quando os viu tocados e abreviados por Faria e Sousa, já o disse, mais acima (2).

O confronto dos textos, que facilito ao leitor, — imprimindo as tais redacções no Capítulo V, e numerando os tercetos — mostra às claras que das duas hipóteses de Faria e Sousa, só a primeira é válida, se a transformarmos um pouco: Andrade escreveu 81 tercetos que Faria e Sousa reduziu a 40, camonizando-os *ad maiorem poetae gloriam*, isto é, introduzindo frases como *formosa fera* (v. 4); *ganhada e perdida* (v. 6); *a nodoa da crueldade* (v. 9); *olimpica beleza* (v. 42), etc., etc.

Os cortes que fez, obrigaram-no naturalmente a redigir um terceto de transição, por causa das rimas, mas também para ligar as ideias. Peço ao leitor que analise os tercetos 12.º, 28.º e 38.º (3), e que depois diga, se tenho razão.

(1) Primeira edição (de 1875), Vol. II, p. 546.

(2) Na edição da *Actualidade* nem mesmo se mencionam as Variantes do Canc. Luís Franco (vol. III, p. 121). — Na do Visconde de Juromenha (vol. III, p. 193 e 485) acontece o mesmo. Confesso não compreender êsse procedimento.

(3) O original remodelado por Faria e Sousa parece ter sido

63 — *Horas breves do meu contentamento.* — De Diogo Bernardes. — Êste afamadíssimo e discutidíssimo Soneto serve aqui de tema a uma *Glosa* de Soropita em catorze Oitavas. E êsse primeiro editor das *Rimas* de Camões, atribue-o não ao Poeta, mas sim ao autor das *Flores do Lima*, nas quais anda desde 1596. ? Quem pode exigir mais do que essas três provas? Quanto aos diversos poetas, em cujo nome aparece, e aos glosadores, já me ocupei dêles no tratado sôbre *Sonetos e Sonetistas*, p. 45-55 e 61, Nota 4.<sup>a</sup> — O primeiro que o usurpou para o autor dos *Lusiadas*, fôra, como quási sempre, Faria e Sousa, cujos manuscritos, impressos tarde, em 1685, tinham sido utilizados pelo editor de 1668 — segundo já contei; isto é por António Álvares da Cunha.

65 — *A bela mão que em seda de ouro e prata.* — De Fernando Alvares. — Faz parte da *Lusitania Transformada* (Livro III, Prosa XIV). Só compreenderá bem o Soneto quem souber que êle é resposta à pastora Laurélia que começava a favorecer Florimonte; e em sinal de amor lhe mandara uma bolsinha de seda verde, lavrada toda com SS de ouro e prata, que simbolizam grilhões.

66 — *Se uma alma noutra por amor liada.* — De Fernando Alvares. — Também faz parte da novela pastoril citada, Prosa XIII. Florimonte, namorado de Silvia, verte lágrimas, banhando com elas uma trança

nem o que Luís Franco utilizou, nem o que serviu de original ao copista do *Cancioneiro de Fernandes Tomás*. Os dois divergem um do outro bastantès vezes. Mas no fundo são iguais. As variantes são do género das com que cada poeta português sabe alterar os seus modelos, sem escrúpulos, julgando melhorar a obra alheia.

que essa lhe dera, roubando-lhe em troca o seu coração.

68 — *Eu me parto de vós, águas do Tejo.* — De Diogo Bernardes. — Impresso desde 1596 nas *Flores do Lima* (Soneto XXVI), onde está no meio de um ciclo relativo a Lisboa, que abrange treze peças (XXII a XXXIV). Êste facto de modo algum tirou, aguçou pelo contrário, a gana de Faria e Sousa de o vindicar para o seu Poeta. Tratando o suave cantor do Lima (*Rimas* 260 *b*) de ladrão daquele *Parnaso*, em que o autor dos *Lusiadas* trabalhara em Moçambique, nega redondamente factos documentados da vida de Bernardes, como a sua estada em Lisboa. Desta vez há todavia para a errónea atribuição uma sombra de desculpa: o próprio Soropita acolhera a linda composição nas *Rimas* de Camões (LXI). O êrro foi contudo emendado, tácitamente, por omissão, logo na reimpressão de 1598. Álvares da Cunha e Faria e Sousa tornaram todavia a cometê-lo, propositadamente pelo menos o segundo.

70 — *Co tempo o prado seco reverdece.* — De Baltasar Estação. — A atribuição confirma o que já se sabia a respeito dêste imitadíssimo Soneto, relativo a um tema universal: a acção do *Tempo*. Impresso em 1604 nas *Rimas* do Padre Baltasar Estação, irmão do antiquário Gaspar (*Sonetos, Canções, Eglogas e outras Rimas*, Coimbra) claro que é obra dêle. Ainda assim, o Visconde de Juromenha (N.º 316) e T. Braga (N.º 346) o admitiram no *Parnaso* de Camões! Cf. N.º 87.

73 — *Amor mil vezes já me tem mostrado.* — De Camões. — Inédito e ainda não metido nas *Rimas* do Poeta. Impresso todavia na obra já tantas vezes citada de T. Braga (p. 222). — Confesso não compreender os



tercetos. O verso 8 deve ser: *pós, por essa maneira, o tempo e o fado.*

74 — *Fermoso moço que no ceo descanças.* — De *Camões.* — *Á morte do Bisconde de Lima. D. B.* — Exemplo significativo de como poesias do suave cantor do Lima entraram, *per nefas*, nas do Poeta! — Não há indício algum de que Luís de Camões estivesse relacionado com os nobres *Limas*, os quais durante século e meio foram chamados por antonomasia *os Viscondes*, e com razão, visto que não havia outros em Portugal (1). Quanto a Bernardes, já era em teoria provável que o *suave cantor do Lima* conhecesse e festejasse aqueles outros *Limas* que enaltecera o nome do rio. E na realidade há nas *Rimas ao bom Jesus* (p. 164 da edição de 1770) uma *Elegia à morte de D. João, filho de D. Fernando Visconde de Vila Nova de Cerveira*, que principia

*Ah triste rio Lima, ah cruel rio  
como te não secaste quando viste  
outro mais claro Lima morto e frio!*

Há mais do que isso, todavia. À tal *Elegia* segue-se um *Soneto ao mesmo* (p. 167), que é *ipsis verbis* o de que estou a tratar. Não há que duvidar portanto. O *Fermoso moço* é D. João, primogénito de D. Fernando (2), que morrera muito prematuramente, creio que com menos de sete anos, visto que o poeta o trata de « anjo novo », isto é, de « *anjinho* ». — E a epígrafe do nosso Cancioneiro quer dizer: *Soneto à morte de*

(1) Vid. A. Braamcamp Freire, *Os Brasões de Cintra*, II, p. 280-295.

(2) Braamcamp Freire, p. 290 e 477 dá o nome Francisco ao 5.º Visconde, falecido em 1578.



*D. João, filho de D. Fernando, 5.º Visconde de Vila Nova de Cerveira; [De] Diogo Bernardes.*

76 — *Conversação doméstica afeiçoa.* — De *F. R. Soropita.* — Outra atribuição errônea, a meu ver. — Anda nas *Rimas* de Camões desde 1598 e a êle é attribuído no *Cancioneiro de Luís Franco* (f. 60, com duas variantes). E em nenhum outro manuscrito o encontrei até agora, em nome de Soropita.

77 — *Tenho um bem que mal me trata.* — Êste Mote antigo, em estilo de quadra popular, bastante vulgar, estava em voga em volta de 1600. — Não foi glosado sòmente pelo *António Siqueira do Cancioneiro F. Tomás* (1). — Sei de um Anónimo que o parafraseou em Décimas, conservadas no *Cod. Ebor.* XIV-2-2, f. 201, e passadas daí ao *Cancioneiro Geral* de Barata (p. 15) (2). E sei de mais duas. Uma no *Pastor Peregrino*, Jornada X (p. 301), e na *Primavera* (I, 9) de Francisco Rodriguez Lobo; outra do seu rival, Eloiio de Sá nas *Ribeiras do Mondego* (V, p. 149). — Glosa em Oitavilhas que principia: *Tanto bem quero a meu mal.*

81 — *Daquela vista honesta.* — *Canção.* — De *Fernando Álvares.* — Encontra-se realmente no Livro II, intercalada na *Prosa VII da Lusitania Transformada.*

83 — *Atrevido pensamento.* — *Romance.* — De *Francisco Roiz Lobo.* — Não é inédito, como erradamente eu disse nos *Romances Velhos* (p. 279, Nota 8.<sup>a</sup>). Pertence à *Primavera*, onde Lereno o canta (*Livro I, Floresta I, 5*) e onde dá margem a o Bucolista se enfeitar com a glória falsa de ter sido o primeiro romancista português! É acima de tudo, o Romance que levou Camilo

(1) *Pode uma imaginação.*

(2) *Quanto mais morro, mais vivo.* — É inadmissível dividir as Décimas de uma *Glosa em Quintilhas.*

Castelo Branco a acreditar nos amores românticos (atrevidos e perigosos por desproporção) de Lobo pela aia do Duque de Caminha, a que aludiu o Bispo do Grão-Pará. Vid. Ricardo Jorge, *Francisco Rodrigues Lobo*. (*Revista da Universidade*, Vol. III, p. 76).— Cfr. N.º 98 e 102.

85 — *Não de cores fingidas*.— *Canção*.— *De Camões*.— Inédita até 1887, foi, conforme deixei dito na Introdução, apresentada aos leitores do *Circulo Camonian*, I, 134, pelo próprio Anibal Fernandes Tomás, como amostra das novidades contidas no seu *Cancioneiro*.— Esse belo estudo é tradução livre, ou adaptação da Ode de Horácio *Non ebur neque aureum Mea renidet in domo lacunar* (II, 18). ¿ Mas será realmente obra de Camões? ¿ Ou será de Jorge Fernandes, o Fradinho da Rainha, do qual publiquei outra Ode Horaciana, III, 24, *Intactis opulentior — Ainda que do ceo vos seja dada* — também relativa á *aurea mediocritas* na *Zeitschrift* (VIII, p. 268), colhida no *Cancioneiro de Juro-menha*? — Ou talvez do erudito André Falcão de Resende que nos legou um livro inteiro de *Odas de Horacio* (1)? — A forma estrófica escolhida é a das *Liras*, introduzida por Garcilaso de la Vega nas literaturas peninsulares, e que se presta õptimamente para o género (*ababbcc* e *abbacc ababb*).

Por me parecer interessante direi que as duas Odes que citei, são acrescentos ao admirável *Horacio en España* de Menéndez y Pelayo (2); ou antes aos belos Ca-

(1) P. 163-269 da edição incompleta de Coimbra, 1878.

(2) A 1.ª edição é de 1878; a 2.ª de 1885, das *Obras Completas* do autor (2 vols.). — No Vol. I há de p. 239-290 um suculeto estudo sôbre *Traductores Portuguezes de Horacio*; no Vol. II, p. 293-354 outro igualmente belo sôbre *La Poesia Horaciana en*

pítulos da obra, em que estudou as imitações e traduções de Portugueses — obra infelizmente tão pouco manuseada entre nós que o mesmo benemérito publicador dos *Subsidios*, não o citou ao tratar da *Castro*, como obra-prima do poeta que merece o titulo de honra de *Segundo Horacio!*

87 — *Como poderá dar do tempo conta.* — *Soneto*. De *João Ribeiro*. — Trasladei êste Soneto, na ocasião inédito, e a respeito dêle me ocupei de alguns outros, em que, com mais ou menos filosofia, se trata quer sòmente da acção destruidora do *Tempo*, quer da *conta*, que o homem terá de dar um dia do emprêgo do que lhe fôra concedido, num opúsculo intitulado *Notas a Sonetos Anonimos* (Paris, 1900, p. 20 e seg.).

Eis a minha lista de Sonetos, relativos ao *Tempo*, já larga, mas que seguramente ainda é sensível de outros acrescentos.

GRUPO I.º

*Com o tempo o prado seco reverdece.*

De Baltasar Estaço. — Vid. N.º 70.

*De tempo em tempo tudo vai andando.*

Do mesmo Baltasar Estaço, segundo o *Códice Conimbricense* N.º 338 (f. 423).

*O tempo está vingado à custa minha.*

Atribuido a Camões pelo Visconde de Juromenha (N.º 312; T. Braga, 344; vid. *Zeitschrift*, VIII) unicamente por no *Cancioneiro* dêle preceder Trovas do Poeta. Talvez tradução do castelhano.

*Portugal.* — A importância do trabalho juvenil de Pelayo ressalta bem do *compte-rendu* de Emilio Huebner (em *Nord und Süd*, Vol. 46, fasc. 136).



*Con el tiempo el leon, aunque inhumano.*

Anónimo. — *Rev. Hisp.*, VI, p. 394, N.º 118.

*Con tiempo el año, el dia, el mes, la hora.*

Anónimo. — *Rev. Hisp.*, VI, p. 387, N.º 106.

*Con tiempo passa el año, más la hora.*

Da *Silva Curiosa* de Julio Iñiguez de Medrano (1583). — *Rev. Hisp.*, VI, p. 387, N.º 106<sup>a</sup> e *Juro-menha*, II, 493, com variantes.

*El tiempo está vingado a custa mia.*

Redacção castelhana, original de *O tempo está vingado à custa minha* (*Cod. Ebor.*, CXIV-2-2, p. 212 v.).

GRUPO 2.º

*Como poderá dar do tempo conta.*

Atribuído a João Ribeiro no *Cancioneiro* de que estou a tratar (a f. 33) e impresso por mim no opúsculo, cujo titulo indiquei.

*Dos anos mal gastados pede a conta.*

Perestrelo, ed. Caminha, p. 80.

*O tempo já de si me pede conta.*

Da *Miscelanea* de Leitão Andrade, p. XVIII.

*Pede-me de si mesmo o tempo conta.*

Atribuído a Martim de Castro no *Cod. Ebor.*, CXIV-2-2 (f. 234 v.); e impresso por Barata no *Cancioneiro Geral*, p. 73, mas numa redacção



que diverge do texto de Leitão em todos os quatorze versos.

*Pide-me de mi mesmo el tiempo cuenta.*

Redacção castelhana, extraída do *Viaje a Argel* de Frei Bartolomé Serrano (ms. de 1671) por Gallardo no *Ensayo* (IV. c. 598). Ignoro se outro Soneto que, segundo Morel-Fatio se encontra no Ms. 63o da Biblioteca Nacional de Paris, começando com o mesmo verso, marcado com o nome *Almazan* (1), é idêntico ou diverso.

*Larga cuenta que dar de tiempo largo.*

É uma Oitava dita *de Montalto* que li no *Ms. Port.* 419 (f. 72).

Podíamos juntar ainda ao Grupo 1.º o Soneto de Jorge da Silva

*Todas as cousas tem seu próprio tempo.*

Barata, p. 27, *Cancioneiro de Évora*, p. 57 e T. Braga, Camões, II, 307;

e ao Grupo 2.º, embora só se fale neles de *Contas* a dar, os três Sonetos seguintes:

*De tudo quanto fiz, quis fazer conta.*

Epigrafeado *Contas a Deus* no *Cancioneiro* de Barata (p. 146);

*Vinde cá, pensamento, vinde à conta.*

*Ib.*, p. 137.

(1) Êsse *Almazan* talvez seja *Agustin*, autor de certo *Momo*, do meado do século xvi. Vid. Gallardo, *Ensayo*, N.º 138 e 139.

Assim como

*Contas que traz amor com meus cuidados.*

Tirado por Juromenha (N.º 305) do manuscrito de  
D. Cecília de Portugal.

88 — *Sobre o verde esmalte a bela aurora.* — *Elegia.*  
De António Ferreira. — Não anda nos *Poemas Lusitanos!* E é até hoje o único inédito do *Segundo Horácio*, que eu conheço! — ; Mas será realmente dêle? ; Teremos de reconhecê-lo no *Albano* que se queixa de uma *Silvia*? ; E essa *Silvia* será a mesma que Bernardes festejou nas suas *Eglogas XIV e XVIII* e na *Elegia 2.ª* das *Flores do Lima*? O protagonista é lá todavia *Alcido* (e não *Albano*). A *XIVª* que principia *Cantava Alcido um dia ao som das águas*, seja dito de passagem, é a que mais agradou aos quinhentistas e seiscentistas. — É uma das joias do *Cancioneiro* de Luís Franco (f. 217). Lope cita-a no seu *Láurel de Apolo*; e Eloi alude a ela nas *Ribeiras do Mondego* (p. 36). — Caminha festejara também uma *Silvia* na sua mocidade (D. Margarida da *Silva*). — ; Infelizmente não posso reproduzir o suposto Inédito do Dr. Ferreira! Desapareceu-me, nem sei explicar como.

89 — *Não voa pelo céu com tanta graça.* — *Epigrama.*  
De Luís de Camões. *Ao Senhor D. Duarte, saindo em um jogo de canas.* — Nas obras de Camões não há vestígio de relações dêle com o Senhor D. Duarte. Eram íntimas, pelo contrário, as que ligavam êsse príncipe ao seu camareiro, o poeta Pedro de Andrade Caminha, a ponto tal que êsse lhe dedicou todos os seus versos, tanto os publicados em 1791, como os que o Dr. J. Pribsch deu à luz em 1898. Tendo em vista, além

disso, de um lado que a abreviatura *Cam.* pode significar *Camões* ou *Caminha* (1), e do outro lado que temos no *Cancioneiro Fernandes Tomás* pelo menos três textos de *Caminha* — e Soneto a D. Leonis Pereira (N.º 58), e mais duas Elegias (N.º 300 e 301) com falsas atribuições embora — é mais racional atribuímos também êste *Epi-grama* e mais outro, de que logo terei de falar (N.º 105), a *Caminha*, que nos legou 288 e mais 27 brincadeiras do mesmo género, do que a Luís de Camões, que não o cultivou! Publiquei-o, conforme já disse na Introdução, no estudo sôbre *Pedro de Andrade Caminha* (a p. 109; cfr. p. 49).

92 — *Brandas aguas do Tejo que passando.* — Soneto. De *Diogo Bernardes*. — Publicado nas *Flores do Lima*, como segunda parcela do ciclo, que Limiano dedicou aos campos e às águas do Tejo, ao qual já me referi (N.º 68). Essa auto-atribuição é confirmada não só pelo *Cancioneiro Fernandes Tomás*, mas também pela colecção infelizmente perdida do Padre Pedro Ribeiro; se as indicações dadas por T. Braga a p. 143 do seu *Camões, Poesia Lírica e Épica*, fôssem certas. Infelizmente não são. — O Soneto de que estou a tratar, não estava no *Cancioneiro* do Padre Pedro Ribeiro. Nem tão pouco entre os de Bernardes! — Álvares da Cunha e Faria e Sousa incluíram-no todavia nas *Rimas* do Poeta que veneravam sem critério (N.º 195).

93 — *Contam de Policrates venturoso.* — De *Baltasar Estação*. — Creio que está na edição de 1604.

96 — *Ceo inclinado sôbre a terra dura.* — De *Fernando Alvarez*. — Está na *Lusitania Transformada*,

(1) Numa Anotação remeti já o leitor às notícias que, a êsse respeito, dei no *Sá de Miranda*, na *Zeitschrift*, e no opúsculo relativo a *Pedro de Andrade Caminha* (p. 51).



Livro III, Prosa VI (p. 399) e é cantado ao som do seu rabil pelo pastor Silvio, satisfeito, mas ainda assim pesaroso de lágrimas que viu derramar a Lénia, fermosa mas ingrata pastora.

97 — *Água com justa causa derramada.* — *Soneto.* De *Fernando Alvares.* — Réplica de outro pastor ao antecedente (p. 400).

98 — *De cima deste penedo.* — *Romance.* — De *Francisco Rodrigues Lobo.* — Vid. *Primavera III, Floresta III*, p. 224.

103 — *Mil anos há que busco a minha estrela.* — *Soneto.* — De *Francisco Rodrigues Lobo.* — Creio que é inédito.

105 — *Não corre o ceo o astro tão fermoso.* — *Epigrama.* — De *Luis de Camões A El Rey D. Sebastião sayndo aos touros.* — Verdade é que o Poeta se dirigiu ao reinante no primeiro e no último Canto dos *Lustadas*, e nas *Oitavas sobre a Setta que o Santo Padre mandou a El Rey Dom Sebastião no ano do Senhor de 1575.* — Contudo, não creio que o *Epigrama* encomiástico seja seu, pelos motivos expostos a respeito do N.º 89. Sendo de Caminha é provável fôsse escrito antes de 1574. — Cfr. C. M. de Vasconcelos, *Pedro de Andrade Caminha*, p. 109.

106 — *Que gritos são os que ouço? De tristeza.* — *Soneto.* — De *Luis de Camões. A morte da Princesa de Portugal.* — Suponho, hesitando todavia, que seja também de Caminha esta poesia, escrita em 1573, por ocasião do falecimento em Madrid de D. Joana, viúva do Príncipe D. João, e mãe de D. Sebastião. — Cfr. *Pedro de Andrade Caminha*, p. 51 e 110 e *A Infanta D. Maria e as suas Damas*, Nota 240 b. A minha hesitação provém da sentida homenagem ao régio par, pres-



tada por Luís de Camões na sua formosa *Égloga I* (de Umbrano e Frondelio). Mas isso fôra em 1554.

108 — *Com sua claridade o sol feria.* — Soneto. — De *Fernando Alvarez*. — Vid. *Lusitania Transformada*, Livro III, Prosa X (p. 449).

109 — *Vosso valor o coração me acende.* — Soneto. De *Fernando Alvares*. — Ib., Livro III, Prosa VIII (p. 422).

110 — *Buscando o largo mar Nabão formoso.* — De *Fernando Alvares*. — *Egloga Nabancia cujos interlocutores se chamam Jasminio, Urbano, Rogerio.* — Vid. *Lusitania Transformada*, Livro I, Prosa XI (p. 123).

111 — *Oh ceos de cujo movimento vario.* — Soneto. De *Eloyo de Saa*. — Não o encontro nas *Ribeiras do Mondego*. — Talvez inédito.

113 — *Tesouro por mãos de amor.* — Romance. — De *Francisco Rodrigues Lobo*. — Está no *Pastor Peregrino*, Jornada II, 5 (p. 332).

114 — *Pois que trazeis pendurado.* — Mote com *Volts*. De *Francisco Rodrigues Lobo*. — Vid. *Pastor Peregrino*, Jornada VII (p. 283).

115 — *Por passos sem esperança.* — Mote com *Glosa*. De *Francisco Rodrigues Lobo*. — Vid. *Pastor Peregrino*, Jornada V (p. 271).

118 — *Se lá no reino antarctico subido.* — Soneto. De *Loyo de Saa*. — Não está nas *Ribeiras do Mondego*. Talvez inédito.

120 — *A mais pesada e grave dor que sente.* — Soneto. De *Fernando Alvares*. — *Lusitania Transformada*, Livro III, Prosa VI (p. 396).

122 — *Vivas memorias, mortas esperanças.* — Com *Glosa*. — De *Francisco Rodrigues Lobo*. — Vid. *Primavera, Floresta* II (p. 235). A *Glosa* da Oitava parece-me inédita.

123 — *Desaparecem já por mais que estendo.* — *Soneto.* — De *Diogo Bernardes.* — Vid. *Flores do Lima*, N.º XXVIII. É o terceiro número do ciclo relativo ao Tejo, que nos mostra o poeta, namorado em Lisboa, na volta à sua pátria, Ponte da Barca. À procura do motivo por que Faria e Sousa o não usurparia para o seu Poeta, reparo em que, com saudades só da paisagem, êle não se refere às *Tagides*.

124 — *Já do Mondego as águas aparecem.* — *Soneto.* De *Diogo Bernardes.* — Êste sim, quarta parcela do mesmo ciclo, *Flores do Lima*, N.º XXIX, entrou nas edições de Álvares da Cunha e Faria e Sousa, porque Soneto tão mavioso podia ser obra sòmente de Luís de Camões!

128 — *Despojos tristes de um contentamento.* — *Capítulo de Soropita.* — Essa Elegia *À morte de um contentamento*, inspirada talvez por um retrato da amada, é de *Soropita*, não sòmente segundo o *Cancioneiro Fernandes Tomás*, mas também, segundo o códice de Tibaes, explorado por C. C. Branco (*Poesias e Prosas Ineditas de Fernão Rodrigues Lobo Soropita*, 1868, p. 29). Anda entre os versos de Frei Agostinho da Cruz que, segundo conjecturas do illustre romancista, teria, na aspérrima montanha dos franciscanos reformados, trazido à religião aquele poeta mundano, desafortunado «em seguimento de vícios e prodigalidades» (Cfr. *Subsidios*, p. 316 e 441; e 53). Creio haver dito já que a meu ver, êle se regalava na sua solidão a copiar e reler versos que admiradores e amigos como Soropita, Andrade, Martim de Crasto, Lacerda e Gregório Silvestre, lhe mandavam.

136 — *Esses cabelos louros escolhidos.* — *Soneto.* De *Soropita.* — O mesmo texto, com bastantes variantes embora, entrou nas *Rimas* de Camões por artimanhas

de Álvares da Cunha e Faria e Sousa. As variantes, tenho-as em conta de retoques do polígrafo.

141 — *Pastora só no vestido.* — *Décimas.* — De Francisco Rodrigues Lobo. — Veja-se *O Desenganado*, Discurso XIX, p. 447.

142 — *Ferindo o sol sobre as ondas.* — *Romance.* De Francisco Rodrigues Lobo. — Vid. *Pastor Peregrino*, Jornada V (p. 268).

143 — *Noites liberaes.* — *Endechas.* — De Francisco Rodrigues Lobo. — Vid. *O Desenganado*, Discurso XV, p. 429.

144 — *Quanto mais, menos ventura.* — Mote com Glosa. — De Fernando Alvarez. — Veja-se *Lusitania Transformada*, III, Prosa VI (p. 402, *Sempre amor mais livre peito*).

147 — *Sem ventura é por demais.* — Mote com Glosa. De João Pinheiro. — O mesmo Mote já fôra glosado por Luís de Camões, mas diversamente.

148 — *Vejo que tudo tem fim.* — Mote com Glosa. De Luís da Costa Serrão. — Este Mote, pôsto talvez a concurso em qualquer reunião académica, foi glosado por mais dois poetas, anónimos eborenses, cujas obras se conservam no *Códice Eborense*, CXIV-2-2. Entraram no *Canc. Geral* de Barata. A p. 38 há

*Tudo que vejo tem fim,  
só eu no mal que padeço  
não acho se não começo!*

com Glosa que principia: *Os Sertorios cannibaes.*

E a p. 68 (f. 200 b) lê-se novamente:

*Tudo o que vejo tem fim,  
só eu no mal que padeço  
não acho senão começo!*

com Glosa que diz: *Tal é a vista que tenho.*



149 — *Tristezas pois me buscais.* — *Cantiga com Voltas.* De Francisco Rodrigues Lobo. — Vid. *Primavera, Floresta* III, p. 136.

158 a — *Quem ama sem esperança.* — *Proposta.*

158 b — *Ninguem ama sem querer.* — *Resposta.*

158 c — *Amor que a proprio respeito.* — *Outra Resposta.* — De Francisco Rodrigues Lobo. — Vid. *Pastor Peregrino*, p. 201. — Cfr. o que digo a respeito dos N.<sup>os</sup> 175 a 178.

158 — *Aqui neste deserto, seco e pobre.* — *Elegia Penitencial.* — De Soropita. — Como o N.<sup>o</sup> 128, é obra de Soropita que, trasladada por Frei Agostinho, passou às cópias das poesias dêle que se conservam em Coimbra e no Pôrto. E esta, mais do que a outra, torna provável a suposição que, desgraçado não sem culpa, o humorista se refugiase na Serra da Arrábida, afim de fazer penitência, instigado amoravelmente pelo piedoso anacoreta. Tanto mais assim que, no manuscrito de Tibaes, editado por C. C. Branco tem a epigrafe *Elegia da minha penitencia.*

160 — *Foi-se gastando a esperança.* — *Mote com Voltas.* — De João Pinheiro. — A cantiguinha, palaciana, em estilo popular, agradou aos Quinhentistas. Conheço, além das Voltas de João Pinheiro, uma Glosa, atribuída a Camões que começa *Nunca em prazeres passados*; outra de um fidalgo português, cativo em Berberia, depois de Alcácer-Quibir, cujo início é *Fiç torres de pensamentos* (*Inéditos* publicados por A. Lourenço Caminha, Vol. II, p. 240).

No *Cancioneiro de Évora*, editado sem sufficiente critério por V. E. Hardung, e que é reprodução do *Códice CXIV-1-17*, o Mote figura como N.<sup>o</sup> 18; arbitrariamente colado a outros três Motes diversos.



162 — *Ainda que do ceo vos seja dada.* — Ode de Horácio. De Fernão Rodrigues Soropita. — Conforme já disse na Introdução dêste estudo, a tradução da Ode 24 do Livro 3.º de Horácio *Intactis opulentior* é atribuída no Manuscrito de Juromenha, de que tratei na *Zeitschrift*, VIII a Jorge Fernandes, o Fradinho da Rainha (l. c. p. 628). As poucas amostras do talento dêsse poeta não me capacitam a dizer, se o estilo é dêle. Quanto ao Soropita, êsse não é nada horaciano. Há outra tradução da mesma Ode, de André Falcão de Rêsende (p. 256 da edição incompleta) mais concisa, mas menos poética. Ela não foi especializada por Pelayo, no seu *Horacio en España*. Cfr. N.º 85.

163 — *Mais obriga a razão do que o costume.* — Glosa. — De Fernando Alvares. — Três parafrases dessa sentença *de nós ouvida, tantas vezes e outras tantas repetida*, encontram-se na *Lusitania Transformada*, Livro II, Prosa V, p. 214 a 215. A primeira delas, numa Oitava que principia *Faz no tempo o costume fundamento*, é a que está no *Cancioneiro Fernandes Tomás*, a f. 70 v. — Desconsolada estou de não poder dizer a que poesia pertence.

164 — *Uso, no mal ou bem continuado.* — Glosa em forma de Soneto, do mesmo autor e do mesmo verso sentencioso que tenho em conta de camoniano, sem ser capaz de dizer a que Soneto, Égloga, Elegia ou Canção pertence. — *Lusitania Transformada*, II, 5, p. 215.

165 — *O tempo tudo faz, tudo consume.* — Terceira parafrase, em forma de estrofe de Canção petrarquesca, do verso sentencioso tratado no N.º 163. — *Lusitania Transformada*, p. 214.

166 — *Aquele humano esfinge que tormento.* — Soneto. De Fernão Alvares.

167 — *Na Ilha Cypro a Venus dedicada.* — *Soneto.*  
— Do mesmo.

168 — *Um monstro horrendo foi na Caledonia.* —  
*Soneto.* — Do mesmo.

Todos os três relativos a Polifemo, como monstruosa progénie de Mercúrio e a Filáucia — símbolo do mercantilismo que se apoderara do Ocidente da Europa — formam na *Prosa V* do *Livro Segundo* da *Lusitania Transformada*, um conjunto, cujas ideas ainda são reforçadas nas *Glosas ao Mote Mais obriga a razão que o costume*, porque, segundo Fernão Álvares, o sofrimento humano é reforçado umas vezes pela *Razão* que despreza os trabalhos, e outras vezes pelo *Costume* que os facilita para os poder sobrelevar. «E se culpas nossas, do Costume em nosso dano sustentadas, são a causa dêstes infortúnios, na mesma sentença achamos o remédio delas».

169 — *O brando amor, mas em meu dano forte.* — *Soneto.* — De *Fernando Álvares.* — É glosa do verso *Nem morte mudará meu pensamento*, que na *Lusitania Transformada* serve de divisa à pastora Madalena (*Livro II, Prosa X, p. 301 e 278*). Julgo ser do próprio Fernão Álvares, e não *Mote alheio*.

175 a 178 — São quatro *Propostas* (da laia dos que os trovadores discutiam em tenções e submetiam ao tribunal «volante» das damas do seu tempo), com as respectivas *Respostas*, que juntamente com as que constituem o N.º 158, formam o recheio da *Floresta sétima da Segunda Parte da Primavera* de Francisco Rodrigues Lobo, a qual se passa nas margens do Mondego (p. 170-212; e p. 199 da edição vulgarizadora de 1723). — Visto que registei cuidadosamente no *Índice* umas e outras, escuso dar aqui novamente os primeiros versos

e o tema de cada. Acrescentarei todavia para elucidar o leitor, que os jogos de espirito da sociedade pastoril, que o Lobo nos apresenta, se realizaram diante de um templo de Diana. No friso do portal dêle aparece de repente milagrosamente uma táboa dourada que entre muitos debuxos tinha entalhadas as cinco perguntas a que me refiro, e também indicação dos prémios deputados para quem melhor lhes respondesse!

A resposta à primeira pergunta *¿ Quem ama sem esperança, Se ama mais perfeitamente? (N.º 158ª)* é de um chamado Ardenio (*Ninguem* etc.), a segunda da pastora Dinarea. Ostentando humildade o poeta junta-lhe a observação que «para perguntas amorosas bem bastam rústicos pastores, ao passo que só a avisadas damas e amantes cortesãos é concedido responder a elas com verdadeira satisfação».

181 — *Alta serra deserta donde vejo.* — *Elegia de Frei...* O título *Á Serra da Arrabida* torna logo provável que o autor fôsse *Frei Agostinho da Cruz*. E realmente o texto foi-lhe atribuído em 1771 por José Caetano de Mesquita, por constar do manuscrito que os frades do Convento dos Capuchos lhe haviam entregado. De mais a mais encontra-se no códice conimbricense e no da Biblioteca do Pôrto (Vid. *Subsidios XXI*, p. 89 e 431, Nota 23).

182 — *Segura fé com esperança incerta.* — *Oitavas.* — De *Estevam Roiç.* — Não estão nos *Ineditos* de A. L. Caminha, nem nos extractos que Gallardo tirou das *Rimas* (de 1623; N.º 3670), nem tão pouco entre os versos do Doutor, metidos por Faria e Sousa no *Florelegio* destinado ao Conde de Haro (N.º 2168).

183 — *Com voz desordenada, sem sentido.* — *Soneto.* — De *Luís de Camões.* — Essa pequenina pastoral ro-



mântica, em que *Silvano*, queixoso dos rigores de uma *ninfa*, se esforça a si próprio, é um dos vinte e sete *Inéditos* do Poeta, ou (melhor) dos *Inéditos* atribuídos ao Poeta, que se encontram no *Cancioneiro Fernandes Tomás*. Ainda não recolhido em nenhuma das edições dos Sonetos, foi impresso todavia por T. Braga, num dos seus últimos livros sôbre Camões (p. 223), a tantas vezes citada *Obra Lírica e Épica*, e traduzida por Cannizzaro (N.º 389).

O texto exige retoques, diversos dos que T. Braga lhe deu. Desaprovando aqueles, fico igualmente pouco contente com os que aventurei, lendo:

Com voz desordenada, sem sentido,  
e com olhos de lágrimas cobertos,  
soltava o peito — em ásperos desertos,  
entre um vale escuro, empedernido —

Silvano triste, a quem endurecido  
têm de uma bela ninfa os desconcertos,  
perdida a esperança dos incertos  
bens em que a fortuna o há metido;

Mas, volto em si um pouco, alentava  
a si próprio o pastor esta tristeza:  
« Levanta, oh coração já desmaiado ! »

E canta, como quem melhor se achava:  
« Não desmaies, espirito, na pobreza,  
que a *Fortuna* da *Razão* é mau treslado ! »

O conceito e o estilo não me parecem todavia camonianos. Parece obra de um principiante conceituoso.

184 — *Descalço e sem chapeu, Apolo louro.* — *Soneto.*  
— De *Luís de Camões.* — Em primeiro lugar seja dito que a epígrafe *Acaba de pedir um vestido ao Senhor*



*D. Duarte* está em contradição com o texto, que nos mostra o pedinte — pedinte, embora formule brincando e com chiste o seu desejo — sem chapéu (como se fôsse mouro) e descalço, mas *dos mais vestidos bem ataviado*. Em segundo lugar fixarei que êsse Soneto, inédito como o anterior até há pouco, é um dos que nos deixam perplexos, incertos sôbre o direito de o aproveitarmos como autobiográfico, para a vida do Poeta. — T. Braga já o fez (*Camões, Epoca e Vida*, p. 745), aventando imediatamente uma interpretação absolutamente fantástica. Segundo êle, o motivo do pedido é o desejo, enunciado por Luís de Camões em 1572 depois da impressão dos *Lusíadas*, de tomar parte numa expedição bélica a França, em favor dos católicos, prometida depois da matança dos Huguenotes, por D. Sebastião, e capitaneada pelo Senhor D. Duarte!

Finalmente devo lembrar que eu, por desconhecer relações do Poeta com o Senhor D. Duarte, tentei atribuir o Soneto a *Caminha*, que como camareiro do príncipe o via e lhe falava dia a dia (Vid. Introdução; o opúsculo sôbre *Pedro de Andrade Caminha*; e as Notas que acima dediquei aos N.<sup>os</sup> 89, 105 e 106). — Verdade é todavia que nas poesias dêle, pedantescas e cortesanescas, mas sempre dignas, não há *peditórios*, ao passo que as tristezas e os desvairios do genial Camões o levaram mais de uma vez a comer o pão da caridade, a pedir e aceitar trabalhos de encomenda, e a lembrar a um e outro Mecenas, escasso ou olvidadiço, a remuneração devida de serviços artísticos prestados, socorrendo-se assim de *tanta necessidade aborrecida*. ¿Será preciso lembrar ao leitor a fábula do Jau e da mulata Luísa Bárbara?

A balança oscila portanto.

186 — *Pois nesse paraíso terreal.* — *Soneto.* — Do *Fradinho da Rainha.* — *Ao Cano dos Amores.* — Introduzi em 1913 o texto num estudo sobre *Inês de Castro e a Fonte dos Amores*, destinado a entrar num volume camoniano, — a favor do monumento a *Camões estudante em Coimbra.* — Não teve publicidade até agora.

191 — *Fermosos olhos que ao ceo que se mostra.* — *Soneto.* — De *Soropita.* — Sem nome de autor entrou nas *Rimas* do Dr. Estêvam Rodrigues de Castro (p. 166, *Soneto XX*, da reimpressão de A. L. Caminha), — facto que de modo algum fala contra a autoria indicada. — Julgo até que será do mesmo Soropita o Soneto inédito (XXI), que é outro panegírico da *côr do céu*: e igualmente o que, logo depois (XXII), principia *Claros olhos azues, olhos formosos.* Esse último, atribuído expressamente a Fernão Rodrigues Lobo, isto é, ao *Soropita*, figura — como já mostrei, sob N.º 53 — no *Cancioneiro Fernandes Tomás*, como obra de Camões. Lá disse que a sentença *Ouro e azul é a melhor côr por que a gente se perde*, é um dito dêle, mas que em regra vemos enaltecidos nos seus versos, os *olhos verdes* de Natércia.

O texto impresso pelo filho do Dr. Estêvam tem algumas variantes.

193 — *Quando de ambos os ceos caindo estava.* — *Soneto.* — De *Soropita.* — Já deixei dito nas *Anotações às Obras de Frei Agostinho da Cruz* que este Soneto de amor profano a uns olhos que choravam, se encontra com diversos outros do mesmo Soropita no apógrafo conimbricense e no portuense do Capuchinho. E como propriedade dêle foi impresso por C. C. Branco nas *Poesias e Prosas de Soropita* (p. 43). — Referi-me também a um Soneto Castelhana que principia *Quando de*



*entrambos cielos el rocío*, e que deve ser quer original, quer versão do português.

197 — *Pois tudo tão pouco dura.* — *Mote com Voltas.* — De *Soropita*. — Já foi impresso nos *Inéditos* de A. L. Caminha, isto é nas *Rimas de Estevam Rodrigues de Castro* (I, 192). No primeiro verso da *Glosa* há *Acabe-se com a vida*. Julgo que a lição verdadeira é *Acaba-se*.

199 — *Num solitário vale fresco e verde.* — *Egloga.* — De *Diogo Bernardes*. — É a conhecida *Égloga II* do *Lima*, escrita em 1554, ou pouco depois, em *Ponte da Barca onde em veia doce e vagarosa O Vez no Lima entrando o nome perde.* — *Égloga*, na qual *Limiano* (isto é *Diogo*) e *Melibeu*, forma anagramática de *Limabeu* (= *Agostinho*) e mais um conterrâneo deles (*Tirse-Bacarrao*) pranteiam a morte de um belo *Adonis*, ou seja do juvenil Príncipe D. João — *Égloga* que apesar de tudo, *Faria e Sousa* vindicou para o seu Poeta, embora no *Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro* de 1577 figure também como obra do suave Cantor do *Lima*.

200 — *Depois que o mundo começou.* — *Prosa do Descobrimento das ilhas da poesia. Primeira Parte.* — De *Soropita*. — Essa prosa humorística foi publicada por C. C. Branco (p. 101) incompleta. As variantes do *Cancioneiro Fernandes Tomás* são tantas e tão profundas que seria preciso imprimí-las de novo.

200 a — *Quando o passado bem me representa.* — Essa *Elegia*, intercalada na *Prosa* (C. C. Branco, p. 110-113) já fôra anteriormente dada à luz pelo Visconde de Juromenha (III, 219), como *Elegia 26.<sup>a</sup>* de *Camões* com a nótula *escrita provàvelmente na Índia*. Ele tirara-a contudo, bastante deturpada, de um ma-



nuscrito onde tinha o título de *Saudades, a huma Senhora que estava em Sacavem em huma quinta sua*. Nas *Anotações*, Camilo (9.<sup>a</sup>, p. 165-174) satiriza Juro-menha por haver dado fé a essa epígrafe.—É todavia possível que no manuscrito aproveitado a tivesse, visto que Soropita diz nos tercetos que eles vinham com o sangue na guelra, feitas de fresco, a uma senhora de muito merecimento, mas ausente, emquanto êle namoradíssimo carregava na praia do Tejo com o pêso das suas saudades.

Com evidente alusão e imitação da 1.<sup>a</sup> *Carta da India* de Camões, acrescenta ainda que *namorado rapara as ordens ha dias a cuidados namorosos «enforcando a quantas esperanças té então dera de comer, com pregão publico por falsificadores de moeda»*.

O artifício secreto dos tercetos revesados já foi desvendado por Camilo, mas não com sufficiente clareza. Consiste em que todos os tercetos ímpares contém repetição de um certo vocábulo.

No 1.<sup>o</sup> de *mais*.

No 3.<sup>o</sup> de *mór*.

No 5.<sup>o</sup> de *alcançar*.

No 7.<sup>o</sup> de *tudo*.

No 9.<sup>o</sup> de *perder*.

No 11.<sup>o</sup> de *montar*.

No 13.<sup>o</sup> de *atalhar*.

No 15.<sup>o</sup> de *dobrar*.

No 17.<sup>o</sup> de *assistir*.

No 19.<sup>o</sup> de *em vão*.

Nos tercetos pares há pelo contrário, antítese entre a rima do verso segundo e terceiro.

No 2.<sup>o</sup> *tristeza e contentamento*.

No 4.<sup>o</sup> *cobrá-la e perdê-la*.



No 6.º *descuido e cuidado.*

No 8.º *esquecida e lembrada.*

No 10.º *afronta e cortesia.*

No 12.º *trabalha e descansa.*

No 14.º *descobre e cala.*

No 16.º *triste e contente.*

No 18.º *concede e tolhe.*

No 20.º *vida e morte.*

201 a — *Naquela parte da alma onde se encerra.* —  
*Capítulo.* — De *Soropita.* — Intercalado na Segunda Parte do *Descobrimento das ilhas da poesia.* Tanto andaram os bons dos picadeiros, N.º 200. Em C. C. Branco, p. 116, o texto é fundamentalmente diverso. O verso de Petrarca *Intenda-mi chi può che m'intend'io*, com que termina a poesia, intitulada *Casa da Lembrança*, precedido da premissa *E se claro não sou no que publico*, não passou despercebido a Camilo que lhe dedicou uma Nota (a 10.ª a p. 174). Sabia que êsse verso andava muito na complacência dos Seiscentistas, porque conhecia as doze Glosas que Caminha lhe dedicara, construindo delas a Elegia XXIII. — Mas subtraiu-se à fadiga de verificar o passo. — Êle pertence (como verso 17.º) à curiosa *Canção IX*, escrita propositadamente em enigmas *Mai non vo' più cantar com'io solea* e foi tanto do agrado dos Petrarquistas peninsulares que vários a imitaram. Além de Soropita e Caminha, glosaram e citaram o *Intenda-mi* p. ex. Diogo Bernardes na Carta XXIV, e Gutierre de Cetina no seu Soneto IV. Baltasar d'Estação termina uma das suas poesias (f. 29) com a tradução: *Vede se me entendeis, que eu bem me entendo.*

202 — *Des que jaço nesta terra.*

202 a — *Amor por vosso amor me açouta e pinga.*

— Carta em prosa, com um Soneto intercalado que o Soropita escreveu a instâncias do negro do abadinho, Manuel Soares, à filha do Marquês de Vilareal de quem o negro se namorara, e estava ausente. — Vid. C. C. Branco, p. 10. Com variantes.

203 — *Ao som de um berimbau Luís cantava.* — *Elegia de um negro namorado para sua negra dama.* — De Soropita. — Essa caricatura, traçada pela pena humorística de Soropita, foi relacionada pelo Visconde de Juromenha com o cantor dos *Lusiadas*, por ela ser dirigida por um *Luís* a uma *Luisa*, homónima da regateira cujos melões o Chiado, ao desafio com o Poeta, ganhara, improvisando quadras! e também porque o Camões cantou as graças da escrava Bárbara, ou Bárbara Luísa! (Vid. Juromenha, I, 137 e 506). Não nos diz onde encontrou o original, ainda inédito em 1863; comunica apenas o terceto inicial e o final.

205 — *Apolo, Deus da rabeça, amigo Lerenó.* — De Diogo de Sousa.

206 — *Depois de aquele caso desestrado.* — *Segunda Parte.* — Do mesmo. — Ambas as Partes da prosa satírica das *Cortes de Apolo* encontram-se na *Fenix Renascida*, Tômó V, 1-38 (1728). Há separata de 1794.

210 — *Nunca desegei cousa como ter.* — *Parrafo sobre as barbas.* — De Soropita. — Impresso, com variantes, por C. C. Branco (p. 57).

211 — *Afuera! afuera! pensamientos mios!* — *Sátira contra o amor.* — De Soropita. — Vid. C. C. Branco, p. 47. No fim faltam ao texto de Tibaes seis tercetos, o último dos quais termina com o verso italiano

*mille piaceri no vagliono un tormento*

que debalde procurei nas poesias de Petrarca.

212 — *Primeiramente todos os primogenitos.* — *Regimento escolastico para estudantes.* — De Soropita. — C. C. Branco, p. 1. Quási sem variantes.

213 — *Refere-se na vida do Cid Rui Dias.* — *Comentarios saragoçanos sobre os desposorios da saudade com o descontentamento.* — De Soropita. — C. C. Branco, p. 35. Com poucas variantes.

214 — *Por não ouvir tantas vezes.* — *Prognostico do ano de 1595.* . . — De Soropita. — C. C. Branco, p. 77. Com diversas variantes.

226 — *Se acaso o que tenho ouvido.* — *Décimas a Fernando do Poo.* — De Tomás de Noronha. — Andam na *Fenix Renascida*, Tômô V, e foram reproduzidas nos *Subsidios*, II, p. xxx.

229 — *La mar en medio y tierras he dexado.* — *Carta.* — De Soropita. — Essa carta em estilo familiar camoniano a um amigo, em que lhe dá conta do que passou quando se saiu de Lisboa pela vinda dos Ingleses no ano de 1581» passou do manuscrito de Tibaes à edição de C. C. Branco (p. 13), em lição um tanto diversa da do *Cancioneiro Fernandes Tomás*. Reconhecendo que a citação castelhana, com que abre, fôra aproveitada anteriormente na *Segunda Carta da India* por Luís de Camões, não se lembrou logo (p. 159) da sua autoria. Mas finalmente (p. 178) chegou a reconhecer que ela é o início do Soneto V de Garcilaso.

233 — *Mais afeiçoado às boas partes de V. M.* — *Carta a Josefa Vaca.* — Esta carta de um *Anónimo*, de espírito bocagiano, à comedianta Josefa Vaca, saiu impressa na monumental obra de Ricardo Jorge, relativa a Francisco Rodrigues Lobo (na *Revista da Universidade de Coimbra*, Vol. III, p. 558-559), porque em dois manuscritos por êle manuseados (na Biblioteca



Nacional e na da Ajuda) anda encabeçada no Lobo da *Primavera e Corte na Aldeia*. — Quanto ao marido de J. V. e à estada do formosíssimo par na capital portuguesa há aí mesmo, e em outra publicação do mesmo crítico, indicações erróneas. No libelo *Contra um plagio* o sábio autor afirma (p. 46) que a actriz nos visitou antes de 1615, pois veio com o marido *Alonso Morales, o Divino*, «Príncipe dos representantes» e êle morreu nesse ano. Ignoro a fonte. Mas sei que o marido ainda estava vivo em 1634 e não se chamava *Alonso*, mas sim *Juan de Morales (Medrano)*. Houve confusão entre dois irmãos, e as datas de ambas as vidas. — Quem duvidar leia, no conscienciosíssimo estudo de Hugo Rennert *Spanish Actors and Actresses*, os artigos dedicados a *Alonso de Morales* (p. 106); *Juan de Morales Medrano* (p. 109); *Josefa Vaca de Mendi* (p. 181) e *Mariana de Morales*, filha de Juan e Jusepa, que já representava admiravelmente em 1618 (p. 108), na idade de quinze primaveras. E bom será também que todos se inteirem dos dados comunicados por D. Maria Goyri e seu esposo D. Ramon Menendez Pidal na excelente edição da *Serrana de la Vera* de Luis Velez de Guevara (1916) (1).

· 239 — *De amor escrevo, de amor trato e vivo*. — *Soneto*. — De *Luis de Camões*. — Nas *Rimas* do Poeta anda desde 1668 e 1685, introduzido por Faria e Sousa, embora êste o tivesse encontrado num Manuscrito encabeçado em *Luis Álvares Pereira Brandão*, o afamado

(1) P. S. de 1922. — Quanto ao autor provável da Carta festinina assentei na *Introdução* à Conferência do Dr. Ricardo Jorge sobre *A Intercultura de Portugal e Espanha no passado e no futuro* (Pôrto, 1921) que um jovem estudioso prometia provar a autoria do mundaníssimo António Soares da Fonseca.



autor da *Elegiada*. Sem nome de autor está no *Cod. Ebor.*, CXIV-1-17, f. 39 v. (Vid. Hardung, p. 66). À vista da atribuição do *Cancioneiro Fernandes Tomás*, teremos de classificá-lo como *De autor incerto*. As variantes foram extraídas por Braga, *Camões: Epica e Lirica*, p. 227.

240 — *Entre as nuves se esconde o pensamento.* — *Soneto.* — De *Martim de Crasto*. — Anónimo no *Cod. Ebor.*, CXIV-2-2, de onde passou ao *Cancioneiro Geral* de Barata, p. 140, com a epígrafe *Saudade*; metido arbitrariamente no *Parnaso* de Camões por T. Braga (*Parnaso* de 1880, N.º 367), depois de o mesmo o haver publicado também como *Anónimo* na *Antologia* de 1876 (N.º 169), segundo o Manuscrito da Academia que forneceu os *Inéditos* do tal *Parnaso*. — Traduzido por Cannizzaro (N.º 368). Quando me ocupei dêle em *Sonetos e Sonetistas* (N.º 106) ainda não havia descoberto o verdadeiro autor. É *Eloio de Sá Sotomaior*. Nas suas *Ribeiros do Mondego* (*Livro VI*, p. 165), anda desde 1623. É cantado com acompanhamento de sanfonia pelo pastor Ardelio (triste por ter sido abandonado por Olívia, que casara com outro) no meio de uma paisagem tristonha, despida de verdura, e ar tolhado por nuvens outoniças. Sòmente quem condena como mentirosos plagiadores todos os imitadores de *Camões*, dará o texto como *De Autor incerto*.

245 — *Quam caro custa um mal dissimulado.* — *Soneto.* — De *Francisco Rodrigues Lobo*. — Pertence ao *Desenganado*, *Discurso XII*, p. 414 da ed. de 1723.

246 — *Dividiu o amor e a sorte esquivia.* — *Soneto.* — De *Baltasar Estaço*. — *Obras*, fl. 28. — Cfr. Braga, *Antologia*, N.º 182.

252 — *Á pena o medo Amor tira, não mata.* — Soneto. — De Fernando Álvares.

253 — *Mata, não tira o medo a pena.* — Soneto. — Do mesmo. — Vid. l. c. p. 494. Se no primeiro Soneto há louvores de Amor que, lidos ao contrário, são em vitupério dêle, temos neste vitupérios de Amor que, lidos ao contrário, redundam em louvor dêle. «E por quanto a razão estava em meu favor — (Amor merece vitupérios polos efeitos que faz nos corações, que obriga ao seu cativo) — as mesmas palavras de Florindo ajudarão minha intenção, de tal maneira que com elas viradas ao contrário, sem meter na obra de minha parte outro cabedal, compus outra letra contra o mesmo Amor». Vid. *Lusitania Transformada, Livro III, Prosa XIV*, p. 493. Há aqui um artificiose segrêdo ou brinquedo de composição. O Soneto está escrito de maneira que, lendo cada linha de trás para diante, e pontuando-o racionalmente, resulta significado oposto ao original, e também rima nova. Em lugar de *Guia, não cega; bem não mal procura* sai o sentido contrário: *Procura mal, não bem; cega não guia.* — Florindo canta, na despedida de Laurélia, ao som do seu descante, uma letra, em que dá graças ao Amor porque o sublimara «a grao tão belo».

254 — *A vida ao tempo rende o fraco e o forte.* — Soneto. — De Fernando Álvares. — Também é retrógrado, como o N.º 252; e o que se lhe segue não é senão o mesmo, lido de trás para diante. Vid. *Lusitania Transformada, Livro III, Prosa IV* (p. 377): *Epigrama de Lizarte*. Serve de epitáfio a um vivo-sepultado «ou sepultado-vivo; e está inscrito no tronco inútil de um funesto teixo».

255 — *O forte e o fraco rende ao tempo a vida.* —

*Soneto do mesmo.* — L. c. p. 378. *Epigrama de Luzmeno.* — Com as mesmas regras tomadas ao revés, escritas no pé de um cipreste, simboliza a sua dôr o pastor Luzmeno, respondendo a Lizarte.

266 — *Louro metal que lá do centro escuro.* — *Canção.* — De *Paulo Gonçalves de Andrade.* — Esta poesia horaciana, — não mencionada por Menéndez y Pelayo, — impressa em 1629 nas *Varias Poesias* do autor (f. 48) — foi acolhida por T. Braga na sua *Antologia*, N.º 204.

269 — *Ilustre dama em cuja fermosura.* — *Capítulo.* — De *Fernando Álvares.* — Parece-me inédito. Tradadei-o. Desapareceu-me todavia juntamente com a Elegia de Ferreira (88).

275 — *Eu não canto, mas choro e vai chorando.* — *Soneto.* — De *Luis de Camões.* — Ainda não entrou em edições camonianas. Mas foi impresso por T. Braga, *Camões, Epica e Lírica*, p. 227, e traduzido por Cannizzaro (N.º 391).

276 — *Não pode quem quer muito, ser culpado.* — *Capítulo sôbre as propriedades do amor.* — De *Luis de Camões.* — O formosíssimo e bem conhecido trecho, composto de treze tercetos, pertence à *Égloga II*, e nela constitui parte do monólogo do pastor Agrario, que principia *Oh que triste successo foi de amores.*

278 — *Vai-me gastando amor e um pensamento.* — *Soneto.* — De *Luis de Camões.* — Ainda não entrou em nenhuma edição dos Sonetos. Apenas foi reproduzido por T. Braga (l. c., p. 226) e traduzido por Cannizzaro (N.º 392).

279 — *Olhos de cristal puro que vertendo.* — *Soneto.* — De *Luis de Camões.* — É o texto que em 1893 foi publicado por Fernandes Tomás no *Circulo Camoniano*



(p. 134), como primeira amostra dos *Inéditos* do seu Cancioneiro. — Vid. Braga, l. c., p. 220 e Cannizzaro, N.º 393.

280 — *Contente vivi já, vendo-me isento.* — *Soneto.* — De *Luis de Camões.* — Anda nas *Rimas* do Poeta desde 1685 (1). E visto aparecer também aqui como composição dêle, e igualmente no *Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro* (de 1577), não há motivo para o chamarmos de *Autor incerto*, embora, segundo T. Braga (p. 143, 144 e 160), seja attribuído no *Indice de 1577* também a Diogo Bernardes (2), uma vez que não entrou nas obras impressas em vida dêle.

282 — *Apartamentos tristes sem ventura.* — *Soneto.* — De *Luis de Camões.* — Inédito até ser impresso por T. Braga (p. 226) e traduzido por Cannizzaro (N.º 394).

283 — *Se cuidasse que nesse peito isento.* — *Soneto.* — De *Luis de Camões.* — Vid. Braga, p. 226 e Cannizzaro (N.º 394).

284 — *Queimado sejas tu, e teus enganos.* — *Soneto.* — De *D. Manuel de Portugal.* — No *Cancioneiro Luis Franco* (f. 49 v.), de onde T. Braga o tirou em 1874 (N.º 300 da edição da *Actualidade*), figura sem nome de autor, mas no meio de um Grupo de Sonetos inquestionavelmente camonianos, infelizmente em péssimo estado de conservação. Não anda nas *Obras poéticas* de D. Manuel de Portugal. É portanto possível que a attribuição a êsse fidalgo e Mecenas do Poeta seja errónea, filha do facto de êle o haver copiado *manu*

(1) E não desde 1668, como afirma T. Braga (p. 144).

(2) P. S. É erro do autor da *Obra Lirica e Épica!* — É unicamente a Bernardes que o Padre o attribuía! — E não a Luis de Camões. Portanto: *De autor incerto.*



*propria*. O texto do *Cancioneiro Fernandes Tomás* é superior em correcção ao publicado por T. Braga.

286—*Já tempo foi que meus olhos traziam*.—*Soneto*. — Do mesmo i. é. de D. Manuel de Portugal (com o N.º 284-287). — O fadário desta composição, dedicada a certa Feliciana (!) é parecido, mas ainda assim diverso. Procede também do *Cancioneiro Luís Franco*, do mesmo grupo deturpado (Juromenha, 325, T. Braga, 302). É atribuído a D. Manuel de Portugal unicamente no *Cancioneiro Fernandes Tomás*, em que o estado de conservação é melhor, mas de modo algum perfeito. Leia-se

Já tempo foi que meus olhos *traziam*  
alegres novas ao [meu] pensamento.  
Já tempo foi que o meu *entendimento*  
gostava do que eles lhe *dezi*am.

Amor e saudade então faziam  
eno contente peito ajuntamento,  
[mas] esperança e firme fundamento  
os falsos argumentos desfaziam.

Tornou-se *minha* ninfa, deshumana,  
feriu-me com descuido (?) de dois gumes.  
Oh grave mal ! oh crua Feliciana !

Tem isto apparencia de ciumes  
e, certo, não o são ; nem tal me dana,  
mas são de minha fé justos queixumes.

Nas *Notas aos Sonetos Anonimos* (p. 22) chamei a atenção do leitor principalmente para as diversas attribuições. Errei todavia julgando êsse Soneto sinónimo do que principia *Já tempo foi que meus olhos folgaram* e relativo às mudanças provocadas pelo tempo (N.º 297). Os conceitos são totalmente diversos.

289—*Dias há já que eu soube da ventura.*—*Soneto.*— De *Camões.*— Inédito até que T. Braga o imprimiu (l. c., p. 225) e Cannizzaro o traduziu (N.º 396).

290—*Prometi ja mil vezes de emendar-me.*—*Soneto.*— De *Luis de Camões.*— Está no caso do anterior. Inédito até que T. Braga o imprimiu (l. c., 225) e Cannizzaro o traduziu (N.º 397).

291—*Eu que livre cantei ao som das águas.*—*Elegia.*— De *Diogo Bernardes.*— É a *Elegia I*, escrita na Berberia pelo poeta cativo, e impressa nas *Rimas ao Bom Jesus* (p. 134 da ed. de 1720).

293—*O que te fiz, amor, que mal me trata?*—*Soneto.*— Do *Duque de Aveiro.*— Ao Duque, que é autor também do Soneto antecedente, inédito (N.º 292 *Tenho já tanto uso e exercício*) foi usurpado para Camões pelo Visconde de Juromenha (II, p. 492, N.º 310) que o tirou do *Cancioneiro Luis Franco* (f. 139 v), onde está entre Sonetos de Camões, mas sem nome de autor. Não era todavia inédito em 1860. Faria e Sousa já o havia comunicado nas *Rimas Varias* do seu Poeta (Vol. V, p. 278 a, em Anotação à *Égloga II*) attribuindo-o ao Duque; e o mesmo fizera o próprio Visconde (III, 410)!

294—*Mal que de tempo em tempo vai crescendo.*—*Soneto.*— Do *Infante D. Luis.*— Foi metido nas *Rimas de Camões* por Faria e Sousa, juntamente com outras composições do filho del Rei D. Manuel, embora os encontrasse com attribuição àquele illustre intellectual.

295—*Sobre um alto rochedo em Berberia.*—*Elegia.*— De *Diogo Bernardes.*— É a segunda das que o suave Cantor do *Lima* escreveu, estando cativo na Berberia (*Rimas ao Bom Jesus*, p. 138).

296—*Com que voz chorarei meu triste fado.*— *So-*

neto.— De *Luis de Camões*.— Inédito até que T. Braga o imprimiu (l. c., p. 224) e Cannizzaro o traduziu (N.º 400).

297 — *Já tempo foi que meus olhos folgavam*. — Soneto.— De *Luis de Camões*.— O belo texto, relativo ao tempo e às mudanças que produz, foi publicado por mim na *Revue Hispanique*, VII (1900), nas *Notas aos Sonetos Anónimos*, p. 22. — Cfr. Braga (p. 221) e Cannizzaro (N.º 398).

298 — *Oh quem dizer pudesse quanto sente*. — Soneto.— De *Luis de Camões*.— Impresso por Braga, p. 224, traduzido por Cannizzaro (N.º 399).

299 — *Claro fresco ribeiro, doce e brando*. — Soneto.— De *Diogo Bernardes*.— É variante de *Meu patrio Lima, saudoso e brando* (*Flores do Lima*, N.º 40).

300 — *Após o inverno frio e verão brando*. — Elegia.— De *Diogo Bernardes*.— Engano evidente. Esta Elegia e a imediata, são obra de Pero de Andrade Caminha e estão na impressão de 1791 como *Elegia XIX* (p. 160) e *XX* (p. 169).

301 — *Após o verão brando e inverno duro*. — Elegia.— De *Diogo Bernardes*.— Vid. N.º 300.

302 — *Correntes aguas frias do Mondego*. — Elegia.— De *Luis de Camões*.— Como já disse na Introdução, tornei-a pública, numa das festas celebradas no Pôrto anualmente a 10 de Junho pela antiga *Sociedade Nacional Camoniana*, morta de há muito, de inanição.— Foi impressa em 1902 na *Homenagem a Luiz de Camões no primeiro ano do seculo xx*. — Reimprimi-a na Parte V porque a tiragem do opúsculo foi diminutissima.

304 — *Quam caro vende amor um gosto seu*. — Soneto.— De *Estevam Roiç*.— Ignoro, se o grupo de doze



(303-314) attribuído ao erudito autor, no *Cancioneiro Fernandes Tomás* será realmente dêle; ou apenas um pequenino Florilégio, colleccionado por êle como amator de bons versos. De um só (N.º 305) sei indicar o autor. Parece-me todavia que êsse indício basta.

305— *Os olhos onde o mesmo amor ardia.* — *Soneto.* — De *Estevam Roiç.* — É de *Diogo Bernardes.* Em suas *Rimas ao Bom Jesus* está impresso em redacção cuidada, servindo de *Epitáfio* a D. Angela de Noronha (p. 120 da ed. de 1791). No *Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro* também lhe era attribuído, embora lá appareça repetido com autoria de Camões (1), segundo T. Braga (l. c., p. 144, 145. Cfr. 161). Foi Faria e Sousa, como de costume, o primeiro que o usurpou para o seu Poeta!

306— *A perfeição, a graça, o suave geito.* — *Soneto.* — De *Estevam Roiç.* — Desde 1598 anda nas *Rimas* de Camões, em redacção imperfeitíssima, que eu teria escrúpulos de attribuir ao grande Lírico! No *Cod. Ebor.* CXIV-2-2 (f. 122 v) está em nome de D. Manuel de Portugal; e de lá passou ao *Cancioneiro Geral* de Barata (p. 84). — Com idêntica attribuição figura no *Cancioneiro de Luis Franco* (f. 240). — No do *Padre Pedro Ribeiro*, pelo contrário, se dá como autor *Diogo Bernardes* (vid. Braga, l. c., 144, 160 e 177). De autor incerto portanto, mas talvez de D. Manuel de Portugal a D. Francisca de Aragão, visto *Limiano-Alcido* não o incluir nas suas *Rimas* e nenhum dos *Cancioneiros* manuscritos subsistentes o attribuir ao autor dos *Lusiadas*.

(1) P. S. É êrro de T. Braga, que rectifico no estudo sôbre o *Indice* que se seguirá a esta publicação. É unicamente a *Bernardes* que o illustrado Padre o attribuía!



317 — *Esconde, Diana bela, os raios belos.*— *Canção.* — De *Bernardim Ribeiro.* — A generalidade dos leitores só conhece um poeta português dêsse nome, o amigo venerado de Sá de Miranda, o novelista da *Menina e Moça*, autor de cinco *Églogas* em versos de medida velha, e algumas poesias menores, impressas desde 1516 no *Cancioneiro de Resende*, o desgraçado bucolista, de veia brandíssima, que faleceu em 1552, numa cela do Hospital de Todos os Santos, após longos anos de alienação mental, causada por profundos desgostos de amor.

Houve todavia quasi um século depois, outro *Bernardim Ribeiro*, relacionado com Severim de Faria e Gaspar Gil Severim, que nos legou alguns versos em *Cancioneiros de Évora*, p. ex. no editado por Hardung (N.º 71; cf. 17). O nome completo dêsse era *Bernardim Ribeiro Pacheco*. Um filho seu, *Duarte Pacheco*, era moço fidalgo de Felipe II em 1595 (*Hist. Gen. da Casa Real: Provas*, VI, 633) (1). O pai fôra capitão na África (Mazagão). A poesia citada, única que dêle conhecia, um simples Mote, pertence à escola velha. Mas pelo tempo em que viveu é *à priori* provável que também cultivasse o estilo italiano, e que seja obra sua a *Egloga de Ergasto, Delio e Laureno* que, assinada *B. R.*, é attribuída por Barbosa Machado ao autor da *Menina e Moça*; assim como mais algumas poesias em hendecassilabos que o Dr. Estevam Rodri-

(1) Barbosa Machado confundiu os dois na biografia que traçou no Vol. I, p. 518-19. — Curioso é que, sabedor da existência do segundo Bernardim, o Sr. Delfim Guimarães não se lembrasse de vindicar para êle a autoria da *Canção Diana Bela*, nem no Cap. X do seu *Poeta Crisfal: Bernardim Ribeiro e a Escola Italiana*, nem no XVI: *O Cancioneiro de Évora*.

gues de Castro meteu no seu *Florilegio* (1); e ainda a *Canção* de que estou a tratar, e mais os quatro fragmentos que Faria e Sousa entremeteu nas *Notas às Rimas* de Camões (2).

Em todos êsses textos há um estilo conceituoso e complicado, totalmente diverso daquela ingenuidade e profunda sentimentalidade que caracteriza as obras do *Bucolista*.

Contra a autoria dêste, defendida por T. Braga (*Bernardim Ribeiro e os Bucolistas*, 2.<sup>a</sup> ed. de 1897, p. 6-8, 109-167 e 303) — há muito que dizer. Verdade é que o suavíssimo cantor esteve na Itália, e que de lá trouxe *novidades*. — Entendo que foi entre nós iniciador do gôsto bucólico, que admiravelmente nacionalizou em vernáculo; isto é, do género vergiliano, renovado na Itália, e lá cultivado em latim por Enrique Caiado antes de o século findar. A segunda inovação, a moda de escrever essas *Églogas* assim como *Elegias*, *Capítulos*, *Sonetos*, em *hendecassilabos*, essa é de Sá de Miranda.

O *Canto alternado (amebeo)* que êsse amigo de Bernardim introduziu, como obra dêle, no seu *Alexo*, foi, a meu ver, a tentativa primeira em estâncias de arte; estâncias que, imperfeitas ainda, são contudo o que a poesia nacional havia produzido até 1532 de mais penetrantemente apaixonado (C. M. de V., *Novos Estudos sobre Sá de Miranda*, Lisboa, 1912, p. 151-182).

(1) Soneto XIX *Não era mortal cousa o seu passeio*. — Balata: *Violante, a rede foram teus cabelos*. A *Égloga* está na mesma colecção (p. 20).

(2) Vol. V, p. 248, 270, 312, 320. Cfr. Juromenha, III, 439 e seg.

A *Canção de Diana* e os trechos da outra *Canção*, em que Faria e Sousa reconhece cantos de amor, dedicados à Infanta D. Beatriz, embora cheias de escuridões e deficiências, são todavia técnicamente muito superiores àquele ensaio de Sá de Miranda. E posteriores.

Quanto a outra conjectura sôbre o suposto autor, ideada por Delfim Guimarães, ela ainda é menos digna de aplauso. No seu *Poeta Crisfal*, em que judiciosamente combate bastantes suposições minhas e de T. Braga — expõe que, a seu ver, o nome *Bernardim Ribeiro* não era senão interpretação arbitrária, da parte do escrevente do *Cancioneiro Fernandes Tomás*, das iniciais *B. R.* que, supõe, estavam *no original*, como estão no *Florilégio* do Dr. Estevam Rodrigues de Castro. E essas iniciais podem significar, segundo êle, *Bento Rombo*; e são Bento Rombo.

¿Porquê isso? ¿E porque não *Bernardo Rodrigues*?

Replico que, uma vez que no *Cancioneiro* não há a abreviatura *B. R.*, mas sim o nome inteiro, a fantasia do crítico é absolutamente arbitrária. Não tem base real. De mais a mais, o tal Bento, chama-se *Bento Rombo de Carvalho*, no próprio *Cancioneiro*, com todas as letras. Há dêle duas amostras. ¿*E essas não são Canções no estilo conceituoso e empolado da Diana!* ¿ São apenas *Décimas*, em estilo nacional brincado! O leitor encontra-as na Parte V.

Responder-me hão que duas *Décimas* são mais do que um Mote. — É exacto. ¿Mas o autor do Mote chamava-se, segundo a fonte, *Bernardim Ribeiro!*

319 — *Um brando mover de olhos e piedoso.* — *Soneto.* — De *Estevam Roiç.* — É de Camões. E anda nas suas *Rimas* desde 1595. Verdade é que o texto do



*Cancioneiro Fernandes Tomás* diverge tanto que mais do que *variante* parece ser imitação livre. Cfr. Braga; *Camões, A Obra Lírica, e Epica* (p. 228 e 229, e Cannizzaro, N.º 30). — O esclarecido professor J. M. Rodrigues (p. 220 e seg.) reconheceu que o mágico veneno que em Macau transformou o pensamento de Camões, antes do naufrágio na costa da Cochinchina, provinha de alguma estonteadora formosura oriental, de aparente impassibilidade. E João Grave, o director da Biblioteca Pública Portuense, em que se encontrou a preciosa Década VIII roubada a Diogo do Couto, vê nela a *Dinamene* cantada em seis *Sonetos* (1) a qual o Poeta viu morrer afogada sem lhe poder valer: *a cordeira gentil que eu tanto amava*.

322—*Duro caso de amor, nunca cuidado*.—*Oitavas*. É a *Fábula de Narciso* de que Aníbal Fernandes Tomás falou no *Círculo Camoneano*, p. 104-110. — De...—De autor desconhecido portanto. Vejamos o que apurei a respeito dela.

Severim de Faria disse na sua *Vida de Luis de Camões*, depois de ter falado da comédia dos *Amphitriões*, cujo assunto é de Plauto: «Outras *traduções* fez também em verso, em que se não mostrou menos elegante, como foi a *Elegia da Paixão*, de Sannazzaro;—o *Psalm* *Super flumina Babylonis*;—a *Fabula de Biblis*;—e a de *Narciso* e outras» (2).—De aí a tendência natural dos editores e historiadores da literatura de

(1) Os seis Sonetos em que penso, são os seguintes: N.º 172 *Cantando estava um dia, bem seguro*; 173 *O ceu, a terra, o vento sossegado*; 170 *Ah minha Dinamene, assi deixaste*; 23 *Cara minha inimiga em cuja mão*; 72 *Quando de minhas maguas a comprida*; 19 *Alma minha gentil que te partiste!*

(2) P. 232 da edição de 1805.



atribuírem ao Poeta toda e qualquer *Fabula de Eco e Narciso*, em português ou castelhano, que surgisse em manuscritos.

T. Braga publicou uma, assaz elegante, no *Parnaso* de 1880 como *Perola do Centenario*. Conforme já disse mais acima, Aníbal Fernandes Tomás demonstrou, um decénio depois, que êsse texto em forma de *Canção*, que principia

*Bellissima Isabel cuya hermosura,*

é de Cristoval de Mesa, o qual a publicara em 1607 no seu *Valle de lagrimas y diversas Rimas* (Vid. *Circulo Camoniano*, p. 104-111).

E a propósito do assunto anunciava, como também já expliquei, que no *Cancioneiro* que possuía, havia outra *Fabula de Narciso*, em oitava-rima, que julgava poder atribuir com muito mais fundamento a Camões.

É o N.º 328 de que estou a ocupar-me. Consta de 72 oitavas, pouco elegantes, das quais as primeiras sete são uma *Dedicatoria a uma Senhora*.

E é ao mesmo tempo, a própria *Fábula de Narciso* que o Visconde de Juromenha introduzira nas *Obras do Poeta* (II, 343-362, f. 255), tirando-a do *Cancioneiro Luis Franco* «onde não vem rubrica nem sinal algum que indique ser de Camões».

Estas palavras são de T. Braga que, julgando-a apócrifa, não a admitiu à edição da *Actualidade*. No vol. II, p. VIII diz: «É mais natural que seja esta fábula (sc. a mencionada por Severim de Faria) a *Elegia XIX* (*Entre rusticas serras e fragosas*), que Faria e Sousa encontrou no Ms. de Manuel Godinho com o titulo *Fabula de Narciso*. E Wilhelm Storck concordou plenamente. Vol. III, p. 280 e seg., a conferir com Faria

e Sousa *Rimas Varias*, Vol. IV, p. 41, *Elegia VI*(1), e Braga, *Hist. Cam.*, II, 572.

Sou da mesma opinião.—Lamento não haver descoberto até hoje nenhum exemplar da tradução livre de *Ovidio*, do Italiano Anguillara (*G. Andrea dell'Anguillara*, 1547-1566), que saiu em 1561 em Veneza, porque suponho que os diversos adaptadores peninsulares se cingiram mais ou menos a êsse texto latim-italiano.

A lição, contida no *Cancioneiro Fernandes Tomás*, é superior à do *Cancioneiro Luís Franco*. Logo no verso inicial diz, conforme já indiquei, *Duro caso de amor, nunca cuidado* e não *Duro fado, amor, mingua, cuidado* como imprimiu Juromenha.—Confesso que assim como lá está, é incompreensível, e indigno de qualquer dos poetas quinhentistas.—| Quanto mais de Camões!

324—*Quando descansareis, olhos cansados.*—*Soneto.*—De...—Já foi tirado do *Cancioneiro Luís Franco* pelo Visconde de Juromenha (N.º 336).

328—*Por Lilia em vivo fogo Aonio ardia.*—*Égloga.*—Do *Dr. António Ferreira.*—Anda realmente nos *Poemas Lusitanos* como no IV.

329—*O dia em que nasci moura e pereça.*—*Soneto.*—De *Luís de Camões.*—Foi publicado por Juromenha (N.º 339) na lição do *Cancioneiro Luís Franco*.

TEXTOS DO CANCIONEIRO FERNANDES TOMÁS,  
INÉDITOS ATÉ 1890

De tudo quanto me parecia *inédito* ou, não o sendo, oferecia pelo menos redacção muito divergente das

(1) Nas listas, muito incorrectas, da *Hist. Cam.*, 2.ª ed., ela falta a p. 194.

impressas(1) tirei cópia em 1907, conforme já disse no Capítulo I.

Estou preparada portanto a dar à luz um *Florilegio de Rimas varias de Seiscentistas portuguezes*, e um volume de *Prosas e poesias* do principal contribuinte do Cancioneiro: *Fernão Rodrigues Lobo, o Sorópita*. Se ainda não o fiz, foi porque o género jocosério, cultivado pelo muito folgazão juriconsulto, não é de modo algum, meu predilecto. E dentro dêle dou a preferência às cartas familiares e aos diálogos satiricos de Luís de Camões e Francisco de Moraes, ou mesmo aos *Disparates* e às *Parvoices de Ribeiro Chiado*.

No volume *In Memoriam*, claro que não podia publicar os dois volumes que umas e outras encheriam. Por isso vou dar apenas como amostra umas parcelas que pela supremacia dos autores interessam, calculo, o leitor.

A primeira consta da *Canção de Diana* (324), attribuída a *Bernardim Ribeiro*, conforme expliquei no Comentário, e das duas bagatelas de *Bento Rombo de Carvalho*, como prova da impossibilidade desta autoria aventada por Delfim Guimarães. Em seguida dou a Dedicatória das *Côrtes de Apolo* por Diogo de Sousa *A Lerenno pastor peregrino*, como illustração complementar da admirável monografia que o Dr. Ricardo Jorge dedicou a Rodrigues Lobo.

A segunda amostra abrange as poesias attribuídas expressamente a Luís de Camões.

Juntando, e resumindo, o que já ficou exposto em notas dispersas nos Capítulos anteriores, repito que, sobrescritadas *De Luís de Camões*, há no Cancioneiro vinte e sete composições, que são: dois *Epigramas*;

(1) É o caso com várias prosas de Sorópita.



duas *Elegias*; uma *Canção*; um *Capitulo*; e vinte e um *Sonetos*.

Eis a lista alfabética com os N.<sup>os</sup> correspondentes (aos do meu *Indice*).

SONETOS:

- Amor mil vezes já me tem mostrado, 73  
Apartamentos tristes sem ventura, 288  
Claros olhos azuis, olhos fermosos, 53  
Com que voz chorarei meu triste fado, 302  
Com voz desordenada, sem sentido, 188  
Contentamentos meus que já passastes, 49  
Contente vivi já, vendo-me isento, 286  
De amor escrevo, de amor trato e vivo, 245  
Descalço, sem chapéu, Apolo louro, 189  
Dias há já que eu soube da ventura, 295  
Eu não canto mas choro, e vai chorando, 281  
Fermoso moço que no ceu descanças, 74  
Já tempo foi que meus olhos folgavam, 303  
Memória de meu bem, cortado em flores, 50  
O dia em que naci moura e pereça, 335  
Oh quem dizer pudesse quanto sente, 304  
Olhos de cristal puro que vertendo, 285  
Prometi já mil vezes de emendar-me, 296  
Que gritos são os que ouço? — De tristeza, 106  
Se cuidasse que nesse peito isento, 289  
Vai-me gastando amor e um pensamento, 284.

EPIGRAMAS:

- Não corre o ceo astro tão fermoso, 105  
Não voa pelo ceo com tanta graça, 89.

ELEGIAS:

- Belisa, uma só alma desta triste, 61  
Correntes águas frias do Mondego, 308.

CANÇÃO:

Não de cores fingidas, 85.

CAPÍTULO:

Não pode quem quer muito, ser culpado, 282.

Nem todas essas vinte e sete atribuições são todavia certas. E as que o são, não dizem todas respeito a textos desconhecidos.

Verdadeiramente de Camões, e nunca impressas antes de 1890, parecem-me ser a *Canção horaciana* (dada à luz por Fernandes Tomás no *Círculo Camoniano*); a *Elegia Correntes águas*, aliás bastante frouxa, dos tempos juvenis de Coimbra, a qual publiquei no *Anuário da Sociedade Nacional Camoniana*; e uns quatorze Sonetos, dos quais um dos melhores (*Olhos de cristal puro*) entrou como a *Canção*, na Revista citada. Os restantes Sonetos foram dados a conhecer por T. Braga na segunda edição da *Historia de Camões, Epoca e Vida* (1907) e *Obra Lirica e Epica* (1911) e pela autora destas linhas em diversos opúsculos. Todos juntos aparecem aqui pela primeira vez.

; Entre os Sonetos, que não eram desconhecidos e por isso não reimprimo, há um (*Dias ha*) que desde a edição-príncipe figura nas *Rimas*, começando todavia *Gram tempo ha!*

; Iludido por esta divergência (exclusivamente das palavras iniciais), T. Braga o reproduziu como *inédito!* (*Lirica e Épica*, p. 224).

Dois Sonetos (*O dia — Memória*) tinham passado do *Cancioneiro Luís Franco* à edição de Juromenha (1861), e à de Braga (1874), assim como às traduções de Storck e de Cannizzaro.

Outros dois (*Contente—De amor escrevo*)(1) figuram nas *Rimas* desde 1668 e 1685, retocados provavelmente pela mão exercitada de Faria e Sousa. Por isso divergem quanto à redacção.

Temos portanto no *Cancioneiro Fernandes Tomás*, a respeito de quatro composições, a confirmação da autoria de Camões, bemvinda e valiosa, embora só um dos Sonetos (*De amor escrevo*) ande também em nome de outro poeta (*Luis Álvares Pereira*, autor da *Elegiada*).

Evidentemente errónea é a atribuição de *Fermoso moço*, como de resto o indica a epígrafe *Á morte do Visconde de Lima D. B.* Essas iniciais do nome do autor nem mesmo eram precisas, visto que o Soneto anda desde 1594 nas *Rimas ao Bom Jesus* de Diogo Bernardes, como Epílogo de uma *Elegia à morte de D. João de Lima, filho de D. Fernando Visconde de Vila Nova de Cerveira!*

Duvidosa é a autoria do *Soneto a uns claros olhos azuis*. Foi impresso em 1623 entre as *Rimas* de Estevam Rodrigues de Castro, essa Miscelânea de vários, como obra do Sorópita (p. 168 da reimpressão de 1792). E embora não esteja na volumosa colecção de obras contida no nosso *Cancioneiro*, nem na de Tibaes, é pelo menos factó conhecido que êle cantou freqüentes vezes *Claros olhos côr do ceo* (l. c., p. 166-167), ao passo que Luis de Camões preferia *olhos verdes* — côr de esmeralda ou de limão.

Duvidosa é também, conforme expliquei no Capítulo IV, a autoria do Soneto, realmente nunca impresso até 1901, *Descalço e sem chapeu*, em que um poeta *Cam.*

(1) T. Braga imprimiu essa versão a p. 227 da obra citada.



pede ao Senhor D. Duarte, lhe complete a dádiva de um traje de gala, para que não pareça mouro! *¿ Caminha? ou Camões? That is the question.*

No mesmo caso estão, para mim, os dois *Epigramas*, relativos um ao mesmo D. Duarte, e o outro a D. Sebastião.

Quanto ao valor de arte dos verdadeiros Inéditos, alguns são dignos do Príncipe dos Poetas (*Olhos de cristal — Já tempo foi*). Outros, emparelhando com muitos dos que Luís Franco colleccionou, são meros esboços, a que falta *limae labor*; do tempo juvenil talvez em que Luís de Camões podia dizer como Bernardes: *ainda bem não caio nos Sonetos?*

Acrescentarei ainda, que entre os Sonetos, dados como de Camões por Luís Franco, há um que principia *Quando descansareis, olhos cansados* (Juromenha, 336), e está no *Cancioneiro Fernandes Tomás* (N.º 330) como anónimo: (De ... (1).

Para ser completa direi finalmente, quais são os Sonetos atribuídos no *Cancioneiro* a diversos quinhentistas, mas ainda assim entremetidos em edições camonianas com mais ou menos divergências: dezassete Sonetos, e duas Redondilhas.

#### DE FERNÃO RODRIGUES LOBO, O SOROPITA

lá estão, além de *Olhos claros azues*, os seguintes quatro:

1685 (2) Amor que em sombras vans do pensamento, 19  
1598 Conversação domestica afeiçoa, 76

(1) Em outros manuscritos está em nome de *Martim de Castro*.

(2) A data indica a edição das *Rimas* em que pela primeira vez entraram.

- 1668 De cá donde no-mais que imaginar-vos, 9  
1668 Esses cabelos louros e escolhidos, 136.

DE ESTEVAM RODRIGUES DE CASTRO (1)

- 1598 A perfeição, a graça, o doce geito, 312  
1685 Lembranças de meu bem, doces lembranças, 12  
1685 Os olhos onde o mesmo amor ardia, 311 (2).

DE DIOGO BERNARDES

- 1668 Brandas aguas do Tejo que passando, 92  
1595 Eu me parto de vós, campos do Tejo, 68  
1668 Horas breves de meu contentamento, 63  
1668 Já do Mondego as águas aparecem, 124.

DE D. MANUEL DE PORTUGAL

- 1860 Já tempo foi que meus olhos traziam, 292  
1860 Queimado sejas tu e teus enganos, 290.

BALTASAR ESTAÇO

- 1861 Co tempo o prado seco reverdece, 70.

(1) Entre o poema famoso de Luís de Camões que principia *Um mover de olhos brando e piedoso*, e o N.º 319 do *Cancioneiro*, atribuído ao Dr. Estevam *Um brando mover de olhos grave e honesto* as divergências são tantas e tais que um pode ser *rifacimento* do outro, *ou ambos imitações independentes de um mesmo modelo italiano* (que de resto desconheço). Mesmo nas rimas há variantes. Sendo *-oso, -esto; -ura, -eno, -ento* nas *Rimas* de 1595, — são *esto oso; ido eno ura* na *Misceânea* de 1623.

(2) No Comentário fixei que em outros manuscritos êsse Soneto é atribuído a D. Manuel de Portugal. E no Índice do *Cancioneiro* do Padre Pedro Ribeiro (1577) está em nome de Bernardes.

INFANTE D. LUÍS

1685 Mal que de tempo em tempo vai crescendo, 300.

DUQUE DE AVEIRO

1861 O que te fiz, amor, que mal me tratas, 299.

FRANCISCO MENDES

1861 Feroso Tejo meu quam diferente, 51.

JOÃO PINHEIRO

1668 Foi-se gastando a esperança, 161

1595 Sem ventura é por demais, 144.

O formosíssimo Capítulo sôbre as propriedades do amor é nada mais de que um fragmento da *Égloga II* (v. 348-402), discurso exclamatório do apaixonado *Agrario*. Conforme expliquei nos *Comentarios* tem de novo unicamente, o verso final *Tanto o traças em teu laço enredado*. — Bem compreensível é que amadores de belos versos o trasladassem, isolando-o, para *Florilégios* que iam comendo.

A *Canção* pode bem ser autêntica.

Das *Elegias* resta-me repetir ao leitor que a de que ainda não falei (6) aqui, *Belisa, uma só alma desta alma triste* é provávelmente de Francisco de Andrade. É pelo menos a êsse, que Luís Franco a atribui. E os 80 tercetos, de que aí se compõe, são os mesmos (com mais um, lá omitido por descuido do escrevente) de



que consta a redacção, que no *Cancioneiro Fernandes Tomás* está em nome de Camões. O texto, que desde 1685 passa por ser do Poeta, foi reduzido a apenas quarenta tercetos, e retocado com a habilidade experimentadíssima de Faria e Sousa.

I

CANÇÃO

DE BERNARDIM RIBEIRO

1 Esconde, Diana bela, os raios belòs  
com que a noite escureces (1), negra e fria;  
cobre com negro veo roxos cabelos  
em que Amor almas mil e mil enfia!  
E tu, gentil Dionea (2), já entrançado  
o fio dourado  
deixa da alegria  
posto em agonia  
o que seu dano  
busca no engano,  
entregando a isenta liberdade  
*a quem isenta tem sua vontade.*

..... (3).

(1) *Sic* — talvez por *esclareces*?

(2) ; Confesso não compreender os versos 5 a 10! — Dioneia é uma das alcunhas de Afrodite; mas que tem de fazer a deusa do amor entre a Lua e o Sol? Abstraindo todavia dêsse enigma, ¿ que querem dizer os versos indicados? ; Deixa entrançado (isto é: não espalhes) o fio dourado da alegria, pondo antes em agonia aquele que busca o seu prejuízo na ilusão?

(3) Penso que falta aqui uma estrofe que principiando *A quem isenta tem sua vontade*, terminava *Esconde oh claro Phebo a leda fronte*. Porque só assim teríamos uma Canção perfeita de *leixaprem*.

3 *Esconde, oh claro Phebo, a leda fonte!*  
a negra escuridade com seu manto  
cubra a terra fria! e neste monte  
me acompanhe o cisne com seu canto!  
Philomela, seu pranto replicando,  
se estê queixando  
com graça tanta  
que ao que canta  
suas tristes magoas  
por estas fragoas  
lhe acrescente mór dôr e maior pena,  
*que Amor, Fortuna e Tempo assi o ordena.*

4 *Amor, Fortuna e Tempo me ordena*  
que viva neste bosque desterrado,  
onde o que mais me mata, e mais me pena,  
é não ser, como não sou, de vós lembrado.  
Mas pois, minha senhora, sois contente  
que estando ausente  
de vós, padeça  
e meu mal creça  
mais em meu dano,  
com isso vivo ufano,  
porque ¿que maior bem, que maior gloria  
*que alcançardes de vós mesmo a victoria?*

5 *Alcançais vós de vós mesma a victoria*  
alcançando-a de mi, porque sou vosso;  
e deste doce triunfo a memoria  
me faz triste e contente, pois não posso  
maior bem alcançar que ser servida  
de minha vida  
quem meu coração  
tem em sua mão;

e se neste monte  
junto a esta fonte  
a vida me acabar pena tão forte,  
*oh que doce morrer! que doce morte!*

6 *Oh que doce morrer! que doce morte*  
é terdes, ninfa bela, ocasião  
de meu doce penar e dura sorte  
que, inda que vossa isenta condição  
me trate com dureza e com rigor,  
então [o] meu amor  
mais se afeiçoa;  
porque ¿ que pessoa  
ha nesta vida  
tão desconhecida,  
que não entenda ser bem empregado  
*o mal que por querer-vos sofre o cuidado?*

7 *O mal que por querer sofre o cuidado,*  
por me nascer de vos só, quero e amo;  
e nestes bosques tristes apartado,  
por vos amar a vós, a mi desamo.  
Sempre na alma trarei vossa figura,  
já que a ventura  
e amor me esconde  
aquela vista, onde  
pus minha esperança;  
meu mal não cansa,  
antes, se pera mór me não guardara  
muito ha que dôr tamanha me acabara (1).

(Fl. 162 v., N.º 317).

(1) Quanto à técnica, confira-se a *Canção* V e a XV de Petrarca.



II

DECIMA

DE BENTO ROMBO DE CARVALHO

Hei de morrer, Isabel,  
a maõs d'este pensamento,  
tam constante em meu tormento  
como vos em ser cruel.  
Fui sempre e hei de ser fiel,  
por mais extremos que veja,  
o bem de outro embora seja,  
que posto que merecervos  
não posso, só pretendervos  
é em mi gloria sobeja.

(Fl. 96 v., N.º 204).

III

DECIMAS

DE BENTO ROMBO DE CARVALHO

Entregou-me amor, senhora,  
a vossos olhos de sorte  
que primeiro espero a morte  
que me veja livre, e fora  
desta prisão, em que agora  
vive minha alma contente;  
que posto que não consente  
um só Reino dous senhores,  
eu não quero mais favores  
que ser vosso eternamente.

Amai quem fordes servida;  
deixaivos só ser amada,  
e assi não sereis culpada  
de ingrata, nem fementida.  
Dai a outrem embora a vida,  
já que foi tam venturoso;  
deixaime a mi ser queixoso  
de minha fortuna esquiua,  
pois que quer que eu sempre viva  
do bem alheo envejoso.

Por mais força que me eu faça,  
em deixar este cuidado,  
não quer Amor, nem meu fado,  
que em vosso amor mais me enlaça.  
Pode tanto a vossa graça  
que são estremos pequenos  
os que esses olhos serenos  
me obrigam a fazer; e são  
que vos queira mais então,  
quando vós me quereis menos.

(Fl. 134, N.º 243).

#### IV

#### ELEGIA

DE LUÍS DE CAMÕES

Correntes aguas frias do Mondego,  
dignas de ser sómente celebradas  
de outro engenho, menos que o meu cego,  
Correi agora claras e apressadas,  
por esses campos verdes, saudosos,  
banhando-lhe as flôres prateadas!

E por desertos montes cavernosos,  
vosso natural curso repugnando,  
segui novos caminhos espantosos!  
Deixai de ir docemente murmurando,  
pelos troncos dos freixos e salgueiros,  
que o Zephiro move, fresco, e brando.  
Das fontes de cristal, frescos ribeiros,  
refugio pola sesta dos pastores,  
que de vos correm mansos e ligeiros,  
Todos tornem atraz! Sequen-se as flores,  
que nos alegres prados floreciam,  
com mil diversidades de lavores!  
As mui fermosas Nimphas, que sohiam  
caçar ligeiras feras na montanha,  
que em vão achar guarida pretendiam,  
A terra melhor vam da nossa Espanha,  
buscar novo apascento e novo rio,  
em triste sitio, entre gente estranha!  
O liquido elemento, claro, e frio,  
que retratando suas fermosuras,  
refrea o seco ardor do quente estio;  
As teas de ouro e as sedas que em figuras,  
vivas ao parecer, fazem presente  
o passado, melhor que as escrituras;  
A morada quieta e reluzente,  
de preciosas pedras fabricada,  
no mais fundo dô rio e mor corrente;  
O retorcido arco, e mui dourada  
frecha de ouro, temida e poderosa,  
armas da casta deusa venerada;  
O branco lirio e a purpurea Rosa,  
que, entre outras varias flores, coroava  
a branca fronte pura e graciosa;



O bosque, valle, ou selva que gozava  
da doce fala, e amoroso canto,  
que aos mais duros penedos abrandava:  
Tudo triste, cruel, cheo de espanto,  
mostre perpetuo inverno e aspereza  
onde jamais se vio seu negro manto!  
Os campos se revistam de tristeza!  
jamais se veja nelles primavera!  
Em tudo lhe falte arte e natureza!  
Nada do que dá o Ceo, que a gente espera,  
se possa achar aqui; nem ache abrigo  
nimpha, gado, pastor, nem ave, ou fera!  
Tudo, como a mi foi, lhe seja imigo,  
que por força de estrella, ou de costume  
fujo do melhor sempre, e [o] pior sigo!  
Aquelle dos meus olhos doce lume,  
por quem alegre fui, por quem sou triste,  
e a vida em largas queixas se consume,  
Donde está, cego Amor? Onde encobriste  
um bem de tanto tempo, em um momento,  
depois que tão sujeito a ti me viste?  
Co-a vista, co desejo, e pensamento,  
ver o angelico rosto em vão procuro,  
que excede todo o humano entendimento.  
Ah tempo avaro! ah fado esquivo e duro,  
que partiste a minha alma, e m'a roubaste,  
quando eu tinha meu bem por mais seguro!  
Ah para que o grão preço me tiraste,  
da vida, num desterro aborrecido,  
pois o gosto de o ter, tu m'o deixaste?  
Ah quem se vira delle despedido,  
quando se despidio uma confiança  
que lhe fazia gloria o seu perdido (?).

Quantas cousas mudou uma esperança !  
quanto prazer já vi, quanto mal vejo,  
quanto engano naceo de uma confiança !  
Deixem o celebrado e rico Tejo  
os choros (=coros) das Nereidas que cantavam, —  
que é principio e fim de meu desejo,  
As peregrinas aves que alternavam  
cantigas apraziveis nos sombrios  
valles, que amanhecendo retumbavam.  
Tornai-vos, olhos meus, tornai-vos rios,  
até que a imortal parca, ou tarde ou cedo,  
atalhe tanto mal com duros fios !  
Que ainda falar de estado ou tempo ledo,  
o alivio me tolhe o meu destino,  
para que viva de continuo em medo.  
Mas tão longe do bem de que era indigno,  
que pode arrepear que já não visse  
o vago pensamento peregrino ?  
Se a meu animo crera, elle me disse,  
antes de acontecer, com mil receios,  
a dor que adivinhou, sem que a sentisse.  
Fortuna me tirou todos os meios  
de ser contente, e mais com apartar-me  
destes campos, de herva e prazer cheios,  
E, pois que nelles só posso alegrar-me,  
jamais quero ver nelles alegria,  
que só póde servir de magoar-me.  
Vai crescendo co-a dôr de dia em dia  
o grão temor, tristeza, e saudade:  
faça a cançada vida companhia  
á perdida esperança, e liberdade !

V

DE DIOGO DE SOUSA

CÔRTEZ DE APOLO

*A Lereno, pastor peregrino*

DEDICATÓRIA

Apolo, Deus da rabeça, amigo Lereno, nas últimas Côrtes que celebrou em Parnaso, me fez algumas mercês e esmolas que, para durarem mais, me obrigou a forrá-las em tercetos *de vaca*; e como isto não sejam *socos* nem *coturnos*, senão um novo modo de *alpargatas*, foi-me necessário buscar pés limpos e de poucos pontos, a quem fizessem, e eu os oferecesse. E entre muitos escolhi os vossos, por infinitas razões, das quais por caridade vos peço que ouçais cinco.

A primeira: porque, sendo eu poeta *perigrino*, por minha larga *perigrinação*, e esta obra *perigrina*, a ninguém podia acudir que com mais caridade a agasalhasse que a um *pastor perigrino*, pois *similis suum similem quaerit*.

A segunda: porque diz o cómico Terêncio, no parágrafo *gallinarum quoque institutis de rerum divisione*, que *cuius est totum ejus est pars*, assi que, sendo eu todo vosso, e esta obra parte minha, *de iure* se havia de dedicar a parte a quem está dedicado o todo.

A terceira: por me não desviar de aquele comum provérbio, em nossos tempos tão mal cumprido, que afirma *amicorum omnia esse communia*.

A quarta: porque, estando eu em Parnaso, falando-me Apolo em vos, e jurando-me, a fé de fidalgo, que como a poeta escoimado determinava laurear-vos nas pri-



meiras côrtes, pareceu-me que êste acto de minha coroação, a ninguém se devia de dedicar senão a um laureado poeta pois *proxime cingendus habet proxeneta*.

A quinta, que fecha de pancada como cofre framengo, é: porque quando jogamos aos dados, me topais reparos, a dez e a onze, cousa que me leva a boia ao fundo.

Pola delicadeza destas razões, vireis, amigo pastor, em conhecimento da muita que teve Apolo em me laurear, e das que me moveram pera pôr esta obra em vossos pés, para a couces a defender, se quizerdes.

E senão, amigos como dantes.

De Amburgo, a 3 de Janeiro.

AO RELIGIOSO LEITOR

Reverendo leitor, pera que pela concavidade deste labirinto não caminhe Vossa Reverencia sem lume, quero servir de candeia, porque, se assi não for, temo que se perca a cada passo; e assi entrando por ele saberá Vossa Reverencia que Apolo, Deus dos poetas, desde o dia em que nasceu até este em que estamos, costumava celebrar cortes no monte Elicona a todos seus subditos, de vinte-tres em vinte-tres anos, porque *numero Deus im-pare gaudet*. E nelas davam-se leis, regras, pramaticas, decretos, estatutos para viver bem e poeticamente, e se concediam indultos, privilegios, imunidades, isenções àqueles que tinham a vea mais grossa; e no ultimo laureava por voto de seus conselheiros aquele que *nemine discrepante* era por único aprovado.

Agora se mudou toda esta fabrica ao monte Parnaso, aonde as Musas, pela pouca vergonha dos Turcos

mudaram fato e cabana, sendo Elicona seu verdadeiro domicilio, como bem o declara aquele Poeta que, chegando ahí, chovendo e alta noite, estando elas já fechadas, lhes disse: *pandite nunc Heliconae deae*. E não lhe pareça a Vossa Reverencia o que pareceu a Ptolomeo, que jurou aos Santos Evangelhos que o Parnaso e Elicona era todo um, sendo diversos e mui distantes, porque situando êle Elicona no quarto clima e dando-lhe a linha por Zenit, está êle em nossos tempos em duzentos e tres graus, chegado ao Polo quasi com o estreito de Magalhães, assi que nesta sciencia de Cosmografia dê Vossa Reverencia mais credito à experiencia do que viu do que à habilidade de quem escreveu.

Verdade é que Elicona e Parnaso foram já tão vizinhos que se emprestavam o sal, azeite, vinagre, carvão, fogareiros e *reliqua utensilia*. Agora estão distantissimos um do outro; se V. R. deseja saber a causa, alargue as orelhas e ouça.

Mahomet, segundo do nome e oitavo emperador dos Turcos, depois que tomou a Constantino, ultimo imperador grego, a cidade de Constantinopla, passou a ella sua Côrte, e ouvindo dizer que o Monte Elicona era morada de Musas e que ali se ouvia de continuo uma celeste melodia, como homem mui afeiçoado à musica, com maquinas e engenhos que lhe custaram um pouco de ouro, fez arrancar o Monte de seus fundamentos, e com todo o resguardo, para que não quebrasse, trazê-lo e situá-lo para junto dos muros de Constantinopla, pegado com o seu serralho — paços em nosso vulgar — os quais tem para a banda do Mar Negro, naquella parte que os antigos chamaram Bo[s]foro Tracio. E delas fez um passadiço, e ia todas as manhans de Abril e Maio, com seus queridos bardascos, ouvir a harmonia

que as Musas faziam de madrugada, ajudadas dos bufos, mochos e corujas que nele se criavam. E como os subditos tomem com grande facilidade os costumes dos Príncipes, ou pelo menos os imitem, deram todos os baxás, sanjacos e genizaros em madrugara, para ouvirem as sacras pandorgas do Elicona, mas como esta canalha tem por preceito do Alcorão fazer sete vezes no dia sua maldita *çalá*, e pera isto seja necessario agua com que se purifiquem, como no Elicona não havia outra senão a da Fonte Cabalina, metiam-se nela e enxaguando os fanados membros e lavando as rabadilhas, juntamente com algumas mijadelas, em pouco tempo tornaram a agua como se fosse uma *infundice*.

As musas mortas de sede e enfadadas da conversação turquesa, por mandado de Apolo, escondidamente se partiram todas e foram povoar o Parnaso aonde vivem com mais descanso, ainda que com mais custo, porque toda a agua, a que por natureza são afeiçoadas, lhe trazem de carroto do rio Eurita (*sic*); e custa cada cantaro um olho da cara.

Esta é, reverendo leitor, a causa da transmigração do Elicona, que, se assi a soubera dar Frei Pantalião à cidade de pedra que viu na Palestina, nem V. R. senhor leitor, nem outro algum crítico e censor do tempo o tacharam por fabuloso; porque se êle, assi como entrou pelo sertão de Judea, entrara pelo Metamorfoseo, soubera como, depois que Perseo matou a Gorgona Medusa, cuja vista tornava os homens em pedra, metida a cabeça, em um sacco e cavalga[n]do no cavallo Pegaso (que era nem mais nem menos como o hipogrifo de Astolfo, vindo pelos ares), costeando a Fenicia, chegou ao porto de Jafa, aonde a gentil Andromeda,



nua como sua mãe a pariu, estava para ser comida da orca, atada à coluna que o Padre Frei Pantalião ainda ali achou, e matando o monstro, desatando a dama, nua assi como estava, a cavalgou nas ancas de seu cavallo, e voando como uma andorinha, em menos de tres horas chegou àquella cidade, de que historiador nenhum faz menção.

Os moradores dela, vendo semelhante portento, assentaram nele toda a artelheria que tinham pelos muros e baluartes, e cevando suas espingardas e mosquetes, lhe deram tal surriada de artelheria e mosquetaria, que a Perseo não ter acordo, para se levantar em alto mais de quinhentas braças, fizeram-no em sal e cinza.

Escandalizado contudo de tão atreçoado acontecimento, abrindo o sacco, tirou a cabeça da Gorgona, que, tanto que os de baixo a viram, ficaram convertidos em pedra naquele meneo e postura do corpo em que os tomou a vista dela.

Razão que o pobre religioso não alcançou para meter tafulhos na boca dos incredulos e praguentos, pois não era muito converterem-se os homens em pedras que, segundo opinião dos peripateticos, são conversões facilíssimas, pois procedem *de habitu ad privationem*, já que em nossos tempos vemos pedras converterem-se em homens.

E não me pique V. R., senhor leitor, que sou brando de fechos, e dispararei com mais de duzia e meia destes milagres.

E se o fizer, não me tirará V. R. uma publica disciplina com voz de pregoeiro, por suas costumadas, pelo que, não no querendo importunar, se deseja saber o que passou no Parnaso, siga-me e não me canse. E se é poeta, animar-se-ha para alcançar graos semelhantes e

se o não é, folgará de ouvir novida[des], visto que  
*omnia nova placent.*

(Fl. 97, N.º 205).

VI

SONETOS ATRIBUÍDOS A CAMÕES

1.

Amor mil vezes já me tem mostrado  
o ser-me vida o mesmo fogo ardente  
como quem queima um dedo, e facilmente  
no mesmo fogo o torna a ver curado.  
Meu mal, tristeza, dôr, pena e cuidado,  
o bem, a vida alegre, [o] ser contente  
naquela vista pura e excelente  
pôs — por essa maneira — o tempo e [o] fado  
Que veja mil mudanças num momento,  
que cresça nelas todas sempre a dor.  
Não sei se (1) os meus castelos são de vento.  
O tempo, que nos (2) mostra ser Senhor,  
por mais que contra mi se mostre isento,  
ha de tornar, por tempo, tudo amor.

(Fl. 27: N.º 73. — Braga, p. 222).

2.

Apartamentos tristes, sem ventura,  
com doces sentimentos do passado  
me trazem, ha tanto tempo, atormentado (3)  
que a morte me será vida segura!

(1) No ms. que.

(2) vos.

(3) atromentado.

O bem é para mim (1) falsa pintura,  
o descuido lembrança do cuidado;  
ando (2) de meu tormento (3) tam cansado  
que pouco durarei, se muito dura.  
Já não vale esforçar minha fraqueza  
porque o mesmo remedio me desvia,  
que noutros soe abrandar o accidente,  
Assi que já me deixa a natureza (4),  
pois, se de ver o mal se desconfia,  
rezão é desconfie quem o sente.

(Fl. 151 v.: N.º 282. — Braga, p. 225).

3.

Com que voz chorarei meu triste fado  
que em tam dura paixão me sepultou  
que mor não seja a dor que me deixou  
o tempo, de meu bem desenganado?  
Mas chorar não se estima neste estado  
aonde sospirar nunca aproveitou.  
Triste quero viver, pois se mudou  
em tristeza a alegria do passado.  
Assi a vida passo descontente  
ao som — nesta prisão — do grilhão duro  
que lastima ao pé que a sofre e sente.  
De tanto mal a causa é amor puro,  
(devido a quem de mim tenho ausente)  
por quem a vida e bens dela aventuro.

(Fl. 156: N.º 296. Braga, p. 224).

(1) mi.

(2) e ando.

(3) tromento.

(4) deixe à natureza.



4.

Com voz desordenada, sem sentido,  
e com olhos de lágrimas cobertos,  
soltava o peito (1) em ásperos desertos,  
entre um vale escuro, empedernido

*Silvano* triste, a quem endurecido  
tem de uma bela ninfa os desconcertos,  
perdendo a esperança dos incertos  
bens em que a fortuna o há metido.

Mas, volto em si um pouco, perguntava  
assi por si o pastor: «Desta tristeza  
levanta o coração já desmaiado?»

E canta, como quem melhor se achava:  
«Não desmaies, espirito, na pobreza!  
«que a fortuna à razão é mau treslado!»

(Fl. 79 v.: N.º 183. — Braga, p. 223).

5.

Contentamentos meus que já passastes,  
(e só de vós ficou o sentimento)  
não sei em que trazieis (2) fundamento,  
se haveis de tornar, quando chegastes.

Se foi comigo só o que usastes  
(no-mais que com a vista um cumprimento!)  
de vós me vingo; que enfim sois vento:  
em vento edifiquei, vento ficastes. —

Quem se fia em amor, quem tam mal sente  
que em êle se confia ou põe firmeza,  
desastres da fortuna não vigia.

Emfim, já agora sei que ser-contente  
nunca jámais de si deu mor certeza  
que dêle se-não-ter perfeito dia!

(Fl. 16: N.º 49. — Braga, p. 221. — Incompleto.  
Veja-se o meu comentário a pág. 68).

(1) soltando.

(2) trazeis.

6.

Eu não canto, mas choro; e vai chorando  
comigo Amor de ter-me assi entregado  
em parte tal que nem a ele é dado  
valer-me em mais que ir-me consolando.

Vai-me sempre ante os olhos figurando  
aquela fermosura em que enlevado  
ha tanto que ando, e tal me é forçado  
ir-me, tras ela em vão, triste, enganando.

Mas não pode sofrer tamanho engano  
Amor, que nos conhece, e de tal ver-me  
foge, e me deixa só, de pura magoa.

Olho-me então, e vejo o desengano;  
afronta a alma cansada; e por valer-me  
desabafo, desfeito em fogo e agua!

(Fl. 149: N.º 275. — Braga, p. 227).

7.

Já tempo foi que meus olhos folgavam  
de ver os verdes campos graciosos;  
tempo foi já também que os sonoros  
ribeiros meus ouvidos recreavam.

Foi tempo que nos bosques me alegravam  
os cantares das aves saudosos,  
os freixos e altos álamos (1) umbrosos  
cujos ramos por cima se ajuntavam.

Permanecer não pude em tal folgança;  
não me pôde durar esta alegria,  
não quis este meu bem ter segurança.

(1) alemos.

Ainda nesse (1) tempo eu não sentia  
de fero amor a força e a mudança,  
os laços e as prisões com que prendia.

(Fl. 156: N.º 297. — Braga, p. 221. — *Révue Hispanique*, VII, pág. 117).

8.

Oh quem dizer pudesse quanto sente!  
ou se não magoasse do que entende!  
Entenda a dor do mal quem o emende!  
conheça o bem quem dele se contente!

Vida de pouco gosto e descontente  
pretende quem saber muito pretende,  
que com obrigações caras se vende  
o muito entendimento comumente.

Não ha merecimento que mereça,  
nem culpa que ninguém faça culpado:  
aventura é nas cousas geralmente.

Descostume tam crú, desordenado  
que sempre o bem falte e o mal creça!  
Quem sofre (2) menos, é quem menos sente.

(Fl. 156: N.º 298. — Braga, p. 224).

9.

Olhos de cristal puro que vertendo  
estão lagrimas tristes, saudosas,  
regando as brancas faces, tão fermosas,  
que a luz do sol estão escurecendo;  
Espelhos claros, onde se estão vendo  
de contino boninas, lírios, rosas,  
não são lagrimas, não, mas preciosas  
perolas que de vós estão correndo;

(1) neste.

(2) sente.



Se em vós consiste meu contentamento  
e é gloria de meu bem, minha alegria,  
tomar em vós meus olhos mantimento,  
¿ Como consente Amor que noite e dia,  
movidos de um ausente sentimento,  
façais sempre à tristeza companhia?

(Fl. 150 v.: N.º 279. — Braga, p. 220. — *Círculo Camoniano*, 1, p. 133).

10.

Prometi já mil vezes emendar-me;  
propus já duas mil de converter-me;  
mas quando no fim quis determinar-me,  
de quanto prometi fui esquecer-me.  
Eu mesmo a mim não posso obedecer-me,  
posto que bem trabalho, refrear-me.  
Deus sabe quanto temo de perder-me  
e quanto custará poder salvar-me.  
Mas ¿ qual será, senhor, o duro peito  
a quem vosso amor não estê dando  
de se poder salvar, grande confiança?  
Não bastam quantos males tenho feito  
nem ver-me em tal estado, qual eu ando  
que de salvar-me perca a esperança.

(Fl. 152 v.: N.º 290. — Braga, p. 225).

*A morte da Princesa de Portugal*

11.

¿ Que gritos são os que ouço? — De tristeza.  
¿ Quem é a causa dela? — A morte só.  
¿ Tam grande mal nos fez? — Quebrou um nó.  
¿ Que nó? ¿ a quem atava? — A gentileza.

- ¿ Era mais que fermosa? — Era de Alteza.  
¿ Desfez-se em ouro? — Não, em terra, em pó.  
¿ Tambem é como nós? — Tambem. Mas só  
¿ Que gemes? — De perder a tal princesa.  
¿ Não vês que tudo é mundo? — Bem o entendo.  
¿ Pois não te agastes! — Não mo sofre a alma.  
¿ Que te consola aqui? — Na vida vê-la.  
¿ Tão boa foi? — O reino o está dizendo.  
Pois sabe que se cá levou a palma  
Que lá terá tambem a palma dela. —

(Fl. 40: N.º 106. — Braga, *Epoca e Vida*, p. 788. —  
C. M. de Vasconcelos, *A Infanta D. Maria*, p. 101.  
— Cfr. p. 13 dêste estudo, e *Peidro de Andrade  
Caminha*, p. 110).

12.

Se cuidásse que nesse peito isento  
inda algum tempo minha grande dôr  
vos fizesse sentir, não digo amor  
se não um piedoso (1) sentimento,  
Tamanho fôra meu contentamento  
que o mal que por vós passo, inda que mor,  
sem pena, sem cuidado, sem temor,  
sem queixumes passava e sem tormento (2);  
Porém, como, senhora, já conheço  
a vossa condição isenta e dura  
no pouco que sentis o que padeço,  
Não hai senão queixar-me da Ventura (3)  
pois em lugar do bem que vos mereço,  
males, em tanto mal, me dais (4) por cura.

(Fl. 151 v.: N.º 283. — Braga, p. 226).

(1) piadoso.

(2) êste *tromento*.

(3) de ventura.

(4) Entendo que Camões dizendo *dá*, se referia à Ventura.

13.

Vai-me gastando Amor e um pensamento  
(que me inclina a seguir meus próprios(1) danos)  
a esperança, o ser, o gosto e os anos,  
que para mim são mil cada momento.  
Os suspiros que em vão entrego ao vento  
paga-m'os quem m'os causa em desenganos;  
e se quero fingir novos enganos  
não m'os quer consentir o entendimento.  
Se pretendo(2) mostrar quanto padeço,  
falta-me a voz, o alento e o sentido; —  
só(3) a triste vida, não, porque [a] aborreço.  
O peito, em vivas chamas convertido,  
enfim mostre seu mal, pois já confesso  
que nem dizer se pode, nem ser crido!

(Fl. 150: N.º 278. — Braga, p. 226).

*Duvidoso*

15.

Descalço e sem chapéu, Apolo louro,  
dos mais vestidos bem ataviado,  
um dia o vi vir, tão namorado  
da lira que nas mãos trazia de ouro.  
Dizendo alegre vinha: «Oh meu tesouro!  
vida e tempo nas musicas gastado!  
com um defeito is, desconcertado  
que, sendo português, me fazeis mouro.  
«No traje digo só, porque é costume  
na minha gente ser o traje inteiro:  
não em parte, mas em tudo se resume.

(1) próprios.

(2) pertendo.

(3) e.



«Dais-me pelote e capa; sem sobreiro,  
sem calças me subis num alto cume,  
aonde o vento temo ser ligeiro».

(Fl. 80: N.º 184. — Braga, *Epoca e Vida*, p. 745. — C.  
M. de V., *Pedro de Andrade Caminha*, p. 108).

Variante (1)

Contente vivi já, vendo-me isento  
deste mal de (2) que muitos queixar via,  
chamam-lhe *amor*, mas eu lhe chamaria  
discordia, sem-razão, guerra, ou tormento.  
Enganou-me com o nome o pensamento.  
¿ Com tal nome quem não se enganaria?  
Agora tal estou que tomaria  
não faltar a meu mal o sofrimento.  
Com desesperação e com desejo  
me paga o que por ele estou passando,  
nem inda de meu mal é satisfeito.  
Pois sobre tudo isto ainda vejo  
pera me atormentar: *um olhar brando*  
e pera remediar-me: *um duro peito*.

(Fl. 150 v.: N.º 280. — Braga não o menciona).

EPIGRAMA 1.º

*A El Rey D. Sebastião sayndo aos touros*

Não corre o ceo astro tam fermoso  
nem pelo alto ar o nebri voa —  
um tam claro, tam puro e tam lustroso,  
outro que tam ligeiro os ares coa,

(1) Melhor seria dizer: texto original emendado (por Faria e Sousa na Centuria III, N.º 48) do Soneto que é imitação do de Petrarca que principia: *I'mi vivea di mia sorte contente*.

(2) a.

Como tu, Sebastião, rey glorioso  
dás nova luz ao lume da coroa  
em teu ginete Zaro que, voando,  
a terra, por ser teu, vai desprezando.

(Fl. 39 v.: N.º 105. — Vid. *Pedro de Andrade Caminha*, p. 109).

EPIGRAMA 2.º

*Ao Senhor D. Duarte, sayndo em hum jogo de canas*

Não voa pelo ceo com tanta graça  
o feroso falcão, dando mil voltas,  
seguindo mui cruel a leve garça  
com curvo bico e unhas tam revoltas  
Como hoje tu correste aquella praça  
no ligeiro ginete a redeas soltas,  
a cara dando à contraria parte  
com acertado assalto, graça e arte.

(Fl. 35: N.º 89. — C. M. de Vasconcelos, *Pedro de Andrade Caminha*, p. 109).





VII

ELEGIA DE LUÍS DE CAMÕES

CANCIONEIRO F. TOMÁS

CANCIONEIRO LUÍS FRANCO

EDIÇÃO DE FARIA E SOUSA

- 1 Belisa, um só amor dest'alma triste,  
um só descanso meu, uma só vida,  
em que todo meu mal e bem consiste;
- 2 Belisa, a quem esta alma está rendida  
com tam sobejo amor, tam de verdade  
que o bem que tem é ser por ti perdida,
- 3 Quam contrario parece em tal beldade  
que os corações cativa com a brandura,  
haver tanta dureza e crueldade!
- 4 Quam contrario parece em fermosura  
que deixa atrás tudo o que é humano,  
condição deshumana, áspera e dura!
- 5 Quam mal parece aquela que com engano  
daria a vida a quem lhe está sujeito  
querer desenganar para mor dano!
- 6 Quam mal parece um puro amor perfeito  
não ser com outro tal galardado,  
ou ao menos com outro contrafeito!
- 7 Quam mal parece estar desesperado  
quem tanto por ti sofre e tem sofrido!  
quam mal parece a amor ser desamado!
- 8 Mas quam pior parece quem rendido  
não é a esse parecer que tudo rende;  
e pior o que está menos perdido.
- 9 Quanto pior parece quem defende  
ser essa fermosura sempre amada  
e quanto ha de ser vão o que pretende!

bem ou mal

com brandura

que deixa muito atrás o que é humano

quem com um engano

por si  
ao amar

Quanto pior parece

tudo perdido

q. pior he  
s. esta f.

quanto ha de ser em vão o q. pretende

- 1 Belisa, *unico bem* desta alma triste  
*descanso singular de minha vida*  
*trono donde o poder de Amor* consiste!
- 2 *Fermosa fera a quem* está rendida  
*d'amor a que é mais livre liberdade,*  
*ganhada mais, se mais por ti* perdida
- 3 Quam contrario parece *na* beldade  
que os corações cativa com brandura  
*alguma nodoa haver de crueldade!*
- 4 Quam contrario parece em fermosura  
que deixa *muito* atrás *quanto* é humano  
*esquiva condição, ou alma dura!*
- 5 Quam mal parece *em quem só co'um* engano  
*pode dar vida ao coração sujeito,*  
dar *lhe* em lugar de vida, um mortal dano!
- 6 Quam mal parece *que* um amor perfeito  
*não seja* doutro igual *remunerado,*  
inda que seja, acaso contrafeitô!
- 7 Quam mal parece estar desesperado  
quem tanto por ti sofre e tem sofrido  
*devendo estar de penas aliviado.*
- 8 *Porem* peor parece quem rendido  
não fôr a um parecer que tudo rende  
por mais qu'em seu rigor viva ofendido.
- 9 E inda peor parece quem defende  
o ser essa beleza sempre amada  
por mais qu'em vão se canse o que a pretende.



- 10 E que cousa será tam escusada  
cuidar ninguem que podes tu ser vista  
que a vontade não fique sujeitada!
- 11 Mal conhece o poder de tua vista  
quem cuida que o que nela acaso alcança  
pode ter modo com que lhe resista.
- 12 Quam bem pareceria uma esperança  
no merecer contino por amarte,  
não sempre a amor mostrar desconfiança.
- 13 Quam bem podia eu meu mal mostrar-te,  
se o quisesses tu ver, porque *merece*  
que queiras alguma hora abrandar-te!
- 14 Quam bem parece, oh! quam bem parece  
um peito que ao outro alheo sente  
um verdadeiro amor, paga *merece*.
- 15 Se padecer por ti continuamente  
pudesse dar remedio ao que te ama  
bem podia eu andar contente.
- 16 Mas temo que aquela ardente chama  
com que este coração tanto abrasaste,  
te esfria tanto a ti quanto a mi inflama.
- 17 Belisa, se a beldade assi imitaste  
dos que a morada tem celeste, amiga,  
porquê a condição deles não tomaste?
- 18 Nenhum deles ha lá que amor não siga  
e até no que a mais te está mostrando,  
te mostras mais cruel e mais imiga!
- 19 Que peito deixará de estar vibrando  
a um amor qual eu tenho, firme e puro,  
e a um mal qual por ti estou passando?

- sogigada  
Quam mal sabe o q.  
o que vê-la
- parecerá  
em quem morre c.  
não sempre hũa mortal desconfiança  
Quão bém seria m. m. m.  
que te merece  
q. q. a. h. já abrandar-te
- o peito que o tormento alheo sente  
e hum v. a. paga e o agradece
- t'ama  
começaria eu já a a. c.  
Mas eu temo  
aqueste e.  
quanto m'inflama
- pura e sem liga
- tu no que mais t. e. m.  
mais inimiga  
de tornar brando  
hum amor qual t'eu tenho firme e puro  
e hum mal que eu por t. e. p.

- 10 Se quem te mostra amor te desagrada,  
só podes pretender o não ser vista  
mas não depois de vista o ser deixada,
- 11 Quam mal sabe o valor de tua vista  
quem cuida que o que d'ela acaso alcança  
pode achar coração que lhe resista.
- 12 Quam bem pareceria uma esperança  
*já concedida a meu amor ardente*  
não sempre *uma mortal* desconfiança.
- 13 Se um padecer por ti constantemente  
pudesse ser reparo a quem mais te ama  
inda esperar pudera o ser contente.
- 14 *Mas eu temo* que aquela imensa chama  
*com que a teu belo imperio me levaste,*  
te enfria tanto a ti quanto m'inflama.
- 15 *Se a olímpica* beleza assi imitaste  
*que brandamente move um amor puro,*  
porque *tão dura condição* tomaste?



CANCIONEIRO F. TOMÁS

- 20 Não digo peito já, se não que muro  
ao mal que tu não queres que eu conte,  
não haja já tornado menos duro?
- 21 Que penedo, que bosque ou duro monte  
me negou seu favor ou sua ajuda?  
que bravo mar? que manso rio ou fonte?
- 22 Nenhuma cousa ha hoje agreste ou ruda  
que a meu mal não mostre sentimento  
e com o favor que pode não m'acuda? —
- 23 Tu que és a causa só de meu tormento  
e tu que podes só remediar-me  
queres que meus queixumes leve o vento.
- 24 Tu que me pagarias com amar-me,  
me não queres pagar nem com a morte,  
porque com isso podes contentar-me.
- 25 Tu em quem pos a minha triste sorte  
de meu mal o remedio verdadeiro,  
te mostras cada vez mais dura e forte.
- 26 Que carvalho, que enzinha, que pinheiro,  
que salgueiro, que faia alta e sombria,  
que freixo, buxo, louro ou castanheiro,
- 27 Que planta em fim das que este bosque cria  
deixaram de regar e inda hoje regam  
estes meus olhos tristes, noite e dia?
- 28 E quando a algumas destas plantas chegam  
os mais tristes suspiros, lhe concedem  
o favor que os ouvidos teus lhe negam. —
- 29 Se não sabem negar o que lhe pedem  
as arvores silvestres, duras plantas  
que da natureza aspera procedem,

CANCIONEIRO DE LUÍS FRANCO

- não fora já  
que eu conte
- e fonte  
— oje ha  
q. de m. m. não amostre sentimento
- só  
minhas queixas  
matar-me
- enzinho  
louro, buxo,  
prantas
- tristes olhos  
qualquer destas prantas  
sospiros tristes
- estas duras, silvestres, rudas prantas

EDIÇÃO DE FARIA E SOUSA

- 16 Qual elevado, qual soberbo muro  
este mal que m'ocupa o pensamento,  
contado, não tornara menos duro?
- 17 Tu qu'es a causa só de meu tormento  
tu que sòmente podes *gloriar-me*  
queres que as *minhas queixas* leve o vento?
- 18 Tu que me pagarias com *matar-me*  
inda a morte me negas vezes tantas!  
Ai! que me deras vida em morte dar-me!



- 30 Tu que com fermosura o mundo espantas  
e os corações mais livres mais sujeitas,  
se brandamente os olhos alevantas,
- 31 Porque um amor e fé tão firme engeitas  
de aquele que, de estar sujeito tanto,  
as tuas sem-razões lhe são aceitas?
- 32 Estende pela terra o negro manto  
a noite, dá alegria e luz a aurora,  
e em meus tristes olhos dura o pranto.
- 33 [Torna a manhã depois alegre e cheia  
de um claro resplendor que tudo cora,  
nem de meus olhos cessa a dura vea (1)].
- 34 Não são lágrimas já o que a alma chora  
mas é humor vital, que o fogo que arde  
em mim, lançando vão os olhos fora,
- 35 Por onde espero já que me não tarde  
de consumir a vida mal tão fero,  
nem meu fado para outro bem me guarde!
- 36 Nem na derradeira ora ajuda espero,  
que tu, vendo em que estado me tens posto  
queiras inda entender o que te quero,
- 37 Porque não voltarás o belo rosto  
ao lugar em que então morto me vires,  
não por ter compaixão de mim, mas por teu gosto;
- 38 Nem espero que então, cruel, sospires  
nem que de dar-me a morte t'arrependas,  
antes de leda de mim o rosto vires!

daquele que se esta sujeito tanto  
que as tuas semrezões lhe estão aceitas

a noite de alegria a lux alhea  
em meus tristes olhos duro espanto

que afoga que arde  
dentro em mim pelos olhos deita fora  
me não tarde  
a morte que a hum mal tão duro e fero  
já por cedo que venha, virá *tarde*

Porem não.  
do lugar onde tão morto me viras  
nam com paixão de mim.

antes leda a outra parte o rosto vires

- 19 Usa piedade, tu, que o mundo espantas  
co'os belos olhos com que o douras tanto  
se acaso a vê-lo brandos os levantas.
- 20 Estende-se *na terra* o negro manto  
e à noite dá *alegria a luz alheia*  
mas nos meus olhos tristes dura o pranto,
- 21 Torna a manhã depois alegre e cheia  
da luz que o choro enxuga à bela aurora,  
mas do meu choro nunca enxuga a veia.
- 22 Lágrimas já não são qu'esta alma chora  
mas *amor* é vital que dentro arde  
e por a luz dos olhos salta fóra.
- 23 Como inda a morte quer que mais aguarde?  
não tarde já, mas corra a mal tão fero,  
mas já, por mais que corra, virá tarde.
- 24 Nem *no supremo transe* de ti espero  
que inda com ver o estado em que me has posto  
queiras, *crua*, entender quanto te quero.
- 25 Ai! se volvestes esse belo rosto  
ao lugar triste em que morrer me vires  
não por desgosto tal, mas por teu gosto
- 26 Não quero de ti, não, que ali suspires  
nem que de dar-me a morte te arrependas,  
mas que os olhos de ver-me então não tires

(1) A falta dêste terceto, no *C. F. Tomás*, é lapso do copista, como se vê nas rimas.



- 39 Queira deus que a pastor ainda te não rendas  
que te faça entender o que me fazes,  
nem que tu no teu mal o meu entendas.
- 40 Belisa, olha de quem te satisfazes,  
porque só amor e fé qual se te deve,  
de teu merecimento são capazes.
- 41 Isto não por haver quem se te atreve  
no que a fortuna dá, falsa e inconstante;  
se houver nela amor, ha de ser breve.
- 42 Qual rustica bstança hai tão bastante  
Belisa, a merecer sòmente ver-te?  
qual ouro, qual rubi, qual diamante?
- 43 E se com isto algum cuida render-te,  
entenderás daqui, claro imagino,  
quão longe estará de merecerte!
- 44 Porque cuidar ninguem é desatino  
merecer a que criou a natureza  
tão sobrenatural, quasi divino.
- 45 Este merece só a gram crueza  
que tu, cruel pastora, usas comigo  
pois o teu grão valor tanto despreza;
- 46 Este merece só o grão castigo  
que tu me dás a mi que não mereço;  
este merece só serte inimigo;
- 47 Este que abate tanto teu grão preço,  
merece o mal que a mim me estás fazendo,  
merece padecer o que eu padeço.
- 48 Eu que só por te amar vivo morrendo,  
vê quanto sem razão tão mal me tratas,  
estou por amor males padecendo

E isto não pode haver em quem se atreve  
dá falsa, inconstante  
e se houver nela amor ha de ser leve  
Qual rustiqua abastança ahi bastante

está  
cria  
tão s.

só gram castigo .  
que eu n. m.

abate tanto

Eu só por te amar v. m.  
vê quão s. r.  
está o amor com o mal só padecendo

- 27 Assi nunca pastor a quem te rendas  
te faça conhecer o que me fazes  
para que com teu mal meu mal entendas.
- 28 Como já agora não te satisfazes  
das penas deste amor que, por querer-te  
de teu merecimento são capazes?

- 29 Pois quem com outro merito render-te  
prezume (oh raro monstro de beleza!)  
muito mais longe está de merecer-te.

- 30 Este si, que merece a gram crueza  
com que tu d'acabar-me a vida tratas,  
pois diante de ti, de si se preza.

- 49 Se cuidas que com isto desbaratas  
este amor puro, sabe que te enganas;  
porque mais vidas dás quanto mais matas!
- 50 São tuas perfeições tão sobrehumanas  
que mais rendido então a ti me vejo  
quanto me ofendes mais e mais me danas.
- 51 Não me faz a mi mal este sobejo  
amor, que faz que morra e que te adore  
porque só contentar-te é meu desejo.
- 52 Consente já que nesse peito more  
a piedade, que é razão que tenha:  
assi não veja cousa por que chore!
- 53 Assi ao teu curral nunca se venha  
o lobo carniceiro, antes se alexe!  
sempre teu trigo em salvo à eira venha!
- 54 Assi o teu manso gado não s'aqueixe  
do calmoso verão; porque vazio  
de verde erva o campo sempre deixe!
- 55 Assi nunca o corrente e manso rio  
às tuas sequiosas cabras negue  
o seu brando licor suave e frio!
- 56 Assi nunca a vontade se te entregue  
ao amor, com que matas mil pastores  
e a mim com mortal odio me persegue!
- 57 Assi não sintas nunca as vivas dores  
desta alma que por ti em vão suspira!  
assi nunca tu sintas mal de amores!
- 58 E quanto menos este mal sentira,  
se acertara de ser tão [a]venturoso,  
que em ti vira alguma hora menos ira!

- S. c. q. com isso só desbaratas  
vida  
a mim me vejo  
m'ofendes  
faça  
e te adore  
e porque só contentar-me he seu desejo  
e não  
Assi no teu curral não se detenha  
o carniceiro lobo e em louro fexe  
sempre teu trigo salvo à e. v.  
Assi jamais teu gado não s'aqueixe  
de verdes ervas o campo fresco dexe  
o seu branco  
se te negue  
E quando este meu mal menos sintira

- 31 Se cuidas que com isto desbaratas  
o meu constante amor, porque não viva  
ele mais vive quando mais me matas.



- 59 Mas na branda sazão do gracioso  
verão que tudo faz alegre e claro  
e no inverno triste e furioso,
- 60 Sempre vejo o teu rosto tão avaro  
de qualquer mostra alegre que m'engane  
quanto de fermosura ao mundo raro.
- 61 Não tens mostra que não me desengane,  
não sòmente de que eu ledo não viva,  
mas que não m'atormente nem me dane.
- 62 Cada hora esta vontade mais cativa  
a ti vejo, e a ti sempre engeitá-la!  
basta matar de branda, e não d'esquiva!
- 63 Se algum tempo já remedeá-la  
o teu peito cruel não determina,  
não queiras sequer mais atormentá-la,
- 64 Porque, ainda que cuides que ela é indina  
de ter tamanho bem, não se te esconde  
que do mal que lhe fazes não é dina.
- 65 Onde, Belisa, ay dize donde  
achar posso piedade que te abrande?  
Ou m'acaba de todo, ou me responde!
- 66 Porem já não espero, por mais que ande,  
que tu nisto te amostres piadosa  
pois que te não abranda um mal tão grande.
- 67 Mas por mais que te amostres rigorosa,  
deixar meu pensamento é impossível —  
não fôras tu, Belisa, tão fermosa;
- 68 E por mais que esta dor seja terrivel  
a contemplação só da causa dela  
não na fará menor, mas mais sofrivel.

ou na do escuro inverno furioso

de q. branda mostra

nem sòmente

nem me dane

e tu sempre e.

baste m. de b., não desquiva

Se em algum tempo

que tu cuidas  
desse t. b.

Onde Bilissa, onde, dize aonde  
acharei cousa já com que te abrande

que t'amostres

- 32 *Se o dar-me morte tens por gloria altiva*  
eu m'inclino a que mates; tu t'inclina  
a matar mais de branda que d'esquiva.

- 33 S'esta alma tua julgas por indina  
d'aquelle grande bem qu'em ti s'esconde  
de descoberto mal a faze dina.

- 34 Onde, ai! voz acharei que baste ai! onde  
a poder reduzir-te a ser piadosa?  
ou m'acaba de todo, ou me responde!

- 35 Mas por mais que te mostres rigorosa  
deixar meu pensamento m'é impossível,  
igualmente que a ti não ser fermosa.

- 36 E por mais qu'esta dôr seja terrivel  
sòmente o contemplar a causa dela  
inda que a faz maior, a faz sofrivel.



- 69 Mas se eu viver e não poder sofrê-la,  
perder por ela a vida podés ver-me,  
porem não descontente de perdê-la.
- 70 Que se eu sou tão contente de render-me  
a quem só de meus males se contenta,  
mais o serei também d'ê ver perder-me.
- 71 Belisa, este amor se te apresenta  
para que ou o desvies, ou me mates;  
em ti só vive, em ti se aposenta.
- 72 E por mais mal já agora que me trates  
não porás neste amor qualquer receio,  
que em mim novos não são estes combates.
- 73 Antes quando estiver posto no meio  
nas mores sem-razões, no mor trabalho,  
então de mor firmeza estarei cheio.
- 74 Bem vejo quanto contigo em vão trabalho  
pois quanto mais me ves que por ti peno  
então cruel, cruel, contigo menos valho.
- 75 Tudo é pera meu mal quanto ordeno  
pois quanto ordeno é porque mais te ame  
e quanto mais te amo mais me condeno.
- 76 Forçado é que a mim mesmo desame  
pois que de mi procede o mal mais certo  
e a mi mesmo, cruel e imigo chame.
- 77 Se deste amor tão claro e descoberto  
queres vingár-te como de adversario  
em mim mesmo a vingança tens bem perto.
- 78 Inda que não me foi justo contrario  
pois pera que algum mal meu aceitasses,  
fazê-lo eu mesmo a mim foi necessario.

- Mas se eu vier a não p. s.  
pode ver-me
- mais folgarei de v. também perder-me  
Belisa, aqui hum amor s. t. a.  
a qual ou me desvia já o. m. m.  
só se a.
- E por mais já que agora mal m. t.  
nenhum receio
- das m. s., do mor t.  
estará
- Bem vejo quanto em vão palavras coalho  
pois quando mais quanto por ti peno
- quanto ordeno  
ha p. m. t'ame  
e quanto te amo eu mais me condeno
- pois de mim me procede  
cruel imigo
- mais perto  
i. q. n. me fiei neste contrario  
pois que pera

- 37 *Porem chegando a não poder sofrê-la  
perdendo a vida; quando a morte chame  
não perderei o gosto de perdê-la.*

- 38 *É justo qu'eu por ti mil mortes ame  
mas vê tu se te ilustra, quando ofensa  
minha mortal o teu valor se chame.*

CANCIONEIRO F. TOMÁS

- 79 Merecia isto bem que já abrandasses  
esse estranhavel odio, essa ira intensa  
e que um tamanho amor não engeitasses.  
80 Bem vêes que uma beldade tão imensa  
de vencer-me terá honra tão pequena  
que só render-me tomo por defesa.  
81 Mas inda que este amor meu me condena,  
contente fico assaz desta vitoria,  
que não me dão meus males tanta pena  
quanto serem por ti me dá de gloria.

(Fl. 19: N.º 61; vid. pág. 72).

CANCIONEIRO DE LUÍS FRANCO

- que te abrandasses  
e se  
bem pequena  
pois render-me  
Mas que este amor m. m. c.

(Fl. 221: N.º 276, *Elegia de Francisco de Andrade*,

EDIÇÃO DE FARIA E SOUSA

- 39 Bem vêes que uma beldade tão imensa  
de vencer-me *tem gloria* bem pequena  
*pois* só render-me tomo por defesa.  
40 Mas *já* que amor *tão puro* me condena  
contente fico assaz desta vitoria;  
que não me dão meus males tanta pena  
quanto o serem por ti me dá de gloria.

(Tomo IV-V, p. 58: *Elegia VIII*).







VIII

CANÇÃO

Não de côres fingidas  
a minha casa a vista representa,  
nem as traves sustenta  
sôbre colunas de África trazidas;  
não de Attalo as riquezas possuídas  
logrando herdeiro escasso,  
mimoso da fortuna a vida passo.

Com Febo em companhia,  
enganando co'as musas a pobreza,  
emprego noite e dia,  
no que o mundo pouco estima e preza;  
nem quero ter na vida mais riqueza;  
tenha outrem para a vida  
as veias de Pactolo, as mãos de Mida!

Que mais ditosa sorte  
que percorrendo os anos docemente,  
viver antes da morte  
na vida mui quieto e contente!

Que estado mais seguro, e eminente  
que a fama ter segura  
do tempo, da fortuna, e da ventura!

Do Egito pereceram  
as pirâmides e o mausoléu;  
e o rico templo Eleo,  
de marfim feito, os tempos desfizeram;  
as estátuas de Scopas não puderam  
sustentar-se contra êles,  
nem as tábuas gentis do insigne Apeles.

Mas vós, musas, aos vossos  
das injúrias dos tempos segurais,

e quaisquer feitos nossos  
às leis da eternidade consagrais.  
Com a lira de Orfeu ressuscitais  
a virtude esquecida,  
qual Euridice morta à dôce vida.

Estas as hervas eram  
da mágica Medêa, preciosas,  
que o velho converteram  
à fresca idade; ah! obras milagrosas!  
Estas eram as de Glauco poderosas  
que, tanto que as comia,  
feito imortal, o humano se perdia.

Que não foi só roubada  
aquela por quem Troia se perdeu,  
nem foram sós na espada  
Diomedes, Ajax e Ydomeneo;  
nem primeiro seus muros defendeu  
Hector, aventureiro,  
nem em vencer, Aquiles foi primeiro.

Muitos outros passaram  
que perderam imortal merecimento  
porque os não libertaram  
as musas do perpétuo esquecimento,  
que elas deram, emfim, seguro assento  
nos campos fortunados  
a todos os herois celebrados.

Mas como a nau se alegre  
quando, com novo lume os céos abrindo,  
desterra a nuvem negra,  
o mar se assenta, as ondas vão caindo,  
tal eu, pois novo brio vou sentindo,  
voar pudera sem penas  
ao monte do Parnaso, e Atenas.

Se é mais que em brando lenho  
em diamante esculpir qualquer figura,  
ter em tão duro engenho  
maior louvor e glória se assegura;  
que, se êste bem alcanço da ventura,  
d'algum saber interno,  
quanto escrever, será louvor eterno.

(Fl. 32: N.º 85).

IX

CAPÍTULO

DE LUÍS DE CAMÕES

*Propriedades de Amor*

Não pode quem quer muito ser culpado,  
em nenhum êrro, quando vem a ser  
o amor em doidice transformado.

Não é amor amor, se não vier  
com doidices, deshonoras, dissenções,  
pazes, guerra, prazer e desprazer,

Perigos, línguas más, murmurações,  
ciúmes, arroidos, competências,  
temores, mortes, nojos, perdições.

Estas são verdadeiras penitências  
de quem põe o desejo onde não deve,  
de quem engana alheas inocências.

Mas isto tem amor, que não se escreve,  
senão onde é ilícito e custoso;  
e onde há mor perigo, mais se atreve.

Passava o tempo alegre e deleitoso,  
o troiano pastor, enquanto andava  
sem ter alto desejo e perigoso.



Seus furiosos touros coroava,  
e nós alemos altos escrevia,  
teu nome Enone, quando a ti só amava.

Cresciam os altos álemos, crescia  
o amor que te tinha, sem perigo,  
e sem temor contente te servia.

Mas depois que deixou entrar consigo,  
ilícito desejo e pensamento,  
de sua quietação tão inimigo,

A toda a pátria pôs em detrimento,  
com mortes de parentes e irmãos,  
com cru incêndio e grande perdimento.

Nisto fenecem os pensamentos vãos  
tristes serviços mal galardoados,  
cuja glória se passa d'entre as mãos.

Lágrimas e suspiros arrancados  
da alma, todos se passam, com enganoso  
e oxalá muitos fôssem enganados!

Andam com seu tormento tão ufanos,  
gastando na doçura dum cuidado,  
após uma esperança, tantos anos.

É tal e tão perdido um namorado,  
tão contente com pouco, que daria,  
por um só mover de olhos, todo o gado.

Em todo o povoado e a companhia,  
sendo ausentes de si, estão presentes  
com quem lhe pinta sempre a fantasia.

Com um certo não sei quê andam contentes,  
e logo um nada os torna ao contrário,  
de todo o ser humano diferentes.

Oh tirano amor, oh caso vário,  
que obrigas um querer que sempre seja  
de si contínuo, áspero adversário.

E que outra hora nenhuma alegre esteja,  
senão quando de seu despojo amado,  
sua imíga estar triunfando veja:  
tanto o trazes em teu laço enredado!

(Fl. 149: N.º 276; vid. p. 110).

X

ELEGIA

DE ANTÓNIO FERREIRA

Sôbre o verde esmalte, a bela aurora  
fresco e miúdo aljofar derramava,  
o gado já saía donde mora,  
Quando ao pé de um salgueiro que regava  
com lágrimas de amor, o triste Albano,  
de mil máguas cercado, assi cantava:  
Ai duro coração, ai deshumano  
coração, frio mais que o caramelo,  
cheio de ingratidão, cheio de engano!  
Ai, peito em tudo duro, em tudo belo,  
belo, pois a Amor traz de amor ferido,  
duro, pois nunca amor soube vencê-lo,  
Que mal te fez o mal, tão bem sofrido  
dêste meu coração tão diferente  
dêsse teu, que já nunca foi vencido?  
Que mal te fez, por onde não consente  
tua dureza estranha, oh Silvia dura,  
que quem morre por ti, morra contente?  
Não vês que se meneia esta espessura  
cos suspiros que espalho de contino  
quer seja claro dia, ou noite escura?  
Não vês que crece o Tejo cristalino  
co[a] agoa dos meus olhos estilada  
desde que preso estou nesse ouro fino?

Ah triste, que a ribeira está esmaltada  
à custa dêstes olhos que te viram;  
e a ti, de meu mal, não te dá nada!  
Sentem os mudos peixes que me ouviram,  
sente esta dura rocha, o mal que passo:  
tuas entranhas só nunca o sentiram,  
És por ventura seixo? és feita de aço  
que se não doi de mi êsse teu peito  
largo em dar pena, em dar remédio escasso?  
Tem, Sílvia, ao que mereço algum respeito;  
lembre-te que te tenho lá empenhado  
um coração, que a ti vive sugeito.  
Olha, vê-lo-hás de amor chagado  
vê-lo-hás, se quiseres atentá-lo,  
dos raios de teus olhos trespassado.  
Com tudo não te atrevas a tocá-lo  
que ei medo que te abrase os brandos dedos  
no fogo em que o tu tens todo abrazado,  
Se queres mais testemunhas, os penedos  
desta rocha dirão quam mal me trata  
essa tua isenção, êsses teus medos.  
Deixa-me ora gozar da bela prata  
que amor de laços de ouro tem cercado  
adonde os olhos cega, e as almas ata;  
Deixa-me ora gozar dêsse tesouro  
onde amor toda a graça tem metido;  
abre êsses belos olhos, por quem morro,  
Abre-os e verás logo revestido  
de novas flores, monte, bosque, e prado,  
que neles anda maio recolhido.  
Verás o céu sereno, se turbado  
de nuves estiver; verás contente  
quanto co vivo raio for tocado.



Verás correr o rio brandamente,  
e quando se apartar, ir-se queixando  
com um ruído rouco e descontente,  
Verás o rouxinol, ir festejando  
a graciosa luz dessas estrêlas  
e de ramo em ramo ir cantando.  
Solta, fermosa Sílvia, as tranças belas  
de teu crespo cabelo, longo, ondado,  
que as ninfas para ti tecem capelas;  
Solta-as e verás que alvoroçado  
para o trazer nos ares anda o vento  
de sua laçaria enamorado.  
Mas ai! que busco fôrça a meu tromento,  
lenha ao vivo fogo que consume  
um coração de mágoas aposento.  
Baste nos olhos meus aquele lume  
que nas minhas entranhas acendestes  
para que percais já tão mau costume,  
E contentai-vos já co que fizestes;  
baste a sobegidão e a soltura  
com que para meu dano vos movestes.  
Porém eu, se não vir a fermosura  
dos olhos que ao Sol fazem inveja,  
com que gôsto virei a esta espessura.  
Mostra-te, Sílvia minha, inda que seja  
para perder de todo a triste vida,  
que eu morrerei, com tanto que te veja.  
Suave me será minha partida,  
suave a própria morte, se não fôra  
ver que serás sem mi menos servida.  
Triste, que me desfaço de hora em hora  
como névoa ao vento, ao fogo cera,  
e a ti nem de me ouvir te lembra agora,

Ah quem à triste vida dar pudera  
o fim que tu desejas, e que eu peço.  
Ah, quem quando te viu logo morrera!  
Mal vês, Ninfa cruel, o que padeço,  
mal te lembra de aquilo que se deve  
aquela limpa fee que te mereço.  
Porquê me tolhes ver a branca neve  
de outra gram de mais preço semeada?  
porquê tamanho mal julgas por leve?  
Naceste entre liões, fôste criada  
de alguma brava loba, a quem saíste  
tam dura, tam cruel, tam mal lembrada.  
Que causa há por que faças viver triste  
quem só com contentarte, se contenta  
porque tanta isenção nunca despiste.  
Se esperas que êste mal que me atormenta  
me ponha em algum risco de deixar-te  
enganosa esperança te sustenta,  
Que primeiro verás para outra parte  
ir-se de aqui voando estes prados  
que me vejas a mi, deixar de amar-te;  
Primeiro na água os peixes afogados  
verás e sem alvura o leite puro  
que me vejas a mi sem teus cuidados.  
Êsse teu peito estê, Sílvia, seguro  
que o meu sempre estará tanto mais firme  
quanto se lhe quiser mostrar mais duro.  
Se te vira algum'hora Ninfa, ouvir-me  
quando à montanha em vão de ti me queixo  
se sempre não andasses a fugir-me,  
Verias nomear-te aquêle freixo  
ao som do murmurar da verde rama  
que eu com suspiros meu[s] crescer não deixo;

Verias como o bosque em vão te chama,  
Silvia, Silvia, mil vezes repetindo;  
verias-me abrasado em viva chama;  
Verias como está meu mal ouvindo  
envolto em branca escuma o manso Tejo,  
as minhas tristes lástimas sentindo;  
Verias figurar a meu desejo  
nos lírios, nas violas, e nas rosas  
o teu fermoso rosto que não vejo;  
Estas minhas ovelhas, que mimosas  
já noutro tempo livre andar verias,  
saudosas de ti, de mi queixosas,  
Que o pasto que com os teus olhos lhes crias  
com o fogo de meus ais lhe estou secando  
com o pensamento em ti noites e dias.  
Mas ah triste pastor, que estás cansando  
e Silvia longe está de ouvir tuas máguas!  
se não te ouve ; a quem estás teu mal contando?  
à surda penedia, às surdas águas ?

(Fl. 33 v., N.º 88) (1).

(1) *Post-Scriptum* de 1922. Vid. p. 89 — Posso fechar este *Estudo Camoniano* com a boa nova que o *Cancioneiro Fernandes Tomás* foi adquirido pelo meu ilustre amigo, Dr. J. Leite de Vasconcelos, e se encontra no *Museu Etnológico* de Belém. A meu pedido, êle mandou tirar para mim cópia diplomática da *Elegia*, que quanto às grafias e à pontuação retoquei criteriosamente. Parece-me ser uma das mais belas poesias do autor da *Tragédia de Inês de Castro*.





## ÍNDICE

	Pág.
PREFÁCIO. . . . .	v
I. — Generalidades sôbre o Cancioneiro Fernandes Tomás	1
Lista alfabética dê autores, com indicação das obras de cada um. . . . .	22
Poesias attribuídas a Luís de Camões. . . . .	26
Lista das composições contidas no Cancioneiro. . .	29
Notas relativas aos textos. . . . .	64
II. — Textos inéditos até 1890. . . . .	121
1 Canção de <i>Bernardim Ribeiro</i> . . . . .	129
2 Décima de <i>Bento Rombo de Carvalho</i> . . . . .	132
3 Outra décima do <i>mesmo</i> . . . . .	133
4 Elegia de <i>Luis de Camões</i> . . . . .	»
5 Côrtes de Apolo de <i>Diogo de Sousa</i> . . . . .	137
6 Sonetos e Epigramas attribuídos a <i>Camões</i> . . . .	142
7 Elegia de <i>Luis de Camões</i> . . . . .	151
8 Canção de <i>Luis de Camões</i> . . . . .	163
9 Capitulo de <i>Luis de Camões</i> . . . . .	165
10 Elegia do <i>Dr. António Ferreira</i> . . . . .	167







CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELLOS

ESTUDOS CANOVIANOS

II

O CANCIONEIRO

do

PADRE PEDRO RIBEIRO

O CANCIONEIRO

DO

PADRE PEDRO RIBEIRO

COIMBRA

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE

1924



CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS

ESTUDOS CAMONIANOS

II

# O CANCIONEIRO

DO

PADRE PEDRO RIBEIRO



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1924





OFERTA

329766

ESTUDOS CANONICOS

II

O CANCELLEIRO

de

PADRE PEDRO RIBEIRO



COIMBRA

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE

1924



## INTRODUÇÃO

Um Cancioneiro composto de poesias de Diogo Bernardes e Luís de Camões, aparentemente perdido sem ter sido explorado a fundo, e do qual subsiste apenas o *Índice*, em oito páginas *in-quarto* — eis o tema que será tratado aqui em dez vezes tantas fôlhas, e ainda insuficientemente.

Claro que presumo apurar nelas algo de novo e esclarecer alguns pontos escuros, comquanto, architectando de 1880 em diante pouco a pouco as minhas opiniões a respeito dos líricos portuguezes dos séculos XVI e XVII, eu já tenha publicado sucessivamente numerosos ensaios criticos sôbre o assunto (1), no mais recente dos quais relativo ao *Cancioneiro Fernandes Tomás* toco em muitos dos problemas de autoria suscitados pela defeituosa construção das colecções manuscritas (1). Desta vez serão sobretudo observações relativas àquele magno processo insidiosamente e levemente instaurado em 1649, interrompido até 1689, renovado em 1779 e 1871, contra Diogo Bernardes, o mais bem e mais camonianamente dotado de todos os Bucolistas e Sonetistas do seu tempo e que por isso mesmo foi acusado de haver metido a sua foice em seara alhea, usurpando Eglogas, Elegias, Sonetos, Oi-

(1) *Estudos Camonianos I.*

tavas — um Parnaso inteiro do Mestre! Acusado por Faria e Sousa — o melhor conhecedor do Poeta, mas ao mesmo tempo o mais fanático e fantasioso fabulista-mor da literatura portugueza que, adorando o autor dos *Lusiadas*, usurpava para êle as melhores composições líricas inéditas, e mesmo impressas, que encontrava.

Êsse processo precisava de revisão. Porque, se as suspeitas lançadas contra Francisco Rodrigues Lobo e Fernão Álvares do Oriente se desvaneceram sem grande esforço, se Falcão de Resende, Vasco Mousinho de Quevedo, Baltasar Estação estão absolvidos do crime de plagiários, e se os poetas menores interessam pouco a crítica, as muito mais numerosas e violentas imputações lançadas contra o suave cantor do Lima subsistem ainda em parte. Sustentadas por T. Braga desde 1871 sem escrúpulos e critério, até que em 1907, ao conhecer o *Índice*, como conto expôr, mudou de opinião(1), servindo-se quanto aos pormenores, da crítica de Storck e da que traça estas linhas, elas subsistem ainda em muitos cérebros, abrandadas todavia.

O actual editor das obras de Diogo Bernardes contenta-se com dizer, no Prólogo de *O Lima*, que o notabilíssimo poeta foi acusado por alguns de ter querido imitar Camões, seu contemporâneo, e de até lhe haver roubado diversas poesias. E só acrescenta que em todos os tempos tais imputações fôram e são uma prova de valor(2).

\*

A vantagem de poder redigir êste *Estudo*, devo-a à

(1) No capítulo IV.

(2) Manuel de Sousa Pinto. Edição da Empresa *Diário de Notícias* — Lisboa.



generosidade do bem-conhecido bibliófilo lisbonense Martinho da Fonseca — aquele benemérito cultor das letras pátrias que, patrocinado pela Academia das Ciências, nos deu o útil *Dicionário de Pseudónimos e Obras anónimas de escritores portuguezes*.

Entre as aquisições que êsse bibliófilo fez pouco depois de haver publicado aquela obra, a-fim de completar a sua colecção de textos problemáticos, há uma *Miscelânea*, dentro da qual se encontra o *Índice do Cancioneiro Padre Pedro Ribeiro* elaborado em 1577, quer pelo próprio dono, quer por outro interessado, a cuja posse a colecção manuscrita passara (1).

Apógrafo do *Index* original da colecção, naturalmente, êsse escasso mas ainda assim precioso resto das poesias que o erudito Presbítero adquirira em Goa, em vida de Luís de Camões e Diogo Bernardes, entusiasmado pela veia dos dois príncipes da lírica portuguesa de Quinhentos, ensina-nos diversos factos relativos aos dois. No fim o colecionador juntara (ou um herdeiro do Cancioneiro juntara) composições de alguns poetas de segunda ordem, amigos-admiradores, imitadores e e rivaes dos Grandes — e finalmente três ou quatro das curiosidades arcaicas, legítimas e ilegítimas, em voga no seu tempo.

Repito que o próprio Cancioneiro parece perdido. Esteve, salvo êrro, ciosamente guardado nos primeiros lustros ou mesmo decénios da sua existência, digamos em vida de Faria e Sousa, o que seria até 1649. Pelo menos nem êsse, nem nenhum dos editores primeiros das

(1) Foi entre 1896 e 1898 que a comprou numa tabacaria da capital (Rua do Arsenal), onde o fadário tão caprichoso dos livros e códices fizera parar o grosso volume.

*Rimas* o conheceu(1). Só no século XVIII, entre 1744 e 1751, foi manuseado e aproveitado, bibliograficamente por Barbosa Machado, conforme resulta das minhas pesquisas. Arderia por ocasião do terremoto (1755). E, se por ventura se salvou, quer desagregado, quer juntamente com outras partes da livraria dos Duques de Lafões, em que entrara e onde o autor da *Biblioteca Lusitana* o explorou, êle continua bem escondido pelo silêncio que os possuidores guardam a seu respeito. Facto é que até hoje, ninguém chegou ainda a vê-lo, quer na Biblioteca da Ajuda, para onde dizem que foram livros dos Duques, quer algures, entre os restos ainda mal conhecidos que da livraria conservam os descendentes.

Ao bibliófilo lisbonense, esperto em catalogar, deixo a respectiva pesquisa que pessoalmente não posso realizar no Arquivo de D. Caetano de Bragança.

As quatro fôlhas não constituem um caderno independente; são parte de um todo: começam no meio de uma página da Miscelânea (f. 187 v.), e estão incorporadas nela como parcela de uma *Biblioteca Portuguesa* (2) para a qual um Anónimo ia preparando materiais na metade segunda do século XVII.

A meu pedido o E<sup>mo</sup>. Sr. Martinho da Fonseca emprestou-me o volume sem condições. E um decénio antes já o havia cedido temporariamente a T. Braga. Êsse elucidou o dono sôbre o valor do *Índice*, e escreveu a

(1) Possível seria que Soropita (1595) e Estevam Lopes (1598) houvessem tirado da colecção de 1577 as composições que são comuns às suas edições e ao *Índice*. A hipótese é todavia pouco provável em vista das numerosas peças que não lhes são comuns.

(2) Não digo *Lusitana* para evitar confusões com a de Barbosa Machado.

respeito dele um estudo, infelizmente sem o devido cuidado. Um Capítulo do volume XIII da *Historia da Literatura Portuguesa: Camões Obras Lyricas e Épicas*. Nele mostra que o Índice consta dos versos iniciais de tôdas as poesias que perfaziam o Cancioneiro, partidas em uma lista bernárdica, outra camoniana, e outra terceira suplementar, de versos dos poetas menores. A quem souber ler com atenção elas ensinam quais são os Sonetos, as Elegias, Églogas etc. que eram atribuídas em 1577 a Bernardes, e quais a Camões, pelo menos naquelas folhas, avulsas ou já reünidas em caderno, que haviam servido de fonte ao Padre Pedro Ribeiro. O estudo que o incansável historiador da literatura portuguesa — cujo fim pranteamos neste princípio de ano em que tiro a limpo o meu *Ensaio* — dedicou ao conjunto das composições é um extenso Capítulo da sua última publicação camoniana: *Obras Liricas e Epicas* (1), como já disse. Mas as informações dadas não esclarecem suficientemente. Incompletas, mal ordenadas, estão cheias de erros, e irritam — por saltos, repetições e contradições nas listas, assim como por soluções dúbias dos numerosos problemas de autoria. Nada ou quási nada se estabelece a respeito dos poetas menores (2). A falta de listas alfabéticas, única espécie que o leigo consulta com proveito, complica todos os cálculos. E com cálculos errados Teófilo falsifica o aspecto do problema essencial. A saber: se houve

(1) Vid. p. 130-240: *O Parnaso de Luiç de Camões I Canon Camoniano. II Edições das Rimas e Apocryphos Camonianos* (1907 e 1911).

(2) Talvez porque o historiador da literatura pátria já se tinha ocupado deles nos princípios dos seus estudos (em 1874), e posteriormente não apurara novidades?



*plágios* de originaes camonianos, conforme foi costume afirmar de 1645 até hoje, principalmente pela bôca de Faria e Sousa e a de T. Braga que me costumei a chamar segundo Faria e Sousa; ou se há apenas attribuições falsas, versos apócrifos ou *de autor incerto*, como eu tenho classificado, de 1880 em diante, as poesias que, aparecendo impressas e em Cancioneiros de mão como criações de metrificadores menores, foram entremetidas nas *Rimas* do Principe dos Liricos por editores delas, pelo simples motivo de serem belas e dignas de Camões.

Êrro importante de cálculo, contido nas *Obras Liricas e Epicas*, a respeito do Cancioneiro dedicado aos dois grandes Sonetistas é p. ex. o seguinte: T. Braga afirma — (a p. 143) que *quinze* Sonetos — andam *repetidos* nêle, sendo dados primeiro como obra de *Limiano* e depois como obra de *Liso*. Mas realmente há na lista que dá, apenas dois que estão neste caso:

*Todo animal da calma repousava*

(p. 160)

e

*Já a saudosa aurora destoucava*

(p. 160)

conforme mais abaixo mostrarei. Ambos de Camões, e nunca metidos por Diogo Bernardes nas suas publicações. A respeito de *treze* dá portanto informações falsas!

A meu ver, o historiador confundiu os apontamentos extraídos recentemente do *Índice*, com outros antigos da sua lavra, relativos à larga série de Sonetos de Bernardes, que voluntariosamente tinham sido metidos no século xvii nas *Rimas* de Camões, muito embora uma percentagem elevada já tivesse sido publicada anterior-

mente como original de Bernardes nas *Flores do Lima* e nas *Rimas ao Bom Jesus* — factos demonstrados parte por Storck e parte por esta sua amiga e colaboradora.

Assim enganou-se, e enganou-me a mim, e por mim o illustre tradutor italiano Tommaso Cannizzaro que, nas Anotações à sua bela nacionalização dos Sonetos todos, repetiu tais afirmações erradas, hesitando embora (1). No futuro, claro que poderiam e poderão ser enganados outros leitores se não houver reclamações e rectificações da parte de quem como eu, revisionou escrupulosamente as indicações relativas ao *Índice*. Com o propósito de emendar êsses e de evitar outros êrros e sobretudo as deduções falsas deles tirados é que estou a redigir o novo Estudo (2).

É inexacto que *Todo animal da calma repousava* seja atribuído a Bernardes na colecção de que trato.

Inexacto também, que *Doces aguas do Tejo* esteja atribuído a ambos (p. 146).

Agradável surpresa foi, ainda assim, para mim, e deve ser para todos quantos amam a poesia portuguesa — satisfação a qual de resto já apregoei com alegria e louvor — que no Capitulo indicado (3) T. Braga se desdiz finalmente daquele ódio e das tremendas acusações contra Diogo Bernardes que, herdeiro e successor de Faria e Sousa, sustentara de 1871 em diante. Reconheceu que errara. E confessa-o. Aquilo que não

(1) Vid. Luís de Camões I *Sonetti, Versione Italiana de T. Cannizzaro* — Bari 1913. É o que nela se diz a respeito dos N<sup>os</sup> 70, 82, 186, 185, 282 etc. etc.

(2) Das minhas dúvidas immediatas sôbre a exactidão das afirmações de T. Braga, dá fé p. ex. a nótula de que só me contentaria uma reprodução fotográfica das oito páginas do *Índice*.

(3) *O Canon Camoniano* (p. 138-160).

vira, ou não quis ver (1) nas provas dadas de há muito por Storck e por mim, viu-o agora no *Índice* do Cancioneiro. Mas, por não descer até às raízes da árvore das calúnias plantadas por Faria e Sousa, ainda hesita de vez em quando. No fundo do seu espírito ficaram restos das antigas crenças. E propaga erros novos.

Das repetições de textos — efectivas, conquanto muitíssimo exageradas por êle com relação ao Cancioneiro de 1577 (2) — deduz a antiguidade da tendência dos quinhentistas de confundirem Sonetos que são camonianos apenas por afinidade ou imitação, com os que verdadeiramente são de Camões. Por causa da comunhão sentimental portanto.

Sem negar essa afinidade e essa imitação — a vaga melancolia comum, o amor teòricamente platónico, o panteísmo místico, o que distingue o Príncipe dos Poetas (3), eu sou de parecer que exactamente em Bernardes há *poucas* imitações. O talento do meigamente ingénuo e suavemente melancólico cantor do Lima é original. Nas margens do brando rio, na paisagem idílica do Minho, onde passou a infância e a mocidade, em contacto íntimo com uma natureza idílica, tècnicamente doutrinado por Sá de Miranda, que lhe ensinou a arte de Sannazzaro, Diogo Bernardes aprendeu a ser Bucolista de veras — superado nesse ramo só por Rodrigues Lobo, e designado pelo grande Lope de Vega como verdadeiro Príncipe dos Bucolistas.

Quem olhar de perto com acribia para as *Églogas*,

(1) Na *Historia de Camões* II.

(2) Já indiquei que êle fez quinze de dois Sonetos repetidos.

(3) Segundo a moda tão vistosa mas muita vez só teatral do Renascimento.



Elegias, Canções e os Sonetos que são nunca contestada propriedade de Camões, isto é para as admiráveis obras-primas que o próprio T. Braga havia explorado para esboçar a filosofia do genial poeta (1), e que J. M. Rodrigues aproveitou para reproduzir as ideias do inclito autor dos *Lusiadas* (2), se depois passar aos textos duvidosos, notará nêles, por belos que sejam, certa melancolia vaga, isso sim, e reflexos platônicos como já assentei, mas não os altivos pensamentos nem o vigoroso modo de dizer do sempre loucamente apaixonado que escreveu o admirável Soneto

*Amor é um fogo que arde sem se ver,*

e o Capítulo sôbre as propriedades do Amor:

*Amor não é amor, se não vier  
com doudices, deshonoras, dissensões,  
pazes, guerras, prazer e desprazer.*

\*

À vista das repetições nas duas listas principais do Cancioneiro de 1577 (3) (quinze no falso catálogo de T. Braga, só dois no meu verdadeiro) aqueles mesmos distintivos de comunhão sentimental que sempre tinham servido de material acusador contra Bernardes, (porque a mais leve sombra de espírito idealizador era apanágio exclusivo de Luís de Camões!) transformaram-se agora

(1) P. 11-43. *A doutrina do Amor.*

(2) Sobretudo em *A Infanta D. Maria.*

(3) Na terceira lista dos poetas menores há também repetições e erros, como mostrara.

em material e voz a favor do suave cantor do Lima.  
Se já em 1577 Sonetos platônicos como

*Contente vivi já*

(p. 143 e 144)

e

*Novos casos de amor*

(p. 144)

eram metidos por um conhecedor como o Padre Pedro Ribeiro na lista de Bernardes, é preciso concluir que eram realmente dele! Lógica de Teófilo! Tanto mais assim que nas *Rimas* de Camões entraram *per-nefas*, só por causa da tal comunhão de sentimentos, diversos outros Sonetos de igual têmpera, mas que são positivamente de Bernardes, segundo a palavra reflectida do próprio, como editor e autor, da qual não temos o direito de duvidar. Entraram pouco a pouco: em 1595, 1598, 1611, 1668, 1685, 1681: tendo figurado nas *Flores do Lima* (1596) e nas *Rimas ao Bom Jesus* de Limiano (1594). — Por exemplo *Que doido pensamento — Os meus alegres dias venturosos — Horas breves do meu contentamento*. Por serem belos, (mais uma vez o digo), por terem sombras de melancolia, mas principalmente porque os editores, empenhados em vangloriar-se por haverem, com imenso trabalho, descoberto novos Inéditos e feito avultar o pecúlio do Poeta, se deixaram enganar por coleccionadores mais ou menos fidedignos de *Cancioneiros de mão*. — T. Braga vai todavia agora ao extremo: Sem examinar criteriosamente as atribuições do Padre, aceita-as em globo. Basta-lhe hoje ter êsse sido coevo de Camões para ser « fidedigno, cuidadoso, impecável ». E quanto à psicologia também regressa até certo ponto à explicação poética dos plá-

gios e furtos que dera em 1873 e 1874, virando-a todavia ao avêso. Então eles se realizavam do modo seguinte: os poetas menores copiavam obras do Mestre. Copiando-as, decoravam-nas. Sabendo-as de côr recitavam-as na côrte, e inscreviam-nas nos Álbuns das Damas — como se fôsem trabalhos seus próprios! — Hoje é a mesma comunhão sentimental que levou Bernardes a enviar ao colleccionador longínquo, entre os seus versos, outros versos de Camões, sem indicações precisas.

\*

O que na realidade pode deduzir-se racionalmente do *Índice*; tentarei expô-lo nas minhas *Anotações*.

Mas desde já digo que muitos casos foram deturpados por T. Braga e outros muitos ficam por resolver. Em geral, (embora em grau menor, por ser de poucos autores) confirma-se a respeito do Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro o que eu já notara com relação a Cancioneiros em geral. Houve uma incúria inqualificável na conservação do património lírico quinhentista, um desleixo na colleccionação que causa dó, e uma indiferença extrema não quero dizer pela obra, mas pelos obreiros. Avêso feio de grandes qualidades que distinguiam os poetas da côrte de D. João III. Houve uma bizarra isenção de ricos, pois dispersavam os seus versos, familiarmente, enviando-os, no caso melhor ceremoniaticamente aos Mecenates, mas em regra a amigos e damas, sem os marcarem claramente com o seu nome e sem os trasladarem primeiro para um grande Livro Autógrafo, de Razão, como o Cartapácio de Gil Vicente, com datas exactas — e explicações formais em epígrafes



que mais tarde teriam facilitado a coordenação final, a impressão, e verificações em casos duvidosos.

Poética desordem, da qual resultou que (com poucas excepções como Bernardes, António Ferreira, Montemor, e Andrade Caminha) até certo ponto os poetas todos da idade áurea de Portugal deixaram de nos legar o *texto-estandarte* das suas criações, suprimindo, como era seu direito, tudo quanto não achavam próprio para a publicidade, e escolhendo as lições que preferiam. Resultou indirectamente também que cada amator de poesia colleccionasse, entre 1550 e 1650, por sua conta e risco, traslados de obras-primas, e confeccionasse o seu *Cancioneiro de mão*, mais ou menos criteriosamente ou atabalhoadamente. Resultaram infinitas variantes. E attribuições erróneas.

\*

Afim de apurar os factos positivos, relativos ao *Cancioneiro*, seu *Índice*, e o *Padre Pedro Ribeiro* vou apresentar ao leitor em primeiro lugar uma reprodução diplomática do *Índice*, acompanhada das notas que lhe acrescentou o compositor anónimo da tal planeada *Biblioteca Portuguesa* que o conservou, salvo erro. Tão isenta de defeitos como teria saído uma fotografia:

Em seguida vou reduzi-lo a listas alfabéticas para todos terem a possibilidade de fiscalizar os meus assentos e cálculos, assim como os alheios, isto é os de T. Braga.

Mostrar-lhes hei depois os erros que há no *Índice*. Para que acredite na sua existência bastará dizer-lhes que um Soneto conhecidíssimo de Sá de Miranda é

atribuído a Bernardes. Examinarei tôdas as autorias duvidosas. E quando me não fôr dado resolver os problemas, restringir-me hei a coordenar os textos problemáticos em listas especiais.

O meu fim principal é contudo esclarecer o problema bernardiano, em especial quanto a Sonetos.

Vou preceder todavia êsses Capítulos relativos ao Cancioneiro de 1577, com mais algumas observações gerais sôbre Cancioneiros de mão, sem me arrependar ou avergonhar de repetir ideas que já expendi nesta introdução e diversas vezes em outros escritos, por todos êles serem ainda pouco espalhados, e as ideas por isso mesmo mal conhecidas, visto que parte deles estão redigidos em alemão.

Procedendo assim, fundindo o que o Índice me ensinou com o que eu já apurara no exame de outros Cancioneiros, sobretudo no trabalho recente relativo ao *Cancioneiro Fernandes Tomás*, julgo e espero amortizar a divida contraída com o Sr. Martinho da Fonseca.

\*

O volume que contém o *Índice* veio-me à mão providencialmente, no dia 24 de Maio de 1919. Isto é no princípio das férias extraordinárias da Universidade de Coimbra a que foram obrigados estudantes e professores pelo Decreto N.º 5770 do então Ministro de Instrução Dr. Leonardo Coimbra que, baseando-se em boatos sôbre o reaccionarismo dos professores da Universidade, propagados por malévolos, resolvera desagregar e transferir a Faculdade de Letras da antiga *Alma Mater Portuguesa* para a moderna do Pôrto — plano que felizmente não se realizou.

Aproveitei o ócio inesperado; não em viagem a Roma que me fôra oferecida e onde tanto teria gostado de salvar outro preciosíssimo Cancioneiro português, felizmente agora salvo, graças às minhas instâncias — o de Colocci-Brancuti — mas sim, estudando os materiais contidos na *Biblioteca Portuguesa* nêle contida, e em particular o *Índice* relativo a Bernardes e Camões, afim de provar por mais um trabalho meu individual que os lentes-catedráticos de Coimbra trabalham, como é seu dever, *livrescamente*, isso sim, mas *progressivamente*, tentando deduzir da tradição ensinamentos úteis para a vida moderna.

Escrito no Pôrto, a 15 de Julho de 1919.

Trasladado em Fevereiro de 1924 depois do falecimento de Teófilo Braga, quando o *Cancioneiro Colocci-Brancuti* estava em viagem de Roma para Lisboa, onde a 26 entrou na Biblioteca Nacional, festivamente acolhido.



## CAPÍTULO I

### CANCIONEIROS PORTUGUESES

Estrangeiros e nacionais tem mais de uma vez formulado a pergunta por que motivo os historiadores da literatura portuguesa ligam tamanha importância ao Cancioneiro de 1577 em especial? e em geral a todos os Cancioneiros manuscritos?

Singelissimamente podia-se responder: porque o Cancioneiro de 1577 continha (ou contém) uma porção notável de versos de Luís de Camões e de Diogo Bernardes, isto é dos dois Príncipes da lírica quinhentista, coleccionados e por ventura trasladados *manu-propria* por um letrado também poeta; e isso antes do aparecimento das primeiras edições das *Rimas* de ambos que, redondeando, podemos fixar em 1595 (1), e antes que se houvesse discutido sobre a autoria dos textos.

Com relação à segunda pergunta eu responderia: devemos estimar e estimamos os Cancioneiros de mão porque todos os que subsistem encerram composições nunca impressas e, quanto as que foram publicadas, não somente variantes dos poemas de aqueles dois vates magnos, mas também de numerosos poetas me-

(1) As datas exactas são: *Bom Jesus* (1594); *Flores* (1596); *Lima* também 1596. *Rimas* de Camões, ed. Soropita (1595); ed. Estevam Lopes 1598.

nores coevos, e de seiscentistas que os imitavam e se saíram tão bem dêsse empenho que a insânia crítica de alguns dos editores attribuiu obras deles ao próprio Camões, em regra sem lhes emendar os defeitos criteriosamente, mas no caso de Faria e Sousa *camoni-zando-os* propositada e hábilmente.

Claro que o sistema de Faria e Sousa fez escola. Ainda há pouco Delfim Guimarães attribuiu a Luís de Camões uma Glosa anónima de *Pensando-vos estou filha de Bernardim Ribeiro*, contida no Cancioneiro Luís Franco e conhecida de há muito, mas segundo o meu sentir, sem qualquer vestigio de sensibilidade camoniana (1).

A tam concisa resposta replicariam (e têm replicado contudo) — os consultantes ¿ por que motivos não foram impressas pelo menos as obras líricas da época áurea, ou clássica, pelos seus próprios autores? ¿ Como foi que, com pouquíssimas excepções, não lhes deram a feição que quizeram, tivessem perante a posteridade? Serão os Cancioneiros manuscritos realmente uma instituição nacional? Avaliariam os Portugueses a arte das artes de modo diverso das restantes nações neo latinos? Mais alto? ou mais baixo? apenas como prazer de intimidade? mero entretenimento pessoal ou de um pequeno grupo de intellectuais, quer palacianos, quer togados? Não apreciavam a publicidade pelo seu verdadeiro valor? Anteporiam manifestações da arte de comunidade ou de colectividade popular à arte individual? E será êsse traço a resultante do democratismo do carácter nacional que dá à lírica portuguesa o seu

(1) Entre as poesias de Luís de Camões não há Glosas extensas. Apenas meia dúzia de curtas e brincadas.

innegavel feitio particular: popular, comum, nacional. Se os poemas épicos (1) entraram no prelo logo depois de compostos, e igualmente prosas históricas e romances, e bastantes dramas, forçoso é procurar resposta à pergunta sôbre as obras líricas.

No primeiro período o círculo dos metrificadores, embora abrangesse numerosos indivíduos, dos reis abaixo — trovadores, segreís, jograis — era restrictamente palaciano. Nas obras escritas nêle, quer redigidas em estilo áulico, quer em estilo popular, as formas e as ideas eram de tal semelhança que foi possível tomar-se o fragmento de uma colecção de trinta e oito indivíduos pelo *Livro de Trovas* de um só! Um só, de cuja actividade trovadoresca haviam falado os antigos *Livros de Linhagem* pelo motivo de êle ser bastardo de D. Denis e Conde de Barcelos.

E num só *Livro de Trovas* — (tal é o nome arcaico do *Cancioneiro*) — estão efectivamente reünidas duas mil entre *Cantigas de amor, de amigo e de escarnho e maldizer* que cento e cinqüenta versificadores haviam composto, de 1175 a 1350 (2). Ninguém ignora que os três exemplares que subsistem e se completam felizmente, se chamam *Cancioneiro da Ajuda, Cancioneiro da Vaticana, e Cancioneiro Colocci-Brancuti*; membranaceo o primeiro, sem música e sem os nomes

(1) Depois dos *Lusíadas* (1572) saiu o *Segundo Cerco de Diu* (1574) e a *Austriada* de Jerónimo Côrte-Real (1578), a *Elegiada* de Pereira Brandão (1588); e o *Primeiro Cerco de Diu* de Francisco de Andrade (1589).

Para exemplo basta, creio eu.

Já nos fins do século xv um poema filosófico como o *Desprezo do Mundo*, do Condestável D. Pedro tinha entrado no prelo.

(2) Em Florença ainda há outro, incompleto.



dos autores ; cartáceos, apógrafos de 1500, também sem musica os outros dois, mas felizmente com indicação dos autores.

Na segunda época, assinalada pela admirável invenção de Guttenberg, a qual teria permitido a cada poeta a publicação da sua obra individual, contanto-que fôsse de valor e certo vulto, o círculo dos que cultivaram a *gaia* sciência, para desenfado seu, mas também de reis, magnates e damas da côrte, continuava a ser essencialmente palaciano, mais restrito do que dantes porque os costumes do tempo dificultavam a entrada nos paços régios

Um homem da côrte, o jovial Garcia de Resende reuniu então num in-fólio e mandou imprimir em 1516 uns duzentos e tantos cadernos e cadernetas com algumas coisas sérias e muitas bagatelas de folgar, compostas entre 1450 e 1516. Só textos, embora muitos palacianos cultivassem a música. Em grande parte estranha mistura de realidades e de fantasias. E embora os termos técnicos mais usados continuassem a ser *trovas* e *trovar* e *trovador* (1), Resende deu todavia à sua colecção o título neo-latino de *Cancioneiro* (2). *Cancioneiro Geral*, porque no reino vizinho (onde de há muito os intellectuais costumavam empregar o termo) saíra em 1511 o *Cancioneiro General* de Hernan de Castilho.

Nos cancioneros típicos manuscritos — a princípio membranáceos, como o da Ajuda, posteriormente em

(1) Gil Vicente era *trovador* e *Mestre da Balança*, segundo os dizeres de um documento.

(2) Derivado de *Cantione*: *Canzoniere* em italiano; *Cançoner* em provençal e catalanescos; *Chansonnier* em francês; *Cancionero* em castelhano; *Cancioneiro* em português, como se vê no texto.

papel de linho de formato grande — achavam-se sempre reunidas obras de poetas de certo reinado, ou de certa côrte, bem ou mal ordenados (1). No *Geral* de 1516 estão as trovas (e poesias) que tinham sido confeccionadas na côrte do Regente D. Pedro, D. Afonso V, D. João II e nos serões ou para os serões famigerados do faustoso sibarita que se chamou D. Manuel, tanto ao completo que em pouquissimas *Miscelâneas* se encontram complementos (2).

\*

Os passos gigantescos que a civilização deu na era das descobertas e conquistas em todos os ramos do saber; o exuberante desabrochar de artes e letras ou seja do Humanismo e Renascimento com o seu cultivo carinhoso tanto da língua-mãe como das vernáculos; a independência que o individuo conseguiu material e espiritualmente, e *last not least* os progressos da arte de imprimir modificaram por completo os costumes, o âmbito e o saber dos poetas, assim como as artes falantes.

Embora em Portugal, pela inércia do costume, o contacto dos letrados com a côrte continuasse no tempo

(1) O *Cancioneiro Estuñiga* p. ex. contém composições da côrte aragonesa durante a sua estada na Itália. O *Cancionero de Baena* contém poesias galegas e castelhanas da côrte de D. Juan II. O seu título é «Cancionero de Poetas Antiguos que fizo e ordenó e compuso e acopiló el Judino Johan Alfon de Baena escrivano e servidor del Rey Don Juan, Nuestro Señor, de Castella».

(2) Musicalmente há alguns no *Cancionero* publicado por Barbieri, no de Upsala, etc. Quanto a textos ainda não tive oportunidade de examinar em Madrid um manuscrito com poesias de cento e oito autores que lá se encontra. — Provavelmente traslado incompleto do *Cancioneiro Geral*.

de D. João III (1) e os irmãos dêle, assim como de seu filho o Príncipe D. João, protector natural dos poetas líricos da escola nova italiana, a reunião num só *Cancioneiro* de tôdas as criações efectuadas depois de 1516 — melhor será dizer depois do regresso de Sá de Miranda da Itália (em 1526) digamos até 1580 ou 1600 — teria sido materialmente impossível. Mesmo repartidas em composições à maneira espanhola ou peninsular, em verso de medida velha, e em composições em hendecassilabos ou à maneira italiana, não cabem em senhos volumes.

O *Cancioneiro* deixou por isso de ser o que fôra. Ficou sendo uma colecção, ou antes uma selecção particular de poesias feita por um amator, em geral nobre e letrado, que *manuprópria* as ia lançando em um infólio a isso destinado, ou às suas ordens as fazia inscrever por um seu capelão, tesoureiro, secretário. Só para seu uso e gôzo espiritual e dos seus familiares e amigos. Sem fim industrial.

Fidalgo que se prezasse tinha naquele tempo o seu *Nobiliário* e o seu *Cancioneiro*.

\*

Outras vezes um *Cancioneiro* era apenas a colecção de versos do próprio autor que os recolhia para um Mecenas ou os dedicava *ad sodales*.

Com o intuito de os fazer imprimir parece que ia juntando as melhores obras dos coevos, o suave cantor

(1) A lista das obras dedicadas a D. João III (e a D. Caterina) é de tal ordem que êle mereceria realmente o título de Rei-Mecenas se soubessemos que recompensava generosamente os letrados.



do Lima, que devemos imaginar humanamente relacionado não sòmente com Sá de Miranda, Andrade Caminha, António Ferreira, os Sás de Meneses, mas com muitos outros cujos versos desapareceram como os do Dr. António Castilho, o Duque de Aveiro, Francisco de Andrade, etc., etc. (1). Na Carta em terça-rima a D. Gaspar de Sousa Coutinho, sobrinho de Cristóvam de Moura, (a xxx<sup>a</sup> do *Lima*), expõe o seu plano

... De juntar os bons versos vos prometo  
dos poetas insignes lusitanos  
aprovados por Febo —

Mas não seria só o ócio quieto das Musas que lhe faltou, a vastidão da empresa impossibilitaria a sua realização.

Por isso mesmo não possuímos nem um só *Florilégio* clássico impresso que emparelhe p. ex. com as *Flores de Poetas Ilustres de España*, colhidas por Pedro Espinosa e D. Juan António Calderon (2). ¿Para que cuidar da publicação de versos de estranhos, se êles próprios não o haviam feito, nem os seus descendentes o faziam, e coordenavam, limavam e caligrafavam as suas poesias líricas, apenas — já o disse — quando o Rei, o Príncipe herdeiro, um Infante, ou filho de Infante solicitava com interêsse a remessa delas?

Exemplos: Sá de Miranda, que por três vezes mandou

(1) T. Braga foi temporariamente da opinião nada improvável que Bernardes e Camões trocavam os seus versos.

(2) Impressas em Valladolid, 1605. Reimpressas em 1896 (Sevilha) por D. Francisco Rodrigues Marin. Em diversos opúsculos demonstrei que há nessa bela colecção Sonetos de Camões postos em castelhano; demonstrações que como infinitas outras minúcias entraram no *Camões* de T. Braga...

cadernos autógrafos ao Príncipe D. João (1): — e Pedro de Andrade Caminha que ia dedicando as suas obras ao Senhor D. Duarte (2). Exemplo também Gil Vicente, no campo dramático, que todavia não terminou a recopilação dos seus *Autos* num grande cartapácio, conforme D. João III lhe recomendara, de sorte que foi só no reinado do neto D. Sebastião que, com privilégio dêle, os filhos Paula e Luís os publicaram. Caso raro em Portugal.

E somente quando magnates pediam ou impunham a impressão é que os poetas se abalçavam a tal aventura. Receosos como Jorge de Montemór, que em 1554 dirigiu as suas estreias, tanto profanas como de devoção, *a los muy altos y muy poderosos Señores Don Juan y Doña Juana, Principes de Portugal* (3), expondo no Prólogo o seu mêdo de ser mal recebido pelo público, e censurado pelos colegas. Nem mesmo, se realmente tinham sido coordenadas, limadas e caligrafadas pelos autores, as *Rimas* dos Quinhentistas entraram sempre logo no prelo. — Exemplos de demora são outra vez Gil Vicente, cujos manuscritos esperaram quatro a cinco lustros pela tardia glorificação; o Velho da Tapada, cujas *Rimas* saíram em fins do século, por iniciativa de parentes e amigos, quasi quarenta anos depois do falecimento dêle; o Dr. António Ferreira com os *Poemas Lusitanos*, impressos em 1598 pela dedicação do filho. Andrade Caminha, que teve edição incompleta de seus versos, pelo zêlo da Academia... em 1791. Frei Agostinho da Cruz que teve

(1) Veja-se a minha edição das *Poesias* de Sá de Miranda.

(2) Veja-se a Introdução que precede as *Poesias Inéditas* de Caminha publicadas por Dr. J. Priebisch.

(3) O filho de D. João III casado com a irmã de Filipe I.

de esperar até 1771; Falcão de Resende cujos textos vieram à luz em 1860. ; Incompletos ainda hoje!

As causas estão nas vicissitudes políticas: em primeiro lugar na fatal morte prematura do herdeiro da corôa — aquele já mencionado Príncipe D. João, em cujo espírito juvenil dois aristocráticos admiradores e adeptos de Sá de Miranda tinham acordado o desejo de, como Mecenas soberano, chamar a si tôda a pléiada brilhante de 1550, começando com o introdutor do hendecassilabo e do *dolce stil nuovo*; a menoridade de D. Sebastião, derrota de Alcácer-Quebir, senilidade do Cardeal Infante, etc.

O falecimento em 1554 daquele Mecenas chorado em elegias e églogas latinas e neo-latinas como nunca, em país algum, rei morto fôra lamentado e adulado (1), cortou pela raiz as esperanças e aspirações dos Quinhentistas.

Ainda assim, o exemplo de Luís de Camões que como poeta épico incitou poderosamente os espíritos (2), se depois dos *Lusiadas* houvesse dedicado o seu *Parnaso* a D. Sebastião, teria chamado ao terreiro lírico todos quantos tinham Cancioneiro em casa: exactamente como o estilo grandíloquo da epopeia nacional e o clássico dos poemas latinos de Resende e Coelho, e o romântico dos Amadises e Palmerines havia inspirado imitadores, o verso humilde das Églogas, Elegias e Redondilhas teria inspirado mais de um e

(1) Falei disso no Sá de Miranda, p. 739 e seg.

(2) Poemas épicos imediatos aos *Lusiadas*, são p. ex. o *Segundo Cerco de Diu*, de Cortereal (1574), a *Austríada* (1578), o *Naufrágio de Sepulveda* (1594-1589); a *Elegiada* de Pereira Brandão (1588) o *Primeiro Cerco de Diu*, de Andrade. Já dei mais acima essa lista das principais epopeias.



dado a muitos a confiança de se sair com os seus ensaios.

Do desaparecimento funesto do *Parnaso* falarei no Capítulo imediato.

Por ora tenho de acrescentar que no retraimento tão prejudicial dos poetas líricos influíram ainda além da falta de um novo César Augusto (1), e de um modelo exemplar, diversos outros motivos. P. ex. a opinião tão portugueza de que obras profanas de fantasia,

*fantásticas, fingidas, mentirosas*

eram inferiores não só a obras religiosas (2), mas também a obras históricas; o receio de apresentar à Mesa do Santo Tribunal e depois à censura do público versos de amor profano (3); a falta de bom material tipográfico em estilo Renascença; e principalmente a bem-dita mas malfazeja aspiração à perfeição técnica no metro novo, e à graça e elegância que êsse já atingira não só na Itália mas também no país vizinho, em Es-

(1) O próprio Diogo Bernardes dizia que um Mecenas era tão raro em Portugal como um branco entre os Ethiopes.

(2) Não deixemos esquecer que na segunda metade do século xvi saíram diversos volumetos de prosas e poesias *ao divino*: depois da *Paixão e morte de Cristo* em estilo metrificado de Frei António de Portalegre (1577), as *Homelias e Elegias* sacras de Jorge da Silva (1554); a *Filomena de S. Boaventura* attribuída a Francisco de Andrade (1566), as *Elegias* de Simão da Silveira (1567), etc., etc.

(3) Para que o leitor se persuada de que de facto o amor profano, tingido de paganismo, quer platónico, quer ovidiano amedrontava realmente os Censores, recomendo-lhe a leitura dos privilégios e das censuras de obras como as *Ribeiras do Mondego* de Eloi de Sôto-maior e os primeiros versos de Montemór.

panha na dicção de Garcilaso, e séculos antes havia atingido no *Canzoniere* de Petrarca — metro que a meu ver saiu perfeito p. ex. nas primeiras vinte oitavas da epopeia.

Muitos vates de prosápia pensariam também, como Jorge de Montemór e seu louvado Dr. Rodrigo de Mendonça, que só o que é raro e caro é apreciado. Versos vulgarizados pela imprensa apenas servem... para que os leitores digam mal dêles. « *As obras de Boscan, quão desejadas, eram, e quanto praguejaram delas depois! y quando se les pide raxon, no saben dar otra sino... que es mejor lo que escribió Garcilaso* » (1).

Se abstrairmos do hispanizante Jorge de Montemór, temos um único Quinhentista português que juntou e publicou as suas composições líricas — já o disse no Preâmbulo — : *Diogo Bernardes* o que planeou juntar um Cancioneiro de obras alheias.

Realmente tarde, quando sentia a sua veia exgotada reuniu nos três volumitos cujos títulos já citei, as *Rimas* que compusera no decorrer dos anos na ribeira do Lima, em Lisboa, novamente no Minho, em Marrocos durante o cativo, em Madrid, e depois do regresso. Propositadamente principiou com as poesias religiosas que dirigira ao Salvador, à Virgem e a diversas figuras da hierarquia celeste (2), empregando ambos os estilos, mas principalmente a maneira italiana (3). Além dos versos realmente *ao divino* que

(1) Filho por ventura de uma artista espanhola.

(2) S. Pedro, S. João, Santo António, S. Roque, S. Jacinto, St.º Agostinho, S. Lourenço, S. Sebastião, S. Bernardo, St.º Clara, St.º Madalena, Santa Úrsula, com sua companheira Undecimilla [já então transformada (por engraçada etimologia popular) de Onze mila em Onze mil].

(3) De 106 composições, apenas 20 são Voltas, (treze de Mote

muito deviam consolar o irmão na Arrábida, entraram vários semi-profanos na colecção que intitulou: *Varias Rimas ao Bom-Jesus e a Virgem gloriosa sua Mãe e a Santos particulares com outros mais de honesta e proveitosa liçam* (Lisboa, 1594). A essa última categoria pertencem versos fúnebres à morte de pessoas amigas, sôbre o tempo do mal, e a respeito do cativeiro do poeta na África, e como fecho um Soneto nobre mas absolutamente profano. Aos cabelos da barba de D. João de Castro.

Pouco depois Bernardes teve o arrôjo de reunir em outro volume parte de suas poesias profanas, dando a primazia às *Églogas* em que tanto se distinguira, e às *Cartas reflectidas* — (*O Lyra*, 1596).

Em terceiro volume deu a conhecer *Sonetos* de amor, *Canções* e *Redondilhas*, suspiros que, embora deramados em ocasiões e localidades diversas, considera como *Flores* do rio pátrio que para êle foi sempre o Letes, o clássico Leteo — (*Flores do Lima*) 1596-97.

A-pesar dêsse seu procedimento e independente e do cumprimento exemplar de todos os seus deveres com a pátria — e quanto a sua obra poética, louvado como ótimo

alheio) Glosas 4, e Endechas 5. — Todo o resto tem forma italiana: de Soneto 56; Elegia 12; Epigrama 6; uma Canção, uma Égloga e duas Sextinas. No Índice da segunda edição, de que me sirvo (1770), regista-se uma só Sextina mas a p. 23 há outra, sem epígrafe, impressa erroneamente como se fôsse continuação das *Estancias à Ascensam do Senhor* (p. 22). Principia *Ja não tem para mim prazer os dias e têm as rimas (perdidas) dias, noites, tempo, olhos estrelas, terra.*

Alguns versos alheios, às Relíquias de S. Roque trazidas a Portugal por D. João de Borja e D. Francisca de Aragão, que Bernardes meteu na sua publicação, são de Andrade Caminha, Luís Franco, Gaspar Freire.



bucolista, o suave cantor do Lima, *verdadeiro Limiano* e pastor Alcido (Alcino, Alcipo) nos elogios dos comitões durante decénios, Diogo Bernardes foi ainda assim acusado pelo tão benemérito quanto fanático Camonista Manuel Faria e Sousa de haver roubado e editado como criações suas Sonetos, Églogas, Redondilhas, e Oitavas de Luís de Camões. ¡Injuriado também porque não saíra mais cedo à luz com os seus três volumitos, em vida de Luís de Camões para que êste pudesse vindicar para si o que lhe pertencia!

Esta questão dos plágios reservo-a como a dos furtos para um Capítulo especial.

O dos Cancioneiros vou fechá-lo assentando de novo que por os quinhentistas melhores não haverem tratado pessoalmente da publicação cuidadosa das suas *Rimas*, e os legatários, oficiais ou extra-oficiais, haverem também tardado com ela até o último decénio do século, foi que também nenhum dos poetas menores se atreveu a colleccionar e editar as suas obras líricas.

Luís de Camões sobretudo, mas também Miranda, Ferreira, Andrade Caminha, Frei Agostinho, têm a culpa de que D. Manuel de Portugal (1), D. Francisco de Sá e Meneses, Francisco de Andrade, Martim de Castro do Rio, Fernão Rodrigues Lobo Soropita, Simão Silveira, Simão da Veiga, o Infante D. Luís, o Duque

(1) Êsse publicou tarde (em 1605) as suas *Obras ao divino*. As profanas ficaram inéditas: Baltazar Estaço (1604), Fernão Álvares do Oriente (1607) já não são excepções. Nos sessenta anos de dependência política, mas de fecundidade literária e actividade, foi o imitador muito talentoso Francisco Rodrigues Lobo que deu um óptimo exemplo começando logo na mocidade, aos dezasseis anos, de dar à luz os produtos do seu génio.

de Aveiro, o Conde de Vimioso e diversos outros, inferiores em fecundidade e galhardia, não se preocupassem com o destino das suas obras.

Foram causadores de que os seus coevos enviassem manuscritos — autógrafos ou cópias caligráficas — de uma e outra poesia solta ou de cadernos mais ou menos delgados, a protectores, amigos e damas da côrte. Causadores de que cada amator da arte reunisse num Cancioneiro ou numa Miscelânea os versos seus predilectos, afim de os poder ler e reler.

A causa todavia de que todos os autógrafos se perdessem e de que nos traslados dedicados a Reis e Príncipes, os coleccionadores não dessem indicação clara a respeito do autor e confundissem freqüentes vezes autores e meros trasladadores, a causa de que haja tanto problema, tanta suspeita, tanta calúnia, essa está no descuido de que falei no principio dêste ensaio.

Descuido e não desonestidade. Se entre os versos de Frei Agostinho da Cruz encontramos outros alheios, não só de seu irmão mas também do Coleccionador Estêvam Rodrigues de Castro e Martim de Castro do Rio, ¿como explicar essa desordem? Ninguem terá em conta de ladrão e plagiário êsse Capucho de alma pura e ingénua.

E se na *Miscelanea* (1) de Miguel Leitão de Andrade há Sonetos e Cartas de vários, dar-se há o mesmo caso, visto que logo no principio êle explica que apresentará uma Salada (ou *Enselada*) de vários ingredientes.

(1) « Bem estou vendo que muitos me hão-de notar por verem neste livro (a que me pareceu chamar *Miscellanea* ou *Selada* pola diversidade de cousas que nelle vão misturadas) algumas que lhe parecerão alheias e ditos também alheios ».

Ainda assim acho estranhável a falta de nomes de autor nas colecções. E a-pesar-do terremoto (em que desapareceram livrarias inteiras como a régia de D. João V, a dos Duques de Lafões e Condes de Eriçeira e nelas talvez os manuscritos que D. Rodrigo da Cunha e seu sobrinho D. António Álvares da Cunha manusearam)(1), acho sumamente estranhável a desapareição completa de originais da mão e letra de Camões, Bernardes, Ferreira, e dos Cancioneiros aproveitados por Soropita (1595), Estêvam Lopes (1598). Estranhável também que subsistam tão poucos Cancioneiros manuscritos (2).

T. Braga disse algures que muitos textos metrificadas foram recolhidos pelo Santo Officio que os destruiu para salvaguardar e aperfeiçoar os costumes. Será verdade isso? A favor do facto falam o caso já alegado de só Homílias e Elegias sacras e Vidas de Santas e Santos terem saído dos prelos, meado do século xvi, e o de nas *Censuras* se frisar sempre a pureza dos versos ao divino e com relação aos profanos o não conterem nada contra a fé e os bons costumes.

Não perco todavia a esperança de nas Miscelâneas da Biblioteca da Ajuda, nas livrarias dos Duques de Cadaval, D. Caetano de Bragança e Condes de Pereira ainda surgirem surpresas, quando examinadas por olhos de ver.

(1) Datados de 1568.

(2) O de Luís Franco na Biblioteca Nacional; o de A. Fernandes Tomás no Museu de Belém; o do Conde de Juromenha nas arcas do Conde de Sucena, salvo êrro; alguns na Biblioteca de Évora, só em parte explorados (e mal) por Victor Hardung, e Barata.





## II

### O PARNASO DE LUÍS DE CAMÕES

¿Que espécie de manuscrito seria o Parnaso? ¿e como desapareceu? ¿Por desleixo do próprio autor? ou ¿por culpa e crime de outrem? ¿roubo propositado de um invejoso?

Mal se pode duvidar de que o desaparecimento fôsse desairoso, visto que um historiador consciencioso, empregou a palavra *furto* com relação a um facto de que fôra quasi testemunha, com quanto fôsse meio século depois que se referiu a êle.

Diogo do Couto, que se preza de ter sido o especial amigo de Luís de Camões, seu companheiro nos estudos em Portugal, e seu matalote de cama e mesa na Índia, narra o caso na *Decada VIII*, a qual também juntamente com a XI, lhe fôra roubada por maldade de um invejoso(1) que depois da morte do velho (já octogenário e doente) continuador de João de Barros(2), contaça lograr-se do trabalho e suor dêle.

No Prefácio da segunda redacção, que êle ainda assim chegou a acabar e dedicar (1616) a Felipe II de Portugal(3), fala exclusivamente do feio crime com que o lesaram a êle.

(1) Estando êle doente em casa, em 1614.

(2) Couto faleceu a 10 de Dezembro de 1616.

(3) Êsse *Prefacio-Dedicatoria* acompanha a edição de 1786. —

Ao furto do *Parnaso* refere-se no texto de ambas (1), narrando como o grande Poeta, durante a triste e forçada demora na dura Moçambique (no inverno de 1568 a 1569 portanto) depois de haver acabado de aperfeiçoar as suas *Lusiadas* (*sic*) para as imprimir « *foi escrevendo muito em um livro que ia fazendo, e intitulava « Parnaso de Luis de Camões» — livro de muita erudição, doutrina e filosofia, o qual lhe furtaram. « E nunca pude saber no reino dele, por muito que inquiri.» « E foi furto notavel»* (2).

Verdade é que na redacção primitiva da Década VIII, pronta para entrar no prelo em 1614 juntamente com a IX; — as que lhe foram subtraídas pela cruel e desumana harpia da inveja, Couto não se havia servido do vocábulo acusador de *furto*. Falara apenas do desaparecimento do *Parnaso*.

Depois de se haver referido em geral à estrela funesta do Poeta, sua miséria, e seu carácter terrível, Couto diz: « Neste inverno começou Luís de Camões a compor hum livro muito docto de muita erudição que intitulou *Parnasso* (3) *de Luis de Camões* porque

Com data falsa de 1606, foi impresso nas *Memorias de Literatura*, I, 339, e tratado sem acribia crítica por Inocêncio da Silva, II, 156.

(1) A primeira redacção existe manuscrita. Descoberta há pouco na Biblioteca do Pôrto foi examinada quanto aos trechos relativos a Camões, por João Grave e Joaquim Costa. Veja-se *Boletim da Academia das Sciencias*, vol. XI, p. 1039-1045.

(2) Vol. XVIII, p. 233 da edição de 1786.

(3) *Parnasso*. — Em verso, os clássicos portuguezes preferiam a forma *Parnaso*, com s brando, em rima muita vez com *Pégaso* (por *Pégaso*). *Parnasso* com s forte, grãficamente duplo, prevaleceu todavia em tôdas as outras línguas europeias, porque essa forma era a mais documentada nas obras de Latinos e Gregos.



continha muita poesia, filosofia, e outras ciencias, o qual desapareceo; e nunca pude em Portugal saber delle ».

O confronto dos dois assentos podia despertar em censores hipercríticos a suspeita que foi o furto das suas Décadas VIII e IX que levou Couto a considerar também como criminoso o *desaparecimento do Parnaso*. Em mim suscitou pelo menos numerosas hesitações. ¿Onde se perpetuaria o crime? ¿Em Moçambique? ¿durante a tornaviagem? ¿ou — como me parece mais provável — na ocasião do desembarque em Lisboa(1), por mãos de um dos próprios matadores-poetas que conheciam e cobiçavam o volume? ¿Mas com que fim? ¿Só para ferir no âmago do coração o genial poeta? ou ¿para realmente usurpar obras dele? ¿ou, suspeita horrível, para destruí-las? ¿Mas se Couto fez realmente pesquisas para tornar a descobrir o *Parnaso*(2), êle sabia, ou suspeitava pelo menos que não fôra destruído? ¿E o próprio poeta não daria passos para reaver o que era seu, ocupado com a publicação dos *Lusiadas*, ou paralisado com indignação ou desalento moral?

Certo é apenas que Luís de Camões tratou logo de salvaguardar o *Tesouro do Luso*, que já arrancara às salsas ondas do oceano, mas não legou um *Parnaso* à posteridade; não tratou de reconstituir nova colecção ou selecção das suas incomparáveis composições líricas, a-pesar-de numerosos traslados da maior parte terem existido nas mãos de amigos e protectores e damas, e de, no relativo ócio que a *tença* recebida

(1) Vid. Storck, §§ 346-360, sobretudo 341 e as *Anotações* 4-6.

(2) ¿Quando? ¿De 1570 a 1571? porque em seguida voltou bem despachado à Índia, onde casou e envelheceu.

como prémio dos *Lusiadas* lhe proporcionara, êle haver ideado ainda novas e belas Odas e Oitavas e mais de um Soneto.

Certo é igualmente que o não-aparecimento do *Par-naso* foi funesto no sentido já indicado de haver causado o retraimento de todos os outros poetas líricos.

Um ilustre Camonista conjecturou que a história do roubo contada por Couto seria mera fábula, ideada e espalhada pelo próprio Camões (1), porque sem grave escândalo bõa parte das suas poesias não podia ser publicada em vida dele e... da Infanta D. Maria. Creio contudo que tal hipótese não persuadiu nem persuadirá ninguém. A sua estrela funesta, sua natureza terrível fizeram que constantemente *mudasse as causas ao cuidado*, suspirando ora por Natércia, ora por Nise, Belisa, Dinamene (2), Barbara: *em várias flamas variamente ardendo*.

*Que ardesse num só fogo não queria o ceu é confissão a que eu dou fé.*

Quanto à probabilidade ou improbabilidade do roubo (3), sei de furtos quasi inocentes nas literaturas modernas, embora irritassem as vítimas, isto é de casos de indiscrição de amigos que publicaram versos ou prosas que só para leitura individual lhes tinham sido

(1) Vid. J. M. Rodrigues, *Camões e a Infanta D. Maria*.

(2) No mesmo manuscrito portuense da *Decada VIII* de Couto que citei, o Soneto *Alma minha gentil* é pôsto em relação com a morte de Dinamene, moça china que o Poeta trazia de Macau, e se afogou na costa de Sião. — *Bol. Acad. Scienc.*, XI, p. 1042.

(3) A fabula narrada por Faria e Sousa a respeito de um *Par-naso*, de prosas e versos, legado pelo poeta a Estacio de Faria, seu avô (*Vida*, § 26), e por êle estragado quando menino, claro que não merece crédito algum.

confiados. O *Cortegiano* de Baltasar Castiglione, entregue à nobre Vitória Colonna é um exemplo(1). Outro temos na *Hispaniola* de Maldonado. E embora o intento não se realizasse, meto nesta categoria o furto dos primeiros seis Cantos dos *Lusiadas* de que fala Faria e Sousa (supondo dissesse verdade)(2).

Sei também de furtos feios de vaidosos e tímidos que, amando a arte, mas sem facilidades criadoras, tendo-se gabado, e anunciado como pronta qualquer Égloga ou Elegia, não encontravam depois outra escapatória do que copiar versos alheios, e apresentá-los como seus, porque mais ou menos correspondiam ao seu modo de pensar e de sentir. E tiveram o arrôjo de os inscreverem em Álbuns e de os imprimir em *Jornais* ou *Revistas*. O interessado leia p. ex. o que Inocêncio conta dos *Pastores desenganados* (3). E releia o epigrama que Marcial dirigiu a Fidentino

*Quem rëcitas meus est, o Fidentine, libellus.*

A autoria problemática do formosíssimo Soneto

*No me mueve, mi Dios, para querer-te;*

a da Ode a Itálica, a questão do *Amadis*, a do *Palmeirim*, a da tragédia *Inês de Castro* entram também aqui, assim como as patrióticas falcatruas de Frei Bernardo de Brito.

(1) Ela deixou tirar cópias do ma nuscrito, o que levou o autor a apressar a impressão. — Vid. C. M. de Vasconcelos, *A Infanta D. Maria*. Notas 115 e 272.

(2) *Lusiadas*, Ed. 1639, p. 37.

(3) Vol. VI, p. 353.



De roubos directos de volumes inteiros com muitas obras como o *Parnaso*, ou de história como a *Década VIII* de Couto, provocados por inveja, ciumes e cobiça, confesso que não conheço exemplos.

Da idea de T. Braga que o *Parnaso* fôsse materialmente retalhado e dividido entre um bando de poetas famintos de glória, cabendo a cada um algumas composições camonianas, tornarei a falar!

Primeiro ventilarei a questão ¿que espécie de collecção seria o *Parnaso*? — Um livro cheio de poesia, filosofia ou de muita erudição e doutrina explica Couto, cujos modos de dizer *ia fazendo e começou a compor* podiam levar-nos a supôr que se tratava de uma obra integralmente nova e não de reunir e limar as poesias líricas compostas durante três decénios. Um livro de versos e prosa calcula Faria e Sousa. A collecção de tôdas as obras menores do Poeta, incluindo as Cartas em prosa de que hoje possuímos apenas escassas amostras, penso eu: (1) todo o pecúlio literário portanto, com exclusão da epopeia e das Comédias.

Um livro só de versos à maneira italiana, opinava T. Braga (2), porque com êsse nome clássico iam substituindo o antiquado *Cancioneiro e Livro de Trovas Humanistas e Renascentes*. Tão novo todavia em Por-

(1) Influido por essa idea (minha, e de Storck) T. Braga observou no *Camões*, de 1911 (p. 132) que as Líricas do *Parnaso* iriam acompanhadas talvez de alguma dissertação ou comentário!

(2) Nesse sentido o empregou êle na edição brinde da *Actualidade*, (Pôrto 1873) e na selecção de 1881. E em muitos trechos das suas obras camonianas; p. ex. no seguinte trecho do *Manual*: « Com certeza o título de *Parnaso* só se dava a uma collecção de poesias; e com êste título Camões designava as composições que escrevera no gôsto da Escola italiana » (p. 292).

tugal como fôra *Lusiadas* por *Lusitanos*. E essa maneira de opôr o greco-latino *Parnaso* ao neo-latino *Cancioneiro*, agrada à primeira vista. Contudo, é arbitrária porque não há um único exemplo que documente êsse significado restrito.

Desde que Boscan e Garcilaso no reino vizinho e entre nós Sá de Miranda introduzira o verso hendecassilábico e as formas artísticas do Soneto, da *Terça-Rima*, da Oitava, da Canção etc. não mais houve colecções só de versos de oito e seis sílabas — Cantigas, Vilancetes, Glosas, Endechas (1) e de Oitavas de arte maior para poëmas reflectidos e narrativos; nem tão pouco só de obras redigidas no doce estilo novo. De 1527 em diante, entraram nas edições do *Cancioneiro General* de 1540 e 1557 Sonetos e Oitavas como *Obras Nuevas*. E em todos quantos *Cancioneiros* de mão existem em Espanha e Portugal (e no Museu Britânico) há assim mesmo composições de arte velha a par das de arte nova que em geral predominava.

Quanto à obras impressas com o título (2) de *Par-*

(1) O termo genérico de *Redondilha*, que a princípio designara apenas *quodras* (abba) e *oitavilhas* (abbaabba), ainda não era empregado no tempo de Miranda para denominar tôdas as composições em versos de oito ou seis sílabas. O primeiro que o utilizou assim em sentido lato foi (salvo êrro) o grande Diego de Mendoza.

(2) O termo *Cancioneiro*, no sentido exclusivo de Colecção de Cantigas, Vilancetes, Glosas, Endechas de medida velha, empreguei-o no Sá de Miranda (p. 740) de um modo que podia fazer supôr que Boscan se servira dele para epigrafar as suas obras de medida velha. Mas eu falei apenas de *uma especie de Cancioneiro*, e Boscan usara do título *Livro de Coplas hechas a la castellana*. W. Storck substituiu muita vez *Cancioneiro* por *Album*, o que não aprovo. O *Album*, (Gedenkbuch — Stammbuch — Sammelbuch)

*naso* — em que de resto sempre se procedeu do modo indicado — todas são modernas. Basta mencionar de um lado o *Parnaso Português Moderno* (1) e o *Parnaso camoniano* de 1880 de T. Braga (2), assim como do outro lado o *Parnaso Lusitano* de Almeida Garrett e o *Parnaso Español* de Sedano que contam amostras de todos os géneros. Mesmo dramas e trechos épicos (3).

Provável é que o Príncipe dos Poetas lusitanos fôsse o primeiro a escolher o título greco-latino para a edição das suas poesias líricas.

Provável e justificado. Por o *Parnaso* ou *Parnasso* ser uma serra, e em particular o monte mais alto dela, mais vistoso e mais próximo do ceu, era na mitologia helénica morada de Apolo e Dionysos, os dois deuses da arte divina, e das nove irmãs. A cada *Musa* foi costume atribuir uma só espécie poética, como os peninsulares sabem pelas *Musas de Melodino* (4) e as de Quevedo (5). E Luís de Camões, embora entoasse, com brilho especial, instrumentos altíssimoantes como a tuba de *Caliope*, a lira de *Clio*, a tiorba de *Polyhymnia*, e a harpa de *Melpomene*, não desprezava a viola de *Talia*, nem a cítara de *Erató*, nem a sanfonha de *Euterpe*.

Não nos é dado imaginar se realmente planeara em Moçambique, no regresso à pátria, tal divisão do seu

é pessoal e ilimitado quanto a línguas e géneros, prosas, versos, desenhos, em regra originaes.

(1) Lisboa, 1877.

(2) Já ficou dito que na Edição das obras de Camões de 1873 o Tomo I é também *Parnaso* de Luís de Camões.

(3) Existe mesmo um *Parnaso* exclusivamente dramático: *Parnaso Nuevo* de 1670.

(4) D. Francisco Manuel de Melo, *Obras Metricas*, Lyon 1665.

(5) Vol. III da edição de Anvers 1726.



*Parnaso* em nove Musas, ou se preferia transmitir à posteridade, sem se cingir ao número nove, singelamente um *Livro de Sonetos*(1), outro de *Canções*, o terceiro de *Eglogas*, o das *Odes*, o das *Oitavas* o das *Elegias* e o das *Redondilhas*.

Certa estou contudo de que não faltariam no *Parnaso* o admirável *Canto de Sião*, nem as *Endechas a Barbara Cativa*, nem tão pouco as lindas Voltas sôbre *Leonor na Fonte*, a formosa e não segura, que encantaram Lope de Vega (2) como em geral as redondilhas, tanto as sentimentais (de *Saudade minha*) como as alegremente brincadas do incomparável Português.

(1) Couto dá o nome de *Livro de Sonetos* à primeira edição das *Rimas de Camões*.

(2) Felizes os estudantes de hoje aos quais Agostinho de Campos ofereceu o seu *Camões Lirico* — dádiva de cujo valor parece que ainda não se inteiraram.



### III

#### OS SUPOSTOS PLÁGIOS

Separo os *plagios* dos *furtos* (de que falei no Capítulo precedente), conquanto no fundo plágios não sejam senão roubos, parciais, e os que dizem respeito a obras de Camões derivem directamente, no pensar de muitos, do furto do *Parnaso* perpetrado em 1570.

Sem êste furto, ou por outra sem as nótulas de Couto, ninguém de certo teria acusado de plagiário a Bernardes, Lobo, Alvares do Oriente, e tôda a pleiada de poetas menores que aprenderam a arte primeiro de Sá de Miranda e depois de Luís de Camões — mas que T. Braga com meias palavras trata de ladrões. Imitando o Mestre, esses produziram alguns Sonetos d'gãos d'ele e que por isso mesmo foram vindicados para Camões, primeiro por engano por editores rectos como Soropita, Estevam Lopes, Domingos Fernandes, D. António Alvares da Cunha, e depois, sistematicamente por Faria e Sousa (1).

(1) Eis a lista alfabética dos Sonetistas que entraram com uma ou outra amostra nas *Rimas* :

Aires Pinhel (Dr.).  
Álvaro Vaz (Dr.).  
André Falcão de Resende.  
Baltasar Estaço.



Esse Capítulo dos plágios desconsola profundamente, O *suum cuique*, tanto material como espiritual, a justa avaliação e paga do trabalho alheio, evangelho de tôda a alma bem formada, é contrariado muita vez na história da literatura portuguesa, cheia de processos de propriedade, como já ficou dito.

Muitos dêsse processos estão decididos a favor de Portugal, e na sua ventilação tenho gostosamente colaborado. Se estrangeiros de pouca probidade como Hurtado de Toledo e António Bermudes publicaram como obras suas o *Palmeirim de Inglaterra* de Fran-

Bernardo de Brito (Frei).

Estevam Rodrigues de Castro.

Fernão Rodrigues Lobo, Soropita.

Francisco de Andrade.

Francisco Galvão.

Jorge de Meneses.

Luís Álvares Pereira.

Martim de Crasto.

D. Manuel de Portugal.

Miguel Leitão de Andrade.

Pedro da Cunha Perestrelo.

Valentim da Silva.

Vasco Mousinho de Quevedo. O Conde de Vimoso, o Duque de Aveiro, o Marquês de Astorga, o marquês de Alenquer, o Infante D. Luís.

Além deles os Castelhanos Acuña, Garcilaso, Mendoza, Lope de Vega, Cristobal de Mesa, Duque de Villemediana. Vid. Braga, *Hist. Cam.*, II, p. 32; *Manual*, p. 293 e 306; *Curso*, p. 265 e 270. Curioso é que a-pesar de passar pelo pior adversário e caluniador de Camões, e de realmente haver antagonismo, entre a natureza *terribil* de Camões, e o convencionalismo do ceremoniático cortesão. Pedro de Andrade Caminhá nunca fôsse acusado de haver roubado versos a Camões. É que os dele dedicados a Filis e ao Senhor D. Duarte, sobretudo os hendecassilabicos, eram tão secos e formais que era impossível confundi-los.

cisco de Moraes, e a *Castro* do Dr. António Ferreira, se Montalvo traduziu o *Amadis* galego-português sem falar sequer de João e *Vasco Lobeira* (talvez por não saber deles), e *Tejada* e *Luis Martin de la Plaza* traduziram Sonetos de Camões, sem se manifestarem como meros imitadores (1), a culpa dos Portuguezes cifra-se em não terem publicado a tempo e acompanhado de notas elucidativas com data e epigrafe cada uma das obras, e em os autores não haverem defendido o seu bem com saber e critério.

Quanto às composições líricas de Camões é lamentável — como deixei dito na Introdução — a incuria com que o próprio as tratou e os coevos e pósteros as trataram. Muito mais lamentável é todavia a facilidade com que se inventaram e propagaram histórias de plágios, incriminando-se sobretudo, o mais camoniano, mais inclito dos coevos, o que merecera o título de *Príncipe do genero bucolico*, o que fôra amigo de Sá de Miranda e Dr. António Ferreira, íntimo de seu próprio irmão, o Capucho Frei Agostinho da Cruz, *digno de mil louvores*, o único que conforme também contei, cuidara da impressão das suas poesias, e tencionara juntar um *Cancioneiro* das obras líricas dos contemporâneos; o único depois de Camões, elogiado no *Laurel de Apolo* e em outras *Viagens ao Parnaso* (2). Único poeta português, além disso, que acompanhou a edição príncipe das *Rimas* com um Soneto encomiástico (3), e segundo a tra-

(1) C. M. de V., *Sonetos e Sonetistas*.

(2) Louvado como *Alcido* nas *Ribeiras do Mondego*, II, p. 35 v. e 36 e como *Alcino*, p. ex. na *Lusitania transformada*, I, Prosa IX.

(3) Luís Franco era de origem italiana; e o Soneto com que contribuiu à edição de 1595 é italiano: *Sopra la polve e lossa regnar morte potrà*.

dição, desejou dormir o último sono ao lado do genial Poeta.

*Qua re? qua re?* pergunto sempre de novo.

O primeiro investigador da poesia portuguesa que acusou Bernardes de plagiário — *roubador ou insolente usurpador* — de manuscritos camonianos, pensando no *Parnaso*, foi Faria e Sousa (1590-1649). Vendo as arestas nos olhos dos outros colecionadores, não reconheceu a trave da inexactidão e invencionice fantástica nos próprios, apontou os versos alheios que o editor primeiro e segundo e terceiro das *Rimas* de Camões havia metido por engano entre os legítimos (1), mas não teve escrúpulos de pessoalmente e propositadamente (2) vindicar para êle quantas Redondilhas, Elegias, Églogas quinhentistas achou ao seu gosto. Isto é: de explorar os *Florilégios* melhores, quer impressos, quer manuscritos que conhecia. Sobre tudo as três colecções líricas de Diogo Bernardes (1594 e 1596), declarando que juntas constituíam o *Parnaso* (3)

(1) A vaga epígrafe *Do mesmo*, freqüente nos Cancioneiros, ocasionou numerosos erros. O mais notável de todos é a atribuição do poema didáctico da *Creação do Homem* ou *Microscopografia* de André Falcão de Resende ao poeta dos *Lusiadas*.

(2) Nos *Lusiadas* de 1639, § 22, diz p. ex. *De la llamada Segunda Parte de sus Rimas no trato aqui por lo mucho que en ellas ay no suyo*. Eu conto dez apócrifos entre 58 acrescentos.

(3) Eis uma das anedoctas que Faria e Sousa inventou a êsse respeito e a que já aludi ao falar do *Parnaso*. Um livro *in-quarto* de seu avô, que êle em criança leu e estragou era o *Parnaso*. E nos *Florilégios* de Bernardes tornou a encontrar várias das poesias que lera, pois tinha uma memória fenomenal. «*E las mas dellas van agora en esta edicion, porque tuve por justo restituir-le destes robos y en ellos lo advierto*». (*Vida de Camões*, § 26. Juízo



que fôra roubado ao poeta ao vir de Moçambique (1).

Das composições de Francisco Rodrigues Lobo e Álvares do Oriente, que êle também teve em conta de camonianas, nem falo porque ninguém as toma hoje a sério, ao passo que as lançadas contra Bernardes vingaram e viçaram. Não só por serem numerosas e muito extensas e repetidas, mas por o ponto de partida ser um facto da sua vida literária em que houve um *furto* ou *vil engano*.

Ei-lo lembrado.

Na primeira publicação sua — as *Varias Rimas ao Bom Jesus e à gloriosa sua mai* — há um poemeto sacro em oitavas-rimas. *Do martirio de Santa Ursula* (2). Poema paralelo não da *Maria Egipciaca* de Sá de Miranda (visto essa ser escrita em quintilhas duplas,

*de las Rimas* § 20). — E depois tece em volta p. ex. de sete Sonetos da Primeira Centuria, um enredo complicadíssimo jurando e trejurando de cada um que o vira em diversos manuscritos em nome de Camões e que só êsse o poderia ter composto. — O curioso procure N.º 108 (p. 202, *Brandas*); N.º 109 (p. 208, *Novos casos*); 110 (p. 204, *Onde porei*); N.º 111 (p. 205, *Já do Mondego*, N.º 112) (p. 205, *Que doudo*); N.º 113 (N.º 207, *Um firme*); N.º 114 (p. 208, *Ao que*).

(1) Quanto a essa data, ouçamos o que T. Braga opina de uma *Elegia à morte de D. Telo* (talvez de Alvares do Oriente, difficilmente de Camões) por ir com a rúbrica: *Achou-se em um Ms. do Bispo D. Rodrigo da Cunha, feito no ano de 1568*. — Claro que segundo êle devia também ser uma parte do *Parnaso* roubado a Camões em 1568. ¿Valerá a pena notar que a nao em que o Poeta vinha, chegou a Lisboa em 1570? O manuscrito podia evidentemente ter a data 1568!

(2) P. 94-114 das *Varias Rimas*. — Irmão no estilo é o outro Poema às *Lgrimas de São Pedro* — e o das *Lgrimas de S. João Evangelista*.

de medida velha) mas sim do de *Santa Comba* do Dr. Ferreira; e da *Santa Caterina*, *Santo Eustachio* e *Santa Brigida* de Frei Agostinho da Cruz — todos eles em Oitavas. Como Prólogo a *Santa Ursula* há um Soneto-Dedicatória *À Infanta D. Maria* no qual o Poeta do Lima se queixa de que uma redacção, em partes ainda *feia e duvidosa*, lhe fôra subtraída e entregue à destinatária, redacção que ainda assim fôra bem aceite, mas agora substituída por outra mais perfeita. *Agora* quer dizer no acto de escrever o Soneto; seguramente antes de 1577 — ano da morte da *gran D. Maria* (1). Subtraídos anteriormente talvez por algum íntimo, excessivamente serviçal, e devoto à filha de D. Manuel, como em outros tempos Vitória Colonna havia espalhado traslados do *Cortegiano* de *Castiglione*.

A redacção refeita e polida — publicada em 1645 por Faria e Sousa e atribuída por êle a Luís de Camões — no seu parecer doutrinário seiscentista (2) de tal esmero que só êle a pode ter escrito, e só êle a pode haver dedicado à Infanta, essa não subsiste, nem nunca

(1) O *calculo* de T. Braga: que em 1594, dezassete anos depois do falecimento dela, Bernardes não podia dedicar à Infanta o Poema e o Soneto, é o cúmulo da crítica.

(2) Vid. *Rimas*, Tomo V, p. 134, Oitavas VI. — Vida do Poeta, § 26; Camões, Ed. Aquino, 1779. Vol. IV, p. XLVII; Juromenha, II, p. 519 e 562. Nessa página êle diz, sem dar prova alguma da sua asserção: *Antes de Diogo Bernardes publicar estas Oitavas no anno de 1596, (sic) corriam ellas em nome de Camões* — depois de Faria e Sousa haver afirmado que *siempre fue opinion de los que podian juzgar de estilos que estas O. à S. U. fueron escritas por Luis de Camões* — Braga, *Quinhentistas*, p. 300 e 309; *Hist. Cam.*, II, 330 e 408; *Manual*, 293; Storck, § 139; *Sämmliche Gedichte*, I, 358 e 377, II, 388, III, 362-367, IV, 379-384 e 394; C. M. de Vasconcelos, *A Infanta D. Maria*, p. 60-62 e 269; p. 59 e Nota 264.

foi apontada, em manuscrito algum, quer sem o Soneto, quer acompanhada dele, quer em nome de Bernardes, quer no de Camões, quer anónima.

E para autenticar relações de Camões com a *gran Dona Maria*, (em si muito naturais, antes de 1558, a-pesar da suposta paixão por Natércia) Faria e Sousa, com tôda a sua perspicácia não soube indicar senão um Soneto à sua morte — *Em dialogo*:

*Que levas cruel morte? — Um claro dia!*(1) como se ela tivesse contado não cinqüenta anos, mas trinta quando muito! E para isso teve de retocá-lo, pondo a *gran Maria* no texto (verso oitavo) por *Dona Maria*. Segundo a epigrafe de um manuscrito *D. Maria de Tavora, dama da Rainha*, falecida antes de Natércia, se, como parece, Andrade Caminha deu ordem cronológica aos seus Epitáfios (2).

O resultado do roubo praticado por Bernardes? Segundo os intérpretes principais, Camões soube dele, conquanto para se vingar, não escrevesse nenhum Soneto, dedicando simplesmente o poemeto, melhorado, à Infanta. Os reinantes todavia, com pena do ladrão, recompensaram-no nomeando-o para acompanhar o embaixador Alcaçova Carneiro à côrte de Felipe I! (3).

(1) No *Indice* do Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro êle é attribuído ao Duque de Aveiro (segundo T. Braga, p. 143 e 187); a Luís de Camões nas *Rimas* de 1598. — J. M. Rodrigues (que para o seu tão poético romance da paixão de Camões pela Infanta precisava pelo menos uma poesia à morte dela) escolheu outro Soneto: o que principia: *Chorai ninfas* (p. 264).

(2) Epitáfio XXI: *em idade muito anticipada*.

(3) *Hist. Cam.*, p. 268 e 271: Foi um desagravo ao Poeta reconhecido como plagiário.



Há contudo mais e melhor ainda: Desmascarado embora, o plagiário só esperou até 1594, para então publicar o *Poemeto* e com êle o *Soneto-dedicatória*, persuadido de que o antigo escândalo estava esquecido, (ad ver de Braga e Faria e Sousa) a-pesar-de exactamente então os veneradores de Luís de Camões trabalharem na colleccionação das suas *Rimas* e se haverem dirigido também a Bernardes afim de contribuir à primeira edição.

## IV

### O PADRE PEDRO RIBEIRO E O SEU CANCIONEIRO

É pouquíssimo o que se sabe dêsse benemérito e do Cancioneiro por êle tirado a limpo em 1577 e coleccionado portanto em anos um tanto anteriores (1). Do próprio *Índice* (de que se conservou destacado o apógrafo) depreende-se apenas que admirava sôbre todos a Diogo Bernardes e Luís de Camões, e também que cultivara o *dolce stil nuovo* — visto que acolhera na collecção dez Sonetos pròpriamente seus.

Além disso supõe-se que o manuscrito desapareceu em 1755, perecendo no incêndio subsequente ao terremoto.

Barbosa Machado (2) não soube apurar nada mais para a sua obra basilar do que ter sido Presbítero e Professor de Poesia. Nem mesmo diz onde.

A fórmula encomiástica, aposta aos dois títulos, *cujo sublime entusiasmo competia com os máiores alunos do Parnaso Portuguez*, é mera frase com que disfarça

(1) Júlgo devermos interpretar assim a frase do título *escrito no anno 1577*, mesmo se os cadernos de que constava o Cancioneiro (um de Bernardes, o segundo de Camões, e o último de vários) já tinham chegado coordenados ao erudito Padre.

(2) *Bibl. Lus.*, III, p. 611.

a sua, e nossa, ignorância, pois com leves variantes é aplicada a todos os imitadores do Lírico Camões.

Quanto a hipóteses, T. Braga foi o primeiro investigador que se lembrou de tratar o Padre de *Indiático* (1), identificando-o com um dos amigos de Fernão Álvares do Oriente. Isto é com o mais fervoroso admirador de Camões que se deleitava a citar e a glorificar versos dele e fez figurar na sua *Lusitania Transformada* amigos de ambos, mascarados de pastores, como era costume desde que Sannazzaro iniciara o género.

Em companhia de um *Arbello* — o *Alvaro Rebello* do *Cancioneiro* — entra no Livro II o bom Ribeiro, classificado como *o grande pastor Ribeiro mais por filosofia que por pastor conhecido em todo o Oriente* (2).

Êsse vivia, segundo as notícias do bucolista, em Gôa, na paróquia de Santa Luzia durante algum tempo, em quieto *remanso pastando o seu rebanho de ovelhas*.

Em outro sítio chama-o de dignidade sacerdotal e sabedor de cinco línguas, *cuja noticia alcançara pela longa experiencia e continuo estudo* (3).

A hipótese parece-me digna de aplauso.

\*

Da efectiva existência do *Cancioneiro*, de 1577 a 1755, sabemos, conforme já disse, pelo Abade de Sever. Não somente pelo artigo especial que êle dedicou ao

(1) *Hist. Cam.* (1874) II, p. 104 e 118. Cfr. *Renascença*, p. 503-505.

(2) *Prosa IV*, p. 187.

(3) *Livro II, Prosa VI*, 216. Cfr. p. 217 onde Rebêlo e o autor se separam para sempre do bom Ribeiro.



coleccionador(1), mas por mais uma duzia de Nótulas dispersas pelos quatro volumes da *Biblioteca Lusitana*, relativas a poetas menores de que havia composições no volume.

Como sabem os que se occupam de literatura nacional, Barbosa Machado — ao qual devemos ser gratos avaliando com justiça o enorme trabalho que teve excerptando com arte e cuidado não sòmente livros impressos, mas também numerosos manuscritos da Biblioteca Régia e das livrarias tanto da aristocracia da Capital(2) como de colégios e conventos da provincia(3) — Barbosa Machado aproveitou também cada nome de autor mencionado por Lope de Vega no seu *Laurel de Apolo*; Jacinto Cordeiro no seu *Elogio de Poetas Lusitanos esquecidos pelo Fenix dos Ingenios*; Manuel de Galhegos no *Templo da Memoria*; Pedro Sanches na *Carta Latina* a Inácio de Moraes. Igualmente serviu-se do *Corpus Poetarum* e do *Enthusiasmus Poeticus*, do Padre António dos Reis.

Claro que utilizou as obras enciclopédicas, inéditas, dos antecessores: a *Biblioteca Portuguesa* de João Franco Barreto (1600-1674); o *Theatrum Lusitaniae litterarium* de João Soares de Brito (1611-1664); a

(1) S. v. *Ribeiro (Padre Pedro)* êle dizia em 1755 o seguinte :

« Entre muitas Poesias que compôs se conservão 10 Sonetos no *Cancioneiro* que êle colégio em o ano de 1577 e se conserva ms. na Biblioteca do Duque de Lafoenç, que foy do Eminentíssimo Cardeal de Sousa ».

(2) As livrarias que mais vezes cita, são as das casas de Abrantes, Cadaval, Ericeira, Lourical, Vimieiro, Conde de Redondo, Marquês de Gouveia, Duque de Lafões.

(3) P. ex. o convento de Verberena que possuia versos de Frei Agostinho da Cruz.

*Biblioteca Portuguesa* do Padre Francisco da Cruz (fal. em 1700) (1).

E para o século xvii e a primeira metade do xviii conseguiu ser completo assáz. Quanto aos Quinhentistas Sá de Miranda, Bernardes, Camões e principalmente quanto aos adeptos dos *três*, de D. Manuel de Portugal a Gonçalo Coutinho, que não chegaram a publicar as suas poesias profanas, conforme ficou expôsto, Barbosa não estava bastante informado.

Que não soubesse nada do primeiro período da poesia portuguesa, que nem sempre fôsse capaz de indicar o assunto e o paradeiro de manuscritos que gabara, que os louvores dispendidos sejam vagos e excessivos, não deve surpreender-nos.

Quanto aos numerosos florilégios manuscritos, coligidos entre 1550 e 1650, a que aludi na *Introdução* — não conheceu nenhum.

A sua quasi única fonte de informação era exactamente o *Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro*. A êsse, excerptou-o exhaustivamente porque estava ao seu alcance, na posse de um magnate que o protegia. O Duque de Lafões (2)

\*

Com respeito ao fadário do manuscrito eis o que apurei.

Da posse do Padre Pedro Ribeiro, ignoro se di-

(1) Igualmente a *Laurus Parnassica* de António Figueira Durão.

(2) A livraria Lafões vem citada na *Bibl. Lus.*, I 113, II 54, 232, 441, 524, 665, 672 e 688, às vezes com o acrescento *que foy do Eminentissimo Cardeal de Sousa*. A do Cardeal de Sousa, com as palavras «o qual se conserva Ms. na Livraria do Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Duque de Lafões».

rectamente ou por intervenção dos herdeiros, que occupassem algum livreiro da capital, elle passou à de um prelado illustre e illustrado: D. Rodrigo da Cunha, Arcebispo de Lisboa, depois de o ter sido em Braga, e anteriormente bispo de Portalegre e do Pôrto; autor de obras eruditas como a *Historia Ecclesiastica de Braga*, a mesma *de Lisboa*, e o *Catalago dos Bispos do Porto*. Dono de uma bella livraria (1), cujo *Catalogo* (hoje tão raro que nem nas melhores listas o vejo anunciado à venda) se imprimiu em 1627, no Pôrto (2). Depois do seu falecimento (1643) o *Cancioneiro* entrou nas mãos de outro prelado ainda mais nobilitado pelo sangue e pelo saber: D. Luis de Sousa, que é costume chamar o *Cardeal de Sousa*. Nas collecções dele é que Barbosa Machado o viu pela primeira vez, a mais tardar em 1741, anno êsse em que foi adquirido pelo 1.º Duque de Lafões (3), D. Pedro Henrique de Bragança e Sousa, sobrinho de D. João V (4).

Pelo incêndio subsequente ao terremoto pereceu a livraria Lafões, e com ella o *Cancioneiro de 1577*. Pelo menos é essa a opinião geralmente aceite e re-

(1) Barb. Mach., I, 741 s. v. *Duarte Pacheco* diz que o original do *Esmeraldo* se conservava no seu tempo como o mais precioso ms. em a Livraria do Marquês de Abrantes, e dêle tinha uma cópia D. Rodrigo da Cunha.

(2) Vid. Inocência, II, p. 51. *Bibl. Lus.*, III, p. 641-646—Lamento não ter tido ao meu dispôr um exemplar, porque gostava naturalmente de verificar se no Catálogo está registado o *Cancioneiro*, a collecção de Várias Poesias de D. Manuel de Portugal, e a de Gabriel Pereira de Castro.

(3) Veja-se *Bibl. Lus.*, I, p. 113, s. v. *Alvaro Rebêlo*, o artigo em que Barbosa trata o *Cancioneiro de Romanceiro dos Poetas Portugueses*, conhecendo-o ainda imperfeitamente.

(4) Vid. *Hist. Gen. da Casa Real*, VIII 310, 434 e XII 537 seg.



produzida por T. Braga de 1874 em diante. O aparecimento do *Indice* modificou todavia a sua opinião, não se vê bem porquê.

Em 1904, ao dar conta na Academia das Ciências, do feliz achado de Martinho da Fonseca, aventurou a hipótese que o Cancioneiro estaria na livraria Cadaval(1). Em 1909 afirmava que a Biblioteca dos Duques entrara por compra na da *Ajuda*.

Quando lá trabalhei no Cancioneiro do seu nome, instalada com meu marido na casa de Alexandre Herculano, não demos com indícios de tal compra. Mas ela pode muito bem ter sido posterior a 1876(2).

Quanto ao valor do *Cancioneiro*, nem o conjunto dos artigos de Barbosa Machado, nem o *Indice*, embora valiosíssimo, é suficiente para o determinarmos. É-nos desconhecido o estado dos textos de Bernardes e Camões. Êles podiam ser primeiras redacções, ou de pureza definitiva. Da segunda hipótese faz duvidar o não haver acolhido nos seus Florilégios o suave cantor do *Lima* cincoenta e oito dos Sonetos contidos no Cancioneiro. E quanto a Camões, o não haver pelo menos o editor D. António Álvares da Cunha, sobrinho do prelado D. Rodrigo aproveitado em 1668 os textos e as lições que havia no manuscrito.

O mesmo reparo, causa-mo o não ver mencionado o Cancioneiro no artigo Camões, de Barbosa Machado,

(1) A publicação do *Catalago* resumido da preciosa colecção de manuscritos da casa Cadaval pelo próprio Martinho da Fonseca em 1915 desfez todavia essa esperança.

(2) O actual representante da Casa, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Caetano de Bragança, não respondeu à pergunta que lhe dirigi. Talvez o dono da Miscelânea seja mais feliz.

entre as fontes. Teria sido tão simples e tão útil verificar, se todo o pecúlio camoniano nêle contido entrara, ou não, nas primeiras edições das *Rimas* e em especial na Terceira Parte de *Ineditos* de 1668, que se deve ao D. António Álvares da Cunha, a que já aludi (1).

O caso é tanto mais estranhável porque o autor da *Biblioteca Lusitana* utilizou o Cancioneiro quanto a Bernardes, e os poetas menores, conforme já disse.

Com relação ao *Limiano* dá o breve resumo, seguinte (2) (inexacto apenas com relação ao número das Églogas): « Sonetos 116; Églogas 26 (3); Cinco Cartas; Quatro Cançoens e huma Ode de Diogo Bernardes estão em o Cancioneiro que no anno de 1577 juntou o Padre Pedro Ribeiro e se conserva M. S. na livraria que foy do Cardeal de Sousa ».

Os Quinhentistas menores — todos menos Jorge de Montemór e Gonçalo Coutinho — que, representados no Cancioneiro figuram também na *Biblioteca Lusitana*, todos êles classificados de *insignes*, são uns quinze ou dezaseis.

Ei-los em ordem alfabética:

Alvaro Rebêlo, I, 112 (4).

Bernardim Ribeiro, I, 518 (5)

Diogo Mendes, I, 674.

Fernão Álvares do Oriente, II, 17.

D. Francisco de Portugal, II, 230 e 254.

(1) *Hist. Gen.*, VIII, 434 e XII, 537.

(2) *Bibl. Lus.*, I, 638.

(3) São doze, e não 26, como o leitor dêste estudo poderá verificar nas minhas listas. Confira-se Braga, *Hist. Cam.*, II, 95.

(4) Cita a Égloga, as Elegias e a Carta, mas não os Sonetos.

(5) Até reproduz a classificação de *excelente* obra que com relação aos *Ecos* se encontra no *Indice*.

- Francisco de Sá, II, 254.  
Francisco de Sá e Meneses, II, 219.  
Gaspar António, II, 332.  
Heitor da Silveira, II, 431.  
Infante D. Luís, III, 49.  
Luís da Vitória, III, 158.  
D. Manuel de Portugal, III, 346  
Martim de Crasto, III, 437.  
Pedro Ribeiro, III, 611.  
Simão Rodrigues da Veiga, III, 722.  
Simão Silveira, III, 722.

Dos apócrifos, ou seja dos *Sonetos*, etc., atribuídos a D. Vasco de Lobeira, o Infante D. Pedro e *El Rey D. Pedro de Portugal en nombre ajeno* direi duas palavras no último Capítulo.

Depois de Barbosa Machado veio T. Braga, ao cabo de um século pouco propício a investigações literárias. Nos inícios da sua actividade era — como devia — assíduo explorador sobretudo das noticias que havia na *Biblioteca Lusitana* a respeito dos poetas menores, citados, que floresceram entre 1550 e 1650, às quais juntou não poucas conjecturas (1).

Quanto às evoluções que tiveram na mentalidade de Teófilo os supostos furtos e plágios praticados por Diogo Bernardes e, em ponto menor, por todos os imitadores, ou seja às questões de autoria, basta repetir que lhe dava a explicação juvenil e poética que já aleguei mais acima.

(1) Sobretudo em 1871 nos *Quinhentistas*, e 1873 na *Hist. Cam.*, Parte I: Vida de Luís de Camões, II Escola de Camões, Pôrto 1874. — O Cancioneiro, aproveitado por Barbosa Machado da maneira como contei, surge na *Hist. Cam.*, II, 94.



Fodos os Sonetos e outros géneros de poesia, impressos fôsse quando e por quem fôsse com attribuição a Camões, mesmo quando os originaes manuscritos lhes davam autor diverso, são, para T. Braga, inquestionavelmente do Mestre (como o tinham sido para Faria e Sousa)(1).

A attribuição a poetas menores provinha simplesmente de que elles haviam copiado e decorado e recitado os versos da sua predilecção tanta vez e com tanto zêlo que finalmente os consideravam como obras da sua própria lavra, já o disse mais acima.

Quem se inteira das acusações e suspeitas de T. Braga não só na *História de Camões* (1873-74), mas mesmo na refundição de 1911, em que se faz *amende honorable* a Diogo Bernardes, fica ainda assim, como igualmente já mostrei, com a impressão que ao ver dele, houve uma verdadeira quadrilha de bandidos letrados, que mancomunados praticaram ou fizeram executar o furto do *Parnaso*, retalhando-o depois em cadernos, ou folhas soltas, para que a obra lírica do Poeta ficasse como a sua vida

*pelo mundo em pedaços repartida!*

A parcela que coube a cada ladrão é a que foi depois propagada como criação do seu espirito — quer em manuscritos, quer em letra redonda.

*Que maior glória do que ser plagiado assim! ex-*

(1) Digno de nota, e em harmonia com outras tantas irregularidades dos seus processos críticos é que a-pesar dessa opinião, o próprio T. Braga não aproveitou os textos dúbios no Capítulo II sobre a filosofia do amor e o espirito platónico de Camões como poeta do Renascimento. E insintivamente o mesmo aconteceu com J. M. Rodrigues. Em ambos os casos com leves excepções.

clama Teófilo! Quem não acredita em furtos mas sim em composições alheias inspiradas pela obra do insigne Poeta, e em confusões involuntárias, pode modificar essas palavras dizendo: *Que maior gloria do que haver inspirado tantas e tão distintas imitações.*

Desde que o *Indice* veio à superfície após séculos de escondido — confirmando o que Barbosa Machado estabelecera e mostrando que as poesias de Bernardes, muito mais numerosas do que as de Camões, ocupavam o primeiro lugar, Bernardes já não é ladrão aos olhos dêle e a comunhão espiritual já não conduziu na mentalidade de T. Braga os poetas menores a apropriarem-se o alheio.

A primeira nota no sentido da reabilitação é de 13 de Janeiro de 1898. Foi numa sessão da Academia das Ciências de Lisboa (1). Dando parte do achado do *Indice*, T. Braga disse que por êle se mostrava a injustiça da acusação de plagiário feita a Bernardes.

A demonstração fê-la depois na obra *Camões, Epoca, Vida e Obra* (p. 771 e seg.) e *Camões, Obra Lyrica, e Épica* (p. 130-240). Mas abstraindo dos numerosos erros que comete mesmo aí, há ideas e frases que atestam a sobrevivência do antigo preconceito no espírito do historiador. P. ex. a p. 136: ¿serão plágio de Bernardes? e a p. 170: fácilmente se inferia plágio, se com o nome de Diogo Bernardes não estivesse desde 1577 no Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro.

(1) Vid. *Boletim da 2.ª Classe*, Vol. I, p. 2.

## V

### O ÍNDICE

O título que o *Índice* tem no único manuscrito hoje conhecido, que reproduzo, é *Autores do Cancioneiro manuscrito junto pelo Padre Pedro Ribeiro, e escrito em 1577*.

Quem leu os Capítulos anteriores já não se admirará de que mão diversa e posterior cronologicamente tenha acrescentado a Nótula *que tem o Snr. Arcebispo*.

Ainda assim podia ter dúvidas sôbre a identidade dêsse prelado, uma vez que dois a seguir possuíram o Cancioneiro.

Mas antes de 1675 só do segundo se pode tratar, que ocupou a sede metropolitana, sem ser Cardeal, de 1675 a 1697, e como Cardeal Arcebispo até 1707: Do Cardeal de Sousa, portanto.

A *Miscelanea* constitui um volume *in-quarto*. Bastante grosso. De 496 fôlhas de papel de linho encorpado. Originariamente de margens largas para chamadas, ou seja o catalogo dos escritores de que se trata no texto, essas foram todavia em grande parte e sôbre tudo na primeira metade, preenchidas com *Anotações*.

A caligrafia é razoável, embora às vezes muito emendada. Em bastantes fôlhas (p. ex. 117 e 124) a tinta corroe o papel.



Quanto ao conteúdo (*Notados*) temos nela de p. 1 a 468, redigida em português (1), uma colecção abundante de materiais preciosos para uma obra de conjunto, *bibliografica* e *biografica*, mas por constar de excerptos de outras obras anteriores manuscritas e impressas nacionais e estrangeiras do mesmo género, está cheia de repetições. As datas são da 2.<sup>a</sup> metade do século xvii e 1.<sup>a</sup> do xviii com acrescentos até 1733 (2). No fim do volume há um *alphabetum* (de f. 469-491). A f. 496 *Laudes Lusitaniae a Sapientia*.

Convem-lhe perfeitamente o título que se lê a f. 25: *In Bibliothecam Lusitanam*.

Assim, à moda antiga, teriam preparado as suas obras João Franco Barreto, João Soares de Brito, o Padre Francisco da Cruz e o próprio Barbosa Machado.

O moderno sistema de papeletas soltas facilitaria a síntese.

Em todo o caso parece-me que o autor merece o louvor que o Conde de Ericeira deu a Severim de Faria dizendo que lhe era natural a arte de fazer bons excerptos (*ars bene excerptendi*).

Sirvam de exemplo os extractos relativos a Bernardim Ribeiro, e note-se que nesse caso como nos demais tanto as indicações biográficas e bibliográficas, como os louvores são os mesmos que se encontram na *Bibliotheca Lusitana* e na *Biblioteca Vetus de Nicolas António* (3).

Em primeiro lugar acho um excerpto da *Europa*

(1) Alguns *Notados* são em castelhano; outros em latim.

(2) Datas que extraí são 1637, 1639, 1641, 1645, 1665, 1671, 1674, 1678, 1683, 1685, 1686, etc.

(3) A f. 147.

*Portuguesa* de Faria e Sousa (III, N.º 22), em redacção castelhana:

«Bernardin Ribeiro el primero que escrevio Eclogas en España... y el 1.º que escribió en versos de ocho silabas todo lo que se escreve en las de onze.— publicando un Tomo intitulado (*Musa Nueva!!!*)(1). El mismo el que primero escribió *Sextinas* de consonantes en España. El mismo el 1.º que a las veras *Sextinas* de las vocales repetidas (sic.) añadió segunda recopilacion de las proprias voces con que se quedan mas agradables».

Em outra página (193 v.) registou-se a Nota: *Las Saudades* ou *Tristezas*. Ms. in-4.º ex. Bibl. Tamayo — tirada evidentemente da *Biblioteca Hispana de Nicolas António* (2).

Depois (f. 282 v.) há o resumo seguinte: «Bernardim Ribeiro, mosso fidalgo da caza delRey D. Manuel, o qual servio na caza; seu parente Manuel da Silva Mascarenhas, fidalgo da casa delRey, Governador da fortaleza do Outão, fez imprimir as suas obras como Primeira e Segunda Parte das Saudades de Bernardim Ribeiro, Lisboa, Paulo Crasbec 1645; falla d'elle no prologo e diz era coirmão de seu auo. A obra saira primeiro co titulo de *Menina e Mossa*. No mesmo tomo se contem cinco excellentes Eclogas e hũ Romance. — Manuel de Faria 1.ª Parte da Fonte Aganipe editou segunda. No Discurso dos Sonetos que anda no principio, n. 4 diz: Bernardin Ribeiro, poeta bien conocido a quien llamaua su Enio el divino Camões, era natural de la Villa del Torram, hidalgo de

(1) ¿De onde viria essa curiosa invenção?

(2) Vol. I, 140: Tribuit quoque ei D. Thomas Tamajus *Las Saudades o Tristezas* opus aliud Ms. in-4.º.

nacimiento y Jurista de profession; dado a las amorosas passiones y tristezas i soledades que de noche se quedava algunas vezes por los bosques y a las margenes de los rios gimiendo y llorando. Tuve amores con la Infanta D. Brittes filha del Rey D. Manuel. Escriuió Eclogas e outros versos, e suas prosas intituladas a *Menina e Moça* ou *Saudades* de Bernardin Ribeiro. Vivia quando a Infanta foy para Saboya no ano 1521 ».

« Faria, Parte 3.<sup>a</sup> da *Fonte*, no Discurso ao principio sôbre as composições que há na dita Parte, n.º 20, fallando das Sextinas: El 1.º en quien las hallo en Hespanha es B. R. que florecia por los años 1500, aunque no en versos endecassílabos mas en redondilhas, i faltanle los tres versos que las sirven de remate ».

« O mesmo Faria, 3.<sup>a</sup> Parte da dita *Fonte*, Centuria 2.<sup>a</sup> dos Madrigaes (Madrigal 33) lhe diz o seguinte :

Bocacio Lusitano  
en la empresa amorosa  
de bella humana diosa  
te constituye el hado soberano  
al son de acorde lira  
adonde sempre en vano  
tu corazon suspira :  
viviendo de vanissimos amores  
moriste de dexarlos con dolores.  
Oh Bernardin feliz, feliz tu suerte  
que un morir largo te atajó la muerte.

Id. Faria na Parte 4.<sup>a</sup> do Discurso sôbre as *Elegias*, donde êles constam, n.º 10 diz: « En Portugal uvo las de Bernardim Ribeiro, todas en versos menores, con lindos afectos y creyo ser el el 1.º que las escribio, en España a lo ménos, capazes de ser leidas ».



Na margem lê-se ainda: «Entre as Rimas de Estevam Roiz impressas anda hũa boa Ecloga, interlocutores Ergasto, Delio e Laureno que não he do Esteuão, se-não de quem denotão estas letras *D. B. R.* que parece ser Bernardim Ribeiro. As mesmas letras tem hũ Soneto e hũas chamadas Balatas» (1).

Para amostra do que é a *Miscellânea* creio que é suficiente.

Passemos à parte bernardiana do *Indice*.

(1) «Enio Portuguez o chama Manuel de Faria no Comento à Centuria 1.<sup>a</sup> dos Sonetos de Camões, Soneto 19». Mas não é aí mas sim no Comentario do Soneto 22 da Centuria 2, que se acha o passo indicado.



## VI

### REPRODUÇÃO DIPLOMÁTICA DO ÍNDICE

F. 187 v. *Autores do Cancion<sup>ro</sup> ms.*  
junto pelo P. P. Rib.<sup>o</sup> e escrito no anno 1577.

(1) \* que tem o snr. Arcebp<sup>o</sup>.

a) *Diogo Bernardes*

*Diogo Bernardes*: Sonet. Tu que damor cruel nunca sentiste

Sonet. Aqui de nouos males breue historia

Sonet. Chorei e cantei ja a cruel guerra

Sonet. Dos olhos por quem perdi a liberd<sup>e</sup>

5 Sonet. Do branco lirio e uermelha rosa

Sonet. Q<sup>do</sup> se uolue a my a luz serena

Sonet. Q' coração ha sn<sup>ra</sup> q' resista

Sonet. Olhos crueis, crueis olhos fermosos

Sonet. Doces serenos olhos q tão caro

10 Sonet. Q' me pode ualer se me não val

Sonet. Mil uezes determino não uos uer

Sonet. Q<sup>tas</sup> penas amor, q<sup>tos</sup> cuidados

Sonet. Olhos em meu dano conjurados

Sonet. Não sei q remedio tenha, nem sei q

15 Sonet. Tanto forão snra acostumãdo

Sonet. Se lagrimas choradas de uerd<sup>e</sup>

F. 188

(1) Acrescento posterior, conforme já expliquei.



- Sonet. De mil sospeitas uans se me aleuantão  
Sonet. Sombrio e uerde bosque onde se acolhe  
Sonet. Como estão dize só tão descudada  
20 Sonet. Amor cruel, fortuna e duros casos  
Sonet. Verdes e altos ualles e alta serra  
Sonet. Pois não canção os meus olhos de chorar  
Sonet. Ponhame onde quizer o triste fado  
Sonet. Sn<sup>ra</sup> uos sois de neue alua e fria  
25 Sonet. Da mais fermosa Nimpha q se banha  
Sonet. Ha camanha enueja amor me manda  
Sonet. Claro e doce Ribeiro fresco e brando  
Sonet. Montes ualles bosques uerdes prados  
Sonet. Anda Sn<sup>ra</sup> minha ca temendo  
30 Sonet. No nosso claro Lima e turuo Douro  
Sonet. A borda de hū Ribr<sup>o</sup> q corria  
Sonet. Pois ainda bem de ty non fui absente  
Sonet. Onde acharte, Belisa, tão bom meyo  
Sonet. Nas aguas de hūa fonte hum dia olhaua  
35 Sonet. Não sei q murmurais aguas serenas  
Sonet. Ou uos deixai o rios de correr  
Sonet. Ao som das brandas aguas q cayão  
Sonet. Depois de tantos dias mal gastados  
Sonet. Nouos çasos damor nouos enganos  
F. 185 v. 40 Sonet. Assy nunca no inuerno ou no estio  
Sonet. Tanto gosta do mal o sentim<sup>to</sup>  
Sonet. Q<sup>do</sup> de minhas magoas a comprida  
Sonet. Correm turvas as aguas deste rio  
Sonet. Com gr<sup>des</sup> esperanças ja cantei  
45 Sonet. Depois q o fero amor quiz q passasse  
Sonet. Com noua isenção de pena dura  
Sonet. Aquella q de pura castidade  
Sonet. Fermosos olhos em quem quiz a uentura  
Sonet. Todo o animal da calma repousaua

- 50 Sonet. Ja a saudosa Aurora destoucaua  
Sonet. Cantando estaua hũ dia bem seguro  
Sonet. A perfeição, a graça e o graue aspecto  
Sonet. Quem uos leuou de my, saudoso estado  
Sonet. Contente me ui ja uendome isento  
55 Sonet. Q<sup>do</sup> se uir com agua o fogo arder  
Sonet. Cos olhos em Rugerio Bradamante  
Sonet. A desauentura triste a triste fado  
Sonet. Lembranças saudosas y de quando  
Sonet. Doces lembranças minhas do passado  
60 Sonet. Não perturbeis minh al pensament<sup>tos</sup> (*sic*)  
Sonet. Ao longo de hum Ribr<sup>o</sup> q corria  
Sonet. Lagrimas cançadas q correndo (*sic*)  
Sonet. Ja não sinto snra os enganos  
Sonet. Claras e doces aguas do Mondégo  
65 Sonet. Sae a minh alma as uezes a buscaruos  
Sonet. Ay q<sup>tos</sup> ais perdi, ay de my quantas  
Sonet. Se entre as Deosas q uio la no monte Ida  
Sonet. Vede quão pouco posso q não basto  
Sonet. Musa q tanto ha q nesta praya  
70 Sonet. Doces aguas do Tejo q buscando  
Sonet. Quão caro uende amor hum gosto seu  
Sonet. Onde porei meus olhos q não ueja  
Sonet. Os olhos por quem eu em fogo ardia  
Sonet. Filiz se não tão branda a uiua uea  
75 Sonet. En la corteza de una haya umbrosa  
Sonet. Las piedras por el aire daran buelo  
Sonet. El pecho en biuas llamas encendido  
Sonet. Ni prados llenos de hermosas flores  
Sonet. Dime muerte cruel si estas ufana  
80 Sonet. Pa q lembr<sup>as</sup> tristes gastaes tempo  
Sonet. Cruel inimiga mia ado te fueste  
Sonet. Bem sei amor q he certo o q arreceo

Sonet. Quem fosse acompanhando juntam<sup>te</sup>

Sonet. Memorias ofendidas q hum so dia

85 Sonet. A terra o ceo e o uento assocegado

Sonet. A minha Filix fermosa, assy deixaste

Sonet. Sn<sup>ra</sup> minha a quem cõ quanto tinha

Sonet. Julgame a gente toda por perdido

Sonet. No tempo q de amor uiuer soya

90 Sonet. Traida en sacrificio Policena

Sonet. Q' pude ser sn<sup>ra</sup> antes q os uisse

Sonet. Eu arso em fera chama, mas ao aguoa (*sic*)

Sonet. Mudãose os tempos e as uontades

Sonet. Tristes uersos a quem faltou uentura

95 Sonet. De uossa mão hũa carta escrita tenho

Sonet. Q quer amor de my q ja não tenha?

Sonet. Ay q<sup>tos</sup> dias perdi, ay de my quantas. *Esta asima* (1)

F. 189 v. Sonet. Esta terra pequena he ocupada

Sonet. Alma q nesta uida despediste

100 Sonet. Os olhos por quem eu em fogo ardia (2)

Sonet. Compridas esperanças magoadas

Sonet. Daquelle uiuo sol sereno e claro

Sonet. Ala em Monte rey em bal de Lassa

GALEGO

Sonet. Porq me fai amor ainda ca torto

ITEM

105 Sonet. Ay niño cruel, e niño creido

ITEM

Sonet. Casaron con Benita y con Marina

ITEM

Sonet. Burlaron en el corro essotro dia

ITEM

(1) Vid. N.º 66.

(2) Deveria ter também a nota *Esta asima*, visto que já figura com o N.º 73.



- Sonet. De noute a Madanela uay segura  
(GAL.?)
- Sonet. Virgem fermosa q do sol uestida
- 110 Sonet. Dos uossos olhos mais q o sol fermosos
- Sonet. O Virgem piedosa e quem uira
- Sonet. Q' coração será q neste dia
- Sonet. O noute santa inda q escura
- Sonet. Felice estrella q os 3 Reys guiaste
- 115 Sonet. Bem uejo q o chorar he em uão (*sic*)
- Sonet. A mão celeste do pintor diuino
- Eleg. Por cumbres y por valles sin camino
- Eleg. Quam docem<sup>te</sup> agora aqui cantaua
- Eleg. Ornaua Eliso o tumulo da bella
- 120 Eleg. Doce alma amorosa doce espirito
- Eleg. La sierra fatigando de contino
- Eleg. Pues aquel gr<sup>e</sup> amor q me tuuiste
- Eleg. Aquella gr<sup>e</sup> furia q reciué
- Eleg. Q<sup>do</sup> su escuro manto y tenebroso
- 125 Eleg. Cantaua Acido (*sic*) hum dia o som das aguas
- Eleg. Diuino espirito como te não moue
- Eleg. Aquella uerdad<sup>ra</sup> penitente
- Eleg. Q coração tão duro q uontade
- Eleg. Eu de uos q direi, virgem sagrada
- 130 Epist. Duuidosa esperança certo medo
- Epist. Não porq a algum bem tenha esperança
- Canção — Bem puderas inda q de enganós
- Canção — Pastora mia mas blanca y colorada
- Oda — Detem hum pouco o Musa o largo pranto
- 135 Canção — Aqui uiui num tempo alegrem<sup>te</sup>
- Epist. Ay de mi q no soy mio
- Epist. Contaria el marinero
- Epist. Buelue sn<sup>ra</sup> tus ojos
- Epist. Mil cosas temi de amor

110 Canção—Passando uou hora hum, hora outro monte

Eclog. Mientras q Limiano en las ondas

LIMIANO

Eclog. Al fertil campo de la gran ribera

FENISA

Eclog. Cantemos mi Tireno aqui, cantemos

MENANDRO e TIRENO

Eclog. Junto del claro Lima, dulce rio

FENISA

145 Eclog. Viste q<sup>do</sup> hoje abrio ò Milibeu

SILENO e MELIBEU

Eclog. Como dormes Menandro descaçado

SILUIO, MENANDRO, FRANCO, LIMIANO

Eclog. Num solitario ualle fresco e uerde

FLORA TIRSO MELIBEU

Eclog. Ves aquella agua saudosa

LIMIANO ALPINO

Eclog. Agora Alcido emq<sup>to</sup> o nosso gado

DELIO, ALCIDO, GALICIO

150 Eclog. Limiano do mar a longa praya

CELIA

Eclog. Pasce (*sic*) minhas ouelhas, eu emq<sup>to</sup>

FILIZ — MARILIA

Eclog. Dizeme rudo cabreiro este rebanho

FERN.<sup>DO</sup> ROD.<sup>O</sup> INEZ

F. 190 v

b) *Do mesmo liuro. Luis de Camões*

Sonet. (1) Todo o animal da calma repousava

Sonet. Ja a saudosa aurora destoucava

Sonet. Rezão he ja q minha confiança

(1) Aqui as explicações estão naturalmente à direita dos textos.

Indo o triste pastor todo embebido  
5 Penando esperei se acabaria  
Sn<sup>ra</sup> minha se a saudade  
Apartavase Enone do lugar  
Se algũa hora em uos a pied<sup>e</sup>  
P<sup>a</sup> q queres sn<sup>ra</sup> q padeça  
10 Alma minha gentil q te partiste  
Tam confuso estou no sentim<sup>to</sup>  
Ja amor daua lugar q o pensam<sup>to</sup>  
Apartauase Nise de Montano  
Eu uiui ja de lagrimas izento  
15 O filho de Latona esclarecido  
Num bosq q de Nimphas se habitaua (1)  
Q he isto q nalma sento se não he amor  
Fiouse o coração de m<sup>to</sup> izento  
Em fermosa Letea se confia  
20 Como fizeste Porcia tal ferida  
De só dentro na minh alma uos trazer  
Q doudo pensam<sup>to</sup> he o q siguo  
Se q<sup>do</sup> (2) uos perdi minha esperança  
O rayo douro fino se estendia  
25 Mostrando o tempo esta uaried<sup>e</sup>  
Suspiros inflamados q contaes  
Qd<sup>o</sup> o sol encuberto uay mostrando  
Se depois de esperança tão perdida  
Pensam<sup>tos</sup> (3) q agora nouamente  
30 Busque amor nouas artes nouo engenho F. 191  
Sempre a rezão uencida foy do amor  
Gr<sup>de</sup> tempo ha q soube da uentura

(1) Falta na lista de T. Braga.

(2) *De quando* na lista de T. Braga.

(3) Pensamento.



- Tanto de meu estado me acho incerto  
Q<sup>tas</sup> uezes do fuso se esquecia  
35 Está o lasciuo e doce passarinho  
Apartaua-se Nise de Montano (1)  
Chara minha inimiga em cuja mão  
Qual graue delinquente condenado  
Vos q habitaes nos rios o Nayades  
40 Amor cõ esperança ja perdida  
Este amor q uos tenho limpo e puro  
Q<sup>do</sup> cudo no tempo q contente  
Lembranças saudosas se cudaes  
Alegres campos, uerdes aruoredos  
45 Quem ue sn<sup>ra</sup> claro e manifesto  
Ferido sem ter cura parecia (*sic*)  
Se as penas q por uos o Dama ingrata  
Quem quizer uer d'amor hũa excellencia  
Em flor uos arrancou d'então crescida  
50 Aquelles bellos olhos q chorando  
Estremos diuersos diuersos pensam<sup>tos</sup>  
Quem uos fez perder saudoso estado (2)  
Transformase o amor na couza amada (*sic*)  
Qd<sup>o</sup> uejo q meu destino ordena  
55 Tomaua Daliana por uingança  
Q poderei do mundo ja querer  
Sn<sup>ra</sup> desta alma minha perdoai  
Debaixo desta pedra está metido  
D. JOÃO DE CASTRO  
Q me queres, eternas saudades  
60 Se a fortuna inquieta e mal olhada (3)

(1) Está como N.º 13.

(2) Vid. Diogo Bernardes, 53.

(3) Falta na lista de T. Braga.

Quem jaz no grão sepulchro q descreue

D. João III

Sonet.	Do grão thesouro q hora uejo e noto	F. 191 v.
	Sete anos de pastor Jacob seruia	
	Pa se namorar do q formou	
	65 A sombra se mostra aqui dentro nesta essa(1)	
Eleg. e segntes	Q nouas tristes são q nouo dano (1668)	
	O poeta Simonides fallando (1595)	
	Aquella q de amor descomedido (1595)	
	O Sulmonense Ouidio desterrado (1595)	
	70 Se qdº contemplamos as secretas (1616)	
Canção e reliquæ	Fogem as neues frias (1595)	
	As instabilid <sup>es</sup> da fortuna (1595)	
	Com força desusada (1595)	
	Mandame amor q cante docem <sup>te</sup> (1595)	
	75 Fermosa e gentil dama qdº uejo (1595)	
	Se este meu pensam <sup>to</sup> (1595)	
	Junto dum secco fero esteril monte	
	Vinde ca meu tão certo secretario (1595)	
	Ja a roxa aurora clara (1595)	
Epistolæ	80 Quem pode ser no mundo tão quieto (1595)	
	Como nos uossos hombros tão constantes (1595)	
Sextinæ	Fogeme pouco a pouco a curta uida (1595)	
Sextina	Tão suaue tão fresca e tão fermosa	
Capitolo	Aquelle mouer d'olhos excellente (1595)	
Canção	85 Sobolos rios que uão (1595)	
Disparates	Este mundo es el camino (1595)	
Canção	Querendo escreuer hum dia (1595)	
Ecloga :	Q grd <sup>es</sup> uariedades uão fazendo (1595)	

UMBANO (sic) AONIA FRONDELIO

(1) Como há uma repetição, não havia na realidade senão  
64 Sonetos.





\*

*Do mesmo. — Jorge de Montemayor*

- Jorge de Montemor Sonetos. No ay mal q fin no tenga ni contento  
Olvidese de my quien me ha robado  
Se amor es puro amor, porq me ofende  
Passaua amor su arco desarmado
- Elegias Si lagrimas no pueden ablandarte  
Entreguese la uida al sofrim<sup>to</sup>
- Canções Cançado está d'oirme el claro rio  
No mas, Nimfa cruel ya estas uengada  
No me deste o crudo amor (1).

\*

*Do mesmo. Heitor da Silua*

- Heitor da Silua Sonet. Theseu Teseu e por Theseu perdida

\*

*Do mesmo. — Luis de Vitoria*

F. 192 v.

- Luis de Vitoria Sonetos. Tan sin concierto assy se embrauecia  
Era la tempestad tan sin concierto  
Mira a todas las partes con gran pena  
Estaua ansi suspensa y toda fria  
Mostro en este camino tanta gana

(1) Nota 1.ª acrescentada: «Su Diana. Pompelona 1578». —  
Nota 2.ª posterior: «Item Valentia 1602. 8.º».

\*

*Do mesmo. — Pedro Ribeiro*

Pedro Ri b<sup>o</sup> *Sonetos.* Espirito mais q raro e pereg<sup>no</sup>  
Se querês uer engenho delicado  
Quem fora tão ditoso auara terra  
Escuro he o sol em q uiuia  
Fazendo de *boninas* dous mil molhos  
Se lembranças saudosas não matassem  
Qual o graue doente q affligido  
Fassa ja seu deuer meu duro fado  
Se a soberba Ferrara tanto estima  
Outro nouo engenho e noua lira.

\*

*Do mesmo. Simão Roiz da Veiga*

Simão Roiz da Veiga *Sonetos.* Passa o tempo no campo o passarinho  
Se me deixara a dor d'um accidente  
*Elegia* Buelue, Filix hermosa, do este llano  
*Soneto* Não ay ja q esperar nem q temer

\*

*Do mesmo. D. Simão da Silur<sup>a</sup>, o velho*

D. Simão da Silur<sup>a</sup> *Soneto.* Cesse, sn<sup>ra</sup>, ya tu dura mano

\*

F. 193 *Do mesmo. D. Fran<sup>co</sup> de Portugal*  
*f<sup>o</sup> do Conde do Vimioso*

D Fran<sup>co</sup> de Portugal *Elegia.* Oluidado de my por este llano

\*

*Do mesmo. Martym de Crasto do Rio*

Mym de Crasto do Rio. *Elegia.* A ty meu bom Jesu q offendi tanto

\*

*Do mesmo. An<sup>to</sup> de Moraes*

An<sup>to</sup> de Moraes *Soneto.* Mil couzas q suppoem a fantasia

\*

*Do mesmo. Duq<sup>e</sup> de Aueiro*

Duq de Aueiro *Soneto* Que leuas crua Morte?—o claro dia (1)

\*

*Do mesmo. Diogo Mendez*

Diogo Mendez *Sonetos* Estaua o brauo mar assocegado  
Eurotas foy de m<sup>tos</sup> celebrado  
Dum pensam<sup>to</sup> graue combatido  
Febo, ao som da uossa agua caballina

\*

*Do mesmo. D. G<sup>to</sup> Coutinho*

D G<sup>to</sup> Coutinho *Soneto.* O cantardesme assy na uossa lira

(1) Nota posterior: « Excelente Soneto por perg<sup>tas</sup> e repostas ».



\*

*Do mesmo D. Vasco de Lobeira*

D. Vasco de Lobeira *Soneto.* Vinha amor pello campo trebelhando (1)

\*

F. 193 v. *Do mesmo. Fernão d Alurz do Oriente*

Fernão d Alurz do Oriente *Elegia.* Sayão desta alma triste e magoada

\*

*Do mesmo. Franco de Sa op<sup>to</sup>*

Franco de Sa Senior *Elegias.* O bom Jesu, e porque me não uejo  
A Madanela o seu espozoz buscaua (2)

\*

*Do mesmo. Bernardim Ribr<sup>o</sup>*

Bernardim Ribr<sup>o</sup> *Equos.* Equo, pois pello mal meu (3)

(1) Nota marginal posterior: «Delle diz Miguel Leyte Ferr<sup>a</sup>, no prin<sup>io</sup> das obras de seu Pay Ant<sup>o</sup> Ferr<sup>a</sup>, e no fim das erratas: He a mesma (*riscado*) linguag<sup>e</sup> antiga q se costumaua neste reyno em tempo del Rey D. Diniz e he a mesma em q foy composta a hist<sup>a</sup> d Amadis d Gaula por Vasco de Lobr<sup>a</sup> n<sup>al</sup> da Cidade do Porto cujo original anda na caça d Au.<sup>ro</sup>; diuualgarasse em nome do Inf<sup>te</sup> D Aff.<sup>o</sup> fo 1<sup>o</sup> gen<sup>o</sup> do mesmo Rey ».

(2) Nota posterior: «Na liui<sup>a</sup> de D. Ant<sup>o</sup> Alurz da Cunha estão suas obras uarias ms. in fol. As suas Comedias impress. Lix<sup>a</sup> 1622. 4 ».

(3) Nota posterior: «Excellentes. — *Las saudades ou tristezas* ms. in 4<sup>o</sup> ex. Bibl. Tamay ».

\*

*Do mesmo. Gaspar Ant<sup>o</sup>*

Gas Ant<sup>o</sup> Egloga. Foy d'antre o Douro e Minho desterrado (1)

\*

*Do mesmo. Infante D Pedro*

Infante  
D. Pedro

Soneto. D. Basco de Lobeira e do grão sem,  
De prão, q uos auedes bem contado  
O feito d'Amadis o namorado  
Sem quedar ende de contar item (por: *i rem*)  
Però tanto nos aprougue e atam bem  
Que uos sempre serês ende loado  
Entre os homês bons por bom mentado  
Que uos leron o deante e hora lem.  
Mas però uos figuestes (*sic*) à fermosa  
Vriolanja amar hu a nom amaron  
Esto cambai [e] cumpra sa uontade  
Porq eu ei gram do d a uer queixosa  
Por sa gram fermosura e sa bondade  
E porq her emfim non lho pagarom.

\*

*Do mesmo. Rey D Pro de Portugal*

F. 194

El Rci  
D Pro

Ado hallará holgança  
mis amores

(1) «He de 9 folhas; interlocutores Menandro Hergasto, Lisandro Argeo».

ado mis graues temores  
segurança

Pues mi suerte  
de una en otra cumbre lleuantado  
llegome a uer d'elado tu hermosura  
despues la frente pura frente a frente,  
vi en blando accidente amortecido  
Passome el sentido tan adentro  
q ha llegado al centro do amor biue  
Mas como no recibe mi razon  
tu fiera condicion entre las manos  
desechos mis deseos entre las manos (*sic*)  
de un sobresalto el alma has arrazada  
los montes echos llanos  
do toda mi esperança era fundada  
Si esto das por uida q por muerte  
dar, sn<sup>ra</sup>, podrá pecho tan fuerte

\*

Acaba aqui, a meu ver, o *Indice*, com a particularidade de apresentar no fim duas composições arcaicas integralmente. A metade de baixo da fôlha 194 está em branco. No verso segue-se, isolado mas com a mesma letra e tinta, o distico *Infante D. Luis, attribue-se-lhe este Soneto*

*Horas breves de meu contentamento,*

e depois a formosa poesia, na mais perfeita das redacções, com a nota posterior, da mesma mão como as anteriores: «Este soneto glossou em tantas oitavas quantos versos tem, excellentemente Baltasar Estaço sua *Poesia Varia* a f. 94».



Infante  
D Luis

Horas breues de meu contentamento  
Nunca me pareceo q<sup>do</sup> uos tinha  
Q uos uisse mudadas tão azinha  
Em tão compridos dias de torm<sup>to</sup>  
Os meus castellos q fundei no uento  
O uento mos leou q mos sostinha:  
Do mal q me ficou a culpa he minha  
Pois sobre couzas uans fiz fundam<sup>to</sup>  
Amor com falsas mostras apparese (*sic*)  
Tudo possível faz, tudo assegura  
E logo no melhor desaparese (*sic*)  
Oh dano gr<sup>de</sup> e gr<sup>de</sup> desventura  
por hum pequeno bem q desfallesse  
Auenturar hum bem q sempre dura.

Como falte à testa do Soneto a usual observação *Do mesmo* (= livro), não há razão ou mesmo não há direito para o incluímos no *Indice*: de mais a mais, as poesias de Estaço só appareceram em 1604. Pode ser um acrescento, feito ao próprio *Cancioneiro*, pelo primeiro ou segundo possuidor, que talvez o tirasse da *Feniç Renascida* (III, p. 252; 1618), ou do manuscrito explorado por quem o meteu naquela Colecção.

A Nota respectiva, essa passou ao artigo que Barbosa Machado dedicou ao *Infante* (III, p. 490).







- 26 Ah camanha enveja amor me manda  
FLORES, N.º 41.
- 57 \* Ah desventura triste, ah triste fado, *in.*
- 86 \* Ah minha Filis fermosa, assi deixaste, *in.*
- 103 Alá em Monterey em bal de Lassa, *gal.*  
CAMÓES, 1668.
- 99 Alma que nesta vida despediste  
FLORES, N.º 92.
- 20 \* Amor cruel, fortuna e duros casos, *in.*
- 29 Ando, senhora minha, ca temendo  
FLORES, N.º 34.
- 61 \* Ao longo de um ribeiro que corria, *in.*
- 37 Ao som das brandas aguas que caiam  
FLORES, N.º 45.
- 47 Aquela que de pura castidade  
CAMÓES, 1598.
- 2 Aqui de novos males breve historia  
FLORES, N.º 2. — CAMÓES, 1685: *Aqui  
de longos males.*
- 40 \* Assi nunca no inverno ou no estio, *in.*
- 105 \* Ay niño cruel e niño crudo, *gal., in.*

- 66 e 97 Ay! quantos ays perdi! ay de mi quantas  
FLORES, N.º 76.
- 82 Bem sei, amor, que é certo o que arreceo  
CAMÓES, 1598.
- 115 \* Bem vejo que o chorar é em vão, *in.*
- 107 \* Burlaron en el corro essotro dia, *gal., in.*
- 51 Cantando estava um dia bem seguro  
CAMÓES, 1616.
- 106 \* Casaron con Benita y con Marina, *gal., in.*
- 64 Claras e doces aguas do Mondego  
CAMÓES, 1616.
- 27 \* Clar'o e doce ribeiro, fresco e brando, *in.*
- 44 Com grandes esperanças ja cantei  
CAMÓES, 1598.
- 46 \* Com nova isenção de pena dura, *in.*
- 19 \* Como estás, dize, sò tão descuidada, *in.*
- 101 \* Compridas esperanças magoadas, *in.*
- 54 Contente vivi ja, vendo-me isento  
CAMÓES, 1668. — *Canc. Luis Franco.*  
— *Canc. F. Th.*
- 43 Correm turvas as aguas deste rio  
CAMÓES, 1616.

- 56 \* Cos olhos em Rugerio Bradamante  
Atribuído no próprio *Indice* (fl. 192) a  
ALVARO REBELO.
- 81 \* Cruel inimiga mia, adó te fuiste, *in.*  
3 Chorei e cantei ja a cruel guerra  
FLORES, N.º 3. — CAMÕES, 1685: *Cantei  
um tempo, agora choro a guerra.*
- 25 Da mais fermosa ninfa que se banha  
FLORES, N.º 33.
- 102 \* Daquelle vivo sol sereno e claro, *in.*  
17 De mil sospeitas vans se me alevantam  
FLORES, N.º 70. — CAMÕES, 1668.
- 108 De noute a Madanela vay segura  
*Bom Jesus*, p. 90.
- 95 \* De vossa mão hũa carta escrita tenho, *in.*  
38 Depois de tantos dias mal gastados  
FLORES, N.º 78. — CAMÕES, 1595. —  
Cfr. BRAGA, *Obra Lyrica e Épica*,  
p. 149.
- 45 Depois que o fero amor quis que passasse  
CAMÕES, 1598.
- 79 \* Di-me, muerte cruel, si estás ufana, *in.*  
5 Do branco lirio e da vermelha rosa  
FLORES, N.º 6: *Da branca neve(?)*



- 30 No nosso claro Lima e turvo Douro  
FLORES, N.º 42.
- 70 \* Doces aguas do Tejo que buscando, *in.*
- 59 Doces lembranças minhas do passado  
CAMÕES, 1668.
- 9 \* Doces, serenos olhos que tão caro, *in.*
- 4 Dos olhos por quem [eu] perdi a liberdade  
FLORES, N.º 5.
- 110 \* Dos vossos olhos mais que o sol fermosos, *in.*
- 77 \* El pecho en bivas llamas encendido, *in.*
- 75 \* En la corteza de una haya umbrosa, *in.*
- 98 \* Esta pequena terra é ocupada, *in.*
- 92 \* Eu arço em fera chama mas a agua, *in.*
- 114 Felice estrela que os tres reis guiaste  
*Bom Jesus*, p. 85: *Ditosa estrela.*
- 48 Fermosos olhos em quem quis a ventura  
CAMÕES, 1668 e 1685: *Olhos fermosos.*
- 74 Filis, se não tão branda a viva vea  
FLORES, N.º 85.
- 26 Ha camanha — *Vid.* Ah.

- 50 Ja a saudosa aurora destoucava  
CAMÕES, 1598 (*Já a roxa e branca a. d.*)  
e N.º 2 dêste *Índice*, na parte rela-  
tiva a Camões.
- 63 Ja não sinto, senhora, os [des]enganos  
CAMÕES, 1668.
- 88 Julga-me a gente toda por perdido  
CAMÕES, 1616.
- 62 \* Lagrimas cançadas, que correndo (*sic*), *in*.
- 76 Las piedras por el aire daran vuelo  
FLORES, N.º 56.
- 58 \* Lembranças saudosas, ide quando, *in*.
- 84 Memorias ofendidas que um só dia  
CAMÕES, 1861 (*Luis Franco*).
- 11 Mil vezes determino não vos ver  
CAMÕES, 1668.
- 28 Montes [e] vales, bosques verdes, prado  
FLORES, N.º 38.
- 93 Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades  
CAMÕES, 1595.
- 69 Musa que tanto ha [ja] que nesta praia  
FLORES, N.º 35: *Musas que tendes feito  
nesta praia.*

- 60 \* Não perturbeis minh'alma, pensamentos, *in.*
- 35 Não sei que murmurais, aguas serenas  
FLORES, N.º 50.
- 14 Não sei [que] remedio tenha, nem sei que  
FLORES, N.º 16.
- 34 Nas aguas de uma fonte um dia olhava  
FLORES, N.º 49.
- 78 \* Ni prados llenos de hermosas flores, *in.*
- 89 No tempo que de amor viver soía  
CAMÓES, 1598.
- 39 Novos casos de amor, novos enganos  
FLORES, N.º 77. — CAMÓES, 1668.
- 113 Oh noute santa [e clara], inda que escura  
*Bom Jesus*, p. 85.
- 111 Oh Virgem piedosa e quem vira  
*Bom Jesus*, p. 46: *Oh Virgem bela e  
branda, quem ja vira.*
- 8 \* Olhos crueis, crueis olhos fermosos, *in.*
- 13 \* Olhos em meu dano conjurados (*sic*), *in.*
- 33 \* Onde achaste, Belisa, tão bom meio, *in.*
- 72 Onde porei, meus olhos, que não veja  
FLORES, N.º 51. — CAMÓES, 1668.

73 e 100 Os olhos por quem eu em fogo ardia  
Impossível dizer, se era idêntico ao  
Soneto *Os olhos onde o casto amor  
ardia*, impresso nas *Rimas ao Bom  
Jesus*, fl. 80 (p. 132) e metido nas  
*Rimas* de CAMÕES desde 1685.

36 \* Ou vós deixai, oh rios, de correr, *in.*

32 \* Pois ainda bem de ti não fui ausente, *in.*

22 \* Pois não cançam meus olhos de chorar, *in.*

23 \* Ponha-me onde quiser o triste fado, *in.*

80 \* Porque (1), lembranças tristes, gastais tempo, *in.*

104 Porque me fai amor ainda ca torto, *gal.*  
CAMÕES, 1668.

71 Quão caro vende amor um gosto seu  
FLORES, N.º 74.

42 Quando de minhas magoas a comprida  
CAMÕES, 1598.

55 Quando se vir com agua o fogo arder  
CAMÕES, 1668.

6 Quando se volve a mim a luz serena, *in.*

(1) Creio que devemos ler *Porquê* em vez de *Para que*.



- 12 Quantas penas, amor, quantos cuidados  
FLORES, N.º 25. — CAMÓES, 1685.
- 7 Que coração, senhora, ha que resista.  
FLORES, N.º 10.
- 112 \* Que coração será que neste dia, *in*.
- 10 Que me pode valer, se me não val  
FLORES, N.º 15.
- 91 \* Que pude ser, senhora, antes que os visse, *in*.
- 96 Que quer amor de mi que ja não tenha  
FLORES, N.º 52.
- 83 Quem fosse acompanhando juntamente  
CAMÓES, 1598.
- 53 Quem vos levou de mim, saudoso estado  
CAMÓES, 1668; e N.º 52 do Indice ca-  
moniano: *Quem vos fez perder sau-  
doso estado.*
- 65 \* Sae a minh'alma às vezes a buscar-vos, *in*.
- 67 Se entre as deusas que viu lá no monte Ida  
FLORES, N.º 22: *Se quando viu as  
deusas no monte Ida.*
- 16 Se lagrimas choradas de verdade  
FLORES, N.º 13: *Se lagrimas d'amor  
e [de] saudade.* — CAMÓES, 1685.

- 87 \* Senhora minha, a quem com quanto tinha, *in.*
- 24 Senhora, vos sois de neve alva e fria  
FLORES, N.º 19.
- 18 Sombrio e verde bosque onde se acolhe  
FLORES, N.º 39 (e Egloga X).
- 41 \* Tanto gosta do mal o sentimento, *in.*
- 15 Tanto foram senhora acostumando  
CAMÓES, 1668 e 1685: *Tanto se foram,  
ninfa, costumando.*
- 49 Todo o animal da calma repousava  
CAMÓES, 1595; e N.º 1 do Índice ca-  
moniano do *Canc. P. P. Ribeiro.*
- 1 \* Tu que d' amor cruel nunca sentiste, *in.*
- 90 Traida en sacrificio Policena  
SÀ DE MIRANDA, N.º 94 (Soneto 18).
- 94 \* Tristes versos a quem faltou ventura, *in.*
- 68 \* Vede quão pouco posso, que não basto, *in.*
- 21 \* Verdes e altos vales e alta serra, *in.*
- 109 Virgem fermosa que do sol vestida  
Vid. *Bom Jesus*, p. 93: *Fermosa Virgem  
que do Sol vestida.*

\*

Resumindo quanto êste *Índice* bernardiano razoado contém de importante para os problemas que estamos a ventilar, estabeleço que entre os cento e catorze Sonetos diversos, quer coleccionados em 1577 de diversas fontes manuscritas, quer vindos juntos, de vez, da metrópole a Goa, há trinta e oito que foram publicados como obras suas pelo próprio Bernardes. Nas *Flores do Lima*, a maior parte, a minoria nas *Rimas Varias ao Bom Jesus* (1). E pelo outro lado fica certo que havia na colecção numerosos *Inéditos*, provavelmente para sempre perdidos. ¿Esquecidos, ou desprezados? ¿porque pertenciam à época juvenil em que aquele, que já era um suave bucolista, ainda não caía bem na forma concisa e acrisolada do Soneto? Alguns eram meros esboços, brincados, de ocasião, como uns quatro em dialecto galego. Instantâneos; e de modo algum feitos para se conservarem à face do mundo — *aere perennius* (2).

Estão nesse caso uns cinqüenta. Quási metade. E como entre os outros géneros representados no *Cancioneiro* há também composições não admitidas, nem nas *Rimas ao Bom Jesus*, nem no *Lima*, nem tampouco nas *Flores do Lima*, devemos reconhecer — reconhecer só em alguns casos, supor nos demais — que o poeta era juiz rigoroso para as produções da sua Musa.

(1) Só quanto a um dêles é duvidoso se era idêntico o coleccionado pelo Padre ao publicado por Bernardes.

(2) De erros de prosódia nos versos iniciais nada digo, porque podem ou devem ser em grande parte erros de copistas.

Aspirava à perfeição. Entendia dever dar ao público apenas selecções. Redacções em que empregara engenho e arte, *limae labor*, evitando repetições de assuntos e talvez de formas.

Entre os desprezados e perdidos há naturalmente alguns que podiam servir de refôrço aos argumentos contra Faria e Sousa. P. ex. *Doces aguas do Tejo*, porque fala evidentemente contra a afirmação falsa de Bernardes não haver estado à beira do Tejo, nem haver cantado as suas águas.

Dez dos Sonetos que êle tornou públicos em 1594 e 1596, foram ainda assim usurpados por Faria e Sousa e D. António Álvares da Cunha e metidos entre os de Camões.

Além dêsses — declarados indirectamente por dignos do Poeta — há mais vinte e cinco também desprezados pelo suave cantor do Lima que, segundo o fanatismo e a megalomania obcecada de Faria e Sousa, êle «furtara descaradamente ao grande Vate, juntamente com numerosas Églogas, Elegias, Redondilhas como as Oitavas do *Poema de Santa Ursula*». Ao mesmo Vate genial, aos pés do qual, como já lembrei ao leitor, modesto e grato, êle desejara dormir o último sono, e de quem exactamente na época dos supostos furtos disse :

¿ Quem louvará Camões, que ele não seja?  
¿ Quem não vê que cansa em vão engenho e arte?  
Ele se louva a si só, em toda parte!  
E toda parte ele só enche de enveja!

Quem juntos num espirito ver deseja  
Quantos dões entre mil Febo reparte,  
Quer ele de amor cante, quer de Marte,  
Por mais não desejar, ele só veja!



Honrou a patria em tudo. — Imiga sorte  
A fez com ele só ser encolhida,  
Em premio d'estender d'ela a memoria :

Mas se lhe foi Fortuna escassa em vida,  
Não lhe pode tirar depois da morte  
Um rico emparo de sua fama e gloria (1)

\*

Volto pela última vez aos supostos furtos e plágios, para dar aos interessados a lista dos Sonetos todos que, attribuídos em 1577 a Bernardes no *Cancioneiro* do Padre Pedro Ribeiro, e em parte, em 1594 e 1596 pelo próprio nos seus *Florilegios*, foram ainda assim metidos nas *Rimas* de Camões, paulatinamente. A principio talvez por mero engano, por realmente andarem em seu nome em manuscritos particulares, feitos com aquella incúria de que falei, e depois propositadamente, por Faria e Sousa, que os escolheu, porque eram dignos de Camões; *pareciam de Camões; deviam ser de Camões; podiam ser de Camões; só podiam ser de Camões.*

Dois tinham entrado logo em 1596 na edição-príncipe, a-pesar-do cuidado de Soropita (2). Oito foram acrescentados em 1598 (3). Mais cinco em 1616 (4). Dezanove, por Faria e Sousa, antes de 1645, e Álvares da

(1) Alusão à campa de mármore com honroso epitáfio que lhe fez D. Gonçalo Coutinho — venerador de Camões e de Bernardes.

(2) N.ºs 38 e 93 da Lista *infra*.

(3) N.ºs 42, 44, 45, 47, 52, 82, 83 e 89.

(4) N.ºs 43, 51, 64, 85 e 88.

Cunha em 1668 (1). A última, pelo Visconde de Juro-  
menha (2).

Dêses trinta e cinco apenas três figuram duas vezes  
no *Índice*, tanto no bernardiano como no camoniano,  
mostrando que já em vida dos dois poetas começaram  
atribuições erróneas.

T. Braga enganou-se todavia ao colocar nesta cir-  
cunstância quinze Sonetos (3). São apenas os seguin-  
tes, como o leitor dêste estudo pode verificar com pe-  
queno trabalho :

- 1) Já a saudosa aurora destoucava

N.º 50 do Índice de Bernardes

Já a roxa e branca aurora destoucava

N.º 2 do Índice Camoniano

- 2) Quem vos levou de mim, saudoso estado

N.º 53 do Ind. Bern.

Quem vos fez perder, saudoso estado

N.º 51 do Ind. Cam.

- 3) Todo o animal na calma repousava

N.º 49 do Ind. Bern.

Todo o animal na calma repousava

N.º 1 do Ind. Cam

(1) N.ºs 11, 15, 17, 31, 48, 53, 55, 59, 63, 72, 103 e 104 em 1668.  
— N.ºs 2, 3, 10, 12, 16, 39, 54, 73 (100) em 1685. — ¿Será preciso  
lembrar ao leitor que Faria e Sousa morreu, sem ter publicado  
as *Rimas* comentadas, e que D. António Álvares da Cunha conhe-  
ceu e aproveitou os manuscritos do polígrafo?

(2) N.º 84.

(3) *Obra Lyrica*, p. 143-144.

Bernardes não acolheu nenhum dos três nas suas obras, a-pesar-de serem belos e acabados. Devemos por isso admitir, sem hesitar, que houve engano da parte do Padre P. Ribeiro ou de quem lhe remeteu os textos.

Dá-nos direito à suposição não somente a universal sentença *Errare humanum est*, mas em especial o facto já mencionado de o Padre haver metido entre a colheita de Bernardes outro produto de seara alheia: o Soneto *Traida en sacrificio Policena*, autenticado como *estudo* de Sá de Miranda por numerosos manuscritos e tôdas as edições dêsse iniciador (1). Já tive de dizê-lo mais acima.

Eis agora a lista dos trinta e cinco Sonetos, atribuídos a Bernardes no *Cancioneiro* de 1577, mas posteriormente a Luís de Camões, por editores das *Rimas* dêsse Príncipe dos Poetas do seu tempo: em 1595 por Soropita; 1598 por Estevam Lopes; 1616, por Domingos Fernandez; 1668, por D. António Álvares da Cunha; 1668, por Faria e Sousa; 1860, pelo Visconde de Juromenha.

31 *Á borda de um ribeiro que corria* — 1668

Com a variante *Na margem... que fendia*. — FLORES, N.º 46. — FARIA E SOUSA, 249.

52 *A perfeição, a graça, o grave aspecto* — 1598 (2)

85 *A terra, o ceo, o vento assóssegado* — 1616

Com a variante *O ceo, a terra*. — FARIA E SOUSA, 282.

(1) Vid. Ed. C. M. de Vasconcellos, N.º 94 (p. 79 e 759).

(2) Vid. C. M. de V., *Sonetos e Sonetistas*.

- 113 *Alá en Monterey em Bal de Lassa* — 1668
- 47 *Aquela que de pura castidade* — 1598
- 2 *Aqui de longos males breve historia* — 1685  
FLORES, N.º 2. — FARIA E SOUSA, p. 290.
- 82 *Bem sei amor que é certo o que receio* — 1598
- 51 *Cantando estava um dia bem seguro* — 1616  
FARIA E SOUSA, 279.
- 64 *Claras e doces aguas do Mondego* — 1616  
FARIA E SOUSA, 232: *Doces e claras.*
- 44 *Com grandes esperanças ja cantei* — 1598
- 54 *Contente vivi já vendo-me isento* — 1685  
FARIA E SOUSA, 351. — No *Cancioneiro*  
F. Tomás f. 150 v. é attribuido a  
CAMÕES.
- 43 *Correm turvas as aguas deste rio* — 1616  
FARIA E SOUSA, 217.
- 3 *Chorei e cantei ja a cruel guerra* — 1685  
FLORES, N.º 3. — FARIA E SOUSA, 286: *Já.*
- 17 *De mil suspeitas vans se me alevantam* — 1668  
FLORES, N.º 70. — FARIA E SOUSA, 217.
- 38 *Depois de tantos dias mal gastados* — 1598  
FLORES, N.º 78.



- 45 *Depois que o fero amor quis que eu passasse* — 1598  
Com a variante *Depois que quis amor*.
- 59 *Doces lembranças minhas do passado* — 1668
- 48 *Fermosos olhos em que quis natura* — 1668  
Com a variante *Olhos fermosos*.
- 63 *Ja não sintó, senhora, os desenganos* — 1668
- 88 *Julga-me a gente toda por perdido* — 1616  
FARIA E SOUSA, 253.
- 84 *Memorias ofendidas que um só dia* — 1861  
No *Canc. L. Franco*, de onde JROMENHA O tirou, é realmente atribuido a CAMÓES.
- 11 *Mil vezes determino não vos ver* — 1668  
FLORES, N.º 14: *Se cuido de perdido não vos ver*. — FARIA E SOUSA, 218(1).
- 93 *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades* — 1595
- 89 *No tempo que de amor viver soía* — 1598
- 39 *Novos casos de amor, novos enganos* — 1685  
FLORES, N.º 77. — FARIA E SOUSA, 203.
- 72 *Onde porei meus olhos que não veja* — 1668.  
FLORES, N.º 73. — FARIA E SOUSA, 209.

(1) O considerar como meras variantes os dois textos é hipótese minha.

- 73 (e 100) *Os olhos por quem eu em fogo ardia* — 1685  
*Bom Jesus*, p. 132. — FARIA E SOUSA,  
295: *Os olhos onde o casto amor  
ardia* (1).
- 104 *Porquê me fai amor inda aca torto* — 1668
- 42 *Quando de minhas magoas a comprida* — 1598
- 55 *Quando se vir com agua o fogo arder* — 1668  
FARIA E SOUSA, 247.
- 12 *Quantas penas, amor, quantos cuidados* — 1685  
FLORES, N.º 25.
- 83 *Quem fosse acompanhando juntamente* — 1598
- 53 *Quem vos levou de mim, saudoso estado* — 1668  
FARIA E SOUSA, 352.
- 16 *Se lagrimas choradas de saudade* — 1685  
FLORES, 13. — FARIA E SOUSA, 324.
- 15 *Tanto foram, senhora, acostumando* — 1668  
FLORES, 8. — FARIA E SOUSA, 259.

(1) Na lista dos erros vê-se que T. Braga me enganou e por mim enganou T. Cannizzaro, dizendo a p. 143 do seu *Camões* que este Soneto tinha dupla attribuição no *Cancioneiro* de 1577. — O que êle tem de especial é ser attribuído no *Canc. F. Tomás* ao colleccionador e poeta Estevam Rodrigues de Castro. — Na realidade foi feito para servir de Epitáfio à sepultura de D. Ângela e como Epílogo à Canção que êle dedicara à morte dela (p. 128).

Entre estes Sonetos, os que T. Braga designou erroneamente como aparecendo em ambos os *Indices* são os seguintes: *Bem sei* (82); *Já não* (63); *Julga-me* (88); *No tempo* (89); *Onde porei* (72); *Os olhos* (73); *Quem fosse* (83) (1).

Como, a-pesar-do seu vasto saber e real perspicácia, os dois intérpretes soberanos de Camões, esforçados em estabelecer o indispensável *Canon* das *Rimas* dêle, erraram bastas vezes, por falta de acribia filológica, excessiva fantasia, e seu *parti-pris* contra Bernardes, julgo do meu dever registar os erros.

Faria e Sousa p. ex. que tantos versos lera e colacionara não reconheceu que, fora dos Sonetos que já registei, entraram na categoria dos duvidosos — ou no pensar dêle pertenciam ao pecúlio arrancado pelo plagiário e falsário ao *Parnaso* de Camões — mais os onze seguintes, que não figuram no duplo *Índice* do Padre Pedro Ribeiro e portanto não faziam parte do *Cancioneiro* de 1577.

*Ar que de meus suspiros vejo cheio*

FLORES, 61. — CAMÕES, 1668 e 1685  
(p. 208).

*Brandas aguas do Tejo que passando*

FLORES, 27 e F. TOMÁS, f. 33; CAMÕES,  
1668 e 1685 (p. 203).

*Eu me aparto de vos, Ninfas do Tejo*

FLORES, 26. — CAMÕES, 1595 (N.º 61).

(1) Cfr. T. Braga, *Epoca, Vida e Obra*, 143-144.



*Horas breves de meu contentamento*

FLORES, 75 e F. TOMÁS, f. 22 v. — CAMÓES, 1668 e 1685 (289). — *Flores de Poetas Ilustres* de ESPINOSA (1600); *Lusitania transformada*, Livro I, *Prosa* 126 (p. 143). — Como alheio está nas *Rimas* de FALCÃO DE RESENDE, p. 435. Como de MIRANDA num manuscrito visto por FARIA E SOUSA. Como do Infante D. LUIS nos códices eborenses CXII e CXIV; naquela *Biblioteca Lusitana* em que nos foi transmitido o *Indice*; na de BARBOSA MACHADO; na *Fenix Renascida*, III, 252; nos *Apoftegmas* de SUPICO e nos *Apontamentos* do Padre FRANCISCO DE SANTA MARIA. — BALTASAR ESTAÇÃO nada diz acêrca da lição que glosou. — Vid. C. M. DE V., *Sonetos e Sonetistas*, p. 50-61.

*Hum firme coração posto em ventura*

FLORES, N.º 20. — *Cancioneiro Juro-  
menha*, f. 122. — CAMÓES, 1668 e 1685  
(p. 207).

*Já do Mondego as aguas aparecem*

FLORES, N.º 30. — *Canc. F. Tomás*,  
f. 52. — CAMÓES, 1668 e 1685 (p. 205).

*Las peñas retumbaban al gemido*

FLORES, N.º 68. — CAMÓES, 1668.



*Os meus alegres dias venturosos*

Bom Jesus, p. 147. — CAMÓES, 1685  
(p. 287).

*Pois torna por seu rei e juntamente*

FLORES, N.º 115 (p. 80). — CAMÓES, 1685  
(p. 306).

*Que doudo pensamento é o que sigo*

FLORES, N.º 79. — CAMÓES, 1668 e 1685  
(p. 206). — Em 1577 foi atribuído  
apenas a CAMÓES, e não a BERNAR-  
DES (como se diz a p. 149 e 191 do  
*Camões* de T. BRAGA).

*Se quando vos perdi, minha esperança*

FLORES, N.º 142. — CAMÓES, 1595 (N.º 61).

Há portanto ao todo dúvidas e controvérsias a respeito de três, mais trinta e cinco, mais onze — *summa summarum* quarenta e nove Sonetos.

Finalmente vou rectificar com o maior laconismo possível outros erros de T. Braga relativos ao *Cancioneiro* de 1577, notificando em primeiro lugar que na transcrição do *Indice* há, além de deturpações do texto, dois saltos. A p. 140 falta (entre *O filho de Latona* e *Que é isto*) o Soneto *Num bosque que de ninfas se habitava*; e a p. 141 (entre *Que me queres* e *Quem jaz*) o que principia *Se a fortuna inquieta e mal olhada*. Do grupo *Quem vos levou* até *Mudam-se* (p. 143-144), nem um só Soneto se achava transcrito duas vezes no *Cancioneiro*, conforme tive de dizer já mais de uma vez.

As Eglogas *Depois...*, *Enchem...*, *Parece-me* não figuram no *Cancioneiro* de 1577, embora o facto se assevere a p. 145.

O Soneto *Doces aguas do Tejo* nunca foi atribuído a Camões, que eu saiba.

Na lista das Eglogas contidas no *Cancioneiro* (p. 163) falta, depois de *Limiano*, a afamadíssima que principia *Agora Alcido emquanto o nosso gado*.

Impossível é dizer, se a Egloga *Al largo campo del famoso rio* (a XVIII do *Lima*) é a mesma que no *Cancioneiro*, sobrescritada *Fenisa*, começava *Al fertil campo de la gran ribera*.

O Soneto *Num jardim adornado de verdura* não estava no *Cancioneiro* de 1577 (p. 166).

Quanto a *Já a saudosa aurora* falta-lhe a nótula que realmente êsse está repetido nas duas listas (p. 175).

Com relação ao texto *O ceo, a terra*, etc., não há indicação de que está em nome de Diogo Bernardes (p. 181).

Do Soneto *Que doudo pensamento* (p. 191) já ficou dito que está unicamente com a autoria de Camões.

A Anotação 20.<sup>a</sup> de p. 190 pertence a *Já do Mondego* e não a *Já claro vejo*.

O Soneto *Doce contentamento* entrou nas *Rimas* de Camões no ano de 1666 (p. 180).

*Brandas aguas* (143, 148 e 188) não figurava no *Cancioneiro* como obra de Bernardes.

*Ar que de meus suspiros* é, conforme já indiquei, N.º 61 e não N.º 17 das *Flores do Lima* (p. 188).

*Os olhos onde o casto amor ardia*, anda no *Bom Jesus* (e não nas *Flores*).

Pelo contrário, *Os meus alegres venturosos dias* (p. 196) não vem nas *Flores do Lima*, mas sim no *Bom Jesus* (p. 14).

*Aqueles claros olhos que chorando* (p. 207) só entrou na edição de Juromenha (N.º 317).

Das Redondilhas que impressas por Bernardes nas *Flores* entraram ainda assim logo na edição-príncipe das *Rimas* de Camões :

*A dor que minha alma sente* (159)

*Sem vos e com meu cuidado* (157)

assim como das que Faria e Sousa usurpou, de cujos manuscritos passaram à edição de Juromenha, não há lista no *Camões* de T. Braga. São as sete seguintes :

Em tudo vejo mudanças

FLORES, 129.

Lgrimas dirão por mim

FLORES, 127.

Ora cuidar me assegura

FLORES, 200.

Por uns olhos que fugiram

FLORES, 144.

Prazeres, que me quereis

FLORES, 128.

S'espero sei que m'engano

FLORES, 182.

Tal estoy despues que os vi

FLORES, 199.

\*

2. ELEGIAS, CANÇÕES, ÉGLOGAS

Das quinze composições classificadas de *Elegias*, *Epístolas* (13) ou *Capítulos* de Bernardes no *Índice*, cinco me parecem ter ficado inéditas. Cinco, respectivamente seis. São as que marco com asterisco na lista seguinte:

- in.* \* Aquella grande furia que receio  
*Aquela verdadeira penitente* \*  
Cantava Alcido um dia ao som das aguas  
Divino espirito, como te não move
- in.* \* Doce alma amorosa, doce espirito  
Duvidosa esperança, certo medo  
Eu de vos que direi Virgem sagrada  
La sierra fatigando de contino  
Não porque a algum bem tenha esperança
- in.* \* Ornava Eliso o tumulto da bela  
Por cumbres y por valles sin camino
- in.* \* Pues aquel grande amor que me tuviste  
Quam docemente agora aqui cantava
- in.* \* Quando su escuro manto y tenebroso  
Que coração tão duro, que vontade.

Duas delas, tratadas de *Elegias* unicamente pelo motivo exterior de serem escritas em *terça-rima* e narrativas, e não em diálogo, são realmente *Églogas* e como tais andam no *Lima: Quam docemente* (*Egloga V: Marilia*) e *Cantava Alcido* (*Egloga XIV: Sylvia*), essa mais suave, branda e affectuosa de tôdas as suas bucólicas, e por isso enaltecida entre os conterrâneos,



p. ex. nas *Ribeiras do Mondego* de Eloy de Sá (1), e, em Espanha, no *Laurel de Apolo* de Lope de Vega.

Á secção das verdadeiras *Elegias*, insertas nas *Flores do Lima*, pertencem três: *Por cumbres* (I); *Duvidosa esperança* (III) (2); *Não porque* (V). Duas figuram desde 1594 nas *Rimas ao Bom Jesus: Eu de vos — Que coração*.

Nas *Rimas* de Camões entrou uma por descuido de Domingos Fernandes (1616): *Duvidosa*. E por culpa de D. António Álvares da Cunha entraram as duas já citadas como impressas nas *Flores do Lima* (*Por cumbres — Não porque*).

Verdadeiramente problemática é apenas a marcada de asterisco à direita. Isto é a que, salvo êrro, se refere à bíblica *Madalena* como protótipo das penitentes, cantada por poetas portugueses da época áurea, e pintada por artistas italianos.

Incapaz ainda por falta de materiais bibliográficos de 1500 de solucionar os enigmas todos que se ligam às *Elegias* e *Homilias* da *Madalena*, direi o pouco que sei — como contribuição elucidativa aos problemas de autoria.

Há um Soneto de Sá de Miranda que principia quasi como a *Elegia* de Bernardes

*A vossa verdadeira penitente*

e é epigrafado, explicitamente como nenhum outro; *A uma Elegia ou Capitulo de Francisco de Sá de Meneses*

(1) Livro II, f. 35 v. e 36.

(2) *Incertas esperanças*. — Das *Elegias* de Bernardes tratei na *Zeitschrift*, VII, 494-530, e IX, 360-373, publicando as importantes variantes que colhi no *Cancioneiro Juromenha*.

que lhe mandou amostrar seu irmão Antonio de Sá e era *Capitulo sobre a Madanela a maneira de Italia* (1).

Poderia essa Elegia haver começado muito bem com o verso *Aquela verdadeira penitente* e, enviada também a Bernardes, igualmente apografada por êle, ter sido considerada como obra sua.

Vejamos todavia o mais que consta a respeito de Elegias, Homilias, ou Capítulos da Madalena.

Do Soneto de Miranda deduzo que o D. Francisco, conhecido como poeta do Rio Leça, ilustre filho do grande «pai das Musas» que se chamava João Rodrigues de Sá e Meneses, escrevera uma *Elegia da Madalena* — moralizadora ou semi-religiosa evidentemente — que era paráfrase ou tradução livre de um original latino de um Gregório. E essa só pode ter sido uma das *Homilias* de Gregório de Nazianço.

A *Madanela e Francisco de Sá SENIOR* (2) torna a aparecer no *Indice do Cancioneiro* (a f. 193) num verbete que contém os versos iniciais de duas Elegias que, salvo êrro, se referem igualmente a Madalena.

Quanto à que principia

*A Madalena o seu esposo busca*

(ou *buscara*), não há que duvidar. A outra

*Oh bom Jesus e porque me não vejo*

(1) N.º XXI das *Poesias* (p. 81 e 760), com três variantes na epígrafe. — A *Anotação* que redigi em 1880 claro que é insufficiente hoje, e deve ser substituída.

(2) *Senior*, como está no registo marginal, era exactamente o amigo e adepto de Sá de Miranda — tio de D. Francisco *Junior* que publicou em 1637 a *Malaca Conquistada*. Na epígrafe há, pelo contrário, uma epígrafe abreviada *opto* que não sei interpretar. Nunca li que D. Francisco fôsse chamado *o prêto*.

é costume designá-la como *Elegia da Alma* ou de uma *Alma devota a seu esposo*.

A D. Francisco de Sá e Meneses atribui essas Elegias (II, 249) o autor da *Biblioteca Lusitana*, dizendo que em ela se narra como a Madalena, tendo ficado à beira do sepulcro de Jesus Cristo, foi por isso dignada de ser a primeira pessoa que o viu ressuscitado em traje de hortelão. Mas confundindo *Meneses* e *Miranda* atribui-as também ao Solitário da Tapada (II, 254) — facto freqüente que não nos deve perturbar.

Dá-se todavia o caso de *A Elegia* ou *As Elegias da Madalena* — que até aqui vimos atribuídas a Bernardes, Meneses e Miranda — aparecerem conferidas a outros Quinhentistas notáveis, em manuscritos e em impressos relativamente temporãos. Sobretudo a D. Jorge da Silva, o célebre conselheiro de D. Sebastião que o acompanhou a África. Não somente num *Cancioneiro de Évora* (1) (CXIV-1-17) — o publicado por Victor Hardung — mas sobretudo em edição de 1551 (reimpressa em 1554 e 1589), raríssima, mas de que exactamente agora — no Leilão Ameal — apareceu um exemplar (2).

A êle são conferidas também, sem especificação, duas Elegias *A Madalena*, na *Bibl. Lus.*, II, 818(3).

(1) P. 15 e 16. — T. Braga imprimira partes da *Elegia* na sua *Hist. Cam.*, II, 307. — Veja-se *Bibliografia Critica*, p. 226.

(2) Veja-se *Catalogo Ameal*, N.ºs 2235, 2236 e 2237 (*Livro da Paixão de Jesu Cristo*, com Licença de Fev. de 1551). — Cfr. Inocência, IV, 175 e 333, e XII, 184.

(3) Cada uma das Elegias consta de 32 tercetos. — No frontispício da *Homilia*, reproduzido em foto-zincogravura, há (num entabolamento artístico cujas colunas são duas figuras femininas sem braços, e cimalha de cujo frontão sai Deus-Padre e em cujos extremos há a esfera armilar e o brasão português) o cálix e o



E em quinto lugar a Simão da Silveira (II, 722), o culto adorador de D. Guiomar Henriques, de quem se conservam aneddotas e bons-mots.

¿Que concluir daí? Quê Barbosa Machado se enganou infinitas vezes, já o sabemos. Mas as atribuições no *Cancioneiro* de 1577, as do próprio Jorge da Silva, e as de Sá de Miranda devem ter base positiva.

Teremos de admitir, como já tornei provável, que se trata de nacionalizações de Homílias do Padre da Igreja Gregório de Nacianzo — ¿em *Iusta poetica* porventura, como foi a das Relíquias de S. Roque, e como fôra a de Alcalá de Henares à Senhora da Conceição em que Miranda ganhou o prémio (1)?

A Elegia IX do Dr. António Ferreira sôbre o mesmo assunto *Aquela a quem foi muito perdoado porque amou muito* é independente das outras.

\*

Das quatro Epístolas *Ay de mi, Contaria, Buelve, Mil cosas*, em versos de oito sílabas, nada sei dizer. Creio fôssem bagatelas inéditas desprezadas pelo próprio autor. *Cantigas* provavelmente.

Quanto às Canções e Odas que o *Indice* atribui a Bernardes, há entre elas uma, muito bela, que entrou

título *Omelia do santissimo sacramento*. Depois dessa (f. 2-29) segue-se, de f. 30 a 36, a *Carta do mesmo Autor escrita a hua alma devota, persuadindo-a a tomar o sanctissimo Sacramento ao menos spiritualmente desta maneira conversando Christo nosso senhor entrar pola chagua do lado na contemplaçam da essencia divina*. E de f. 37 a 40 há a *Elegia da alma deuota a seu esposo* (108 versos).

(1) N.ºs 98 e 99.



logo a princípio nas *Rimas* de Camões e nunca mais saiu delas, ocupando mesmo sempre o lugar de honra, como primeira e melhor de tôdas. É a Ode à Lua

*Detem um pouco, oh Musa, o largo pranto*

imitação livre ou quási tradução da que Bernardo Tasso, pai de Torquato, dedicara, antes de 1543, *A Diana*, dando-lhe o princípio

*Pon freno, Musa, a quel sì lungo pianto* (1)

Bernardes não a publicou. Porisso, suponho que o Padre Pedro Ribeiro a recebeu, quer autógrafa de Límiano, quer apógrafa mas com a errada attribuição, e iludido a tomasse por obra dêle.

As restantes quatro, também nunca impressas como obras de Bernardes, parecem perdidas:

- \* Aqui vivi num tempo alegremente
- \* Bem puderas inda que de enganos
- \* Passando vou ora um, ora outro monte
- \* Pastora mia, mas blanca y colorada

Passo às *Églogas*, que, como sabem todos os que se occupam de Camões-Lírico, foram objecto de discussões encarniçadíssimas.

Do próprio Bernardes possuímos umas vinte, publicadas por êle naquela parte das suas composições que denominou *Lima*, e é constituída por *Eglogas* e *Cartas*. Repito que como autor especialmente de Idilios, suave e brando, era apreciado pelos coevos em tôda a península, proclamado Príncipe no género pastoril por Lope

(1) Vid. Storeck, III, 331.

e entre nós por Severim de Faria, que dizia não conhecer superior no estilo pastoril. Também já disse que Barbosa Machado o dá por autor de 26 Églogas (1).

De Luís de Camões, pelo contrário, existem apenas oito Églogas, colhidas em 1595 por Soropita.

Príncipe dos poetas em absoluto e sobretudo como épico, merece o mesmo titulo no campo dos Sonetos, na Canção, na Ode e nas Redondilhas — como autor de *Sobolos rios que vão*, e dúzias de Cantigas e Endechas gentilísimas.

Para o género bucólico todavia, embora comovido escrevesse a expressiva Égloga fúnebre de *Umbrano e Frondelio e Aonia*, e a apaixonada de *Almeno e Agrario* (2), tem ao todo demasiada elevação, profundeza, erudição e elegância.

Por isso mesmo, as Églogas de Camões não foram acolhidas em Florilégios e Silvas poéticas (3).

Estavam suplantadas no gôsto dos amadores pelas de Bernardes, tão ingenuamente affectuosas e de rústico sabor.

Nem há inéditas perdidas, ao passo que de Bernardes aparecem os versos iniciais de bastantes desprezadas, e repetições das conhecidas.

Este estado de coisas era intolerável para um fanático camonista como Faria e Sousa, empenhado em

(1) Êrro de cálculo, seguramente. Contando mesmo as quatro perdidas do *Cancioneiro* de 1577, só chegaríamos a 24.

(2) Desta Égloga se extraiu uma formosa *Elegia* sôbre as propriedades do amor, em estilo nobremente áulico.

(3) É unicamente no *Cancioneiro Luis Franco* — começado em 1557 — e logo no princípio da colecção — que aparecem, além de Églogas de Miranda, D. Manuel de Portugal e Diego de Mendoza, algumas de Luís de Camões. E são a 1.ª, 2.ª e 3.ª

provar a absoluta soberania do *Seu Poeta*. *Seu Poeta* que, de mais a mais, ao enviar da Índia a Lisboa, em 1554 ou 1555, a mais perfeita das suas Églogas, inspirada em profunda mágua pelo falecimento do Príncipe D. João e a perda de D. António de Noronha, seu jovem amigo e discípulo — a já mencionada de *Umbrano e Frondelio* — havia empregado, na Carta em prosa que acompanhava a remessa, a expressão que essa lhe parecia ser *melhor que quantas fiz*.

Interpretando que forçosamente quem tal dizia pensava em uma colecção copiosa — copiosíssima — e que essa devia constar de vinte e quatro Églogas pelo menos, o fantasioso advogado de Camões foi às de Bernardes e escolheu nelas as que mais sabor camoniano possuem. São cinco, hoje constantemente publicadas nas *Rimas* de Camões (1), e embora algumas se passem na região do Lima e tenham quer um Limiano, quer um Alcido por protagonista, êle afirma no Comentário que realmente deveria haver-se apossado de catorze ou quinze, deixando a Bernardes apenas as que são de estilo humilde e baixo (2)!

Se se contentou com cinco:

Agora, Alcido, enquanto o nosso gado

DELIO, ALCIDO, GALASIO, XII

Depois que o leve barco ao duro remo

PALEMON, IX

(1) Desde que T. J. de Aquino editou em 1779 o Vol. VI das *Rimas* comentadas por Faria e Sousa, que ficara inédito em 1689.

(2) *Rude, frio, baixissimo, miserável!* — A sua teoria cifrava-se em dar a Camões tudo quanto encontrava *con sombra de suyo*.

Encheo do mar azul a branca praia

MELISO, X

Parece-me, pastor, se mal não vejo

ANZINO e LIMIANO, XI

Pascei, minhas ovelhas : eu enquanto

PHYLLIS, XIII,

¿ foi porque só essas encontrou num manuscrito que era quasi todo de obras de Camões (1) ?

¿ Em nome d'ele ? De modo algum.

Com a sem-ceremónia e a fúria de afirmar que o distingue, e a sua fé na falta de critério do benigno leitor pátrio, revela que nem tôdas — ¿ talvez nenhuma? — iam rubricadas como *De Luis de Camões*. — *No todo tiene su nombre* e em outro sitio — *IX a XIV estan sin nombre alguno!*

Voltando à expressão de Camões que a *Égloga Aonia* era melhor *que quantas fiz*, pergunto ¿ de que outra fórmula poderia o Poeta haver-se servido, mesmo se apenas havia lançado até 1554 umas quatro ou três ? ¿ e não poderia ela aludir a censuras que o amigo crítico havia feito a êsses ensaios ? *Quantas é ainda assim modo de dizer mais forte que as outras, as mais que até hoje fiz*.

Entre as doze *Églogas* que o *Indice* regista como obras de Bernardes, apenas oito são das que esse publicou no seu *Lima*, e entre tais oito há duas das

(1) Além dessas, o polihistor usurpara também a *Égloga XV A morte de Caterina de Ataide*, de Francisco de Andrade; e a *XIV rubricada como D. B. R.*



cinco que Faria e Sousa usurpou antes de 1645 e o Padre J. Th. de Aquino tirou em 1779 dos manuscritos guardados no Convento da Graça.

As restantes quatro ficaram inéditas, perdidas, desprezadas a meu ver, como os Sonetos de que falei, e algumas das Canções e Elegias que tinham entrado no *Cancioneiro* de 1577. São as que marco de asterisco e *in(édito)*.

Três são autenticadas pelo nome *Limiano*.

Só quanto à que tem a epígrafe *Fenisa*, nem essa, nem o verso inicial dá a conhecer qual é o nome do protagonista.

Agora, Alcido, em que (*sic*) o nosso gado  
DELIO, ALCIDO, GALICIO — *Lima*, III,  
LIARDA — CAMÕES, XII.

*in.* \* Al fertil campo de la gran ribera  
FENISA

Cantemos, mi Tireno, aqui cantemos  
MENANDRO e TIRENO — *Lima*, XIX —  
JUROMENHA, f. 60.

*in.* \* Como dormes, Menandro, descansado  
SILVIO, MENANDRO, FRANCO, LIMIANO

Dize-me, rudo cabreiro, este rebanho  
FERNANDO, RODRIGO, INÊS — *Lima*, IX  
— JUROMENHA, f. 27.

Junto del claro Lima, dulce rio  
FENISA — *Lima*, VII: NISE — JUROMENHA, f. 21 v.

*in.* \* *Limiano (sic)*, do mar a longa praia  
CELIA

*in.* \* Mientras que Limiano en las ondas  
LIMIANO

Num solitario vale, fresco e verde  
*Lima*, II — *Canc. F. Tomás*, 86-89

Pascei, minhas ovelhas: eu enquanto  
FILIS e MARILIA — *Lima*, IV — CAMÓES,  
XIII — JUROMENHA, 31 v.

Ves aquela agua saudosa e branda  
ALPINO e LIMIANO — *Lima*, VI — JURO-  
MENHA, f. 18 v.

Viste quando hoje abriu, oh Melibeu  
SILENO e MELIBEU — *Lima*, VIII: JOANA  
— JUROMENHA, f. 23 v.

Do importante *Cançoneiro Juromenha*, que em valor pouco o cederia ao do Padre Pedro Ribeiro, tirei em tempos as variantes que os seus textos oferecem (1).

\*

Resumindo, fixemos que marquei com asterisco, como inéditos, nas minhas listas alfabéticas, 5o Sonetos, 5 ou 6 Elegias, 4 Canções, 4 Cantigas e 4 Églogas. Ao

(1) *Zeitschrift*, VII, VIII, IX.

todo um pecúlio bem grande de 68 composições por entre 150 ou 152 (abatendo-se duas repetições)(1).

Suprimindo tanta obra juvenil, Bernardes foi, conforme já notei, um censor bem severo — característico oposto às qualidades vis que Faria e Sousa lhe quis imputar. Dos Sonetos não foram 27 os publicados nas *Flores do Lima*, mas 32; e as Églogas não são 26, mesmo se às 12 que realmente merecem êsse título juntarmos as 13 Elegias que em parte têm feitio bucólico.

(1) Nas duas Notas finais de T. Braga, relativas aos inéditos de Bernardes (p. 146) — as quais se completam e se contradizem ao mesmo tempo — quási todos os cálculos são errados, como errados já tinham sido alguns de Barbosa Machado, a que êle se cingiu.





## VIII

### LISTA ALFABÉTICA DOS VERSOS DE LUÍS DE CAMÕES CONTIDOS NO «CANCIONEIRO»

#### I. SESSENTA E TRÊS SONETOS (1)

- 64 \* A sombra se mostra aqui dentro desta eça (*sic*)  
44 Alegres campos, verdes arvoredos — 1595  
10 Alma minha gentil que te partiste — 1595  
40 Amor com a esperança ja perdida — 1595  
7 \* Apartava-se Enone do lugar  
13 e 36 Apartava-se Nise de Montano — 1595  
49 Aquelles belos olhos que chorando (2) — 1861  
30 Busque Amor novas artes, novo engenho — 1595  
37 Cara minha inimiga em cuja mão — 1595  
20 Como fizeste, Porcia, tal ferida — 1595  
57 Debaixo desta pedra está metido — 1595  
21 \* De só dentro em minha alma vos trazer  
61 \* Do grão tesouro que hora vejo e noto  
19 Em fermosa Letea se confia — 1595  
35 Está o lascivo e doce passarinho — 1595  
48 Em flor vos arrancou d'então crescida — 1595

(1) A lista de ordem tem sessenta e quatro. Mas um está repetido (*Apartava-se*).

(2) Aquelles claros o. q. ch.

- 41 Este amor que vos tenho limpo e puro — 1668  
50 \* Estremos diversos, diversos pensamentos  
14 Eu vivi ja de lagrimas isento (1) — 1668  
45 Ferido sem ter cura percia — 1598  
18 Fiou-se o coração de muito isento — 1598  
32 Gram tempo ha que soube da ventura — 1595  
4 Indo o triste pastor todo embebido — 1668  
12 \* Ja amor dava lugar que o pensamento  
2 Ja a saudosa aurora destoucava — 1598  
43 Lembranças saudosas, se cuidais — 1595  
25 \* Mostrando o tempo está variedades  
16 Num bosque que de ninfas se habitava — 1595  
15 O filho de Latona esclarecido — 1616  
24 O raio de ouro fino se estendia (2) — 1598  
9 Para quê querês senhora que padeça (3) — 1595  
63 Para se namorar do que formou — 1616  
29 Pensamentos que agora novamente — 1598  
5 \* Penando esperei, se acabaria  
38 \* Qual grave delinciente condenado  
42 Quando cuido no tempo que contente — 1668  
27 Quando o sol encoberto vai mostrando — 1595  
55 Quando vejo que meu destino ordena — 1595  
34 Quantas vezes do fuso se esquecia — 1595  
22 Que doudo pensamento é o que sigo (4) — 1668  
17 \* Que é isto que na alma sento, se não é amor  
58 Que me quereis, eternas saudades — 1598  
55 Que poderei do mundo ja querer — 1598  
60 Quem jaz no grão sepulcro que descreve — 1595

(1) Eu vivia d. l. i.

(2) O raio cristalino.

(3) Porquê queréis, senhora, que ofereça.

(4) *Flores do Lima*, 79.

- 47 Quem quizer ver d'amor uma excelencia — 1598  
45 Quem vê, senhora, claro e manifesto — 1595  
51 Quem vos fez perder saudoso estado (1) — 1668  
3 Razão é já que minha confiança (2) — 1595  
59 Se a fortuna inquieta e mal olhada — 1668  
8 Se alguma hora em vós a piedade (3) — 1595  
46 Se as penas que por vós, dama ingrata (4) — 1595  
28 Se depois de esperança tão perdida — 1598  
23 Se quando vos perdi, minha esperança (5) — 1595  
56 Senhora desta alma minha perdoai (6) — 1668  
6 \* Senhora minha, se a saudade  
31 Sempre a razão vencida foi do amor — 1616  
62 Sete anos de pastor Jacob servia — 1595  
26 Suspiros inflamados que cantais — 1598  
11 \* Tam confuso estou no sentimento  
33 Tanto do meu estado me acho incerto — 1595  
1 Todo animal da calma repousava — 1595  
50 Tomava Daliana por vingança — 1595  
52 Transforma-se o amador na cousa amada — 1595  
56 Vós que habitais nos rios, oh Naiades (7) — 1595

Doze — os assinalados com asteriscos — nunca foram impressos. Mas não por serem rejeitados pelo próprio autor. Dos restantes 51 a maior parte figura na edição-príncipe (os trinta mais belos). Depois vem a segunda impressão de 1598, com dez. A edição de 1616 está

(1) Quem vos levou.

(2) Já é tempo, já que minha confiança.

(3) Se somente hora alguma e. v. a p.

(4) Se as penas com que amor tão mal me trata.

(5) *Flores do Lima*, 142.

(6) Senhora já d. a. p.

(7) Naiades vós que os rios habitais.

representada com três. A de Álvares da Cunha, com oito. A de Juromenha, com só um texto. Dos dois que entraram em 1596 nas *Flores do Lima*, já falei.

As Elegias e o Capítulo não dão margem a observações. Tôdas são autênticas: quatro entraram logo na edição-príncipe; uma, *Se quando*, na de 1616; outra (*Que novas*), na de 1668.

O mesmo vale das Canções e da Ode: tôdas estão impressas desde 1595. Vale também das Epístolas, das Redondilhas e das Églogas (1), e de uma das Sextinas. A outra (*Tão suave*) parece inédita e perdida.

Em todo o caso, a autenticidade inquestionável de noventa formosíssimas peças líricas de Camões, colecionadas pelo Padre Pedro Ribeiro ou recebidas de vez de Lisboa, autentica também em teoria as de Bernardes e as dos poetas menores, embora em bastantes casos haja dúvidas e enganos, como continuo a expor.

Lástima é que se perdesse uma dúzia.

(1) T. Braga erra dizendo que só há três registadas no *Indice*.



## IX

### OBSERVAÇÕES

#### SÔBRE ALGUMAS DAS OBRAS DE POETAS MENORES REGISTADAS NO «ÍNDICE»

Devo dizer de novo o que indiquei no Capítulo primeiro. Exactamente como na lista bernardiana, algumas das atribuições na lista dos poetas menores são inexactas. Embora o Padre goense recebesse tôdas de boa fonte, vinham tão erradas como corriam na capital: as honras de autor eram tributadas às vezes a meros coleccionadores que as haviam trasladado. Já o disse quanto ao Soneto de Sá de Miranda *Traida en sacrificio Policena*, metido entre os de Bernardes; a Ode *Detem um pouco, oh Musa, o largo pranto*, que, sendo de Camões, também figura na lista do rival. Mostrei também como surgiram dúvidas a respeito das *Elegias* ou *Homilias da Madalena* — *Aquela verdadeira penitente* — *A ti meu bom Jesu que ofendi tanto* e *A Madalena o seu esposo busca*, etc.

Quanto ao resto, exemplificarei com Sonetos de *Hero e Leandro*, muito do agrado dos Quinhentistas. Também com alguns que sendo de imitadores de Camões, pertencem à classe dos que chamo apócrifos camonianos — erguidos a clássicos, por terem saído menos mal aos autores — e foram acolhidos por Faria

e Sousa nas *Rimas* de Camões, com retoques realmente aformosentadores.

É o que aconteceu aos dois Sonetos do bem intencionado mas pouco jeitoso D. Manuel de Portugal: *Dulces engaños* (N.º 616) e *Los ojos* (N.º 188 da edição Juromenha).

A Canção — mais correcto seria dizer a Cantiga dêle — *Pues que para mereceros*, tirei-a eu do *Cancioneiro Juromenha* e publiquei-a na *Zeitschrift* (1). A Elegia *Aquella voluntad* encontra-se no *Cancioneiro Luis Franco*, repartida em duas parcelas (2). Três autenticações de composições registadas no *Índice*.

Quanto a *Álvaro Rebêlo*, já ficou dito mais acima que Barbosa Machado catalogou como obras dêle os Sonetos 1 e 4 dos registados no *Índice* (3). Outros dois dêles são (2 e 3) de Diogo Bernardes (56 e 116 da Lista). Como nunca fôssem impressos fica incerto se êsse Rebêlo copiou versos de Limiano, ou se Bernardes trasladou os do adepto, porventura com o propósito de os incluir na *Silva Poética* planeada. — O segundo Soneto da lista, que principia *Verdes campos alegres, graciosos*, é provavelmente primeira redacção do que com a variante *Alegres campos verdes delectosos* foi entremetido por Faria e Sousa na Centúria III (N.º 3) de Camões, por nêle se brincar gentilmente com a fatídica flor do *Bem-me-quer, Mal-me-quer*.

Três textos duvidosos, entre nove, — que são todo o pecúlio seu — claro que não predispõe favoravelmente a respeito dos restantes, e do seu autor. Mas, em-

(1) Vol. VIII, p. 599.

(2) O princípio a f. 135 v. e o fim a f. 67.

(3) *Cos olhos em Rugiero Bradamante* e *A mão celeste do pintor divino*.

quanto não se descobrirem mais indícios, teremos de sustentar o nosso juízo.

*Luis de (ou da) Vitória* é outro autor com quem igualmente nunca me encontrara, a não ser na *Biblioteca Lusitana* (1), num artiguito audaciosamente construído sobre a base dos cinco Sonetos que lhe são atribuídos no *Cancioneiro* de 1577. — Êles constituem juntos um *Poema* relativo a *Hero e Leandro*, redigido em língua castelhana, mas se não me engano, obra de um Português. Um dos muitos poemas que inspirou aos Renascentes da península o admiravelmente conciso Epigrama de Marcial

*Dum peteret dulces audax Leander amores,*

mais do que o formoso trecho das *Heroidas* de Ovídio. Como que ao desafio Garcilaso, Boscan, Cetina, Herrera; Miranda, Montemor, Bernardes, Camões e outros o transpuseram em Sonetos (2).

O inicial (¿ do Vitória?), em que deve haver o nome do protagonista, é diverso do que conheço como tal, e diz — *anónimo* —

*Hero del alta torre do mirava  
A su Leandro,*

uma vez que (ou digamos se realmente) principia

*Tan sin concierto assy se embravecia* (3).

(1) Vol. III, p. 158.

(2) A *Bibliografía española de Leandro y Hero* de Menendez y Pelayo (*Antología*, XIII, p. 359 a 378), composta de 63 números, entre os quais catorze são portugueses, ainda é susceptível de acrescentos e de retoques.

(3) Suponho ser variante, talvez lição estroviada.



Os outros quatro são idênticos aos que, colhidos no *Cancioneiro Juromenha*, dei a conhecer em 1884 na *Zeitschrift* (1), demonstrando que o primeiro já passava em 1557 por *Soneto velho*, e era um dos predilectos dos Quinhentistas, tanto de cá como do país vizinho, onde o acolheram no *Cancionero General* (2).

Quanto ao Soneto inicial, devo ainda notar que a rima *embravecia* aparece na lição do *Canc. General* no verso sexto: *con gemidos el viento embravecia*; comprovando a minha conjectura de ser mera variante. Êle foi publicado como obra de Camões no *Parnaso* de 1880 (3), por estar no manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa que T. Braga explorava então!

¿ Por ser elegante, ou por lhe lembrar outro Soneto de Leandro que realmente é do Poeta :

*Seguia aquele fogo que o guiava,*

e outro de Bernardes que diz :

*Leandro em noite escura indo rompendo* (4)?

¿ Quem será êsse Vitória? —

1 *Cesse, señora, ya tu dura mano.* — Anónimo no *Can-*

(1) Vol. VIII, 443 e 615.

(2) F. 400 v. — Vol. II, p. 620: N.º 314 e 315 dos *Poemas Nuevos* na edição dos Bibliófilos. — Vid. C. M. de V., *Sonetos e Sonetistas*, N.º 47.

(3) N.º 377. — Em lição muito parecida com a do *Cancionero General*. — Vid. *Zeitschrift*, V, p. 401.

(4) No tratado sobre *Sonetos e Sonetistas* — *Revue Hispanique*, XXII (1910) — chamei a atenção para outro Soneto de Camões a D. Simão da Silveira, em resposta de outro seu pelas mesmas consoantes, mandando-lhe perguntar quem fôra o primeiro poeta que escreveu sobre Hero e Leandro (N.º 57).



*cioneiro Luís Franco*, (f. 119 v.), mas de D. Simão da Silveira no *Índice*, amigo e correspondente poético de Camões, êle foi usurpado por Faria e Sousa (N.º 229) (1).

Muitas mais poesias estão registadas, a meu ver, incorrectamente.

Entre as *Elegias* há, além das *da Madalena*, de que já disse quanto basta, outras quatro duvidosas.

Uma em louvor da vida rústica que principia *Buelue, Filis hermosa*, citada no *Índice* entre as composições de Simão Rodrigues da Veiga, e a êle atribuída por Barbosa Machado (2), tive-a eu de publicar entre as *Poesias* de Sá de Miranda (3), tendo-a tirado da *Miscelanea* (não do *Cancioneiro*) *Juromenha*, inclinando-me todavia a dá-la a *Sá de Meneses*, por motivos externos e internos, e não a D. Manuel de Portugal, em cujo nome está no *Cancioneiro Juromenha* (f. 42).

Outra que começa *Olvidado de mi* (ou *de ti*) é classificada no *Índice* como de D. Francisco de Portugal, filho do Conde de Vimioso, sendo seguramente do mesmo *Sá de Meneses*, como expliquei no Comentário às *Poesias* de Miranda, entre as quais figura em alguns códices (4).

(1) C. M. de V., *Sonetos e Sonetistas*, N.º 57.

(2) Vol. III, 722, por causa do *Cancioneiro* de 1577. — Em outro sitio (II, 249) a *Sá de Meneses*. Cfr. *Juromenha*, III, 340, e *Zeitschrift*, VIII, p. 442. Miranda, p. 865, 749 e 750. A êsse também a atribue um códice de Évora. — Vid. Barata, *Cancioneiro Geral*, p. 199.

(3) N.º 171, com Comentário a p. 865 e 886.

(4) N.º 170, com explicações a p. 865 e 886 relativas à confusão entre *Sá de Miranda* e *Sá de Meneses*.

A terceira, dirigida ao *Bom Jesus*, parece ser de Diogo Bernardes (II). Pelo menos começa como essa *A ti, meu bom Jesu, que ofendi tanto* (1). Não pode ser portanto de Martim de Crasto do Rio, que porventura a copiaria por muito lhe agradar.

Da quarta, *Saiam desta alma triste e magoada*, como obra suposta de Fernão Álvares do Oriente, metida entre as de Camões (2), ocupei-me no meu *compte-rendu* da tradução de Storck (3).

Alheio é provavelmente também o Soneto fúnebre em diálogo *Que levas, cruel morte?* — *Um claro dia*, a que já me referi por os comentadores o haverem relacionado erroneamente com a Infanta D. Maria. Metido entre os de Camões em 1598, é dado no *Índice* como do Duque de Aveiro.

Da *Égloga Menalcas e Ergasto* e do seu autor Gaspar António, nada sei. Nem tampouco de António de Moraes como autor de uma Elegia. Dos *Ecoss* ditos de Bernardim Ribeiro, acrescentos talvez de um admirador à *Égloga III de Silvestre e Amador*, em substituição dos que acompanhavam a *Fôlha-Volante* marcada com a data 1536, falei alhures (4).

Dos Sonetos que o Dr. António Ferreira construiu em linguagem do tempo de D. Denis — interessado como era pela poesia trovadoresca e pela prosa do *Amadis* (5) — e da confusão que cedo começou entre o rei de Portugal D. Pedro, — o Regente, — e seu filho,

(1) *A Jesu*. — Vid. *Zeitschrift*, VIII, 443.

(2) Barbosa Machado, III, 414.

(3) *Zeitschrift*, VII, 526: *Elegia XX*.

(4) Na *Quarta Nota Vicentina* e na *Menina e Moça*.

(5) Vid. *Canc. da Ajuda*, II, p. 125.

o Condestável que chegou a ser Rei de Aragão(1), assim como dos textos arcaizantes que pseudo-críticos atribuíram aos três, já falei, e tornarei a falar em outra parte.

Útil será, contudo, estabelecer também aqui que as fábulas relativas p. ex. a Vasco Lobeira, contidas na *Biblioteca Lusitana* (2), estavam também *in nuce* no *Cancioneiro* de 1577.

E incompletas como são as *Nótulas* dêste Estudo parecem-me suficientes para provar que o *Cancioneiro* de 1577 não se distinguia quanto à sua factura dos outros que tenho analisado e caracterizado — sendo notável todavia pelos ricos materiais que continha a respeito de Luís de Camões e Diogo Bernardes.

(1) ¿Será preciso lembrar que as poesias menores dêsse D. Pedro, publicadas no *Canc. Geral*, III, 546, foram editadas por Pereira Caldas numa esplêndida impressão, como da lavra de Pedro o Cruel?

(2) Passaram para lá das diversas obras de Faria e Sousa. No artigo *Vasco Lobeira* (III, 776) Barbosa Machado diz apenas que o Infante D. Pedro lhe dedicou um Soneto, que se pode ler na *Fuente de Aganipe* e nas obras de Ferreira.





## ÍNDICE

Introdução .....	1
CAPÍTULO I — Cancioneiros Portuguezes .....	15
» II — O <i>Parnaso</i> de Luís de Camões.....	31
» III — Os supostos plágios.....	41
» IV — O Padre Pedro Ribeiro e o seu Cancioneiro	49
» V — O <i>Índice</i> .....	59
» VI — Reprodução diplomática do <i>Índice</i> .....	65
» VII — Índice alfabético e razoado das poesias de Diogo Bernardes que estão registadas no <i>Índice</i> .....	83
» VIII — Lista alfabética dos versos de Luís de Ca- mões contidos no <i>Cancioneiro</i> .....	119
» IX — Observações sôbre algumas das obras de poetas menores registadas no <i>Índice</i> . ..	123

ESTE LIVRO  
FUI COMPRADO

EM

IMPRENSA NACIONAL, CASA DA MONDA  
EM BRASÍLIA EM 1979





ESTE LIVRO  
FOI REIMPRESSO  
NA  
IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA  
EM DEZEMBRO DE 1979







BN

BN/E3  
C540-2066



\*EFG0000157870\*